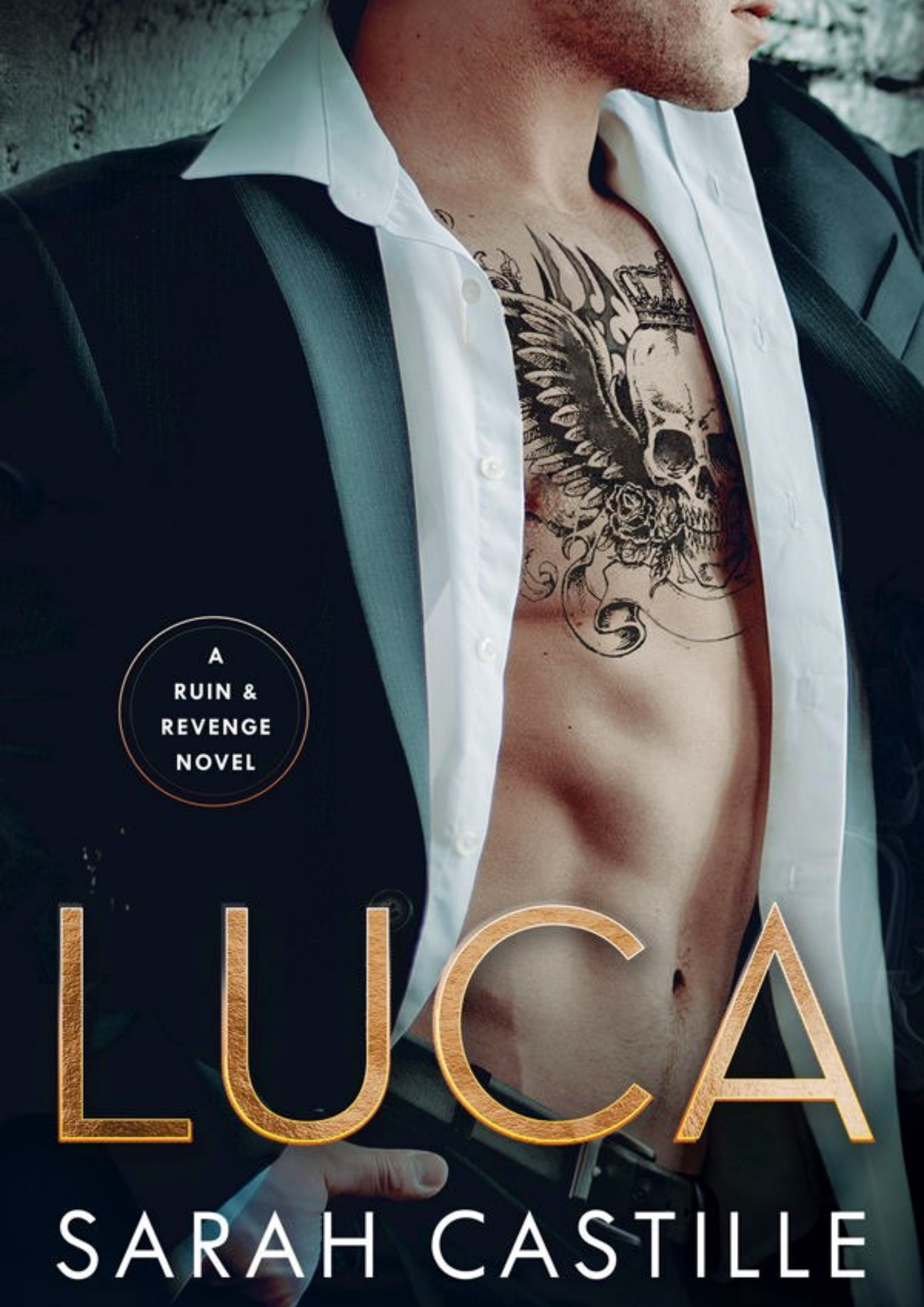
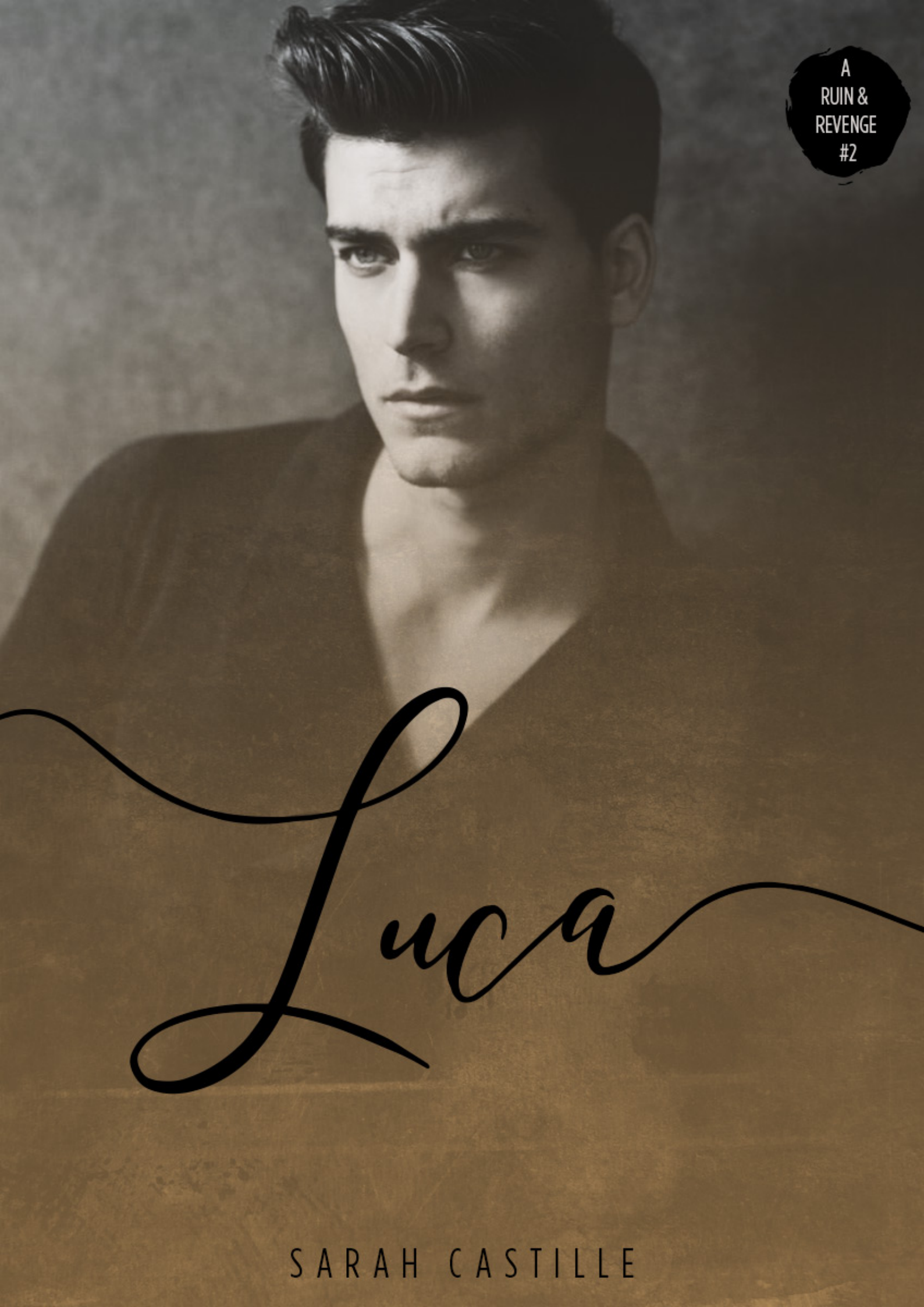

A
RUIN &
REVENGE
NOVEL
LUCA
SARAH CASTILLE



PÉGASUS
LANÇAMENTOS


A
RUIN &
REVENGE
#2
Luca
SARAH CASTILLE

Sinopse

Luca Rizzoli foi quase destruído por uma traição brutal que lhe custou sua família. Agora é um cruel chefe do crime na cidade do pecado, ele não deixa nada tocar seu coração congelado, até que um encontro ardente com uma bela estranha inflama sua paixão. Uma noite não é suficiente para um homem que pega o que quer, mas sua misteriosa sedutora fugiu.

Por dois anos, a detetive Gabrielle Fawkes viveu por vingança. Mas uma noite de indulgência, com um estranho sexy muda tudo. Luca é poderoso, encantador e deliciosamente perigoso, tem suas próprias razões particulares para se oferecer para ajudá-la a perseguir o traficante que matou seu marido. Há muito, que Luca não está dizendo a ela e quanto mais Gabrielle descobre, menos quer saber.

Quando Gabrielle se torna o alvo do traficante que jurou caçar, ela deve fazer o inimaginável: colocar sua vida nas mãos de um mafioso. Para salvá-la, Luca deve quebrar seus laços com a Máfia ou arriscar perder Gabrielle para sempre.



Série RUIN & REVENGE



Esta tradução foi feita pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor acesso à obra, o motivando a adquirir o livro físico ou em formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem lançamentos previstos no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direito ou indireito.

Para preservar os direitos contratuais de autores e editoras, os grupos sem aviso e se assim julgarem necessário, retirado do arquivos os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuários fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem e hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação dos trabalhos do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo o uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que por ação ou omissão, tentar tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, no termo do art.184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Equipe

Tradução Sarita, Polly, Iza, Melms, Bianca, Poesy, Maria, Dani S., Ruthie

Revisão Naiara, Cacau Maia, Gabi Dias, Matê, Lisa, May Durgo, Ily, Marcelle

Revisão Final Lady Anky

Leitura Final Jade Lima

Formatação Débora Shaw

Verificação Cris Peijel

Um

Começou como qualquer outro dia em Las Vegas.

Luca Rizzoli saiu da cama pouco antes do meio-dia, de banho tomado, barbeado e preparado. Nada era mais importante para um *Capo*[1] da máfia que *la Bella figura,* ter boa aparência aos olhos da sociedade. Uma vez que as suas facas foram amarradas ao seu corpo, ele vestiu um terno novo de lã italiana, camisa branca e gravata de seda vermelha. Guardou duas Glocks sobre o peito, um S & W500, uma Ruger GP100 em torno de sua cintura, e uma Walther P22 ao lado da faca no tornozelo, logo acima dos sapatos Salvatore Ferragamo. Depois de verificar meticulosamente sua aparência, voltou para o quarto pronto para começar o seu dia.

Então foi quando as coisas começaram a dar errado.

Primeiro, a mulher na sua cama não queria sair. Quando o seu charme habitual e sorrisos suaves não conseguiram incentivar a sua partida, ele teve que puxar as cobertas da cama e atirar dinheiro na cômoda, quebrando a ilusão de que ela era outra coisa senão a companhia de alta classe que fingiu não ser. Luca sempre dava boas gorjetas, então a sua indignação fingida durou apenas o momento dela contar o dinheiro e balançar no caminho para fora da suíte nos saltos finos de dez centímetros.

Depois disso teve um azar após o outro, enquanto ele cobrou uns poucos empréstimos dos negócios de vermes que não queriam pagar. Como *caporegime* [2] sênior na família de crime Toscani, Luca

---

[1] **Capo** - Originalmente referia-se a um chefe da máfia, mas no uso mais recente, tornou-se uma forma abreviada de capodecina ou caporegime, e refere-se a um líder menor dentro de uma família da máfia, chefe de uma equipe. Também referido como um capitão ou tenente.

[2] **Caporegime** ou capodecina, também abreviado para “capo” é um cargo de importância elevada na hierarquia de uma família da "máfia italiana". O capo é o subchefe, está abaixo apenas do "Don" (padrinho) e do "Consigliere" (conselheiro).

poderia delegar o trabalho para a sua equipe de soldados, mas agradeceu a oportunidade de liberar um pouco o stress.

Infelizmente o dia continuou em tendência de queda, quando visitou uma nova loja de conveniência na rua para oferecer-lhes a sua "proteção", apenas para descobrir que os albaneses entraram no seu território.

Bater em albaneses nunca foi uma boa maneira de estrear um terno novo, mas a família de crime Toscani não perdia tempo, quando havia lições a serem aprendidas.

Luca chamou Frankie De Lucchi, um executor de alto nível. Juntos, eles enviaram os albaneses de volta para o seu país de origem através do fosso de fogo do inferno.

E usando sapatos de cimento.

Sapatos eram a especialidade de Frankie. Luca era um cruel filho da puta, que se envolveu uma vez no negócio de despejar Betão[3]. Ele nunca desistiu da oportunidade de praticar o seu negócio, e as profundezas do lago Mead ostentavam muitos exemplos da sua obra.

Depois de Luca mudar de roupa, lavar o sangue, e deixar o terno na lavandaria, o seu dia foi de mal a pior.

Ele ficou arrogante.

E a arrogância o trouxe aqui. A esta cama de hospital. Com uma bala no peito.

Foi por sua própria culpa. Luca sabia muito bem. Ele deixou o excesso de confiança cegá-lo uma vez antes, e quase destruiu a sua vida. Suas mãos se fecharam sobre a grade da cama enquanto as memórias inundavam através dele, acrescentando uma mordida emocional à dor física.

Quando Gina ficou grávida depois do seu caso de uma noite, Luca não hesitou em fazer a coisa certa. Afinal de contas, Gina preenchia todos os critérios de uma esposa da máfia desejável. Ela

[3] **Betão** – Cimento (mistura)

era italiana pura, com conhecimento na cultura, bonita, e uma boa cozinheira. O amor não fazia parte da equação num casamento da máfia, então ele não sentia nenhuma culpa sobre passar as noites de sexta-feira entre os lençóis com sua *goomah*[4] sexy, Marta, envolvido nas atividades extracurriculares que se esperam de um capo sénior na Máfia. A mulher era um símbolo de estatuto. A amante era um símbolo de poder. Gina compreendeu como as coisas funcionavam e enquanto o dinheiro rolasse, não reclamava. A vida era boa.

E então, uma tarde ele chegou em casa muito cedo.

Demasiado cedo para o amante de Gina escapar.

Muito cedo para Gina esconder as agulhas e pacotes de pó branco que seu amante trazia a cada semana.

Demasiado cedo para limpar o seu filho, Matteo, para que Luca não o encontrasse chorando e com fome num berço coberto de merda.

Demasiado cedo para evitar de ter o seu coração arrancado do peito pela revelação devastadora que Gina fez antes que ele a chutasse para fora de casa, e pela sua morte por overdose mais tarde nessa noite numa banheira no Golden Dreams Hotel.

Luca esteve totalmente despreparado para o trauma emocional da morte de Gina. Claro que ele se importava com ela, gostava de passar algum tempo com Gina, e eles tinham um filho de dois anos. Mas não a amou, nunca fingiu amá-la, e as suas acusações de que o casamento vazio deles a levou para as drogas e outros homens, quase o destruiu.

Quase.

Foi o ato final que fez o dano real. O excesso de confiança arrogante lhe cegou para o que estava acontecendo bem debaixo do seu nariz.

Recuperando-se do choque, e incapaz de partilhar as profundezas da traição de Gina, mesmo com o seu amigo mais

[4] **Goomah ou Goomar** – Amante/Namorada

próximo, Nico Toscani, agora autonomeado chefe da família de crime Toscani, ele saiu dos trilhos.

Enviou Matteo para viver com a sua mãe, e dedicou-se ao entorpecimento da dor. Vivia de forma feroz. Vivia de forma grande. Vivia o momento. Mulheres. Lutas. Álcool. Jogo. Luca assumiu os trabalhos mais perigosos, e organizou os crimes mais ousados. A sua atitude em relação ao risco tornou-se quase arrogante enquanto ele se dedicava à sua tarefa vital de restaurar a honra da família, destruída pelo seu pai há muitos anos, provando ser o mais leal dos *caporegimes* de Nico.

Daí o erro, que o levou ao seu confinamento atual.

Rangendo os dentes, mudou de posição na cama do hospital desconfortável. A dor atravessou seu peito, e ele reprimiu um gemido. Quando se jogou na frente da bala destinada para o coração de Nico, Luca poderia se livrar de um monte de dor se usasse um colete à prova de balas. Mas, às vezes, no poço do desespero, cair era muito mais atraente do que se erguer.

Um brilho amarelo-pálido cintilou na porta, e seu pulso acelerou, puxando-o para fora do mar de arrependimento.

A enfermeira Rachel o visitava todas as noites para lhe dar o alívio de um outro tipo de dor. Mesmo machucado e quebrado, a sua dignidade afetada pelo contínuo estímulo e pelos cutucões em sua pessoa, a sua vida no fundo do poço, ele não teve que fazer muito esforço para convencer a jovem enfermeira, a ficar de joelhos e enrolar os lábios rechonchudos em torno da única parte do seu corpo que não doía.

Luca tinha um dom para seduzir mulheres. Doces palavras fluíam facilmente da sua língua. O sorriso poderia afundar mil navios. Ele era uma verdadeira máquina de combate, mas era o seu pau que sempre as trazia de volta para mais.

Quando a porta se abriu, ele alisou a sua camisa azul e ajustou o cinto. Com um fluxo constante de família e equipe chegando ao seu quarto, deixou claro para a equipe médica que não iria sofrer a

indignidade de uma roupa de hospital. Todas as manhãs, se lavava, se barbeava e se vestia com a ajuda da sua irmã Ângela, isso antes de cumprimentar os visitantes na cama do hospital. A sua mãe trazia comida todos os dias para garantir que Luca não "sucumbisse à fome". Tal como acontece com a maioria das mães italianas que conhecia, ou era a comida dela ou não havia comida. Essa era a maneira.

— Rachel, querida. — o sorriso dele desapareceu quando um auxiliar seguiu Rachel para o quarto empurrando uma maca de hospital à frente dele. O olhar de Luca se estreitou na mulher adormecida na cama. O cabelo longo, loiro caiu sobre o travesseiro, brilhando vermelho-dourado como as primeiras folhas de outono. A sua pele estava pálida na luz forte, e a sua roupa do hospital estava aberta no colarinho, revelando a bela curva do pescoço e do declive suave do seu ombro.

Rachel deu-lhe um sorriso de desculpas, e Luca viu como eles colocaram a mulher no cubículo perto da janela, se perguntando o que diabos aconteceu com o maço de dinheiro que ele entregou à enfermeira-chefe para garantir que tivesse um quarto privativo.

Depois que o auxiliar foi embora, Rachel se inclinou e deu um beijo suave sobre o rosto de Luca.

— Sinto muito, senhor Rizzoli. Sei que você gosta da sua privacidade, mas houve um grande tiroteio em Naked City, e a Urgência está lotada. Não temos pessoal ou quartos suficientes para acomodar todos, então a enfermeira-chefe ordenou que garantíssemos que estes quartos duplos fossem preenchidos. Ela colocou vocês dois juntos, porque vocês têm o mesmo tipo de lesão.

Apesar da sua irritação com a perda da sua privacidade, ele a presenteou com um sorriso. Luca gostava de Rachel. Era uma menina doce, disposta e complacente, e muito hábil com a boca. Não havia nenhum sentido em jogar a sua frustração sobre ela. A família do crime Toscani tinha amigos em todos os lugares. Sem dúvida, mais algumas contas e uma palavra nos ouvidos certos na parte da manhã iriam restaurar o status com um mínimo de barulho. Nesse meio

tempo, Luca teria a companhia de uma bela mulher que, aparentemente como ele, levou um tiro no peito.

Após Rachel partir, o olhar de Luca vagou sobre a sua nova companheira. Ela se virou para ele em seu sono e o cobertor fino mergulhou na cintura estreita até a curva do quadril. Suas feições eram delicadas, as maçãs do rosto altas, e o nariz ligeiramente arrebitado na ponta. A nova companheira era o oposto de tudo o que o atraía em uma mulher: loira em vez de morena, curvas em vez de magreza, macia em vez de endurecida pelos anos de vida áspera, que tornaram mais fácil para Luca limitar os seus encontros com as suas companheiras para apenas uma noite.

Angelo "Anjo".

Nos últimos quatro anos, ele esteve perdido. Agora, se encontrou.

— Você está olhando.

Sua voz quente e rica chegou a ele como um uísque canadense suave que termina no paladar com um sussurro de calor.

— Eu estava pensando, *Bella*. — ele levantou o olhar para os olhos azuis suaves enquadrados em cílios dourados espessos. — Quem iria atirar em um anjo?

Gabrielle não conseguia se lembrar da última vez que um homem a olhou com tanta admiração aberta.

Bem, exceto por David. Mas David partiu.

A sua mão flutuou até ao pescoço onde normalmente usava um medalhão contendo a última foto dela e David juntos. Mas a enfermeira o removeu quando ela entrou em cirurgia, e agora estava

enterrado em algum lugar no saco plástico que continha todas as suas roupas.

Saudades.

O seu coração se apertou no peito, e ela concentrou o olhar sobre o homem elegantemente vestido que estava sentado numa cama de hospital do outro lado do quarto. Os olhos eram da cor da luz do sol que entrava pela lagoa atrás da sua casa de infância no Colorado. Ele tinha cabelo grosso, loiro, perfeitamente cortado, e características robustas que sugeriam ascendência nórdica.

Mas *Bella* era uma palavra italiana.

Ele a chamou de um anjo.

Era o tipo de cantada que ouvia nos bares que a sua melhor amiga e colega de quarto, Nicole, a arrastava nos fins de semana, esperando puxá-la de volta para o mundo do namoro, para que ela pudesse encontrar outro "felizes para sempre".

Mas voltar para casa uma noite no fim da sua patrulha, para encontrar seu marido, do casamento de apenas um ano, brutalmente assassinado na sua nova casa, colocou um ponto final na crença de Gabrielle em contos de fadas. E já que eles definitivamente não estavam em um bar ou em qualquer lugar que remotamente se assemelhasse a um lugar onde duas pessoas poderiam ter um encontro, o homem do outro lado do quarto não poderia estar tentando seduzi-la.

Embora estivesse vestindo roupas de rua, ele estava ligado aos monitores assim como ela, e a sua mesa de cabeceira tinha o tipo de itens pessoais esperados em um quarto de hospital, itens de barbear, revistas, flores, e, desconcertantemente, um coldre.

— Eu fiz você se sentir desconfortável. — a sua voz quente, sensual, envolvida em torno dela como um cobertor de veludo grosso, foi como um lampejo de consciência profunda no seu peito.

— Eu não sou nenhum anjo. — os seus colegas do sexo masculino no Departamento de Narcóticos da Polícia de Las Vegas

(LVPD) tinham outros nomes para a detetive mais jovem e única mulher no esquadrão, nenhum deles lisonjeiro. Gabrielle era uma substituta inferior de David, que traçou sua carreira através do departamento, de oficial a detetive, e de sargento a tenente. Mesmo depois de dois anos se provando em uma investigação sobre a ascensão do cartel de drogas Fuentes na cidade, ela recebeu pouco respeito.

Não que ela se importasse. Gabrielle puxou os cordelinhos[5] que podia para entrar no departamento e foi designada para o caso Fuentes com o único objetivo de vingar David e trazer o assassino à justiça.

O cartel mexicano Fuentes foi rastreado pelo fornecimento de heroína, metanfetamina e cocaína que veio pelo Vale da Morte do Arizona e Califórnia. As drogas eram armazenadas e utilizadas em Las Vegas, e a transição para outras cidades em todo o país por uma vasta rede de contrabandistas se estendia do Canadá ao México. O esquadrão de Gabrielle foi encarregado de desmantelar a célula do cartel de Las Vegas e capturar o homem responsável, José Gomez Garcia, um dos maiores barões da droga na Costa Oeste. E o homem que matou David.

— Você parece muito angelical para mim. — os seus olhos caíram, descendo lentamente do rosto para a sua roupa branca e azul embaraçosa do hospital com o padrão gráfico de gênero neutro. Com o decote aberto, e sua posição semi reclinada, expôs apenas o suficiente para fazê-la corar quando o homem percorreu o seu corpo. Ela puxou o vestido, mas no instante em que o olhar dele foi para o dela, soube que ele teve uma visão mais próxima e pessoal.

E por alguma razão, isso a fez tremer. Homens como ele não davam olhares aquecidos para mulheres como ela. Pelo menos não agora. Dois anos após a morte de David, Gabrielle não reconhecia a mulher que via no espelho todos os dias. Vingança pode tê-la tirado de uma depressão que durou um ano e lhe dado uma razão para sair da cama de manhã, mas não fez nada para colocar a centelha de volta

---

[5] **Cordelinhos** - Meios ocultos com que se conduzem certos negócios (por analogia com o teatro de marionetes); maquinações, tramoias.

nos seus olhos ou preencher o buraco negro no peito que ficou maior a cada dia que Garcia ainda era um homem livre.

Ela o estudou exatamente como ele fez. Sentado, com as pernas quase chegando ao final da cama. Ela achou que ele era mais alto do que David, que a fazia sentir pequena para com os seus 1,65 m com uma diferença de uns bons 18 centímetros. Os ombros do seu companheiro de quarto eram largos sob a camisa fina, inegavelmente poderosos. Era o tipo de homem que anda em um bar e atrai imediatamente a atenção. Gabrielle não podia imaginar uma mulher que não se influenciaria pela sua rica voz, calmante, lábios macios, ou a sensualidade que escorria por todos os poros do forte, corpo tonificado. Mesmo as cicatrizes ao longo da curva do seu queixo talhado apenas aumentavam o charme dele. Desde as calças justas que o homem usava, até à camisa livre de rugas e aos cabelos perfeitamente aparados, era incrivelmente lindo e totalmente magnético.

— Luca Rizzoli. — disse ele em meio ao silêncio — E você é...?

— Gabrielle Fawkes.

O menor indício de um sorriso se espalhou pelo seu rosto.

— Combina com você. Gabriel era um dos arcanjos. E você me lembra do *Angelo dell'annunciazione* de Carlo Dolci[6] que agora está no Louvre. Intensidade emocional traduzida em beleza física... — ele suspirou.

— Uma tragédia. Pinturas italianas deviam permanecer na Itália. Você não concorda?

Gabrielle não sabia nada sobre arte. Passou os primeiros nove anos numa pequena cidade no Colorado, e quando a sua mãe morreu, ela e o irmão mais velho, Patrick, foram arrastados para Nevada para viver com a nova esposa do pai, num subúrbio de classe baixa de Las Vegas. Gabrielle também não sabia como falar com homens bonitos que sabiam sobre arte, vestidos com ternos caros no

---

6 **Arcanjo** São Gabriel pintado por Carlo Dolci

.

hospital, e falavam numa língua que era tão bonita, musical, e vívida que deixou os seus joelhos fracos. Não admira que eles a chamem da língua do amor. E com aquela voz profunda, líquida... Por um momento, quase esqueceu a dor.

Mas o movimento a lembrou. Ela fez uma careta quando tentou empurrar-se sobre o travesseiro, puxando as ligaduras que cobriam o seu peito.

A testa dela franziu.

— Você está sentindo dor.

— Eu estou bem — Gabrielle mentiu. A dor física do ferimento da bala, não era nada comparada com o total desespero de saber que não só falhou em apanhar Garcia esta noite, mas que ela comprometeu uma investigação de dois anos sobre o cartel. Se esse erro estúpido a expulsasse da Narcóticos, ou mesmo o DPLV, nunca teria a chance de apanhar o homem que matou o seu marido.

Não. Não apenas David. Garcia foi responsável por tirar duas luzes da sua vida. Não apenas uma. O seu estômago se apertou com a lembrança, e ela agarrou o cobertor. Gabrielle pensou que nada poderia ser pior do que perder o homem que amava. Estava errada.

— Vou chamar a enfermeira Rachel. — Luca disse, franzindo a testa.

— Você não precisa ligar para ela. Só dói quando eu me mexo.

— Não se mova. — ele comandou, apontando o dedo no botão de chamada. — Rachel vai ser capaz de fazer algo para a dor.

— Foi uma piada. — disse ela sem convicção. — Quero dizer, dói, mas não é insuportável.

— Uma piada? — os seus belos olhos se estreitaram, as suas profundezas castanhas ricas escondidas sob uma moita de cílios.

Ela riu da sua expressão confusa, assustando-se com o som. Quando foi a última vez que riu em voz alta? Mesmo a perpetuamente

otimista Nicole, não foi capaz de arrancar uma risada espontânea dela em um longo tempo.

— Acho que levar um tiro não é algo com que se possa brincar. Eu recusei os analgésicos. Não gosto de drogas, especialmente se elas bagunçam o meu cérebro.

Ele deu um suave grunhido de aprovação.

— Nós temos isso em comum. — disse ele. — Assim como os ferimentos de bala que compartilhamos. A dor é a maneira do corpo de nos guiar para a cura.

Gabrielle desejava que isso fosse verdade e que houvesse algum propósito ou fim à dor emocional implacável de perda, um novo universo do outro lado do buraco negro no centro do seu peito. A vingança era tudo o que a sustentava agora, e ela não sabia o que aconteceria quando a vingança se fosse.

— Você foi uma vítima de tiro, também? — ela parou quando ele a encarou, enviando um frio na espinha. Como podia ser tão atraente e tão terrível ao mesmo tempo? Gabrielle lidou com criminosos todos os dias no policiamento, o tipo de homens que ele provavelmente nunca encontrou na sua vida. Agora que era uma detetive, lidava com criminosos de outro tipo, barões da droga violentos, que não seguiam nenhuma lei, não respeitavam nenhum limite, e não deixavam ninguém ficar no seu caminho, espalhando o veneno tão longe e tão rápido quanto possível. Eles não a assustavam, mas algo sobre este homem a fez estremecer.

— Eu sinto muito. Se for difícil falar sobre...

Ele endureceu a sua espinha, estufou o peito.

— Eu estava no caminho da bala por escolha.

— Ah. — ela queria saber mais, mas a sua expressão apertada a fez se sentir mal pela curiosidade.

— Bem, nós somos diferentes nesse aspecto. Não me coloquei na frente da bala. Na verdade, nem sequer a vi chegando. Fui

emboscada. Ela passou diretamente por mim, mas não atingiu os meus órgãos internos. O médico disse que sou a pessoa mais sortuda que ele já conheceu.

— Foi um bom dia para ter sorte. — ele bateu no peito, e Gabrielle forçou um sorriso. Ela não se sentia com sorte. Quando a bala atingiu seu peito, sentiu uma profunda sensação de alívio, sabendo que finalmente teria um fim para a dor, e encontraria a paz estando com David novamente. Acordar no hospital, percebendo que não acabou, quase a destruiu.

Luca deve ter visto algo na sua expressão, porque sua testa ficou franzida em uma carranca.

— Quem atirou em você, *Bella*? Você não parece o tipo de mulher que deveria estar no lado errado de uma arma. — Luca estremeceu ligeiramente quando se virou na direção dela e Gabrielle se perguntou como ele conseguiu convencer o pessoal do hospital a deixá-lo usar as suas roupas normais. Exceto pelos fios salientes do pescoço da sua camisa, não parecia com quem levou um tiro. Gabrielle o admirava pela sua recusa em aceitar não só o rótulo e a roupa, mas também a dor. Um rebelde como ela.

— Lugar errado na hora errada.

Ela não sabia se a apreensão de drogas fracassada virou notícia, ou se a hierarquia tentou manter tudo sossegado. Foi a maior investigação da história do departamento, envolvendo oficiais e detetives de agências múltiplas, incluindo a equipe da SWAT, Homicídio e Crime Organizado. O que eles pensaram que seria uma operação de drogas pequena, acabou por ser um cartel maciço de drogas que cruzava as fronteiras do estado e do país, e o dia do acerto de contas se transformou num pesadelo de relações públicas quando uma detetive júnior em modo de vingança infernal, inadvertidamente permitiu que o senhor das drogas escapasse.

— E você? — perguntou ela, para evitar mais perguntas. — Você está na área da lei?

— Estou no negócio de restaurantes. — ele tirou um cartão da carteira e cautelosamente estendeu a mão para colocá-lo na mesa ao lado da cama. — Se você quiser uma boa refeição, venha ao *Il Tavolino*. Pergunte por mim. Você não vai encontrar melhor comida italiana na cidade. Até a minha mãe já comeu lá, e isso diz muito.

Ela estava com muita dor para alcançar o cartão, mas conseguiu dar um sorriso.

— Eu não sabia que o negócio de restaurante era tão perigoso.

— A vida é perigosa. Aonde estava o seu homem para protegê-la?

Deus, não outro. Vinte por cento dos agentes da polícia no DPLV eram mulheres, e ainda assim ela lidava com esse tipo de atitude tradicional todos os dias. Embora os oficiais mais jovens lhe dessem respeito profissional, a maioria dos seus colegas mais estabelecidos tiverem dificuldades em aceitar o conceito de uma mulher com uma arma.

— Os homens com quem estava não tinham necessidade de me proteger. Eu posso me proteger. — Embora neste caso ela não fizesse um trabalho muito bom.

— Então eles não são homens de verdade.

A porta se abriu e a enfermeira entrou. Ela verificou os sinais vitais de Gabrielle, teve a certeza que estava confortável, e em seguida puxou a cortina que separava os dois compartimentos.

Gabrielle ouviu murmúrios do outro lado da cortina, a cadência de um riso de flerte, e o estrondo da voz profunda de Luca enquanto dizia boa noite à enfermeira antes que ela saísse da sala.

Ela suspirou, olhou para fora da janela para as luzes da cidade brilhando na distância. Luca era muito obviamente um homem, um que amava mulheres jovens, magras e bonitas.

Definitivamente não foi um dia de sorte. Mas então, a sorte nunca esteve ao lado dela.

Dois

— Traga a boa mozzarella. A molhada. — a mãe de Luca gritou pelo telefone.

— Ma. Eu tenho a mozzarella. — ele acenou para Roberto atrás do balcão da *Deli de Bianchi*, o único lugar onde a sua mãe compraria os ingredientes para o jantar de domingo.

— Não é o suficiente. Nós vamos ter uma coisa grande. Todo mundo está vindo. A *nonna*[7] Cristini e Peppe estão vindo. A Josie está vindo. A Rosa está vindo. O Lele está vindo.

— *Ma*. Tenho mozzarella suficiente para alimentar toda a Sicília. É apenas quinta-feira. Se não for suficiente, eu posso voltar.

Ele ouviu um estrondo e gemeu por dentro. Ao se virar, viu o seu filho de seis anos de idade, Matteo, de pé junto a um vaso quebrado.

Sua mãe parou no meio da frase.

— O que é esse barulho?

— Matteo quebrou um vaso de flores. Pensei que você estivesse lhe ensinando o bom comportamento. Onde quer que vamos, ele fica em apuros. — Luca apontou para Paolo para lidar com a bagunça. Alto e magro, com cabelo escuro cortado para o lado que constantemente caía sobre o seu rosto, o jovem de dezessete anos Paolo ajudava com Matteo, fazendo recados e fazendo entregas pelos últimos anos na esperança de que um dia seria aceito como associado na equipe de Luca.

— Ele é um menino. — disse a sua mãe. — Meninos correm. Ficam sujos. Quebram coisas. Entram em lutas. Você corria por todos os lugares.

---

[7] **Nonna** - Avó

O irmão mais novo de Luca, Alex, costumava correr também, até que começou a cheirar pó, e então os seus dias de corrida acabaram. Mais uma vítima da praga que matou a esposa de Luca e ameaçou destruir a cidade que ele amava.

— Diga a ele para não correr nas lojas.

Luca observou o Paolo enxugar as grossas lágrimas escorrendo pelo rosto do seu filho e sentiu uma pontada de culpa por que ele não foi confortar o próprio filho.

— Você diz a ele. Você é pai dele. Você nunca o vê. Talvez uma vez por semana e no domingo. Isso não é suficiente.

— *Mamma*. Eu não tenho tempo. Proteger e sustentar a família é o meu trabalho. Disciplina. Maneiras. Não correr dentro de casa. Esses são o seu trabalho. Você fez tudo certo comigo. Estou aqui. Sem correr. Sem quebrar as coisas.

A sua mãe bufou ao telefone.

— Já que você está aí, diga ao Roberto para salvar o final do *bracciole*. Vou fazer massa e *fagioli*. O Alex adora. Ele está trabalhando duro agora e tem um grande apetite. Eu faço o café-da-manhã, e Alex pergunta o que tem para o jantar.

Luca não tinha a coragem de dizer a ela que Alex, ainda vivendo em casa com a idade de vinte e quatro anos, estava passando os seus dias de trabalho num café para ganhar dinheiro para o crack, e as suas noites esgueirando mulheres para o quarto que eles compartilhavam até Luca sair de casa com a idade de dezoito anos.

Ele cobriu o telefone e enviou Paolo para olhar o carro. Franzindo a testa para Matteo, apontou para uma cadeira junto à porta.

— Sente-se ali e não se mova. — o menino era a cara de Gina, o cabelo escuro, a pele profundamente bronzeada e um rosto redondo e macio. O constante lembrete visual da traição de Gina foi outra razão pela qual Matteo agora vivia com a mãe de Luca.

Frankie e Mike se esgueiraram pelo balcão da deli enquanto a sua mãe falava. Nenhum deles tinha de lidar com as suas mães vivendo por perto. Não apenas as mães, mas todos os primos, tias, tios e avós que englobavam a sua família, a família que o pai de Luca desonrou quando se tornou um informante do FBI. Luca estava tentando provar que ele não era filho de seu pai desde então.

Frankie não tinha família para se preocupar. Órfão quando ele era jovem, foi pego pela equipe De Lucchi, o executor da família do crime Gamboli de Nova Iorque e o treinou como um executor da máfia, o tipo de homem que faz até mesmo os assassinos mais cruéis e mais vis, tremerem de medo.

Nomeado após um dos mais poderosos chefes da máfia de Nova York de todos os tempos, a família do crime Gamboli foi uma das mais poderosas famílias da *Cosa Nostra* na América, com facções em muitas cidades principais. A família Toscani controlou a facção de Vegas do Gamboli, embora a recente morte do chefe da Toscani dividisse a família em duas, tanto Nico quanto o primo, Tony, agora reivindicavam o título de "don". Nico nomeou Luca e Frankie como seus conselheiros mais próximos.

— O Alex está trazendo uma menina depois da igreja no domingo. — disse sua mãe. — Eu não sei por que ela não pode vir à igreja com ele. Que tipo de garota não vai à igreja?

— Talvez não seja italiana. — embora fosse esperado que ele e Alex se casassem com mulheres italianas, não havia restrições quando se tratava de namoradas e amantes. Marta, a sua *goomah* quando estava com Gina, era metade espanhola e metade portuguesa. Ela sabia algumas palavras em italiano e um pouco de inglês, mas ele não esteve com Marta pela conversa. Sua *goomah* gostava do sexo violento e sujo e Luca foi capaz de se soltar com ela de uma maneira que nunca fez com sua esposa.

Ainda assim, a vida era mais fácil com uma mulher que era criada numa família da máfia. Mulheres da máfia compreendiam a cultura e a hierarquia. Elas não iam insultá-lo, tentando pagar por uma refeição, abrindo uma porta ou conduzindo na pista de dança. Apesar de lhes ser concedido o maior respeito, sabiam que o trabalho

do homem era fornecer e proteger, e o trabalho da mulher era cuidar dos filhos e da casa.

— Quero mais netos. — sua mãe continuou. — Eu tenho Matteo e isso é tudo. A Rosa já tem dois netos, e mais dois a caminho.

Luca se preparou. Ele sabia onde esta conversa estava indo.

— A filha da Rosa vai estar na igreja no domingo. Você pode conhecê-la. Ela acabou de se mudar de volta para a cidade desde Nova York. É uma contadora. Boa com o dinheiro. Usa aparelho para endireitar os dentes, mas eles são do tipo que você não vê imediatamente, e a sua irmã vai arrumar o seu cabelo. Tentou descolorir de loiro e queimou metade dele. Ângela diz que vai voltar a crescer, então não se preocupe.

— *Mamma*, tenho que ir. Matteo desapareceu. — ele não estava interessado em um futuro com ninguém. Uma noite e, em seguida seguia em frente. Sem se prender. Sem arrependimentos. Sem traição. Sem descobrir que a porra da pessoa com quem você se casou, não era a pessoa que você pensava que era.

A menos que Deus lhe enviasse outro anjo. Então, talvez ele se sentisse tentado a quebrar as suas próprias regras.

— Não se esqueça do *bracciole.* — sua mãe continuou. — E compre algo para Matteo. Ele teve uma boa nota no seu teste de matemática. É um menino inteligente, assim como o pai.

O estômago de Luca apertou quando procurou na Delicatessen por Matteo. A sua mãe costumava dizer isso para ele antes do seu pai acabar morto depois de tentar trocar a sua honra por uma vida confortável na proteção a testemunhas. Não havia nada que a máfia gostasse menos que *ratos*[8], exceto talvez a polícia.

— Matteo! — ele agarrou a mão do seu filho fora do aquário na janela da frente no momento em que ela estava se aproximando de um peixe.

---

[8] **Rat** - Fornecer informações a justiça sobre as atividades criminosas de associados do submundo. Aquele que fornece tais informações ou que parece provável que cederá à pressão de aplicação da lei.

— *Nonna* sempre cozinha peixe para o jantar na sexta-feira. — Matteo disse, a sua boca virando para baixo nos cantos. — Eu queria levar um Nemo para ela.

— Ela não quer esse tipo de peixe. — ele olhou para fora da janela e congelou.

Se a sua mãe estivesse ali naquele exato momento, teria dito que Deus levou Matteo para o peixe. Ela acreditava fortemente em sinais e prodígios. Deus visitava regularmente a sua casa, balançando as folhas para lembrá-la de que a porta estava aberta ou fazendo-a soltar o pregador de roupa, pouco antes do filho do vizinho chutar uma bola de *softball* para o seu quintal.

Já que a sua mãe não estava lá, Luca percebeu que era apenas sorte que Matteo decidiu ir atrás do peixe na janela, assim que três dos soldados de Tony Toscani saíram do veículo com armas automáticas nas suas mãos. A mesma sorte que o salvou quando ele se colocou à frente da bala destinada a Nico. A mesma sorte que enviou um anjo para aquecer o seu coração no hospital.

O tempo não estava do lado dele quando tentou procurar o seu "anjo", depois de ser liberado do hospital. Dever o chamou, e nada era mais importante do que isso. Somente fazendo o seu dever para com a sua família do crime, e provando-se o mais digno dos *capos*, ele seria capaz de resgatar o nome da família Rizzoli aos olhos de *Cosa Nostra*.

— Para baixo! — ele virou a mesa mais próxima e jogou Matteo para o chão, cobrindo-o com o seu corpo quando a primeira bala estilhaçou a janela.

Outra porra de dia na guerra pela Cidade do Pecado.

— Olá e adeus, Fawkes.

Gabrielle ignorou os comentários sarcásticos dos seus companheiros detetives, quando ela entrou na sala de reuniões do departamento para a sua audiência disciplinar. Sentados ao redor da mesa estavam o comandante do departamento, o representante do sindicato, o sargento supervisor, e um homem desconhecido num terno escuro e gravata azul que o comandante apresentou como o agente especial Palmer do FBI.

— Sente-se, Gabrielle. Fico feliz em ver que você está bem e anda por aí.

Calvo e de rosto vermelho, o sargento era um homem alto, com uma grande atitude. Embora ele parecesse rígido sempre apoiou Gabrielle, e a ajudou na sua candidatura aos Narcóticos no ano após David ter morrido.

— Obrigada.

Com o coração batendo forte, se sentou no final da mesa, torcendo as mãos no colo quando um raio de sol da tarde entrou através das cortinas reforçadas, enviando uma luz de esperança na sua direção. Talvez ela fosse só receber uma reprimenda ou uma suspensão por ter se antecipado à equipe SWAT, com a sua prematura entrada no armazém onde Garcia supostamente se escondia.

— A bala atravessou de raspão, então a cura está sendo rápida.

— Bom saber.

A primeira parte da audiência correu como esperado. O representante do sindicato percorreu o seu registro de sucessos, o bom trabalho que fez como uma policial de rua, em seguida como uma investigadora do caso Garcia. Ele falou sobre o seu casamento com David e a sua devastação depois que o marido morreu. Se ela realmente queria jogar o cartão de simpatia, poderia ter dito a eles o que aconteceu alguns dias após a morte de David, quando descobriu que perder o marido não era a pior dor que teria que suportar. Mas

isso era um segredo que compartilhou apenas com as suas amigas, Nicole e Cissy, e com o melhor amigo de David, Jeff.

— Você está bem?

Ela se assustou, percebendo tarde demais que inadvertidamente abriu a porta para a sua maior dor, e que isso estava refletido no seu rosto.

— Sim, eu estou bem. — Mantendo as portas mentais fechadas, ela forçou os dedos a se separarem e tentou relaxá-los no colo, constrangida pela demonstração de emoção, ainda que fosse pequena. O seu representante sindical continuou com a sua apresentação, encobrindo os cordões que foram puxados na infração da política para levá-la até ao caso Garcia, enfatizando a sua necessidade compreensível para fazer parte da equipe que foi encarregada de trazer Garcia à justiça.

Trazê-lo à justiça.

Ele enfatizou essas palavras uma e outra vez, fazendo parecer que a intenção de Gabrielle quando entrou no armazém prematuramente, foi simplesmente garantir que Garcia não escapasse, quando na verdade, ela esperava uma desculpa para matá-lo.

Ela estava grávida de três meses, quando voltou para casa depois de um turno de uma noite, para encontrar David pendurado de cabeça para baixo, despido e torturado, a garganta cortada, o seu sangue um mar vermelho em todo o novo tapete creme.

Aborto induzido por estresse.

Os médicos tinham um nome clínico para o que aconteceu alguns dias mais tarde. Mas ela não podia ir além do fato de que perdeu a sua última e única ligação com David. A prova de que ele viveu e amou na terra. Gabrielle queria o bebê, tanto para dar-lhe todo o amor que nunca teve, quanto para ser a mãe que desesperadamente sentia falta.

Gabrielle suspeitava que todos na sala, exceto o misterioso agente especial Palmer, sabiam que ela não hesitaria em puxar o gatilho se visse Garcia no armazém. Eram todos policiais experientes, e David foi seu amigo, assim como um tenente altamente respeitado e bem-amado. Todos sabiam que era a verdadeira justiça. Mas Garcia passar a vida atrás das grades, era menos provável do que contratar um bom advogado, pagar a fiança, e desaparecer novamente para vender as drogas que destruíam inúmeras vidas, ou na melhor das hipóteses cumprindo alguns anos por acusações menores por falta de provas dos seus crimes mais graves.

O representante do sindicato fechou a sua apresentação ao enfatizar o fato de que ninguém estabeleceu a identidade do atirador de Gabrielle, e era muito provável que Garcia, de fato, não estava no armazém no momento do ataque. Afinal, o estabelecimento claramente tinha acabado de ser desocupado, com apenas o equipamento de drogas, embalagens deixadas para trás e nenhum sinal da equipe de trinta pessoas que estava supostamente no coração da operação de distribuição local de Garcia. E se fosse esse o caso, o ataque teria falhado de qualquer maneira, e não porque Gabrielle entrou no armazém muito cedo e teve a infelicidade de encontrar um vagabundo solitário que atirou nela numa tentativa desesperada de escapar.

Os seus argumentos foram convincentes. No entanto, sabia muito bem que nunca deveria ser autorizada a trabalhar no caso. Embora todo mundo fechasse os olhos para a sua promoção de policial de rua a detetive, o tiroteio forçou essa questão a vir à tona, e o departamento precisava agir. A sua mão foi para o medalhão que segurou a bala que a atingiu, acreditando que ela estava prestes a ver David novamente, e deu-lhe um aperto de sorte.

— Nós vamos ter uma decisão para você antes do final da sua licença médica. — disse o comandante, meio que terminando. — Mas antes de ir, quero que você saiba que o FBI vai assumir o caso Garcia. O Agente Especial Palmer estará no local durante a investigação. Ele analisou o arquivo e sabe o quão duro você trabalhou neste caso durante os últimos dois anos. — o comandante hesitou.

— Ele vai fazer algumas mudanças, agitar as coisas um pouco. — olhou para longe, e Gabrielle teve um mau pressentimento sobre o que essas mudanças viriam a ser.

— Senhora Fawkes. — Agente Especial Palmer deu um sorriso frio e ela não gostou dele imediatamente. Era alto e magro, com o cabelo escuro, maçã do rosto angular e um queixo pontudo que estreitava o seu rosto comprido. Ele parecia muito magro para ser imponente, mas tinha a sensação de que sob esse terno era tudo músculo e horrível também.

— Você já fez um trabalho sólido, e tenho a certeza que todos no departamento são gratos pela sua contribuição...

Oh Deus! Ela engoliu o nó na garganta. *Aqui vamos nós.*

— Eu trouxe a minha própria equipe. — continuou o agente. — Eles têm uma vasta experiência em lidar com traficantes como Garcia. E, claro, experiência em lidar com círculos de tráfico de drogas de vários estados e internacionais, como o Cartel Fuentes. Nós nos interessamos primeiro por Garcia, quando estava em Los Angeles. Ele queria ser um chefão no mundo da droga, e fez isso acontecer com a ajuda das suas conexões de cartéis no México.

— Sei tudo sobre ele desde que veio para Vegas. — ninguém no departamento sabia mais sobre Garcia do que ela.

O Agente Palmer deu-lhe outro sorriso frio.

— Entendo o quanto você tem investido no caso. E, também entendo que Garcia foi responsável pela morte do seu marido, o tenente David Roscoe, um membro muito respeitado da DPLV. Fiquei surpreso, no entanto, que dado o incrível conflito de interesses, você foi autorizada a trabalhar no caso. Não existe nenhuma maneira que você possa ser imparcial quando se é uma vítima.

— Eu não sou uma vítima. — disse ela com firmeza. — David foi a vítima, e queria fazer parte da equipe que vai prender Garcia e faze-lo pagar pelo seu crime.

Não que ser parte da equipe significava alguma coisa. Como detetive júnior no caso, foi lhe dada a tarefa de gerenciar a papelada, introduzindo informações em bases de dados e sentar à sua mesa fazendo a pesquisa. Ninguém a levou a sério. Gabrielle era muito jovem, muito imatura, e todos pensavam que lhe foi dado o cargo por causa da alta consideração do comandante do departamento por David, apesar do fato de ela ter passado nos seus exames, colocando-a em pé de igualdade com os outros candidatos do departamento.

— Ele vai pagar. — disse o agente especial Palmer. — Temos experiência em apanhar criminosos violentos como Garcia, e a preparação que a sua equipe tem feito vai ser um recurso inestimável. A sua participação contínua, no entanto, depende do resultado desta audição, e da minha avaliação pessoal de saber se o seu envolvimento emocional poderia comprometer a investigação ou levar a administração da justiça em descrédito.

A sua boca se apertou e ela lutou contra uma onda de náusea. Gabrielle veio para a audição esperando uma reprimenda. Nunca considerou que seria tirada da equipe. E não havia outro lugar para onde quisesse ir.

Até à morte do irmão mais velho, Patrick, Gabrielle nunca considerou o trabalho policial. Com um amor por enigmas e resolver mistérios, os seus interesses se inclinaram em direção à ciência e atividades de investigação. Mas ela se juntou à academia de polícia depois de se formar no ensino médio, na esperança de que viver o sonho de Patrick tiraria o pai da depressão que o consumiu desde que Patrick morreu. Ele ficou tão orgulhoso quando Patrick falou sobre se tornar um policial, e tão completamente devastado quando Patrick teve uma overdose apenas alguns dias depois da sua terceira temporada na reabilitação.

Gabrielle mal se lembrava dos dias em que o vício de Patrick não habitava as suas vidas. Ele se virou para as drogas depois que a mãe morreu e o seu pai os mudou para Nevada para viver com a sua nova esposa Val, e os dois filhos dela. Após a mudança, as suas boas lembranças sobre Patrick foram perdidas debaixo de toda a gritaria, luta, mentiras e roubos. O pai perdeu o emprego como pedreiro por

causa do tempo que usava para visitas hospitalares e audiências judiciais, tirando Patrick fora da cadeia, ou dirigindo pelas ruas procurando pelo filho quando estava tão drogado que nem sequer sabia o seu próprio nome.

Quando Gabrielle entrou para a Academia de Polícia, acreditava que podia fazer a diferença, ao se tornar uma policial. Ela pensou que poderia limpar as ruas para que outras famílias não sofressem, e orou para que o pai encontrasse alguma felicidade na sua tentativa de manter a memória de Patrick viva. O seu despertar veio primeiro, quando o pai não se preocupou em ir à sua cerimônia de formatura, e em seguida, quando entrou no ritmo e percebeu que a guerra contra as drogas nunca poderia ser vencida. Se ela não tivesse conhecido David, um instrutor numa das suas classes, que a encorajou a não desistir, teria ido embora depois do primeiro ano.

O que Gabrielle faria se a tirassem do caso? Como cumpriria a promessa silenciosa que fez para David quando o segurou pela última vez no tapete da sala encharcada de sangue? Como iria ele descansar em paz se não tivesse justiça? Como ela iria?

Depois de agradecer ao seu representante do sindicato, rapidamente saiu para o corredor, desesperada para sair do edifício antes que alguém a visse e perguntasse sobre a audiência. Ela apertou o botão do elevador, e rezou para uma fuga rápida.

— Gaby!

Jeff Santos a alcançou, assim que a porta do elevador se abriu, e a seguiu para dentro. Gabrielle conhecia o melhor amigo de David, agora um tenente da Narcóticos com ela, desde que conheceu David. Depois que ele morreu, Jeff foi um conforto e apoio incrível, ajudando-a com tudo, desde a venda da casa até ter certeza que alguém estava em sua companhia aos fins de semana, quando mais sentia a ausência de David na sua vida.

— Você está bem? O que aconteceu?

Ela se virou para ele, observando as linhas de preocupação vincando a sua testa larga sob o seu cabelo preto de corte curto. Jeff

era escuro, onde David era claro, muito bronzeado com os olhos mais negros que Gabrielle já viu. Jeff tinha 1,90m de músculo sólido, com um bigode cuidadosamente aparado e uma barbicha. Tinha um grande peito largo e o início de uma barriga que apareceu apenas depois que David morreu.

Gabrielle olhou para o medalhão de bronze que ele sempre usava numa corrente de couro em torno da sua garganta cicatrizada, pensando no dia em que ela e David lhe deram. Jeff a beijou em agradecimento enquanto David derramou bebidas na cozinha, os lábios se demorando um momento na sua bochecha, o seu sussurro apenas muito perto da sua boca. Pensou que era a sua imaginação, mas no ano passado ele demonstrou que queria levar a amizade para outro nível e estava preparado para esperar o tempo que fosse preciso para ela também se sentir confortável. Gabrielle não tinha coragem de dizer-lhe que demoraria uma eternidade.

— O FBI está assumindo o caso Garcia. — disse ela.

— O agente responsável não está feliz com a minha participação, porque acha que tenho um conflito de interesses. Tenho a certeza de que me quer fora da equipe. — a porta do elevador se abriu, e ela saiu para a área de recepção, uma cacofonia de ruído partindo de uma mistura eclética de pessoas, a maioria dos quais não queriam estar lá.

Claro, Jeff a seguiu. Estava sempre lá, mesmo depois de terem uma estranha conversa numa noite, há seis meses, quando ele tentou beijá-la, e ela explicou que não estava interessada em ter um relacionamento.

Não é você, sou eu.

Banal, mas verdadeiro. Ela estava quebrada por dentro. Estragada. Não tinha nada a oferecer a alguém, a não ser a sua dor.

Ele suspirou pesadamente.

— O FBI? Meu Deus, Gaby. Sei o quanto isto significa para você, o quanto você queria fazer Garcia pagar pelo que fez para David. Mas talvez seja o melhor. Você pode seguir em frente.

— Eu não quero seguir em frente. — ela retrucou. — Quero justiça. Foi por isso que vivi ao longo dos últimos dois anos. É Garcia ou nada para mim.

As portas se abriram, e ela saiu para o calor escaldante de um outono anormalmente quente em Nevada.

— Não seja tão radical. — Jeff disse, levando-a para a sombra debaixo de uma árvore de amoras chinesas, com uma mão firme na sua parte inferior das costas. — Há outras opções. Posso falar com as pessoas, ajudá-la a entrar noutro departamento. E Homicídios? Garcia está associado a dezenas de assassinatos na cidade...

— Sei que você está sobrecarregado com as suas próprias investigações. E depois de David, eu não poderia lidar com Homicídios.

Ele colocou um braço ao redor dela e lhe deu um abraço.

— Você apenas tem que ser criativa. E se você se transferir para o roubo? Tenho certeza que ele roubou pelo menos uma coisa na sua vida.

Gabrielle deu uma risada tímida. Jeff era um cara tão legal. Um tenente da polícia. Respeitado no seu departamento. Era divertido de estar ao redor, e foi um bom amigo para David e para ela. E ainda assim Gabrielle não sentia nenhuma atração. Jeff foi a escuridão para a luz de David. Aonde David foi descontraído, o amigo era intenso. Ele ria muito forte, falava muito alto, se movia muito rápido. Aonde David tinha um charme fácil, os sorrisos de Jeff às vezes pareciam forçados, como se tivesse que trabalhar o rosto que apresentava ao mundo. Mas mais do que isso, era quase como um irmão para ela. E o beijo dele há seis meses pareceu errado.

— Não vou deixar você sozinha esta noite. — disse ele. — Vou levá-la para jantar. Não posso suportar a ideia de você sozinha em casa depois de ter perdido o que perdeu...

— Você me faz soar patética. — ela suspirou. — Não vou me sentar em casa no escuro olhando para fotos antigas e chorando sobre uma garrafa de vinho. Vou para uma corrida e então vou à

academia e trabalhar para ter o meu braço e ombro em forma. Também tenho que pegar Max na cuidadora de cães...

Gabrielle encontrou o seu precioso beagle depois de verificar vários centros de resgate, como conselho do terapeuta. Foi amor à primeira vista, e depois que vendeu a sua casa, alugou um pequeno bangalô em Henderson com um grande quintal para que Max tivesse algum espaço para correr. Quando descobriu que Nicole estava lutando para sobreviver no negócio do cassino, ela a convidou para viver com eles. Por sua vez, Nicole ajudou Gabrielle no primeiro ano terrível, sem David.

— Você tem que comer. — ele insistiu. — Que tal eu passar mais tarde com uma pizza e uma garrafa de vinho e nós podemos apenas relaxar e assistir TV?

O peito de Gabrielle se apertou com o pensamento de estar sozinha com Jeff, algo que tentou evitar desde aquele beijo estranho. Por que não podia dar o próximo passo e estar com ele do jeito que queria que estivesse? Era o melhor amigo de David e compartilhavam muitos interesses; seria fácil e divertido. E ainda assim não era justo com Jeff. Gabrielle não podia sequer contemplar estar num relacionamento com alguém. Ela foi quebrada, e o amigo merecia encontrar alguém que precisava de todo o carinho que queria dar.

— Obrigada, Jeff. Mas tenho coisas para fazer, e prometi que sairia com Nicole esta noite. Ela sai cedo do cassino hoje. Talvez outra hora.

— Estou sempre aqui por você, sempre que precisar de mim. — Jeff se inclinou e roçou os lábios nos dela. Aconteceu tão rapidamente, ela não teve tempo para reagir. E então ele se foi.

As suas mãos se fecharam em punhos e ela as apertou contra a sua cabeça. Por que não podia sentir algo quando ele a beijou? Estava cansada de estar dormente. Cansada de passar as dificuldades de cada dia. Cansada de fingir que amava o seu trabalho quando estava lá apenas para que David pudesse descansar em paz. Cansada de sentir nada quando um homem bom, decente a tocava. Gabrielle queria gritar. Correr. Berrar. Queria fugir da vida sufocante que

construiu a partir das cinzas e que a mantinham no limbo entre um futuro que assustava e um passado que a consumia. Meu Deus, só queria sentir algo. Calor. Fogos de artifício. Paixão.

Gabrielle queria se sentir do mesmo jeito, quando acordou após a cirurgia para ver um homem bonito, impecavelmente vestido estudando-a da sua cama de hospital. Ela sentiu alguma coisa, então. Curiosidade. Se sentido maravilhada. Excitação. Desejo.

Tudo sobre Luca: a sua aparência, o comportamento, e a pura e absoluta rebeldia em se recusar a aceitar que foi baleado e estava num maldito hospital, tiraram o seu fôlego. E a sua voz, aquele sotaque... Mesmo agora os joelhos dela ficavam fracos só de pensar nisso. Qual seria a sensação de beijar um homem como ele? Alguém tão absolutamente confiante e no controle. Um rebelde. Um homem capaz de seduzir uma mulher ferida numa cama de hospital com apenas o som da sua voz e o calor do seu olhar.

Ela pegou o telefone e olhou para a imagem do cartão que armazenou num aplicativo.

Luca Rizzoli, Gerente

Il Tavolino

Melhor comida italiana em Las Vegas

Assim como nonna costumava fazer...

Por que ela manteve o cartão? Não tinha nem coragem de ir a um encontro com um bom amigo, um homem que a queria apesar do fato dela estar destruída por dentro. Como podia sequer cogitar em cruzar a cidade para o restaurante de um homem que mal conhecia simplesmente por causa da maneira como ele a fazia se sentir?

Então, novamente, o que ela tinha a perder?

Três

Il Tavolino.

Gabrielle estudou o turbilhão de letras douradas acima do restaurante do outro lado da rua. Ela comeu em vários restaurantes italianos em Vegas, mas não ouviu falar do Il Tavolino. Mas não costumava andar nessa parte da cidade. Também não costumava perseguir misteriosos donos de restaurantes, mas ali estava, parada do lado de fora, esperando Nicole e Cissy chegarem.

É claro, Nicole estava animada com a ideia de conhecer um novo restaurante italiano, quando Gabrielle ligou para ela no cassino. Sem se contentar com apenas isso, Nicole ligou para uma amiga de infância de Gabrielle, Cissy, e então a convenceu de conhecer a nova boate que abriu do outro lado da rua após o jantar. Mas Nicole viu o pior lado de Gabrielle, quando ela não conseguia respirar por conta da dor e nem mesmo Max conseguiu tirá-la da escuridão. Agora que Gabrielle abriu uma brecha, Nicole pulou de cabeça.

Gabrielle parou de encarar a fachada e observou o exterior do restaurante. Com um toldo vermelho brilhante, uma pintura amarela chamativa e todo trabalhado em pedras chiques, trazia uma sensação acolhedora de aconchego. Através das enormes janelas iluminadas, ela conseguia ver os garçons de smoking, bancos cobertos com couro sintético e fotos penduradas nas paredes. Uma junção da antigas Las Vegas com a antiga Hollywood que se encaixou perfeitamente com a decoração inovadora.

Risadas. Uma risadinha.

— Luca. Pare.

Gabrielle levantou a cabeça e reconheceu instantaneamente o homem do hospital. Ela o achou bonito, mas olhando para ele agora,

o corpo forte e saudável, o terno de caimento perfeito que abraçava os músculos, o cabelo loiro bagunçado propositalmente, seu coração acelerou e sua boca ficou seca.

Mesmo do outro lado da rua, Gabrielle podia ver que a mulher que estava com ele era linda. Ela usava um vestido verde justo, salto alto e muitas joias. O cabelo era castanho, longo e cheio de ondas que iam até quase o fim de suas costas. Tinha a pele morena e maçãs do rosto volumosas, os lábios estavam pintados de vermelho rubi e combinavam com as unhas. Nos ombros, uma bolsa pendurada do tipo que Gabrielle nunca conseguiria comprar, mesmo com o salário de detetive.

A mulher tropeçou em uma pedra e Luca se virou, colocando um braço ao redor de sua cintura rapidamente para segurá-la e a puxou para si com uma facilidade de quem já fez isso antes. Ela riu alto, sem ficar envergonhada e se inclinou para beijar a bochecha de Luca.

Droga. Todas as fantasias bobas que criou sobre vê-lo outra vez foram destruídas com aquele beijo. É claro que um homem daqueles gosta de estar com uma mulher glamorosa como aquela. Ainda assim, não conseguia desviar o olhar. Tinha alguma coisa por trás do jeito em que ele a segurava, confiante e controlado, protetor e dominante. Gabrielle imaginou sua voz rica e profunda sussurrando palavras sujas em um italiano puro, dizendo a ela o que faria quando a levasse para casa.

Ela sentiu a solidão através de uma dor aguda no peito, depois que Luca acompanhou a mulher até o restaurante. David já a segurou daquele jeito. Ele a fez sentir como se fosse a mulher mais linda do mundo. Nunca sentiria isso de novo e sentia tanta falta que seu estômago parecia ter sido golpeado. Mesmo que se obrigasse a namorar de novo, nunca mais conheceria um homem que a amasse como David costumava amar.

Então para que se preocupar com isso?

— Gaby! — Cissy acenou no fim da rua, na mesma hora em que Nicole se aproximava na esquina oposta. Uma advogada vinda de uma família de advogados, Cissy era uma das primeiras pessoas que

Gabrielle conheceu quando seu pai se mudou com a família para Vegas. Ignorando o drama inacabável por viver com um adolescente viciado, Gabrielle passou a maior parte do tempo na casa de Cissy onde podia fingir que fazia parte de uma família normal.

Enquanto elas se aproximavam, Cissy com um vestido verde plissado e Nicole com um vestido de sobreposição de renda rosa brilhante que combinava com a faixa rosa em seu cabelo castanho claro, Gabrielle imediatamente se arrependeu de escolher usar preto. Mas o vestido de formatura transpassado decorado com lantejoulas era a única coisa usável e que escondia a cicatriz em seu peito feita pela bala que quase a levou de volta para David.

— Ai meu Deus. — Cissy gritou, sua voz surpreendente alta para alguém tão pequena.

— Não te vejo usando um vestido há séculos. E o seu cabelo! Eu adorei ele solto. Estou tão acostumada a te ver com um rabo de cavalo que às vezes esqueço que seu cabelo é grande assim. E esses sapatos... — ela fingiu ofegar no salto de couro com strass de Gabrielle. — Nós vamos arrumar alguém para você pegar hoje à noite, com certeza.

— Eu acabei de ver o dono do restaurante. — Gabrielle disse, tentando esconder sua frustração. — Ele estava com uma pessoa. Acho que tem uma namorada, ou até mesmo uma esposa. Talvez a gente devesse pular o jantar e comer outra coisa antes de ir para a boate.

— Ele te convidou para um jantar, não para a cama. — Nicole agarrou os ombros de Gabrielle como se estivesse com medo de que ela resolvesse fugir. — E caras bonitos tem amigas bonitas. Depois de um dia horrível no trabalho, você merece uma diversão. Talvez nos apresente a alguns amigos e assim podemos todas nos divertir. Deus sabe que eu preciso disso também.

— Ela teve uma discussão com Clint de manhã depois que você saiu para trabalhar. — Cissy disse, em resposta à expressão confusa de Gabrielle.

Gabrielle parou no meio do caminho.

— Por que você não me contou quando te liguei? Eu não teria te convidado...

Nicole resmungou, interrompendo.

— Não queria que você soubesse. Essa deve ser a sua noite. E é a mesma coisa de sempre. Mexi no computador dele e vi que tinha várias páginas abertas: "Grandes peitos molhados", "Bundas boas ainda melhores", e a minha favorita, "Escritório da Madame que ama suco". É difícil acreditar que ele me respeita quando passa os dias se masturbando com essas merdas, então fui embora.

— Clint não te respeita, meu bem. — Gabrielle apertou o braço dela. — Você tem que parar de voltar para ele. Você precisa estabelecer limites.

— Sim, bem... às vezes só não estou afim do jeito que Clint precisa que eu esteja, então ele tem que liberar alguma energia. Mas sempre fica arrependido depois que... — ela hesita, tropeçando nas próprias palavras.

— Depois que o pego no flagra, e aí nós fazemos as pazes. Só não estou pronta para começar de novo com outra pessoa. — ela continuou andando quando Gabrielle abriu a porta.

Gabrielle entendia a relutância de Nicole sobre achar alguém novo. Ela ficou com alguns caras desde a morte de David, mas lhe deixaram se sentindo triste e sozinha. Não era porque eram feios ou mal-educados, só não sentiu nada por eles. Não sentiu nada mesmo.

— Cadê o cara? — Cissy sussurrou enquanto elas entravam.

— Ele provavelmente não lembra de mim. — Gabrielle passou a mão no cabelo, penteando com os dedos as ondas que ela nunca conseguia esticar. — Tinha acabado de levar um tiro e sair de uma cirurgia. Eu não estava muito atraente.

— Você não é fácil de esquecer. — o queixo de Nicole caiu quando elas entraram no restaurante e até mesmo a reservada Cissy

engasgou quando reparou na decoração.

Outro nível nem chegava a descrever o quanto Il Tavolino era impressionante. Gabrielle sentiu como se tivesse reentrado na cidade dos tempos dourados, desde os garçons usando smoking e fazendo apresentações ao lado das mesas, às magníficas cadeiras cobertas por couro sintético e as recordações de Vegas na superfície do palco elevado onde um cover de Frank Sinatra cantava "My Way". Nas paredes, pinturas emolduradas de antigas estrelas de cinema estavam ao lado de criminosos da máfia, Bogart ao lado de Bugsy Siegel e Frank Sinatra ao lado de Anthony Spilotro. Caixas de vidros continham armas velhas e sapatos brilhantes, um revólver à moda antiga, e uma cartola e bengala deram ao restaurante uma sensação elegante *old-school*[9].

Gabrielle se aproximou da mesa de madeira polida da recepção e pediu uma mesa.

— Me perdoem, madames. — o *maître* sorriu de um jeito simpático. — Só trabalhamos com reservas. Estamos lotados hoje.

— Você não fez uma reserva? — Cissy franziu a testa para Gabrielle. Uma louca por controle, Cissy nunca foi a algum lugar sem ter cada detalhe planejado antecipadamente.

— Eu pensei que esse lugar era mais casual. — Gabrielle considerou ligar antes, mas não tinha certeza do que dizer. Ela diria para a pessoa do outro lado da ligação que conhecia Luca? O quão estranho seria? E se Luca atendesse o telefone? Disse a ela para ir ao restaurante, não ligar para lá.

Desapontada e ao mesmo tempo aliviada, Gabrielle sorriu para o *maître*.

— Obrigada, de qualquer forma. — ela começou a andar na direção da porta, desesperada para ir embora antes que Luca a visse, hesitando apenas quando viu que suas amigas não a seguiam.

— Ela é amiga do Luca. — Nicole disse, jogando o mesmo

[9] **Old School**: é um termo em inglês que significa velha guarda ou moda antiga.

charme que usava para encorajar as pessoas a continuarem apostando nas mesas do casino. — Ele lhe deu o seu cartão. O nome dela é Gabrielle Fawkes. Mostre-lhe o cartão, Gaby.

— Está tudo bem. Nós voltaremos aqui outro dia. — chocada, Gabrielle alcançou a porta.

— Uma amiga do Sr. Rizzoli? — o *maître* as avaliou com o olhar. — Se vocês puderem esperar apenas um momento, madames, direi a ele que estão aqui.

Ele desapareceu no meio do restaurante lotado e Gabrielle gemeu.

— Isso vai ser tão embaraçoso. Eu acho que deveríamos ir embora.

— Ele não teria te convidado se não quisesse. — Nicole respondeu.

— Talvez ele só estivesse sendo educado. Ou fazendo o que pessoas de negócio fazem, eles sempre entregam seus cartões, isso não significa nada.

Nicole jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Quantas vezes você fez algo assim por mim? Estou retribuindo, ok? Pelo menos nós teremos um jantar legal antes de sairmos para beber e dançar para lançar nossas tristezas bem longe.

Gabrielle tocou seu medalhão.

— Não sei... Eu o vi com aquela mulher e aquilo me fez pensar em David.

Nicole olhou por cima dos ombros de Gabrielle. Seus olhos se arregalaram ao ver algo atrás de Gabrielle e ela abriu o medalhão gentilmente, pegando-o antes que caísse.

— Eu acho que você já pode considerar deixar o David no passado essa noite.

Gabrielle se virou e prendeu a respiração quando viu Luca

andando em sua direção. Ele tirou a jaqueta e com aquela camisa azul elegante e calça azul marinho parecia que acabou de sair de uma revista de moda masculina. Luca deixou a camisa parcialmente aberta, revelando a pele deliciosamente bronzeada coberta com alguns pelos dourados e o início de uma tatuagem. O seu cabelo loiro estava maior do que ela se lembrava e havia uma barba rala sexy em volta de seu maxilar quadrado.

Seu pulso acelerou e teve que se lembrar de que ele já tinha alguém, uma linda mulher a quem obviamente adorava.

— Ai meu Deus. — Cissy sussurrou. — Meus ovários acabaram de explodir.

Meu Deus!

Ela foi até ele.

Seu incandescente e deslumbrante anjo de cabelos dourados.

Luca se perdeu nas grandes mexas do cabelo dela, nas pernas longas que ele podia facilmente imaginar se fechando em volta de sua cintura, no leve rubor que tomava conta do lindo rosto. Ela usava um vestido preto justo que deixava os ombros expostos e se apertava contra os seios generosos, provocando-o com uma prévia do tesouro que se escondia embaixo do tecido. As curvas suaves imploravam pelo toque de um homem. Merda, seu anjo foi feita para ser fodida.

Ela lambeu os lábios cheios e rosados, e a imaginação dele viajou com uma visão daqueles lábios sensuais em volta de seu pau. Seus olhos se encontraram e permaneceram fixos um no outro. Os olhos de sereia estavam famintos, atraindo-o até que ele não conseguisse pensar em nada além do corpo dele cobrindo o dela.

Jesus. Isso era doido para caralho. Ele nunca curtiu as loiras ou mulheres que ficavam coradas na presença de um homem. Gostava

de mulheres negras, atrevidas, barulhentas e ousadas. O tipo de mulher espalhafatosa que consegue a atenção de um homem com facilidade, não as que possuem um sorriso sensual e pouca confiança.

— Gabrielle. Você parece bem. — Ele se inclinou e a cumprimentou com dois beijos na bochecha, ignorando o aperto de mão italiano simplesmente porque queria ficar mais perto, tocar sua pele. O cheiro dela, flores silvestres, forte e doce o deixou intoxicado. Luca poderia se perder nesse cheio, na maciez do seu cabelo, no fundo dos lindos olhos. Seu corpo roçou no dela e Luca a sentiu tremer, enviando uma nova onda de luxúria, que se estendeu ao longo de todo o corpo dele.

— Você também. — disse ela com delicadeza. — E o seu machucado?

— É apenas uma lembrança. — ele balançou a mão como se não fosse nada. — Não me incomoda mais.

— Essas são minhas amigas, Nicole e Cissy. — ela apontou para as duas mulheres atrás de si.

Ambas eram muito bonitas, e sem dúvida, o assunto da mesa dos homens que estavam sentados ali perto.

De todas as noites em que ela poderia ir até lá, tinha que ser justamente a que Nico escolheu para um jantar de encontro com os melhores cabeças e soldados?

— Eu deveria ligar antes. — ela continuou — Mas não imaginei que precisaríamos de uma reserva. Entendo se estiver cheio demais hoje.

O restaurante estava completamente cheio, mas de jeito nenhum ele deixaria seu anjo sair por aquela porta.

— Eu sempre tenho uma mesa disponível para meus amigos. — com a mão na parte inferior das costas de Gabrielle, ele a escoltou até uma das mesas reservadas exclusivamente para os membros de sua família do crime que fizeram com que o restaurante dele se tornasse

sua própria casa.

— Luca, querido, as meninas e eu estamos esperando pelas nossas bebidas há séculos. — Marta, que estava sentada com suas amigas em uma mesa no centro do restaurante os interceptou e segurou seu braço, acariciando o bíceps com as unhas vermelhas. Ela foi a amante dele quando era casado com Gina, mas parou de vê-la depois que Gina morreu, incapaz de não a associar aquele terrível período de sua vida. Eles permaneceram amigos, mas Marta nunca cansou de tentar algo mais.

— Eu virei aqui assim que atender minhas convidadas. — Marta cerrou os olhos na direção de Gabrielle como se soubesse que ela não era uma cliente comum.

— Quem é ela?

— Uma amiga. — o tom brusco da voz dele fez com que ela arregalasse os olhos, mas o conhecia o suficiente para não continuar com aquele assunto.

— Eu não queria causar nenhum problema. — Gabrielle sussurrou depois que Marta voltou para sua mesa.

— Você não fez nada. — seu olhar permaneceu fixo nos olhos dela por tanto tempo que ela corou.

Puta merda. Ele queria fazê-la corar por outro motivo, um que não envolvia usar roupas.

Lennie, o gerente e o *maître* chegaram com os menus depois que Luca colocou Gabrielle e suas amigas na mesa.

— Elas não vão precisar do menu. — Luca disse, afastando as pastas de couro.

— Traga alguns antepastos, um pouco de presunto e *melone*, salame e *formaggi*. Depois disso, elas vão comer *linguine di mare*, e *massas al forno*. Em seguida, um pouco *agnello* e *polpettone, insalata mista* e *pepperoni al forno*. Para a sobremesa, pode ser *pasticcini* e um pouco de *Baba*. Eu mesmo irei selecionar o vinho. — Ele olhou para

Gabriele que estava extasiada enquanto o observava. — O que você acha?

— Lindo. — ela corou e olhou para baixo. — Quero dizer... a comida. A comida parece ser linda, mas nós não podemos...

— Por conta da casa, *Bella.* — ele disse com firmeza ao ver o olhar dela na direção da bolsa.

— Obrigada. — a voz dela era tão sexy quanto seu rosto incrivelmente lindo e ele se perguntou como conseguiria sobreviver ao resto da noite longe da mesa dela.

Que merda estava acontecendo com ele? Já esteve perto de mulheres bonitas antes. Droga, fez questão de ficar rodeado por mulheres bonitas. Então porque estar perto de Gabrielle o fazia se sentir como um adolescente estranho de novo?

Luca ouviu uma confusão na porta. Nico e os cabeças do grupo chegaram. Mesmo que os esperasse, ele estava quase irritado por ter que lidar com negócios em uma noite que poderia ser completamente prazerosa.

Depois de atender a mesa de Nico, Luca escolheu um vinho e voltou para a mesa de Gabrielle.

— Você não precisa perder todo o seu tempo com a gente — ela disse, olhando para a mesa dos homens no canto. — Tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer.

Luca franziu a testa, intrigado.

— Isto é o que homens fazem. Eles cuidam de suas mulheres, as mantêm seguras e lhes dão comida.

Os lábios dela se curvaram, animados.

— Talvez na idade da pedra. Hoje as mulheres podem cuidar de si mesmas.

Lucas girou a rolha da garrafa de vinho.

— Uma pena. As coisas eram mais fáceis naquela época. Você

via uma mulher de quem gostasse e se ela abrisse um leve sorriso era só pegá-la pelo cabelo e levá-la para a caverna para começar os trabalhos.

— Vou ter certeza de não sorrir perto de você. — os lábios dela tremeram nos cantos.

Luca soltou uma gargalhada.

— Tarde demais, *Bella*. Seu sorriso ilumina esse lugar.

Gabrielle corou de novo, as bochechas ganhando um tom delicado de rosa e ele estava sedento por mais. Queria saber como ela era, o que fazia para viver, do que tinha medo, como ganhou um tiro e qual dos pratos que indicou gostou mais. Não fazia sentido. Luca não costumava gastar tempo para conhecer a mulher com quem queria transar. Não havia flertes e nem conversas leves, não havia risco de se apaixonar por uma mulher que poderia traí-lo. Até aquele momento isso foi o suficiente, mas agora sentia vontade de ter algo mais.

Ele puxou a mão dela e levou em direção aos seus lábios.

— Eu me pergunto se você ficaria tão corada assim se te levasse para minha caverna essa noite...

Normalmente, isso era tudo o que bastava. Sedução era algo tão fácil quanto respirar para ele que não conseguia se lembrar de quando foi rejeitado. Então se segurou para não aparentar o choque quando ela negou com a cabeça.

— Você nunca saberá.

— Nós iremos para a boate Glamour hoje à noite. — Nicole disse. — Você já foi lá? É bem do outro lado da rua.

— Eu ainda não tive o prazer de ir. — ele não tinha interesse em boates onde todos estavam bêbados ou chapados e a música era tão alta que uma conversa era quase impossível. Luca preferia socializar em lugares mais íntimos, bares, cafés e restaurantes, o clube Toscani ou reuniões de família. Talvez fosse sua herança italiana que o fizera valorizar o calor e intimidade mais que a frieza do anonimato, mas se

o seu anjo estava indo para a Glamour, ele poderia esquecer esses problemas por uma noite.

— Que pena. — Nicole suspirou. — Nós não ouvimos muito sobre ela. Espero que não acabemos perdendo nosso tempo.

Com certeza elas não perderiam seu tempo, pois no minuto em que passassem pelas portas teriam metade dos homens em cima delas e a outra metade desejando estar nos lugares desses homens.

Luca as deixou, relutantemente, e se uniu a Nico e os capangas, mas ele sabia que não falariam de negócios antes que a refeição terminasse.

— Qual delas é minha? — Frankie perguntou a Luca quando se sentou. O moreno raramente passava noites com mulheres, pelo menos não que Luca soubesse. Se ele tinha uma namorada, mantinha isso em segredo, mas Luca não imaginava nenhuma mulher que desejaria passar algum tempo com alguém tão frio e duro como Frankie. O capanga de Nico era pior que um iceberg.

— Nenhuma.

— Eu vou ficar com a loira. Ela parece ser do tipo que grita.

Porra, Frankie estava tentando irritá-lo. Era muito esperto, pouca coisa lhe passava despercebida e Luca não fez nenhum esforço de esconder seu interesse por Gabrielle. Normalmente ele iria apenas ignorar, mas algo em Gabrielle ligava o lado possessivo dele e antes que pudesse perceber, estava quase do outro lado da mesa, segurando o colarinho da jaqueta de Frankie no punho.

— Vai se foder.

Os olhos de Frankie ficaram negros como a noite, e seus lábios se fecharam com um rosnado. Luca não precisava olhar para baixo para saber que a arma de Frankie foi apontada para ele por debaixo da mesa.

— Que porra é essa? — Nico gritou do outro lado da mesa. — O deixe em paz.

Luca soltou Frankie, o empurrando para longe.

— É por isso que temos os dez mandamentos, porra. — Nico lançou um olhar afiado para Frankie. — Dos quais um deles é não olhar para a mulher dos seus amigos.

— Ela é meio difícil de ignorar. — Frankie encostou as costas na cadeira e sua jaqueta rangeu quando ele cruzou os braços na frente do peito.

O sangue de Luca começou a pulsar mais forte quando ele olhou para a mesa de Gabrielle e percebeu que ela e as amigas estavam prestes a ir embora. Luca deu uma desculpa para Nico e a interceptou enquanto Gabrielle andava na direção da porta. Não conseguia lembrar a última vez em que teve de perseguir uma mulher e o pensamento de ir atrás dela fazia seu coração acelerar.

— Obrigada por essa noite maravilhosa. — ela virou o rosto em direção a ele já na saída e a mão dele se enrolou em torno da cintura dela como se pudesse impedi-la de ir embora.

— A comida estava maravilhosa. Foi muito gentil da sua parte nos oferecer o jantar. — o corpo dela estremeceu com o seu toque e Luca forçou ainda mais o aperto de sua mão, trazendo-a gentilmente para mais perto, a adrenalina ainda pulsava depois do desentendimento com Frankie. Os olhos deles se encontraram e o calor tomou conta do espaço entre eles.

— Luca. — ela soltou o nome dele em forma de suspiro e mordeu o lábio inferior.

Ele queria beijá-la, segurá-la, sentir seu corpo sexy junto ao dele. Com a mão livre, segurou o queixo dela e acariciou sua bochecha.

— *Non posso fare a meno di pensarti.*

Ele não estava mentindo. Luca não foi capaz de pensar em nada além dela desde o segundo em que a viu passar pela porta.

O rosto dela suavizou enquanto seu corpo se inclinava na

direção dele.

— O que isso significa? Tudo o que você diz em italiano soa tão bem.

— Você é linda. — ele se inclinou e beijou as suas duas bochechas, seus lábios acariciando a pele suave dela.

— Eu quero beijar essa sua boca linda. — Luca sussurrou.

Ele esperava que Gabrielle risse ou corasse e definitivamente o empurrasse. Mas ao invés disso, ela virou a cabeça o suficiente para que os lábios dele ficassem sob os dela e seu gosto o deixou em chamas.

O desejo atingiu a sua virilha, aquele beijo leve foi tão potente como se ela tivesse envolvido as mãos em volta do seu pênis. Seu braço a segurou pela cintura e a puxou para mais junto do corpo, selando a boca dos dois do jeito que ele queria fazer desde o momento em que entrou por aquela porta.

O mundo desapareceu. Nico e os capangas sentados na mesa perto do palco. Lennie correndo pelo lugar com os pedidos. Os garçons servindo. A recepcionista. Os clientes. A banda. Tudo desapareceu no instante em que ela gemeu o nome dele dentro de sua boca e se derreteu contra ele, os seios generosos se pressionavam levemente contra o peito dele. Se eles não estivessem no meio do restaurante, não teria se contentado com apenas um beijo. Droga, não estava disposto a parar por ali de qualquer jeito.

— Luca. — dessa vez o nome dele veio em um tom de aviso e quando ela ergueu a mão entre os dois, ele se afastou com um grunhido baixo.

— Isso é loucura. Eu mal te conheço. — ela sussurrou.

— Então fique. Comece a me conhecer.

— Eu não posso dar um bolo nas minhas amigas. — ela se inclinou e roçou os lábios nas orelhas dele. — E não sou tão fácil.

Luca ficou ofegante. Foi desafiante e completamente erótico, não

esperava por isso. Ele pensava nela como alguém doce e submissa, mas ela era algo completamente diferente.

Um mistério a ser resolvido.

Quatro

Glamour gritava Vegas.

Desde os grandes lustres pendurados até os assentos privados e a colorida pista de dança, a iluminação e os brilhos. A pessoa por trás da criação da boate tinha aspirações à grandeza e Gabrielle precisava admitir que eles fizeram isso com estilo.

Com um DJ decente no comando, a enorme pista de dança estava lotada, tornando fácil encontrar uma mesa vazia perto do bar.

— Meu Deus. — Cissy disse. — Eu nunca vi tantas pessoas bonitas. Por que não conhecia esse lugar?

— É um pouco contramão. — Gabrielle tirou um anel da bolsa. Ela achou que era exagerado para jantar, mas naquela boate, mesmo com aquele enorme e brilhoso par de brincos em formato de gota, pulseira de strass e o colar combinando, se sentiu malvestida.

— Eu tenho a impressão de que você irá voltar para essa parte da cidade com mais frequência. — Nicole deu-lhe uma cotovelada. — Nós ficamos fazendo o máximo de tempo possível no banheiro para te dar algum tempo sozinha com o seu príncipe da Máfia.

Gabrielle riu. Ela ainda estava se sentindo um pouco zonza por causa do coquetel e do vinho que Luca enviou para a sua mesa. E, meu Deus, aquele beijo provocante. A mão dela foi direto até a boca enquanto lembrava da leveza dos lábios e do tom sensual da voz dele...

Eu quero beijar essa sua boca linda.

— Ele não é um príncipe da Máfia. Só porque é italiano, não quer dizer que faz parte da Máfia.

— Você viu os amigos dele? — Cissy acenou para uma garçonete

que estava passando por perto e pediu uma rodada de shots de tequila. — Eram exatamente como eu sempre imaginei que mafiosos seriam. Um deles estava até usando um casaco de moletom com correntes de ouro no pescoço. E aquele cara lindo e alto que estava sentado na ponta da mesa tinha um guarda-costas.

— Não seja ridícula.

— Você precisa tomar cuidado com esses homens italianos. — Nicole continuou. — Eles nasceram para seduzir, foram criados para seduzir e morrem seduzindo enfermeiras no hospital. Eu não estou inventando isso, meu cunhado é de Roma e disse que é verdade.

— Mesmo se não for da Máfia, acho que você precisa tomar cuidado perto dele. — Cissy disse. — Ele tem um temperamento ruim. Depois que foi sentar com os amigos, o motociclista disse alguma coisa e Luca o agarrou e levantou o cara por cima da mesa. Pensei que começaria uma briga, de verdade. E aquela mulher de vestido verde estava encarando você de cara feia a noite toda. Dois pontos negativos contra ele.

Nicole reaplicou o batom. Ela escolheu deixar a boca em um tom nude para deixar o foco em seus olhos esfumados.

— Onde eu estava quando a briga aconteceu?

— Foi quase uma briga e você estava flertando com o cara dos vinhos.

— Eu gostei do cara dos vinhos. — Nicole guardou o batom. — Um cara que sabe de vinhos não vai perder seu tempo se masturbando com "Grandes paus dentro de garotas gostosas" ou "Piranha dos anéis" e isso seria legal para contar quando o apresentar para os meus pais. Eles pensariam que finalmente tomei jeito.

Cissy sacudiu a cabeça.

— Eu acho assustador o fato de você se lembrar dos nomes desses filmes pornôs que o Clint assiste.

— Acho assustador o jeito que o Luca deu em cima da nossa

garota. — Nicole disse, animada. — Pensei que eles iriam direto para a porta.

— Eu disse para ele que não seria tão fácil. — Gabrielle sorriu quando Nicole ficou de queixo caído. — Não acredito que disse isso. Não sou exatamente o tipo de mulher fatal. Mas tem algo nele que me faz querer ir devagar. Luca parece o tipo de homem que gosta de desafios.

— Ahhh... isso pode ser porque Luca tem escrito na testa "Macho Alfa". — Cissy disse. — Estou surpresa por ele não ter pegado no seu cabelo e te levado para a caverna dele depois daquele show que fez na frente dos amigos como se estivesse batendo no peito.

— Pensei que você era uma advogada e não uma antropóloga. — Gabrielle falou, mas Cissy estava certa. Luca transbordava poder e dominância. Ele era o tipo de homem que corre atrás do que quer e não deixa nada entrar em seu caminho.

— Você deu o seu número para ele? — Cissy pegou a carteira quando viu a garçonete se aproximando.

— Não. — Gabrielle tentou esconder sua frustração. — Luca não pediu e depois que disse para ele que não era fácil, eu não podia simplesmente pedir o número do celular dele.

Elas beberam os *shots* de tequila e foram direto para a pista de dança. Ainda zonza por conta do encontro com Luca, Gabrielle deixou de lado suas preocupações com o trabalho, a dor chata de seu ferimento e o lamento por David, e se perdeu na batida da música. Não conseguia lembrar a última vez em que saiu para dançar. Dez anos mais velho que Gabrielle, os dias festeiros de David já haviam acabado quando ficaram juntos e ela desistiu de sair com suas amigas para fazer companhia a David em ações policiais e jantares ou passava a noite relaxando com ele frente à televisão. Naquela época isso não a incomodava. David lhe oferecia o amor e segurança que precisava desde que a mãe faleceu, e o conforto da presença dele valia muito mais do que qualquer outra coisa.

Diferente da maioria das boates de Vegas, Glamour tinha

pessoas o suficiente para agitar a pista de dança, mas não chegava ao nível de não ter espaço para andar. Durante a hora seguinte, Gabrielle e suas amigas dançaram o hip hop do DJ-Spun e arrasaram enquanto cortavam qualquer tentativa de homens exageradamente amigáveis se aproximarem para conseguir uma ficada e observavam as roupas loucas que as pessoas mais jovens usavam.

— Eu acho que está na hora de voltar para o bar. — Nicole gritou quando o DJ colocou uma nova batida.

Ainda distraída com a adrenalina, Gabrielle não estava preparada para sair dali. Abriu a boca para protestar e fechou na mesma hora quando sua pele se arrepiou em forma de aviso. Depois de varrer a pista de dança com os olhos, ela os levantou para os espaços privados que pendiam sobre a pista.

Luca.

Um arrepio de excitação percorreu seu corpo quando o viu casualmente bebericando sua bebida, o olhar preguiçoso acariciando levemente sobre seu corpo. Ele estava olhando para ela com o mesmo interesse que mostrou a partir do momento em que entrou no restaurante.

Gabrielle tremeu diante da intensidade daquele olhar. Poder emanava dele. Poder controlado. Não porque era o único homem na boate usando um terno, mas por causa do jeito que o vestia: blazer desabotoado, camisa sem gravata, o colarinho aberto revelando seu pescoço e as linhas pretas de uma tatuagem. Havia algo selvagem sobre ele que o terno não era capaz de esconder. Luca tinha a arrogância de um homem que quebrou as regras e saiu impune. Um homem que não temia nada. Um homem muito, muito perigoso.

Tremores de aviso percorreram seu corpo, tornando-a muito consciente dos desejos obscuros, necessidades que nunca confessou, nem mesmo para David. Gabrielle não fazia ideia do que estava acontecendo entre os dois, nem do porque estava se deixando levar, mas o corpo dela foi alimentado pela coragem, o baixo ventre acordando, ela jogou o medo pelos ares e dançou para ele, sensual e desinibida, deixando a música levá-la.

Pensamentos loucos tomaram sua mente. Imagens de roupas rasgando, lábios e dentes e línguas, mãos firmes em seus seios, quadris, bunda. Uma lambida suave em sua pele. Gabrielle imaginou que ele teria a beijado no restaurante, devorado, tomado tudo que tinha para dar e ainda pedir mais. Luca poderia ter colocado as mãos por baixo de sua saia, pressionando no estômago dela a rigidez que vinha do desejo. E então a teria levado para um beco, rasgado suas roupas e fodido ela com força e brutalidade contra a gelada parede de tijolos, enquanto sussurrava lindas palavras italianas em seu ouvido.

Uma dor no estômago surgiu e se espalhou para os seus dedos das mãos e dos pés. Gabrielle nunca sentiu um desejo tão grande por alguém antes. Nunca quis um homem do jeito que queria Luca naquele momento. David foi um cavalheiro, um amante conservador, que nunca sentiu ciúme e que não estava interessado em brinquedos ou jogos ou em fazer amor em outro lugar que não fosse a cama. Mas mesmo que o aceitasse do jeito que era, uma pequena e traidora parte dela queria mais. Lá no fundo, em seus pensamentos mais secretos, queria ser dominada e possuída. Ela queria ser desejada por um amante, completa e urgentemente, ao ponto de nada impedi-lo.

Luca era esse tipo de homem. Gabrielle viu isso no jeito em que tocava a mulher do lado de fora do restaurante, no jeito que encheu o lugar sozinho apenas com sua força e presença, no jeito que a assistia. Ele era uma fera, cheio de poder e puro sexo. E ela queria que visse que, debaixo da superfície, também era feita de sangue quente e selvagem.

Cissy gritou e acenou com a mão no ar. Ela desapareceu no meio da multidão e voltou carregando um homem.

— Esse é o Ron, um amigo meu da faculdade de direito, — ela gritou por cima da música — Ron está aqui com dois amigos. Eles estão no bar.

Gabrielle olhou para cima, seus ombros caindo com desânimo quando ela percebeu que a área VIP estava vazia. Luca foi embora.

— Claro. Vamos.

Eles seguiram para o bar e Ron apresentou seus amigos, mas Gabrielle não conseguia prestar atenção na conversa. Continuou olhando para a área VIP, se perguntando se Luca reapareceria. Ele foi conhecer o lugar ou estava no meio da pista procurando por ela? Mas porque iria para lá por sua causa? Luca tinha aquela mulher com o vestido verde e um restaurante que o esperava.

— Você não parece estar se divertindo. — Ron disse enquanto seus amigos conversavam com Nicole e Cissy no bar. Suas pálpebras estavam caídas e ele claramente bebeu demais.

— Eu pensei ter visto uma pessoa. — ela forçou um sorriso. — É difícil enxergar direito com todas essas luzes.

— Cissy disse que você estava procurando por uma diversão esta noite. — ele passou o braço em volta da cintura dela. — Eu sou especialista nesses casos.

Ela reprimiu uma risada e afastou o braço dele.

— Não é o tipo de diversão que estou procurando.

— *Buonasera*, Gabrielle.

O coração dela pulou em uma batida animada com o tom profundo da voz dele. Gabrielle olhou por cima do ombro, o sorriso sumindo quando viu o rosto irritado. Esse não era o Luca que viu no restaurante. Os seus olhos estavam frios, escuros e focados no homem ao lado dela.

— Está acontecendo alguma coisa aqui? — Luca perguntou.

— Nada que eu não consiga dar conta. — ela sorriu para Ron. — Esse é o amigo que pensei ter visto.

O olhar de Ron se voltou para Luca e ele se afastou, claramente sem disposição para desafiar um homem que parecia estar apenas esperando por uma desculpa para enrolar suas mãos em volta da garganta de Ron.

Luca sorriu suavemente enquanto o observava se afastar.

— Sim, eu me lembro. Você me disse no hospital que sabe cuidar de si mesma, mas ainda assim levou um tiro.

— Tenho certeza de que Ron não tinha uma arma.

Luca enrolou as mãos em volta de sua cintura e a puxou para perto, um gesto possessivo que enviou um arrepio através de sua coluna.

— E se ele tivesse?

Cheia de adrenalina por ele ter ido encontrá-la, ela se inclinou e sussurrou no ouvido dele.

— Eu tenho uma também.

Ao invés de estar surpreso, ele murmurou um som que soava como uma aprovação.

— Garotas com armas estão no topo da minha lista de fantasias.

— Eu sou uma mulher, não uma garota.

Os olhos dele caíram na direção de seus seios e ela sentiu os mamilos ficarem enrijecidos.

— Sim, você é uma mulher. *Sei una donna molto bella.*

— Eu não sei o que isso significa, mas essas palavras soaram de um jeito sexy quando você disse.

— Você me acha sexy. — Isso era uma afirmação, não uma pergunta e ela riu quando um sorriso satisfeito cruzou os lábios dele.

— Sim, eu acho, mas suspeito de que você já sabia disso. Você poderia seduzir uma mulher sem nem ao menos abrir a boca.

As mãos dele desceram até a curva de sua bunda.

— Eu estou te seduzindo?

— Você quer me seduzir?

— Eu quero transar com você. — ele disse, sem rodeios.

Pega de surpresa por esse comentário ousado, Gabrielle não respondeu na mesma hora. Se Luca fosse qualquer outro homem dizendo que quer transar com ela depois de encontrá-la apenas duas vezes, riria dele. Mas aprendeu a confiar nos instintos e eles estavam dizendo que Luca não iria magoá-la. Por alguma razão inexplicável, Gabrielle estava completamente atraída por ele. E depois de dois anos sem sentir nada, as emoções e sensações correndo por seu corpo eram bem intensas. Por que não passar uma noite com ele? Uma noite onde poderia deixar a dor do passado e o estresse do presente para lá. Uma noite em que Gabrielle poderia fazer uma coisa que nunca teve coragem de fazer antes. Uma noite onde ela poderia viver, sentir, respirar de novo. Uma noite de paixão.

— E aquela mulher que vi você beijando do lado de fora?

Ele abanou a mão no ar com desdém.

— Aquilo foi um beijo de amigos. Nós não estamos mais juntos.

— Então acho que o seu desejo se tornará realidade. — ela inclinou a cabeça para o lado e ele depositou um beijo na curva do pescoço dela, enviando uma corrente de necessidade diretamente para o baixo ventre. Quem era essa mulher sexy e descarada e onde se escondeu durante toda a vida de Gabrielle?

Luca deixou sua mão escorregar até os quadris dela, roçando o polegar em sua barriga.

— Meu carro está lá fora.

A arrogância dele a divertia, mas ainda era um estranho e sua ousadia só ia até certo ponto.

— Quando saio com as minhas amigas, eu vou embora com as minhas amigas.

Ele não pareceu se incomodar.

— Área VIP. Lá em cima. Tem um quarto privado.

— Vamos! — antes que pudesse perder essa confiança recentemente descoberta, ela agarrou a mão dele e depois de algumas

palavras tranquilizadoras para Nicole e Cissy, o guiou através da pista de dança. Ou tentou guiá-lo. Mas ele se moveu suavemente ao lado dela e a puxou para si no meio de todos aqueles corpos.

— Vá ao banheiro. — ele murmurou no ouvido dela — E tire a calcinha.

Ela arqueou uma sobrancelha, chocada enquanto tentava conciliar aquelas palavras. Gabrielle nunca esteve com um homem tão dominador. Parte dela estava alerta para aceitar apenas um certo nível daquele jeito controlador, mas a outra parte, a parte que despertou quando Luca apareceu na boate, queria saber exatamente o quão controlador ele poderia ser.

— Por que você não faz isso?

Os olhos dele ficaram cerrados e ele a apertou contra si com tanta força que ela esqueceu como fazia para respirar.

— Porque no momento em que estivermos onde poderei te comer, não vou me segurar. Se você se importa com essa calcinha, você irá tirá-la. Senão, eu irei rasgar e só será um pedaço de pano no fim.

Meu Deus, Luca disse as coisas mais emocionantes que ela poderia ouvir. Era como se ele fosse roubado de suas fantasias e se tornado real. Gabrielle arrastou a mão pelo pescoço dele, se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Rasgue.

— Tão gostosa. — ele murmurou enquanto meio que empurrava a mão dela e ao mesmo tempo a guiava até o elevador de vidro.

O elevador os deixou em um corredor com seis cortinas. Luca a levou para a cortina mais distante e a afastou para que Gabrielle passasse.

Decorado com roxo e dourado, o espaço tinha um pequeno bar em um canto e um sofá no outro. Um tapete grande e roxo cobria o chão. Uma cortina separada levava para uma área parecida com uma

varanda em que se podia observar a boate. Ela puxou para o lado e viu Nicole e Cissy dançando com os amigos perto do palco.

— Você se sente segura, *Bella*?

Gabrielle olhou para uma cortina e depois para a outra. Sem portas. Nada para prevenir alguém de entrar ali além da corda dourada que Luca colocou para indicar que o lugar estava ocupado por alguém. Mas sentiu que essa não era a pergunta que estava fazendo. Luca queria saber se ela se sentia segura com ele. Um estranho virtual. Mesmo se o treinamento de polícia dela não tivesse lhe dado as habilidades para se defender em situações perigosas, a resposta seria a mesma, simplesmente porque ele pensou em perguntar.

— Sim.

— Qualquer pessoa pode entrar aqui. Você está tranquila em relação a isso?

Ela arrastou os dentes no lábio inferior. Tecnicamente, o que eles estavam fazendo era ilegal já que estavam em um lugar público e até mesmo em Nevada isso era considerado crime. Gabrielle nunca quebrou a lei, embora estivesse preparada para puxar o gatilho quando entrou no armazém procurando por Garcia se ele preferisse resistir à prisão. Gabrielle também nunca fez um sexo sujo e bruto em um lugar público com um homem que mal conhecia, mas estava quase delirando acordada com a sensação e nada poderia impedi-la agora.

— Sim.

— Levante o seu vestido.

O corpo inteiro dela sentiu a atenção que estava recebendo. Ninguém falou com ela assim antes, porém, queria mais.

Com o olhar preso no dele, subiu o vestido lentamente passando pelos quadris e Luca acabou com a distância entre eles.

Com o olhar preso no dela, ele arrancou sua calcinha.

Gabrielle ofegou quando o ar gelado encontrou sua vagina, mas não foi o suficiente para apagar o desejo que estava em chamas. Medo e excitação enviaram uma corrente elétrica para o seu cérebro, quase como se estivesse bêbada. Não havia como desistir agora e ela sentiu água na boca com a antecipação. Não conseguia se lembrar da última vez em que esteve com um homem. Suas poucas tentativas de fazer sexo depois da morte de David foram um desastre absoluto, desde as fotos desconcertantes de David pela casa, até os sentimentos de culpa por traí-lo e sua falta de atração pelos homens que levava para casa.

Mas não sentia nada disso agora. David não estava ali. Ela se permitiu aproveitar uma noite fora. E nunca esteve tão excitada como estava agora, seu sexo estava escorregadio e latejante, o corpo queimando com um calor que não tinha nada a ver com a sobrecarga de luz.

Luca arrancou o blazer e o jogou no chão. Uma das mãos se arrastou em torno de seu quadril para ir de encontro à sua bunda, enquanto a outra agarrou o cabelo, segurando as mechas com força. A puxou contra ele e inclinou sua cabeça para o lado, posicionando-a para receber o toque de seus lábios.

Ela queria isso, queria ele. Gabrielle enrolou suas mãos em volta do pescoço pressionando-se contra seu corpo quente, musculoso.

Ele a beijou com força, roubando o fôlego dela, sua língua varrendo a boca como se quisesse possuí-la. Não havia suavidade no beijo, nenhum toque de lábios ou sussurros contra sua pele. Seu beijo era cru e selvagem com a fome que ela também sentia.

Gabrielle aprendeu cedo como ser resistente e autossuficiente, o único benefício de ter de cuidar de si mesma quando o vício do irmão consumiu todo o tempo de seu pai e sua madrasta. Mas às vezes ela só queria deixar para lá e permitir que alguém assumisse o controle.

Com o corpo vibrando em antecipação, ela estendeu a mão para seu cinto. A mão dele cobriu a dela, segurando-a rapidamente.

— Tem certeza que é o que você quer, *mio angelo*? Porque gosto disso do jeito sujo. Tão sujo que você nunca vai voltar para o céu.

Ela gostou quando ele a chamou de anjo. Era como se enxergasse além de suas barreiras, como se visse a menina que foi antes que sua mãe morreu.

— Eu nunca fui para o céu. — ela abriu o cinto, esfregando as costas dos seus dedos sobre sua ereção, dura sob o tecido fino de lã. — Talvez você possa me levar até lá.

— Tão sedutora. — Seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Estou pronto para o desafio. — ele apertou a mão em seus cabelos e soltou a respiração quando ela puxou o zíper para baixo. O pênis, grosso e duro, parecia querer saltar da cueca.

— Coloque-o para fora. — ele rangeu, as veias dos pescoços estavam marcadas.

Gabrielle libertou o pênis e esfregou os dedos lentamente de cima para baixo em seu comprimento. Ele estava quente em sua mão e a pele era suave. Ela correu o polegar em torno da cabeça e o largou quando Luca soltou um rugido feroz.

— Vou enfiar os meus dedos na sua boceta até que a minha mão comece a pingar de tão molhada que você ficará. E você vai agarrar seus mamilos com esses dedos safados enquanto eu estiver fazendo isso. — com a mão ao redor da cabeça dela, ele a empurrou conta a parede.

— Se abra para mim. — ele a beijou, seus lábios estavam suaves e gentis enquanto ele abriu as pernas dela com força.

Qualquer pensamento coerente fugiu da mente de Gabrielle e ela tentou conciliar as sensações, mas quando os dedos dele encontraram o meio de suas pernas, parou de tentar pensar e se permitiu apenas sentir.

E, meu Deus, ela podia sentir. Tudo. O próprio polegar circulando seu mamilo. Os dedos duros dentro dela, a intensidade da língua dele em sua boca, o peso do coração, o sangue correndo em suas veias, sua vida pulsando sob a pele.

Ele empurrou o dedo, enfiando mais fundo.

— Você está tão molhada. Tão gostosa. Eu não precisaria te deixar mais pronta para mim, mas você pode ficar ainda mais. Me diz que pode.

Foi difícil encontrar as palavras, mas ela conseguiu dizer uma.

— Sim.

— Boa garota.

Boa garota. Geralmente essa frase a irritava. Era uma jogada poderosa, pura e simples, impondo que ela não era uma adulta. Essa frase era usada para diminuir, mandar e deslegitimar e ouviu isso muitas vezes. Mas naquele momento, com aquele homem que não fez nada mais do que lhe dar prazer, essa frase enviou uma vibração erótica através de seu corpo. Aceitar o sentido dessas palavras significava que estava desistindo do controle da situação. Mas não era só isso. Também estava atraída pela ideia de deixar um homem dominá-la completamente nessa questão sexual.

Ele enfiou outro dedo, esticando mais sua abertura, enchendo-a enquanto depositava beijos lentos em sua garganta.

— Aperte seu mamilo para mim. Devagar e com força.

Gabrielle fez o que mandou e ele rugiu com aprovação. Luca acrescentou o terceiro dedo, enfiando os três dentro dela com tanta força que as pontas dos dedos dele encontraram seu tecido sensível. A excitação dela aumentou e ela arqueou as costas, indo de encontro aos dedos dele mais rápido, procurando uma sensação de prazer ainda maior.

— Aperte os meus dedos. — ele murmurou. — Me mostre como você vai fazer comigo. Eu quero sentir essa boceta me envolver. Quero enfiar minha mão toda dentro de você.

Ela gemeu baixo, seu jeito sujo de falar funcionou.

Quando ele pressionou a palma da mão contra seu clitóris, fazendo círculos enquanto os dedos a invadiam, ela chegou ao clímax

e sentiu uma onda de calor como se estivesse pegando fogo. O corpo dela fraquejou e bateu a cabeça na parede soltando um grito que com certeza poderia ser ouvido mesmo com a música alta.

Luca se inclinou e a beijou, engolindo o som, mas seus dedos continuaram a se mover contra ela, impedindo-a de sair do transe.

— Não... eu não posso. De novo não...

— Sim, você pode. Eu posso sentir isso aqui embaixo. — os dedos dele chegaram sobre o "ponto G" e a excitação correu baixa e pesada em seu ventre.

— Meu Deus. — Ela se inclinou contra a parede, sua respiração ofegante e seu mamilo esquecido por conta da necessidade.

— Faz isso para mim. Quero sentir você gozar de novo. — ele impulsionou os dedos dentro dela e pressionou a palma da mão de novo contra seu clitóris e ela se desfez com o prazer que a consumia como um incêndio florestal.

— *Cosí Bella.* — ele sussurrou soltando beijos sobre seu pescoço e queixo.

Ela estendeu a mão em cima do peito e sentiu o coração pulsando tão forte quanto o dela, mas se sentia vazia por dentro.

— Mais. — ela sussurrou.

— Implore.

Gabrielle ficou tensa por um momento. Ela precisou lutar arduamente para ter respeito em seu trabalho, a demanda era tão grande que a consumia. Mas ainda assim, tomou a decisão de deixar a oficial Fawkes para trás quando concordou em ir ali. Apenas nessa noite, naquele lugar, podia ser quem quisesse ser. Podia realizar suas fantasias mais obscuras. Podia deixar tudo para lá e apenas ser Gabrielle.

— Por favor.

Ele grunhiu em aprovação.

— Por favor o quê?

— Por favor, me fode. — ela nunca pediu um homem para fodê-la antes e as palavras ficaram deliciosas em sua língua.

— Me deixa excitado ouvir você pedir desse jeito tão doce, *Bella*. — Luca procurou o bolso e puxou uma camisinha. Depois de arrancar com os dentes, ele jogou a embalagem no chão e a colocou. Então, as mãos dele se apoiaram embaixo de sua bunda e a levantou do chão, a apoiando na parede.

— Coloque as pernas em torno de mim.

Ela fechou as pernas ao redor do quadril dele e ele a invadiu com uma estocada forte, entrando nela até estar imerso em seu calor, preenchendo o vazio dentro dela.

Ele respirou, se recompondo.

— Tome tudo. Me sinta.

Ah, Deus. Ela o sentiu. Não apenas em sua vagina, mas em todo lugar.

Gabrielle arrastou suas unhas ao redor dos ombros de Luca e levantou seu quadril quando ele ia de encontro a ela. Os seus músculos saltavam contra a camisa, o corpo forte se aproximando mais, possuindo-a por dentro e por fora.

Ela amou o jeito sujo com que ele falava, o tom rouco, o calor do seu corpo, o cheiro do perfume, o jeito que a possuía, o jeito que o quadril dele encontrava com seu clitóris, deixando-a próxima do orgasmo que parecia ser impossível de acontecer. Tudo.

O sangue correu até sua cabeça e ela soltou um gemido rouco enquanto levantava os quadris, tentando fazer contato suficiente para chegar ao clímax.

— Se você precisa de algo, me peça. — ele parou e a encarou com os olhos selvagens exatamente do jeito que ela estava por dentro.

— Meu clitóris. Meu Deus, Luca. Me faça gozar. — Ela estava tão

perto que imploraria de novo se precisasse.

Os olhos dele brilharam e ele estendeu a mão entre os dois para esfregar o dedo suavemente contra o clitóris dela enquanto estocava cada vez mais fundo.

— Goza para mim. — ele rosnou. — Quero sentir sua boceta apertando o meu pau.

O clímax dela foi como um fogo em torno do comprimento duro dele. Ela apertou as pernas, os saltos cravando em sua bunda, a cabeça encostada na parede enquanto arfava contra ele, a vagina pulsando em volta de seu pau duro e grosso.

Luca mergulhou mais e mais nela, com uma força brutal e violenta. Os dedos dele apertavam a sua bunda, os quadris se aproximando e se afastando, até que ele endureceu e rugiu enquanto derramava seu líquido dentro dela.

A realidade bateu no momento em que ela encostou os pés no chão, deixando-a sem ar. Gabrielle acabou de ter um encontro sórdido e ilícito com um homem que mal conhecia simplesmente porque ele foi até a boate e disse que queria transar com ela. Não. Luca não disse que queria. Disse que iria. Como se soubesse que diria sim. Como se fosse uma conclusão óbvia. E talvez fosse.

Ela estremeceu e olhou para o minibar com o cristal de vidro, as garrafas perfeitamente alinhadas nas prateleiras, o espelho na parede que mostrava como estavam suados e desgrenhados, com os lábios inchados por causa dos beijos.

— Você está bem? — Lucas distribuiu beijos em seus ombros, o toque desses lábios causando um arrepio em sua espinha.

— Acho que sim.

Uma tensão tomou conta do ar entre eles. Luca se afastou e a ajudou a ficar firme sob os pés. Gabrielle cambaleou e ele a segurou com as duas grandes mãos em volta de sua cintura, um gesto curiosamente confuso para um homem que acabou de possuí-la tão forte que ela sabia que mesmo depois de alguns dias ainda

continuaria o sentindo.

— Eu estou bem. Obrigada. — Gabrielle se afastou, puxou o vestido para baixo, tentando conciliar como ela podia estar tão agitada e constrangida ao mesmo tempo. O que eles deveriam fazer agora? Sentar no sofá e tomar uma bebida? Estava um pouco tarde para tentarem se conhecer já que pularam as preliminares e foram direto para o ponto principal. Qual era o protocolo de como agir depois de um momento desses?

Gabrielle respirou fundo.

— Eu... hum. Acho que é melhor voltar para onde as minhas amigas estão.

Enquanto ele arrumava a sua roupa, ela pegou a calcinha rasgada do chão e colocou dentro da bolsa que nem lembrava de ter jogado no chão quando chegou ali.

— Foi bom te ver de novo. — ela disse depois do silêncio constrangedor e andou em direção à saída. De repente estava desesperada para estar perto de suas amigas e aproveitar uma noite comum com muita dança e bebida, se divertindo sem envolver um sexo sujo na área VIP com um homem que irradiava poder. Um homem que a atraía da mesma forma que a assustava. Um homem que não podia controlar.

— Essa não é a última vez. — ele se inclinou na direção do bar, seus olhos estavam escuros e sua expressão estava séria.

— Foi a única vez. — ela foi para o hall e pegou o elevador antes que a porta se fechasse.

Cinco

O alarme do telefone de Gabrielle soou às oito da manhã, acordando-a assustada. Mesmo depois de uma noite de bebedeira, ela teve que se levantar para levar Max para sua caminhada matinal ou ele estaria em seu quarto, puxando os lençóis com os dentes.

Gabrielle rolou para o lado, sentindo uma deliciosa dor entre suas coxas quando alcançou o telefone para desligar o alarme. O que estava pensando na noite passada? Ou melhor, estava pensando de alguma forma? Ela teve relações sexuais com um estranho em um lugar público. Oficial Gabrielle Fawkes quebrou a lei. Se alguém os tivesse apanhado, poderia ser acusada de “devassidão aberta ou suja” e “exposição indecente.” Um riso histérico borbulhou em seu peito. Ela nem pensou sobre os maiores riscos de sua atividade ilícita, ser expulsa do caso Garcia, ou ainda pior, perder o emprego.

E o engraçado é que ainda assim, se ela pudesse voltar no tempo, faria a mesma escolha.

Gabrielle sentou-se, afastando o edredom rosa e branco. Nunca teve relações sexuais assim na sua vida, nunca imaginou que o sexo poderia ser tão cru, selvagem e desinibido. A conversa suja dele fez ela ficar molhada, mas não tanto quanto a maneira como ele assumiu o controle.

Tire sua calcinha. Levante seu vestido. Implore.

Apenas o pensamento das coisas que ele disse mandou sua excitação a loucura. Ela levou a mão entre suas pernas, imaginou Luca tocando-a. Os dedos. Seu corpo. Suas palavras.

Quero foder você.

Quem disse isso e espera que isso aconteça? Será que ele sabia o que fez com ela?

Gabrielle alisou o dedo sobre o clitóris, e necessidade ricocheteou através dela. Ele deu-lhe um ano de fantasias sexuais em um único encontro. E não era apenas sua conversa suja. Era tudo nele: a maneira como a olhava, o modo como se movia, o seu magnífico corpo, sua voz profunda, a sua pura e absoluta dominância...

Pela primeira vez em dois anos sentia-se viva, e queria mais. Mais sussurros inapropriados em seu ouvido. Mais mãos ásperas pelo corpo. Se arriscar mais com um homem perigoso. Mais do que apenas uma fantasia.

Você precisa de algo, você me pede.

Mas não podia pedir a ele. Mesmo se quisesse o seu número, ela correu porta a fora antes que Luca tivesse a chance de perguntar, e Luca não foi atrás dela. Voltar para o restaurante estava fora de questão. Gabrielle iniciou esse encontro, mas não faria isso de novo, ou ele pensaria que era patética e desesperada. Luca poderia ter o poder na noite passada, mas ela tinha o poder de si própria.

Com a palma da mão contra o clitóris, introduziu dois dedos dentro de si mesma, lembrando cada detalhe da noite passada. O cheiro inebriante de sua colônia, as curvas dos ombros sob a camisa, o calor de seu corpo, os dedos grossos profundamente dentro dela...

Goze para mim.

Ela gozou com um suspiro, sua boceta apertando os dedos, o prazer ondulando para os dedos das mãos e pés. Se apenas o pensamento dele a deixou com tesão, o que seria a sensação de estar com ele todas as noites?

Saiu da cama e examinou o quarto. A luz do sol que saia por detrás das cortinas banhava todo o fofo tapete branco, passando os dedos preguiçosos sobre a estrutura da cama de ferro forjado, e móveis de segunda mão pintados em pastel verde e rosa. A casa de David era tudo robusto mobiliário em madeira escura, pisos de madeira e cores ousadas. Viril. Sólido. Estável. Construído para durar, como deveria ser. Ela levou a mão ao pescoço, mas seu

medalhão estava na cômoda onde Nicole deixou depois que chegaram em casa.

Ela seguiu o aroma rico de café na sala de estar, onde Nicole e Max estavam enrolados em frente à televisão no sofá vermelho fofo. Gabrielle e Nicole decoraram o pequeno Bangalô estilo anos cinquenta com uma variedade eclética de mobiliário de caridade e de brechós. Gabrielle vendeu todos os móveis de David junto com a casa, porque as memórias que traziam eram muito dolorosas para suportar.

— Bom dia. — Nicole deu a Gabrielle um aceno enquanto se dirigia para a cozinha. — Já levei Max para fora. A Sra. Henderson já estava de pé e regando seu jardim. Ela mencionou mais uma vez como está feliz de ter um policial vivendo ao lado. Você pensaria que a Sra. Henderson ficaria feliz em ter um negociante do cassino ao lado, também. Se ela alguma vez quiser ter uma noite na cidade, eu poderia mostrar-lhe alguns truques.

Gabrielle se serviu uma xícara de café e se juntou a Nicole no sofá. Elas tinham um bom relacionamento com sua vizinha idosa, que estava sempre feliz em cuidar de Max, e em troca mantinham um olho em sua casa e ajudavam com algumas tarefas quando ela não poderia sair.

— Você não parece estar sofrendo muito sobre ontem à noite. — Nicole olhou por cima do copo e sorriu. Gabrielle disse a Nicole e Cissy uma versão muito condensada do que aconteceu com Luca no andar superior da casa noturna e felizmente não a pressionaram para obter mais detalhes.

Max se moveu para pôr a cabeça no colo de Gabrielle. Ele foi encontrado dormindo em um colchão velho ao lado de uma lixeira depois que sua família se mudou e o abandonou. Leal, Max não poderia ser persuadido a ficar longe do colchão, pois cheirava como seus proprietários, mas quando um funcionário de um abrigo lhe ofereceu comida e água, a fome finalmente sobressaiu a sua necessidade de ser amado.

— Então, quando você está vendo o Sr. *Sex on a Stick* [10] de novo?

— Não vou. Foi uma coisa louca de uma noite só. Eu só precisava tirá-lo da minha cabeça. — ela tomou um gole de café, deixando o líquido amargo passar sobre sua língua enquanto sua mentira pairava no ar.

Nicole se esticou, colocando os pés sobre a mesa de café de carvalho desgastado.

— Você não consegue tirar caras como esse da cabeça. Eles te arruínam para todos os outros homens. Confie em mim.

— Estamos falando de Luca ou Clint?

— Clint. — Nicole disse preocupada alisando a barra já desgastada da camisola Cubs[11] que usava para dormir. — Vou vê-lo esta noite.

— Oh querida. Não. — o coração de Gabrielle apertou em seu peito. — Não vá. Clint provavelmente está assistindo "Pornocchio" ou "Grande Sexpectations". E provavelmente passou a noite com outra pessoa. Você sempre odeia a si mesmo depois de ir até lá. Você pode conseguir algo muito melhor que ele.

— Eu não sou forte como você. — Nicole levantou-se e atravessou o piso de madeira para a cozinha. Um pequeno balcão separava os dois ambientes, e ela serviu seu café do outro lado. — E não é fácil para mim encontrar caras. Todo mundo que encontro acaba por ser um fracasso. Pelo menos com Clint, sei o que estou recebendo. E ele estava muito triste da última vez. Clint diz que quer compensar esta noite.

Gabrielle não se sentia forte. Depois que David morreu, ela somente sobreviveu, tentando viver um dia de cada vez, até que conseguiu entrar no departamento de Narcóticos, e desde então viveu apenas por vingança.

---

[10] **Sex on a Stick** – Expressão utilizada para indicar uma pessoa com "sexo escrito na testa" ou "sexo num pau"

[11] **Cubs** - Time de futebol.

Pelo menos, até ontem à noite, quando Luca despertou algo nela que fez o mundo parecer brilhante novamente.

Gabrielle tirou Max de seu colo.

— Nós não trocamos números, por isso não vai acontecer. Além disso, ele provavelmente perderia o tesão se descobrisse o que faço para ganhar a vida. Luca era muito machão. É o primeiro cara que me fez me sentir feminina. Não me sentia assim desde que minha mãe morreu.

— Eu acho que viver em uma casa com três irmãos não lhe deu muitas oportunidades para conectar com o seu lado feminino. — Nicole pegou sua caneca e um muffin de mirtilo do recipiente no balcão.

— Não do jeito que fiz com a minha mãe. — Gabrielle suspirou. — Minha madrasta não era de coisas femininas tradicionais. E David era muito prático. Ele gostava do meu cabelo em um rabo de cavalo, para que não ficasse no caminho, e pensava que saltos eram para tolas. Se eu comprasse lingerie, me dizia que era um desperdício de dinheiro, porque só queria tirá-las de mim. Luca é quase o oposto total. Ele amou meu cabelo solto. Pensou que o vestido e saltos eram sexy. Não deveria ter gostado dele me chamando de anjo ou sussurrando coisas bonitas em italiano, mas gostei.

Nicole riu.

— Talvez você esteja certa. Seduzir mulheres é como respirar para homens italianos. A única maneira de saber se eles estão falando sério é se nos levarem para casa para conhecer sua mãe.

Max chorou na porta, e Gabrielle foi até a cozinha para lavar a xícara. Eles sempre faziam uma caminhada a essa hora nos fins de semana, e mesmo que tivesse saído com Nicole, ele aparentemente não queria quebrar a tradição.

— Também tenho Jeff para pensar. — disse ela. — Ele tem sido tão bom para mim, mas até conhecer Luca pensei que não poderia retribuir seus sentimentos, porque não superei David. Agora tenho certeza que é porque ele não é o cara certo. Preciso ter uma conversa

com Jeff e ser franca sobre como me sinto, assim não ficará esperando algo acontecer.

Se fosse esse o caso, ela cometeu um erro ao não dar a Luca seu número. Talvez acabasse de deixar o cara certo fugir. Ou não?

Esta não é a última vez.

* * *

— Então, para onde você desapareceu na sexta-feira à noite? — Mike levantou seu bastão de beisebol enquanto Luca bateu na porta de aço da Glamour. Paolo e Little Ricky, um soldado na equipe de Luca, ficou para trás no caso das coisas ficaram difíceis. Eles vieram para a boate a luz do dia para convencer o proprietário do Glamour, Jason Prince, que precisava da "proteção" da Máfia, e às vezes conversas de proteção nem sempre saiam como planejado.

— Vim aqui para verificar o lugar. — Luca viu a oportunidade de dinheiro fácil logo que ele entrou pela porta na outra noite. E dinheiro fácil era o que a Máfia mais gostava.

Uma garçonete muito jovem abriu a porta. Luca flertou com ela, e a garçonete levou-os através do clube para o escritório do gerente. Luca contou quatro bares no piso principal e mais dois no segundo andar do lado de fora das suítes privadas onde ele fez o sexo mais incrível com uma mulher que desapareceu como uma maldita Cinderela. Só que ela nem deixou para trás um sapato maldito para que ele pudesse encontrá-la.

Após a garçonete sair de vista, ele entrou no escritório de Jason. Sem bater. Nenhum aviso. No negócio de proteção, estabelecer o domínio e incitar terror no cliente eram fundamentais.

— Quem é você? — Jason se levantou de sua mesa, surpreendentemente ágil para um homem de meia-idade cuja barriga considerável estava esticando os botões de sua camisa vermelha brilhante. — Quem te deixou entrar?

— Que tal um pouco de respeito? Você está falando com o senhor Rizzoli. — Mike batia o taco contra a palma da mão enquanto

Little Ricky fechou a porta atrás deles, suas correntes de ouro ruidosas contra o zíper de seu agasalho esportivo. Macio e grande, Little Ricky sempre se vestia como se estivesse a caminho da academia, embora fosse o último lugar que fosse.

— Quem diabos é o senhor Rizzoli?

— Seu novo anjo da guarda. — Luca sentou na cadeira de couro macio a frente da mesa de Jason.

Jason gemeu.

— Eu não sou idiota. Sei que tipo de ajuda você tem a oferecer. Mas já estou pagando os albaneses para a proteção. Arbin e Jak. Você os conhece?

— Eu os conheço. — Luca sorriu.

— Mas creio que eles não serão capazes de ajudá-lo mais. Arbin e Jak tiraram umas férias permanentes. — malditos albaneses se moveram mais fundo em seu território do que ele percebeu. Luca nunca foi tão feliz da propensão de Frankie para os sapatos de concreto.

— Sinta-se livre para ligar para eles. Eu tenho todo o tempo do mundo. Little Ricky vai te ajudar e se certificar de que você está chamando os caras certos.

Relaxado, agora que sabia que involuntariamente tratou da concorrência, Luca colocou seus pés para cima. Ele tinha um novo par de Salvatore Ferragamos com uma fivela, a qual lustrou para a ocasião, embora não tivesse certeza se ele gostava da fivela ou não.

— Mike. O que você acha desta fivela? — Ele inclinou o sapato para que Mike pudesse dar uma olhada enquanto Jason fazia a chamada para um telefone celular no fundo do Lago Mead.

— Eu gosto, chefe.

Ele olhou para Jason, que ainda estava no telefone, e removeu um sapato.

— Do que você acha que a sola é feita, Mike? De uma batida.

Mike sabia o que fazer. Ele pegou o sapato e usou para bater numa jarra de vidro chique, um aviso para Jason apressar-se.

Jason congelou quando a jarra espatifou no chão.

— Oh, meu Deus! — ele gritou. — Essa era uma Chihuly. Paguei quinze mil por ela.

— Você foi enganado. — Luca pegou o sapato de Mike e colocou-o em seu pé. — Minha mãe tem taças mais agradáveis, e ela as comprou em um brechó por cinquenta centavos cada.

Ele levantou um dedo e Little Ricky avançou sobre o ombro de Jason e arrancou o telefone de sua mão.

— Ei! Me dê o meu telefone!

Luca sacudiu a cabeça.

— É uma área perigosa essa em que você vive. Você estava certo de procurar por proteção, mas você contratou os caras errados. Estou aqui para me certificar de que você obtenha a proteção que precisa a um bom preço.

O rosto de Jason fechou.

— Eu não posso pagar o seu tipo de proteção. O clube não está indo bem. Foi uma luta para pagar os albaneses. Se tiver problemas que não possa lidar, vou chamar a polícia. Eles vão vir de graça.

— Ele vai chamar a polícia. — Luca sinalizou com dois dedos, e Little Ricky esmagou o telefone de Jason com o sapato. — Isso vai ser difícil sem um telefone.

Luca abaixou os pés cuidadosamente, e se inclinou para frente, um sinal previamente combinado para que todos possam começar a destruir a sala.

Em poucos segundos, ele ouviu um estrondo atrás dele. E depois outro. Little Ricky derrubou algumas estátuas antes de se posicionar atrás de Jason, pronto para o próximo passo da diversão. Mesmo

Paolo, que muitas vezes era relutante em se envolver nos aspectos mais destrutivos do negócio, pegou um quadro emoldurado na parede, e esmagou-o no chão.

— Não. Não. Pare. Por favor. — Jason saltou de sua cadeira e sua voz subiu para um gemido. — Aqueles são insubstituíveis.

— Assim são os dedos. — disse Luca.

Little Ricky agarrou Jason por trás e forçou-o de volta em sua cadeira. Luca se inclinou sobre a mesa e agarrou a mão de Jason, espalhando seus dedos na superfície de mogno suave.

— Nós estamos oferecendo-lhe um bom negócio: o que você estava pagando aos albaneses mais dez por cento. Vai funcionar da seguinte maneira, você diz sim e mantém os dedos. Qualquer outra coisa que sair de sua boca aumenta o preço em vinte por cento e um dedo. Vamos começar com o dedo mindinho para você ter uma ideia de como vai ser.

Little Ricky puxou a faca, e um sorriso se espalhou por seu rosto. Ele era doente quando se tratava de persuasão.

O suor escorria da testa de Jason e seu corpo tremia.

— Sim. Sim. Ok. Eu vou fazer isso.

— Acho que vamos trabalhar muito bem juntos. — Luca soltou a mão de Jason. — Little Ricky estará vindo aqui toda semana para recolher o pagamento. Vamos receber o primeiro pagamento agora. Você tem dinheiro?

Jason empalideceu.

— Está no cofre. Não posso abri-lo, no entanto. É bloqueado por tempo.

— Não é um problema. Paolo é especializado em cofres. — Luca deu um tapinha no seu jovem aprendiz. — O que mais você tem aí?

— Fitas de segurança, contratos, joias e telefones encontrados na pista de dança...

Algo surgiu na parte de trás da mente de Luca. Um mistério a ser resolvido.

— Você tem imagens de todos que entram no clube nessas fitas? Tipo registros de identificação?

— As fitas são backups de arquivos digitais. — disse Jason. — Temos registros de identificação, também. O sistema de computador verifica *IDs* no banco de dados *ANGEL*, utilizada por todas as discotecas da cidade, para que possamos identificar baderneiros que foram expulsos de outros clubes.

— Parece que o *ANGEL* não ajudou muito bem porque ela me deixou entrar na noite passada. — Luca sorriu. Ele passou alguns meses na cadeia quando adolescente depois de ser pego dirigindo um carro roubado e atravessou a janela de uma loja de joias com uma arma escondida em sua jaqueta, para a qual não tinha uma licença. Com alguns outros associados da máfia para lhe fazer companhia, o tempo passou rapidamente, e saiu com um registo criminal que era um rito de passagem para um Homem Feito.

Anjo.

Cristo, ele não era supersticioso, não colocava muita fé na crença de sua mãe em sinais, mas como poderia ignorá-lo? Luca fez o sinal da cruz em si mesmo, o modo como sua mãe sempre fazia quando sentia-se abençoada, e fez uma nota mental para não fugir da igreja neste domingo.

— Quero ver os registros de segurança. — ele se inclinou para frente, tentando não mostrar sua excitação. — Estou procurando por uma mulher...

Mike bufou uma risada.

— Você está sempre à procura de uma mulher, chefe.

Luca sorriu.

— Esta mulher é especial.

Seis

Paolo parou o carro no estacionamento da casa de repouso Journeys End a norte de Las Vegas. Durante seis anos, ele fazia tarefas pequenas e o trabalho pesado para a família Toscani, mas na maior parte, trabalhou para o Sr. Rizzoli e seus comparsas. Paolo entregou pacotes, arrombou fechaduras, entregou mensagens, manteve um olhar atento, destruiu escritórios, e pegou e entregou comida italiana do Roberto Deli para os caras famintos que nunca poderiam ter uma reunião sem comida. Mas ele nunca recebeu um trabalho verdadeiro. Um trabalho que apenas os associados da máfia ou soldados fariam.

Até hoje. Sr. Rizzoli, pediu-lhe para fazer o trabalho de vigilância esta noite, e ele estava tão animado que tinha que dizer a sua mãe.

Paolo entrou no prédio cinza fosco, observando as manchas no tapete gasto, o papel de parede descascando nos cantos, e a janela de vidro suja em frente à recepção. Ele acenou para a recepcionista, e ela liberou sua entrada. Paolo conhecia a todos na casa de repouso e eles sabiam quem era porque vinha aqui uma ou duas vezes por semana pelos últimos dez anos.

Quando chegou à sala comum, viu sua mãe imediatamente. Ela estava sentada em sua cadeira de rodas perto da janela olhando para o estacionamento de concreto. Seu estômago retorceu, como sempre acontecia quando a via. Um dia, ele teria o dinheiro para movê-la para um lar agradável com as árvores e flores que sua mãe sentia falta na casa de infância em Oregon.

— Oi, *Mamma*. — ele ficou na frente dela porque ela não respondia quando as pessoas falavam, mas sabia que o viu, porque seus olhos se arregalaram levemente.

— Como você está? — ele franziu a testa quando viu arrepios em seus braços, o corpo tremia sob a camisola rosa pálido. Ela estava debruçada como uma pessoa de idade, embora acabou de completar trinta e seis, e o longo cabelo loiro era tão maçante que parecia cinza.

— Onde está o roupão que comprei para você? Será que o esqueceu em seu quarto? — ele deu um tapinha no braço.

— Eu vou buscá-lo. Já volto. — ele andou através do mar de cadeiras de rodas, congelando quando viu o roupão em uma mulher que jogava cartas.

— Aquela senhora está com o roupão da minha mãe. — disse ele à enfermeira supervisora da sala comum.

— Isso acontece muito. — a enfermeira deu a Paolo um sorriso simpático. — Ela não sabe que não é dela. Não há nada que possamos fazer. Tirá-lo dela seria contra as regras.

Paolo podia sentir seu temperamento subindo, então rapidamente se afastou. Seu pai, um executor da família do crime Falzone, também tinha esse temperamento, e não queria acabar como ele. Seu pai foi jogado na cadeia quando Paolo tinha sete anos por bater em sua mãe de tal maneira que ela sofreu danos cerebrais irreparáveis. Foi a última de muitas vezes e ele finalmente foi para a cadeia. A mãe de Paolo foi colocada em um lar para idosos, e ele foi viver com sua tia Marie.

Durante os primeiros anos, Paolo foi passado ao redor entre parentes, quando tia Marie se afastava a trabalho como aeromoça. Mas quando fez onze anos, ela decidiu que Paolo poderia cuidar de si mesmo, e ele acabou nas ruas depois da escola e nos fins de semana, executando pequenas tarefas para a máfia até que alguém trouxe suas habilidades de abrir cadeados à atenção do Sr. Rizzoli.

— Eu não posso encontrá-lo, *Mamma*. — ele abriu o agasalho novo que comprou esta tarde depois Sr. Rizzoli deu-lhe o trabalho de vigilância, não querendo constranger seu chefe, vestindo sua camiseta e calça jeans desgastados em negócios oficiais da Máfia.

— Você pode usar este até que te consiga um novo. — ele colocou o agasalho com capuz em volta dos ombros frágeis de sua mãe, e estremeceu em sua camiseta. O ar condicionado estava a todo vapor mesmo sendo outono. Eles estavam tentando congelar os moradores até a morte?

— As coisas estão finalmente melhorando. — ele se sentou em uma cadeira em frente à sua mãe.

— Sr. Rizzoli deu-me um trabalho importante hoje. Até me deixará usar um carro. — Paolo hesitou, esperando-a dizer algo, mas ela nunca falava, então ele continuou falando.

— Ele é um cara bom. Cuida dos companheiros, e protege as pessoas em seu território. E trata suas mulheres muito bem. Sr. Rizzoli diz que você tem que respeitar as senhoritas. Você não pode gritar com elas, e nunca deve bater nelas. Nem mesmo com uma flor.

Foi a atitude do Sr. Rizzoli em relação às mulheres que atraiu Paolo para longe da família do crime de seu pai, os Falzone, para servir aos Toscanis. Sua lealdade foi assegurada na semana depois que ele disse ao Sr. Rizzoli sobre seus pais, logo depois disso o pai foi misteriosamente espancado até a morte na prisão. Sr. Rizzoli nunca disse nada sobre isso, e Paolo não perguntou, mas não havia nada que Paolo não faria por Sr. Rizzoli depois disso.

Ele se inclinou para dar a sua mãe um abraço. Então se ajoelhou e enterrou o rosto em seu colo, terminando sua visita como sempre fazia, em lágrimas.

— Sinto falta de você, *Mamma,* mas as coisas vão ser melhores agora. Eu prometo.

Depois de sua visita, se dirigiu para o endereço que o Sr. Rizzoli lhe dera e estacionou na rua. Ele não sabia muito, exceto que o Sr. Rizzoli estava interessado em uma mulher chamada Gabrielle, e queria Paolo verificando seu lugar. O pequeno bangalô estava em um terreno de esquina cercada por uma espessa cerca. Pelas janelas escuras e a ausência de um veículo estacionado na garagem, ele assumiu que ninguém estava em casa.

Dez minutos mais tarde olhando para o bangalô, um elegante Audi TT prata entrou na garagem. Paolo pegou seu telefone e filmou a mulher e o homem sair do veículo. Ele reconheceu Gabrielle da fita de segurança que viu na Glamour. Paolo não tinha certeza do que o Sr. Rizzoli quis dizer quando lhe disse para verificar a casa, mas imaginou que Sr. Rizzoli gostaria de saber sobre o homem que Gabrielle estava. Ele saiu de seu carro e atravessou a rua, ocupando uma posição na calçada atrás da cerca, tentando parecer casual, como se estivesse jogando Pokémon Go.

Ele posicionou o telefone em uma lacuna na cerca. Gabrielle era muito bonita, mas não o tipo dele. Paolo estava de olho em Michele Benni, a filha de um dos soldados de Sr. Rizzoli. Ela tinha cabelos longos e grossos escuros, pele cor de oliva profundo, seios grandes e um corpo curvilíneo. Claro, seu pai não a deixaria namorar um civil, mas uma vez que Paolo tornou-se associado do Sr. Rizzoli, logo a chamaria para um encontro.

Ele ouviu passos, chaves chocalhando, o barulho de uma porta com tela, e um cachorro latindo no quintal. Silenciosamente, Paolo se aproximou para que pudesse ouvir.

— Obrigada pelo jantar, Jeff. — disse Gabrielle. — Foi bom sair. Não foi um choque total descobrir que eles iriam me transferir, mas ainda é incrivelmente decepcionante, e receber a decisão em um memorando...

— Estou aqui para esse tipo de coisas, querida.

Paolo empurrou o telefone mais longe através da cerca e olhou para a tela. Jeff era um cara grande, musculoso. Cabelo escuro. Pele bronzeada. pescoço grosso. Ele estava com a mão grande na porta da tela aberta e ficou de frente para Gabrielle na porta, como se quisesse entrar. Paolo conhecia a sensação. A primeira vez que caminhou com Michele para casa depois da escola, teve uma ereção que não queria abaixar. Paolo teria dado qualquer coisa para entrar com ela, mas seu pai veio até a porta, colocando um fim rápido para o problema nas suas calças.

— Vou entrar e me certificar que a casa está segura, e podemos conversar um pouco mais. — Jeff deu um passo adiante, e Gabrielle estendeu a mão.

— Obrigado, mas Max ficou sozinho o dia todo, e você sabe como ele é em torno de homens. Eu só quero levá-lo para uma caminhada e, em seguida, sentar-me com Max na frente da TV e relaxar.

— Pensei que você disse que Nicole iria dormir hoje à noite com o Clint. Você não deveria ficar sozinha. — Jeff inclinou-se e tocou a boca na dela.

Paolo exalou um suspiro. Ele esperava que o interesse do Sr. Rizzoli em Gabrielle não fosse do tipo de interesse que poderia matar Jeff por roubar um beijo. Homens feitos eram muito possessivos sobre suas mulheres. Um dos dez mandamentos da máfia era não olhar para as esposas dos amigos, o que era difícil de seguir, se o cara tinha uma bela mulher, muito mais difícil do que a proibição contra a associação a policiais.

— Não estarei sozinha. Eu tenho Max.

Como se ouvisse o seu nome, o cão latiu mais alto, o som perto de onde Paolo estava.

— Isso não é o que quero dizer, Gaby. — a voz de Jeff assumiu um tom bajulador que dava nos nervos de Paolo.

— Você mantém tudo para si. Você precisa de conforto. Precisa de alguém para abraçá-la. Estou aqui por você. Estive aqui para você durante dois malditos anos. Fui honesto com meus sentimentos, e nunca te forcei. — Jeff deu mais um passo em frente, mas Gabrielle não se moveu da porta.

— Tem sido longo o suficiente. — continuou Jeff. — Você tem que seguir em frente. Eu odeio dizer isso, mas estou feliz que eles te transferiram. É hora de olhar para frente e não para trás. Quero fazer parte desse futuro.

— Eu não vou desistir. — disse ela. — Não posso. Se não tiver esse arquivo, não tenho nada para viver.

— Você me tem. — ele tentou beijá-la novamente, e ela recuou.

Mais latidos do cão. Paolo desejou que ele pudesse latir também, e espantar Jeff. Paolo deveria fazer alguma coisa? Gabrielle claramente não estava interessada, e Jeff não estava recuando.

Paolo sempre se esforçou para fazer a coisa certa, mas ele era o cara mais azarado do planeta ou apenas tomava decisões erradas. Era o cara que aprontava no banheiro da escola enquanto o diretor passava, ou o cara que foi pego usando drogas em torno da única família criminosa que proibia o uso de drogas. Sr. Rizzoli era homem de um aviso. Ele deixou Paolo constrangido e disse-lhe para não mostrar sua cara, até que estivesse limpo. Envergonhado, que decepcionou o Sr. Rizzoli, foi para o primeiro programa de desintoxicação que o aceitou e ficou limpo de uma vez.

— Jeff. — a voz de Gabrielle teve uma ponta de advertência que fez o cabelo de Paolo arrepiar. Ele deu zoom na câmera, tentando ajustar para a luz fraca. Os braços de Gabrielle estavam cruzados sobre o peito, e Jeff pairava sobre ela, no que Paolo achava ser uma maneira ameaçadora para uma mulher de seu tamanho.

— Nunca te dei a entender nada. — ela disse, com voz vacilante. — Você tem sido um bom amigo para mim. Não acho que eu teria saído da escuridão sem você. Mas isso é tudo o que sinto por você. Amizade. Sinto muito, Jeff. Tenho pensado muito sobre isso, e não quero que você tenha a ideia errada sobre onde isso vai.

Jeff cortou com raiva.

— Você esteve com outros homens, Gabrielle. Por que não eu? Ninguém se preocupa com você do jeito que me preocupo. — sua voz se elevou tão alto que o coração de Paolo bateu mais forte em seu peito. Isso não era maneira de falar com uma mulher. Sr. Rizzoli ficaria horrorizado.

O cão se sentiu claramente da mesma maneira. Seus latidos eram altos e frenéticos agora. Paolo ouviu o arranhar das patas na porta perto de onde ele estava.

— Ninguém vai cuidar de você como eu. — a voz de Jeff ficou mais alta ainda.

— Ninguém entende o que você passou da maneira que eu entendo. Esqueça os malditos arquivos. Quero estar lá para você, Gaby. Me dê o que você dá a estranhos. Me dê uma chance para mostrar-lhe um futuro sem vingança. — ele colocou a mão na porta e se inclinou.

— Deus, Jeff. Não faça isso. — a voz de Gabrielle rachou, quebrou. — Agora não. Hoje não. Você é como um irmão para mim. Eu me importo muito com você, mas não desse jeito.

— Foda-se. — Jeff esmurrou a porta de tela contra a casa com tanta força que a quebrou uma de suas dobradiças, e o vidro estilhaçou.

O cão ficou louco. Paolo podia ver a cabeça e as patas, enquanto tentava saltar sobre o portão, e depois o nariz enquanto tentava se espremer por baixo. E o latir... qualquer pessoa com um cão sabe que algo estava errado. Paolo estava surpreso que ninguém saiu para ver o que estava acontecendo.

O coração de Paolo batia forte no peito. Jeff vai bater nela? Se o Sr. Rizzoli estava interessado em Gabrielle, ela estava sob a proteção de Sr. Rizzoli, e isso significava que Paolo tinha que agir em seu nome. Mas o que poderia fazer? Embora estivesse encorpando rápido fisicamente, não era páreo para Jeff que tinha pelo menos 50 quilos a mais que ele.

— Eu quero que você saia. Agora! — a voz de Gabrielle, agora fria e firme cortou o ar. Ela parecia mais irritada do que assustada, mas Paolo sabia exatamente quanto dano um homem irritado poderia fazer.

— Estou entrando, Gaby, e vamos conversar sobre isso.

— Eu disse que não. — ela bloqueou a porta, mãos para cima em um gesto protetor, rosto sério, as pernas afastadas. Gabrielle tinha um olhar feroz e determinado, e Paolo não podia deixar de admirá-la. Jeff era um homem muito grande e claramente não tinha

intenção de ir embora. Gabrielle não tinha nenhuma chance contra ele, mas não recuou.

Ele precisava agir agora. Agitado, enfiou o telefone no bolso de trás e agarrou a maior pedra que pode encontrar. Mirando o alvo, jogou tão forte quanto pode, a pedra bateu no para-brisa do Audi com um estrondo.

— Jesus Cristo. Que diabos foi isso? — Jeff virou e Paolo decolou em uma corrida.

— Vejo você filho da puta. — Jeff gritou. — É melhor você correr, porque quando eu te pegar, vou deixa-lo roxo. Vou causar-lhe tanta dor, você não vai nem mesmo ser capaz de implorar por misericórdia.

Paolo olhou para trás por cima do ombro e tropeçou no meio-fio, caindo de joelhos. Ele levantou-se e ficou chocado ao ver Jeff atrás dele e o alcançando rápido. Mas se aprendeu alguma coisa enquanto filho de um pai abusivo, era como correr. Paolo estava a um quarteirão inteiro a frente quando percebeu que seu telefone caiu do bolso quando tropeçou. Voltar não era uma opção. Ele só podia desejar que Jeff não o encontrasse. E se o fizesse, Paolo rezou para Jeff não o encontrar.

Sete

Gabrielle acordou assustada. Ela se sentou, espantando o sono, tentando descobrir o que a acordou. Então, ouviu Max latindo.

Gabrielle jogou um suéter sobre seu pijama e correu pelo corredor. Uma batida forte a porta e ela hesitou. Max nunca latiria para Nicole. Então, quem estava lá fora? Jeff? Deus, não queria ter que lidar com ele novamente esta noite.

Com o coração disparado, ela espiou pelo olho mágico, a respiração ficou presa quando reconheceu o homem do outro lado da porta.

— Luca?

— Gabrielle. Abra a porta.

Puta merda. Seu homem dos sonhos a encontrou.

Com uma mão firme na coleira do Max, ela abriu a porta.

Sem nem mesmo um olá, Luca passou por ela e entrou em sua casa. Ele estava vestindo uma camisa polo justa cinza escura, calças escuras perfeitamente passadas, e sapatos de couro brilhantes. Ele era muito rústico para ser lindo, mas sua masculinidade crua era totalmente convincente, ela não conseguia desviar o olhar.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para verificar você.

Max latiu e se esforçou para chegar a Luca.

— Está tudo bem. — Gabrielle se esforçou para segurar Max, fazendo carinho na cabeça com a mão livre. — Ele é um amigo.

— Deixe-o. — Luca abaixou-se com a mão estendida. Gabrielle soltou Max e ele cheirou os dedos de Luca. Um momento depois, seu cão de guarda parou de latir e abanou o rabo.

Ela deu uma bufada irritada.

— Você deve ter um cachorro.

— Tive dois quando criança — disse Luca. — Agora vivo em uma cobertura, e não acho que seria justo. Eles precisam de um lugar para correr. — ele se levantou, sua testa vincando em uma carranca.

— Você está sozinha?

— Sim. Nicole está na casa de seu namorado. — Ela levantou uma sobrancelha. — Como você me achou?

Seus olhos corriam ao redor da casa como se esperasse ver alguém saltar para fora das sombras.

— Eu tenho um amigo na Glamour que me deu as suas informações do banco de dados.

— Mas isso é ilegal.

Luca deu de ombros.

— Eu queria encontrá-la.

Tais palavras simples, e ainda carregadas com tantos significados. Não importa que quebrasse a lei. Luca queria encontrá-la, e ele fez isso acontecer. Fim da história. O que ela não daria para ter uma atitude tão arrogante.

— Por quê? Isso é outro *booty call*[12]?

— Pensei que você estava em perigo. — ele passou por ela e foi para a cozinha. Sem pedir permissão, verificou no armário de vassouras e olhou para fora da porta traseira.

---

[12] **Booty Call** – Uma ficada rápida, uma rapidinha, uma transa rápida

— Do que você está falando? Que perigo? — ela o seguiu de volta para a sala e viu quando ele percebeu a porta de tela quebrada.

— Como isso aconteceu?

A pele no pescoço de Gabrielle arrepiou, e ela foi até ele e colocou um dedo em seu peito.

— Você estava lá fora assistindo, quando Jeff estava aqui?

— Eu só cheguei há poucos minutos. — algo em sua expressão mudou, seus olhos castanhos afiaram, escurecendo, o transformando feral. — Quem é Jeff? Ele quebrou sua porta?

— Eu trabalho com Jeff, e sim, ele quebrou a porta. Estava... agitado.

Os olhos de Luca estreitaram.

— Eu estava agitado quando você se mandou da Glamour, mas não quebrei a sua casa do caralho.

— Ele quebrou uma porta, não a casa. — ela respondeu.

— Foi desrespeitoso.

Gabrielle supunha que era, mas realmente não deu muita atenção. Jeff estava chateado, e seu comportamento enquanto inaceitável, era atípico do homem que ela conhecia.

— Aparecer na minha casa às onze horas da noite também é. — disse ela, franzindo a testa para Max quando ele empurrou a bola para os pés de Luca. — As pessoas normais ligam durante o dia para marcar um café ou tomar uma bebida.

— Você não me deu uma escolha. Você fugiu e não me deu o seu número.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela baixou o olhar.

— Eu estava um pouco... sobrecarregada.

— Assim como eu. — disse ele suavemente.

Ele pegou a bola de Max e rolou pelo chão da sala de estar. Max deu um latido feliz e correu pela sala. Era difícil ficar irritada com um homem que era tão bom com Max, especialmente porque ficou claro após o veterinário ter verificado Max, que o seu beagle precioso teria poucas alegrias em sua curta vida.

— Ele gosta de você. — disse ela sem convicção. — Max é geralmente cauteloso em torno de homens. Quando o abrigo o encontrou, não comia se houvesse um homem na sala. Eu raramente trago homens para casa porque isso o perturba.

Luca deu um grunhido satisfeito.

— Eu estou contente de ouvir que não tenho nenhuma competição, exceto Jeff, o destruidor de portas.

— Você não parecia estar muito preocupado com competição na sexta-feira à noite. — brincou ela.

— Gabrielle. — ele respirou seu nome, e seus joelhos ficaram fracos. — Do jeito que você estava linda na sexta-feira à noite, você teve sorte que conseguimos chegar lá em cima.

Um sussurro escapou dos lábios, mas antes que ela pudesse responder, ele estava a meio caminho pelo corredor em direção a seu quarto.

Por que ela estava permitindo isso? Gabrielle não deixou nem mesmo Jeff passar da porta, e não tem um problema em qualquer situação. Mas uma parte dela queria Luca aqui. Gabrielle estava contente de vê-lo, tocada pela sua preocupação, e divertida por sua insistência em verificar sua casa por um perigo imaginário. Pelo amor de Deus, ela tinha uma arma e sabia como usar.

— Espera.

Claro, ele não esperou. Luca abriu a porta e entrou.

As bochechas de Gabrielle aqueceram enquanto seguia atrás dele. Tirando Jeff, que a ajudou a montar a cama, nunca trouxe um

homem a seu quarto, e era muito contraditório do rosto público que ela mostrava ao mundo.

— É meio menininha. — ela disse, com as bochechas vermelhas enquanto olhava em volta para os tons pastéis e rendas.

— É lindo. — disse Luca. — É você.

Um nódulo brotou em sua garganta, e se inclinou para dar um tapinha em Max, escondendo o rosto. Era ela. O ela que ninguém, além de Nicole e Cissy e sua mãe sabiam a respeito.

Luca estudou as fotos emolduradas em sua cômoda.

— Estes são seus pais? — ele pegou a única foto de Gabrielle e os pais juntos. Sua mãe estava em uma cadeira de rodas, mas forte o suficiente para querer ir a um passeio nas montanhas.

— Sim. Minha mãe morreu quando eu tinha nove anos. Câncer de mama. Espalhou-se antes de ser detectado. Ela adorava coisas rosa e roxo e coisas brilhantes e bonitas. Vivíamos no Colorado. Na época, eu não apreciava nossa cidade, mas era bela com suas florestas e lagos ao redor. Meu pai se casou novamente dois anos depois com uma mulher que tinha dois filhos, e nos mudamos para cá com o meu irmão.

Ela apontou para a imagem seguinte.

— Esse é o meu marido, David. E a imagem ao lado dele é meu irmão, Patrick. Ele morreu de overdose de drogas.

Ele pegou a imagem de David e ela sentados juntos em uma festa na piscina, que um amigo fez durante o verão.

— Você já sofreu bastante perdas.

— É a vida, eu acho. Apenas chato quando todas as coisas ruins parecem acontecer com você.

Ele estudou-a por um longo momento, e levantou a última imagem, tirada apenas algumas semanas antes de David morrer.

— Quem é?

— Este é Jeff com David e eu. Ele era o melhor amigo de David.

— Jeff que quebrou sua porta? — ele ficou irritado e colocou a imagem para baixo com um baque firme.

Gabrielle se sentou na beira da cama e brincou com fio solto de seu edredom.

— As coisas são complicadas entre Jeff e eu.

— Você está fodendo com ele?

— Você está sendo muito bruto. — ela atirou de volta. — E não que isso seja da sua conta, mas não. Não estou transando com ele. É meu amigo. Jeff me ajudou a atravessar um momento difícil após David morrer.

— Porque ele queria transar com você.

Ela deu um gemido irritado.

— Luca. sério. Você tem que ser tão direto? Não era assim. — pelo menos ela não pensava assim. E a primeira vez que ele a beijou, se sentiu curiosamente traída. O que pensava que eram atos altruístas de amizade acabou por ser um meio para um fim.

— O que aconteceu hoje à noite? — Ele se encostou na cômoda, cruzou os braços.

Ela encolheu os ombros.

— Disse-lhe que não estava interessada em um relacionamento com ninguém. Não posso perder alguém o qual ame, de novo. Três vezes foi suficiente. E você não sabe toda a minha história, mas não tenho mais nada para dar a alguém. Estou quebrada. Ele poderia ter alguém melhor do que eu.

— Então, ele quebrou sua porta. — disse, impaciente, como se ela não entendesse a importância do que Jeff fez.

— Um homem que não respeita você não é digno de você. — Luca segurou seu queixo na mão e inclinou a cabeça para trás, sussurrando em italiano.

A tensão a deixou de imediato, seu corpo aquecendo todo.

— O que isso significa?

Ele se inclinou e beijou-a, seus lábios quentes e macios.

— Traduzindo por cima, significa que você é meu anjo. O paraíso está nos seus olhos. Estou deslumbrado com você.

— Oh. — sua respiração deixou-a e o beijou de volta.

Nascido para seduzir. Criado para seduzir. Vive para seduzir.

As palavras de Nicole dançavam em sua cabeça, mas ela não se importava se ele deu a mesma cantada para cada mulher que conheceu. As palavras a fizeram se sentir bonita, feliz e tão bem por dentro que queria explodir. Mesmo que Luca fosse embora agora, Gabrielle se lembraria do som de sua voz e como suas palavras a fizeram sentir.

* * *

Porra!

Ela era tão sexy, mal podia pensar. Luca aprofundou o beijo e Gabrielle se derreteu contra ele, esmagando os seios macios contra seu peito. Os quadris indo contra seu pênis, dolorosamente ereto sob a braguilha, ele gemeu. Tomando o beijo como um sinal que suas intenções eram bem-vindas, Luca a levantou facilmente e levou-a para a cama.

— Espere.

Porra. Não. Ele não queria esperar. não podia esperar. Algo sobre esta mulher chamou-o de uma forma que não conseguia entender. Luca não se relacionava ou até mesmo repetia mulheres. Queimado uma vez, cicatrizes para sempre. Ele gravitava em torno de mulheres que compreendiam o significado de uma noite só e sexo sem sentido. E depois saiam porta a fora.

Rangendo os dentes contra uma onda de necessidade, ele parou perto da cama.

— O que há de errado?

— Max. Ele está latindo. Algo está errado lá fora.

Luca baixou-a no chão, ouvindo os latidos frenéticos de Max. Mesmo nunca tendo um beagle, ele conhecia um aviso quando ouvia um.

— Fique aqui. — Luca estendeu a mão, a mandando ficar.

— Você fica aqui. Eu tenho uma arma. — ela puxou uma arma de sua mesa de cabeceira enfiada em uma revista. Alarmado, Luca puxou sua própria arma do coldre.

— Eu também estou armado, *Bella*. Fique.

Ele franziu a testa quando ela continuou se movendo. Luca estava acostumado a obediência. Não estava acostumado com mulheres fortes, rebeldes empurrando-o de lado para sair pela porta.

Mas quando o primeiro tiro ricocheteou pelo corredor, ele não pensou. Jogando-se em Gabrielle, derrubou-a no chão, assim que a casa estremeceu do baque rítmico de uma arma automática.

— O que diabos foi isso?

— AK-47 a partir do som. — ela soltou uma respiração pesada. — Max está lá fora. Eu tenho que pegá-lo. Ele vai ficar com medo.

— Max estará escondido. Estará mais seguro onde está. E você está mais segura onde você está. — Luca mudou o peso de um braço, tentando manter seu corpo coberto enquanto ele apontou a arma para o corredor.

— Permita-me sair. Max pode ser ferido. — Gabrielle lutou contra Luca, mas ele deixou cair o seu peso, prendendo-a no chão.

— Se é uma AK-47, então está quase sem balas. A capacidade do compartimento padrão é de trinta rodadas. — adrenalina bateu nas veias de Luca tão forte que ele mal podia ouvir. Raramente se encontrava em uma situação onde tinha tão pouco controle.

Ela torceu debaixo dele, e empurrou seu joelho entre suas pernas. Estrelas explodiram em sua visão. Não há mais necessidade de preservativos, nunca mais. Essa parte de sua anatomia não está mais em condições de funcionamento.

— Max! — ela se contorceu se distanciando, enquanto ele ainda estava se perguntando se isso era o fim do nome da família Rizzoli.

— Gabrielle. — gemendo, uma das mãos em sua virilha, a outra sobre a arma, ele a seguiu pelo corredor. Ela era claramente experiente com este tipo de situação. Gabrielle se manteve abaixada, de costas para a parede, arma pronta. Luca tinha uma vaga lembrança de uma discussão entre ambos sobre armas no hospital, e uma enorme sensação de repugnância que os homens onde esteve não a protegeram.

Mas Gabrielle não lhe contou o por que estava carregando uma arma. Ou como foi baleada. Ou o que fazia para viver que significava que ela estava em posição para sofrer um ataque. Luca lamentou ter ignorado as perguntas importantes da última vez que se encontraram e terem mergulhado direto para a sobremesa. Independentemente disso, ele era um homem. Esta era sua situação para lidar. Sua mulher não arriscaria sua vida enquanto estava aqui para defendê-la.

— Gabrielle. Pare.

Mas, é claro, ela não parou. Continuou andando por toda a sala de estar agachada, tentando convencer Max a sair do canto onde estava escondido. Sem escolha a não ser cobri-la, ele correu para fora, colocando-se entre as janelas quebradas e a mulher corajosa no chão.

O suor escorria na testa de Luca. Ele olhou pela janela e viu duas figuras sombreadas na rua. Foi Jeff e um amigo? Que tipo de louco fodido atiraria em uma casa dessa forma? Não fazia sentido, mas se eles não estavam saindo, então estavam recarregando, e isso significava que Gabrielle não tinha muito tempo.

— Max. — ele olhou para o cão, apontou para Gabrielle e usou sua voz dominante, o tom que manteve seus soldados e associados na

linha e deixava o mundo saber que não era um homem para brincadeiras. — Vá para Gabrielle. Agora!

Max atravessou a sala e foi para os braços de Gabrielle. Luca sentiu uma pequena quantidade de satisfação que, embora não pudesse fazer com que sua mulher obedecesse, ele poderia pelo menos comandar seu cão.

— Volte para o quarto, *Bella*. — ele ficou em posição, mantendo vigia enquanto ela entrava puxando Max pelo colarinho com uma mão e segurando a arma na outra. — Quem iria atirar em você? É Jeff?

— Jeff? — ela bufou uma risada. — Não. Ele é um policial, e um amigo. Estava chateado, mas não viria à minha casa com uma AK-47 tentando me matar. Eu tenho certeza que tem a ver com o caso que fui afastada. Aquele que me mandou para o hospital onde conheci você. Nós estávamos atrás de um cara muito ruim.

Policial. Amigos. Caso. Cara mau.

Luca leu entre as linhas e não gostou da história. Ele também sabia de um monte de "bandidos". Caras muito ruins. Entendia como eles pensavam e como operavam. Luca não podia pensar em qualquer "cara mau", que viria a uma área residencial à noite e tentar fazer um acerto com um AK-47 a partir de fora de uma casa. O risco de ser pego era muito alto. E era estúpido. Havia pouca chance de acertá-la enquanto estava lá dentro. E se fosse um aviso, por que o risco de matá-la?

Outra rodada de tiros quebrou o silêncio. Gabrielle se jogou para baixo, cobrindo Max com seu corpo. Segundos depois, Luca foi atrás deles, incitando-a de volta para o quarto enquanto ele cobriu-os por trás.

Vidro quebrado, madeira lascada, e uma bala navegou através do corredor e bateu em sua porta.

— Entra no quarto. — Luca gritou acima do barulho.

— Não vou ser a vítima enquanto alguém atira contra a minha casa. — ela soltou Max e lhe deu um empurrão em direção ao quarto. — Você liga para o 911, e eu vou sair pela porta dos fundos e dar a volta no quarteirão para que possa vir para cima deles por trás.

— Não. Você liga para o 911, e eu vou sair pela porta dos fundos.

Ela deu um gemido irritado.

— Tenho uma arma, Luca. Isto é o que eu faço para ganhar a vida.

— Qual é a sua profissão?

— Eu sou uma policial.

Luca congelou, seu corpo ficou rígido no chão, e nesse momento, ela desejava que não tivesse contado a ele. Luca viu Gabrielle a mulher. Agora só veria a Gabrielle que todo mundo sabia: o rosto público que usou para se encaixar e mascarar a dor interior.

— Você é uma policial?

— Detetive. Como você acha que eu acabei levando um tiro?

— Pensei que você fosse vítima de um assalto. — ele bateu o punho contra o chão. — Jesus Cristo. Por que você não me contou?

Ela se irritou com sua raiva.

— Você não perguntou. Você estava muito ocupado me fodendo. Agora, ligue para o 911. Meu telefone é na sala de estar. Eu não posso chegar a ele.

— Não estou chamando o 911. — disse ele enfaticamente. — Vou ligar para alguns amigos meus.

Ela olhou para ele horrorizada.

— Que tipo de amigos vão assustar caras com armas automáticas? Eles não atiraram seiscentos cartuchos de munição contra a minha casa, porque querem roubar meu trocadinho. E seus amigos não vão chegar aqui mais rápido do que a polícia.

— Mantenha a calma. — ele colocou o telefone no ouvido. — Estou lidando com isso.

Que porra estava errada com ele? Luca iria matá-los com sua besteira machista.

— Fique calma? Você está falando sério? — sua voz subiu de tom. — Você me vê gritando e correndo por aí? Não. Você é o único que precisa manter a calma.

— Confie em mim, *Bella*.

— Confiar em você? — sua voz subiu de tom. — Você ilegalmente obtém minha identidade de um banco de dados e aparece na minha casa no meio da noite. E agora você está telefonando para um amigo em vez de discar 911. Isto não é "Quem Quer Ser um Milionário". Se os caras lá de fora não acertarem uma bala em você, eu vou.

Outra rodada de balas atingiu a casa. Ela se deitou no chão segurando Max até a rodada parar.

— Luca. — ela levantou a cabeça, olhou para o corredor. Ele estava imóvel no chão cercado por vidro estilhaçado.

Silêncio.

Ela teve um flashback da noite que encontrou David e seu sangue gelou.

— Luca? Você está bem? Oh Deus. Diga algo.

— Você disse que queria colocar uma bala em mim mais cedo. — disse ele secamente, olhando para cima. — Pensei em ficar deitado quieto e fazer o seu sonho se tornar realidade.

— Foda-se. — ela soltou uma respiração irregular. — Isso não foi engraçado.

Sirenes soaram na noite, e ela afundou de volta contra a cama. — Alguém finalmente ligou para o 911.

— Muito ruim. — ele guardou a arma. — Teria gostado de lidar com os bastardos eu mesmo.

Sem dúvida. Ele era o autoconfiante, o homem mais confiante que já conheceu, e ela trabalhou em um ambiente onde a confiança e machismo eram abundantes.

A polícia chegou alguns minutos depois. Depois que eles confirmaram que a área estava segura, dois oficiais escoltaram Luca, Max, e Gabrielle para fora da casa.

— Gaby! — Jeff correu em sua direção e ela se preparou para esconder seu choque. Que diabos ele estava fazendo aqui?

— Eu estava de plantão e ouvi o seu endereço no rádio da polícia. Sorte que estava por perto. Você está bem? — ele passou os braços em volta dela e abraçou-a com força. — Vim o mais rápido que pude.

Algo que soou suspeito como um grunhido veio do fundo do peito de Luca. Alarmada, Gabrielle se afastou, colocando alguma distância entre ela e Jeff.

— Estou bem.

— Eu deveria ter ficado aqui. — Jeff estendeu a mão para ela novamente. — Podia sentir que algo estava errado. Não deveria ter deixado você me afastar.

Gabrielle deu um passo para trás para o calor sólido do corpo de Luca. Antes que ela pudesse se mover, ele a puxou para o seu lado e deixou cair o braço sobre os ombros.

Foi um movimento puramente possessivo, de natureza primal. Sinos de alerta tocaram em sua cabeça, mas eles foram abafados pela emoção inexplicável de ser tão abertamente reivindicada, apesar do fato de que ela era uma policial e claramente capaz de cuidar de si

mesma. Gabrielle nunca teve qualquer dúvida de que David a amava, mas ele nunca espantou os outros homens.

O rosto de Jeff se apertou.

— Quem é ele?

— Luca. — e então, porque Jeff parecia tão surpreso, ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça. — Ele estava no quarto comigo quando o tiroteio começou.

Coisa errada a dizer.

O rosto de Jeff escureceu. Tensão engrossou o ar entre eles. Max apertou-se contra suas pernas, e rosnou.

— Então é por isso que você não queria que eu entrasse? — Jeff cuspiu. — Você foi jantar comigo, mas você passou a noite com ele?

— Não é assim.

— Bem, o que é? — ele gritou. — Espero mesmo que seja um caso de uma noite porque você disse que não queria um relacionamento com ninguém. Você disse que nunca superaria David. Era uma mentira? Você quis dizer que não eu? Depois de tudo que fiz para você? Você me deve, Gaby.

O corpo de Luca ficou rígido ao lado dela, e quando ela olhou para cima, viu sua carranca transparecer algo perigoso.

— É este o Jeff que quebrou sua maldita porta?

— Sim, mas...

O punho de Luca disparou antes mesmo que ela percebesse que ele se moveu. A cabeça de Jeff estalou para o lado com a força do golpe, mas ele foi rápido para retaliar com outro soco.

Gabrielle se jogou nas costas de Luca, colocou os braços em volta do peito e gritou em seu ouvido.

— Pare, Luca. Ele é um policial. Eu não quero que você acabe na cadeia.

Ele estremeceu, e ela podia ver o pulso batendo em seu pescoço.

— Ele quebrou sua porta, a ameaçou, desrespeitou você, reivindicou que você...

Dois dos oficiais presentes a ajudou a arrastar Luca e Jeff a distância. O cérebro de Gabrielle entrou em combustão, enquanto tentava pensar em uma maneira de garantir que Luca não deixasse sua casa na parte de trás de um carro da polícia.

— O que você estava pensando? — ela limpou o sangue no canto da boca de Luca com um tecido.

— Ele desrespeitou você.

— Violência não é a solução. — ela disse isso porque tinha que dizer, mas uma pequena parte dela sussurrou que Jeff mereceu, e agora a justiça foi feita. E ainda outra pequena parte emocionada que Luca tão intensamente a defendeu mesmo sabendo quem era e o que fazia para viver.

— Ele quer o que é meu.

Ele ainda estava cheio de adrenalina da luta, ela percebeu. Veia pulsando em seu pescoço, braços grossos dobrados, o olhar ainda seguindo Jeff que estava com um dos médicos recém-chegados, segurando um bloco de gelo contra o maxilar.

Deliciosamente, brutalmente masculino, dando água na boca.

— Eu não sou sua. — ela disse, mantendo a voz baixa para que só ele pudesse ouvir. — Tivemos relações sexuais. Uma vez. Isso é tudo. Não estou interessada em qualquer outra coisa. Não achava que você estivesse interessado.

Os olhos dele brilhavam com um calor feroz, e a sua mão disparou, enlaçando em seu cabelo. Ele puxou a cabeça para trás e reivindicou sua boca em um duro beijo feroz, sujo com uma mensagem por trás dele que ninguém no gramado podia ignorar.

— Você pensou errado.

Que porra estava errado com ele?

Luca se apoiou contra a van da polícia, os braços cruzados, olhando para Jeff enquanto o policial ouvia a declaração de Gabrielle. Ele começou uma briga com a porra de um policial. Na frente de outros policiais do caralho. Por uma porra de policial.

Todo homem feito se comprometia a defender os dez mandamentos que eram orientações para uma boa, respeitosa e honrosa conduta para um mafioso. Muitas das orientações não eram seguidas e sanções eram leves. Espertinhos iam regularmente para pubs e clubes, mentiam, desrespeitavam suas esposas, e chegavam atrasados para compromissos. Alguns até tiveram casos com as esposas dos outros homens de honra, embora a justiça nesses casos era dispensada pela parte lesada, e geralmente resultava em morte. Mas as regras que impedem associações com policiais eram mais graves. Elas existiam para proteger a família do crime e garantir que informações, potencialmente prejudiciais, não seriam passadas para a polícia.

Família era tudo.

Luca não sabia o que aconteceria se alguém descobrisse que estava com Gabrielle, mas ele estava bem certo de que não obteria apenas um tapa na mão. Havia apenas três punições para um homem feito que quebrasse as regras. Primeiro, poderia ser “quebrado”, que era um rebaixamento. Neste caso, Luca seria rebaixado de capo para soldado, perderia a sua tripulação, o respeito de seus homens, e os privilégios na administração familiar. Em segundo lugar, poderia ser “perseguido”, uma forma de banimento em que ele seria impedido de fazer negócios com quaisquer homens feito e uma punição que era considerada misericordiosa, porque a terceira opção era a morte.

E o que dizer da sua luta em restaurar a honra da família? Tal pai, tal filho, a família diria, e o nome Rizzoli seria riscado dos livros

Cosa Nostra para sempre. Luca não tinha um verdadeiro filho para continuar o legado da família Rizzoli, transmitida ao longo das gerações de primeiro filho para primeiro filho. Embora ninguém soubesse que Matteo não era realmente seu filho, Luca morreria sabendo que a linhagem Rizzoli terminou com ele e na desonra.

Então por que ele não foi embora?

Depois de mandar mensagens para Mike e Little Ricky para se retirarem, ele deu a sua afirmação como o bom cidadão que fingia ser. Gabrielle conseguiu acalmar as coisas e convencer Jeff a não prestar queixa. Observá-la em ação foi a única coisa boa sobre a experiência. Ela estava confiante, assertiva, e não tolerava merda de ninguém. Luca era um cidadão, Gabrielle disse, dono de um restaurante não acostumado a violência e traumatizado pelo tiroteio. Ela exagerou. Certamente Jeff conseguia entender, e se não entendesse, talvez iria, quando ela prestasse queixa contra ele por quebrar a porta.

Traumatizado. Não acostumado à violência.

Teve que lutar contra uma risada. Se ao menos ela visse o que Luca e Frankie fizeram a esses dois albaneses há algumas semanas. Agora, aquilo foi traumatizante para os albaneses, não para ele.

Então, agora ela estava falando com três policiais do sexo masculino. Luca não gostou de como eles estavam olhando para ela. Mas Gabrielle estava mais segura com eles do que com aquele filho da puta, Jeff.

Como se soubesse o que Luca estava pensando, Max rosnou ao seu lado. *Cachorro esperto*. Luca se abaixou e acariciou sua cabeça. Luca aprendeu cedo a confiar em sua intuição e ela lhe disse algo sobre Jeff estar errado, e não foi apenas sobre o quanto ele queria Gabrielle.

E o cara, ele queria ela muito.

Quase tão ruim quanto Luca queria. Mas nunca poderia acontecer. Ela era uma policial. Ele era da Máfia. Hora de esquecer o seu belo anjo e voltar para o inferno. Mas não conseguia fazer os pés se moverem por nada no mundo.

Alguém atirou em sua mulher. Nele. Um homem feito. A porra de um *caporegime*. Um membro da família do crime Toscani.

Vingança agora era uma questão de honra. Apesar da infeliz escolha de Gabrielle de profissão, ele tinha o dever de protegê-la. Nenhum cara esperto respeitável deixaria uma mulher em perigo, mesmo ela tendo sua própria arma. Luca iria mantê-la segura até que as ruas tivessem tingidas de vermelho com o sangue dos bastardos que ousaram atirar em sua casa. E então iria se afastar.

Se ele pudesse ir embora.

Luca gostava que ela não aceitava desaforo de ninguém, e que não esperava um homem, para colocar o mundo a seus pés. Gabrielle era ferozmente independente, ridiculamente competente, altamente inteligente, e a coisinha mais gostosa que ele já viu.

E a porra de uma policial. De todas as mulheres em todas as profissões do mundo, teve que que se apaixonar pela única mulher que não podia ter. Ele deveria sair. Agora mesmo. Virar-se e nunca olhar para trás.

Com o canto do olho, ele pegou Jeff deixando os paramédicos e andando até Gabrielle.

Decisão feita, caralho.

Não era como se ele e Gabrielle fossem ficar juntos para sempre. Luca iria encontrar os bastardos que dispararam contra ela e mantê-la longe de todos os espertinhos da cidade. Até então, ela estaria fora de seu sistema, e ele seria capaz de voltar para sua vida normal de várias mulheres, solteiro.

Segurando a coleira de Max, Luca se afastou do veículo e chegou a Gabrielle com apenas alguns segundos de sobra.

— Vem, *Bella*. Vou levar você e Max para minha casa. — Luca estendeu a mão para ela, embora seu olhar estivesse fixo no homem com ódio nos olhos.

— Gaby, meu sofá está livre. — Jeff direcionou o olhar para Luca, sua mão estendida para a mulher entre eles.

O coração de Luca bateu enquanto os segundos passavam. Gabrielle sabia que ele tinha pouco respeito pela lei. Será que ela vai cruzar a linha e ir com ele? Luca conseguiu tentá-la para o lado negro?

Depois de um longo momento de hesitação, ela colocou a mão no braço de Luca.

— Obrigado, Jeff. Eu agradeço. Mas acho que vou ficar com Luca hoje à noite.

Luca deu um grunhido satisfeito e colocou um braço em volta dos ombros de modo que não haveria mal-entendido que era o vencedor esta noite.

— Você precisa de alguma ajuda com o seguro ou reparos? — Jeff persistiu. — Eu o fiz quando encontramos a casa. Poderia dar-lhes uma ligada.

Luca guardou essa informação em sua mente. Exteriormente, Jeff apareceu contrito e aceitou a situação, mas as palavras que ele escolheu, sua referência a seu tempo juntos, disse a Luca que não desistiu da luta.

— Eu vou ficar bem. — disse ela.

— E quanto a Nicole? — a voz de Jeff subiu quase imperceptivelmente e ele ousou dar um passo em direção a eles.

— Eu liguei para ela. — disse Gabrielle.

— Nicole vai ficar com Clint até que a casa esteja segura novamente. — Ela puxou o braço de Luca. — Vamos. Vamos.

— Quem é ele? — Jeff gritou enquanto Luca andou com um braço protetor curvado ao redor de seu corpo.

Incapaz de resistir, Luca olhou para trás por cima do ombro e enviou uma mensagem silenciosa com o seu sorriso.

Eu sou o único que ela vai para casa esta noite.

Oito

— Acorde, *Bella*.

Gabrielle despertou, saindo de um sonho delicioso onde ela estava sendo acariciada e afagada com mãos quentes em seus seios, no estômago e para baixo entre suas...

— Pare com isso.

— Parar o quê? — Luca deitou em cima das cobertas ao lado dela, a cabeça apoiada em um cotovelo, a outra mão inocentemente em seu ombro.

Envergonhada pelo sonho erótico que lhe deixou molhada e dolorida, abaixou a cabeça para esconder o rosto.

— Nada. Você me assustou. O que você está fazendo na minha cama?

— É minha cama. — os dedos como penas passando em seu braço nu fazendo-a formigar.

— Eu pensei que este era o quarto de hospedes. — Gabrielle se virou para ele, empurrando o edredom. Ontem à noite, ela arrumou a cesta de Max na cozinha ultramoderna de Luca e desempacotou sua bolsa em um quarto iluminado e arejado decorado com paredes cinzentas escuras e um tapete branco macio. A cama estava em cima de uma plataforma baixa feita de couro acolchoada cinza com dois criados mudos de cada lado. Cobertas e travesseiros azuis marinhos na cadeira deu ao quarto um toque masculino, tranquilo e bonito.

— É o quarto de hóspedes para quem eu quero na minha cama. — ele empurrou o cabelo dela para trás, expondo suas bochechas rosadas. Só então ela percebeu que seu tórax estava nu, sua metade

inferior coberta por um par de calças de pijama que não fizeram nada para esconder sua excitação.

— Que horas são?

— Dez. Você disse que não trabalharia até quinta-feira.

— Dez? — ela levantou. — Eu dormi por nove horas? Preciso voltar para proteger a casa, chamar as pessoas do seguro, obter uma cotação, conseguir arrumar tudo...

— Você precisava dormir. — Luca esfregou os dedos sobre sua bochecha. — Já cuidei de tudo. Há uma equipe de construção no local. Tenho um amigo que me devia um favor, então você não vai precisar ligar para a sua seguradora. Infelizmente, a sua janela da frente é um pedido especial e, até mesmo com minhas conexões, eles não serão capazes de substituí-la por alguns dias. Já cobriram a janela, mas você vai ficar mais segura se ficar aqui até que esteja arrumada.

Por um momento, ela estava sem palavras. Gabrielle aprendeu a ser autossuficiente cedo na vida e até mesmo David esperava que lidasse com a maioria das coisas sozinha porque ele sempre estava ocupado com o trabalho. Só depois que ele morreu ela se apoiou em seus amigos, mas apenas o tempo suficiente até que fosse capaz de seguir em frente depois do trauma.

— Você não precisava fazer isso. Era meu problema.

— Agora não há problema nenhum. — ele mudou de posição na cama, a aquecendo com o calor do seu olhar.

— Obrigada. Mas isso é “muito problema” por alguém que você mal conhece.

Um sorriso quase perigoso apareceu em sua boca sensual.

— Acho que te conheci muito bem no Glamour.

Queimando, rosto queimando.

— É um tipo diferente de conhecimento — protestou ela. — Não é o tipo que o levaria para fora da cama cedo de manhã para pedir favores aos amigos para consertar a casa de uma mulher que você só se encontrou algumas vezes.

— A menos que essas poucas vezes tenham deixado uma impressão inesquecível. — sua mão correu para cima sobre seu quadril e para baixo na curva de sua cintura, deixando-a sem nenhuma dúvida de suas intenções.

Ele cheirava a recém banhado, fresco e limpo, e no escurinho das cortinas fechadas ela podia ver algumas gotas de água brilhando em seu cabelo. Imaginou-o no chuveiro, o corpo magro e musculoso, suas coxas poderosas, os ombros largos, e o abdômen definido com a água escorrendo em seu pau grosso e duro...

Seus mamilos enrijeceram, e ela respirou fundo, lamentando sua decisão de usar apenas uma camisola de fácil acesso e calcinha para a cama.

— E sobre Max?

— Max já passeou e foi alimentado. Não há nenhuma razão para você se levantar. Na verdade, eu ficaria muito feliz se você continuasse a desfrutar do conforto da minha cama. — sua mão espalmou sobre a parte inferior das costas, logo acima de sua bunda e ele puxou-a para frente até que ela podia sentir sua ereção pressionada contra seu estômago.

— Luca... — calor inundou seu corpo, o toque acendendo um fogo que ela não tinha ideia de como lidar. Gabrielle nunca sentiu nada parecido com David. Sua vida amorosa foi doce, agradável e pura. Luca era todo poder, sensualidade crua, selvagem, uma força irresistível e imparável.

— Diga-me para parar. — Seus dedos roçaram a pele nua sob sua camisola quando ele tomou sua boca em um beijo longo e lento.

— E eu vou. Mas não pensei em nada a noite toda, exceto o seu belo corpo entre meus lençóis apenas alguns quartos de distância.

Ela sentia o pulsar entre suas pernas. O que este homem tinha que transformava suas pernas em geleia e bagunçava seu cérebro com a luxúria?

— Seus trabalhadores podem não estar seguros. Eu tenho certeza que sei quem enviou aqueles homens à minha casa e ele é perigoso. Muito perigoso.

— Eu também sou. — Luca acariciou com uma das mãos o pescoço dela e colocou sua cabeça na curva do braço, a outra mão ainda a segurando enquanto ele atacava sua boca, a usando como se fosse um brinquedo que existia exclusivamente para seu prazer.

— Meu Deus, Luca. Eu não consigo pensar quando você me toca. — era uma luta para não ceder, para não balançar seus quadris contra os dele, para não satisfazer cada impulso de sua língua, para não puxar sua mão e colocar entre suas pernas para aliviar a dor.

— Não pense. Apenas sinta. — Sua mão curvando entre suas coxas, os dedos acariciando sua calcinha, um leve toque sobre seu clitóris necessitado.

Com um gemido derrotado, ela separou as pernas, dando-lhe um melhor acesso.

— Eu sinto como se estivesse me manipulando com sexo, só que não sei o que você quer.

— Eu quero você. — ele tirou sua calcinha e a camisola e em seguida empurrou-a de volta na cama, a imobilizando pelos pulsos contra o travesseiro com a mão firme.

Ela engasgou quando o corpo respondeu ao manuseio inadequado, seu coração batendo, o sangue correndo quente em suas veias.

— Nós continuamos fazendo isso ao contrário. — ela arqueou as costas em resposta à pressão sobre os pulsos, oferecendo seus mamilos para o prazer de sua boca quente, molhada. — Se supõe que se converse antes e faça sexo mais tarde.

— Não há “sexo mais tarde” quando estou com você. — Luca lambeu e chupou um mamilo, depois o outro, até que ela estava se contorcendo na cama.

— Abra suas pernas para mim. — disse ele bruscamente. — Não feche novamente.

Gabrielle gemeu.

— Quando você fala assim comigo, você me deixa...

Luca não esperou que ela terminasse. Ele empurrou um dedo dentro dela e balançou a palma da sua mão contra seu clitóris.

— Molhada. — ele terminou a frase por ela. — Quente. Ávida por meu pau.

Seu corpo apertou e ela balançou os quadris contra Luca, cedendo à excitação que ele tão facilmente despertou.

— Sim.

Seus olhos brilhavam com o calor feral.

— Me diga o que você quer.

— Eu quero o seu pau. — ela disse as palavras sem hesitação, saboreando a emoção ilícita de ser tão ousada na cama.

— Ainda não. — ele soltou seus pulsos e retirou os dedos, ajoelhado sobre a cama. — Para cima, *Bella*. De joelhos na minha frente.

Curiosa, Gabrielle se ajoelhou na frente dele, tão perto que seus joelhos estavam quase se tocando. Sua ereção formando uma tenda em suas calças do pijama, mas quando tentou tocá-lo, ele a parou com um ganido

— Faça isso e vai acabar antes mesmo de começar.

Ela lhe deu um sorriso tímido.

— Eu pensei que já tinha começado.

— Começa quando você goza em toda a minha mão. — Luca estendeu a mão e colocou dois dedos em sua boceta, murmurando uma maldição quando ele empurrou para dentro. — Molhada para caralho.

— Será que você não...

— Espalhe seus joelhos. — o pulso batia no pescoço, e ela abriu suas pernas para acomodar a largura da sua mão.

— Boa menina. — ele retirou os dedos e lentamente bombeou dentro dela, roubando-lhe o fôlego. Luca se curvou para beijar os seios, rodando sua língua ao redor do mamilo direito enquanto seus dedos empurravam em um ritmo lento e constante que a deixava selvagem. Ela se agarrou a Luca, os dedos enrolando nos bíceps quando o polegar brincou com o clitóris dela, se afogando nas sensações de prazer e dor, no calor incandescente do desejo.

— Assim. — sua voz caiu rouca e baixa. — Monte meus dedos. Consiga seu prazer com minha mão.

Suas coxas tremiam enquanto ela descia descaradamente contra a mão dele, os quadris balançando, o corpo quente e dolorido, unhas cravando em sua pele. Sentia-se ao mesmo tempo suja e desejada enquanto alcançava o clímax usando a mão dele para seu prazer.

Ele gemeu e redobrou os impulsos, os dedos se movendo dentro dela enquanto chupava e lambia o mamilo. Ela encontrou cada impulso com seus quadris, até que estava sem fôlego e tonta, ofegante com cada raspada do polegar sobre seu clitóris.

Quando os dedos passaram sobre o ponto sensível dentro dela, seu mundo se despedaçou em uma onda de úmido calor, sua vagina se apertando em torno de seus dedos enquanto o prazer rolava sobre ela como uma onda.

Luca suavizou a pressão sobre seu mamilo, lambendo só a ponta enquanto os dedos desaceleravam dentro dela, finalizando o clímax até que ela caiu contra ele.

— Ai, Deus. — ela ofegava. — Eu molhei a cama.

Luca lentamente retirou os dedos e lambeu os lábios, seus olhos escuros com fome.

— Não esse tipo de molhado. É o tipo de molhado que me diz que você está mais do que pronta para o meu pau. — sem aviso, ele a virou, a deixando de quatro, retirou suas calças do pijama, e colocou um preservativo que estava no bolso.

— Ombros para baixo. Bunda para cima. — com uma mão firme entre as omoplatas, e a outra firme no quadril, ele a posicionou para receber o seu pau.

Ela gemeu baixinho enquanto seu comprimento duro afundava lentamente dentro dela.

— Você é tão bom...

Luca torceu os cabelos em sua mão.

— Você é incrível. Você quer o meu pau?

— Sim. — ela deliciou-se quando suas estocadas ficaram ásperas. — Por favor.

— Eu gosto quando você implora.

Gabrielle nunca implorou por sexo antes de se encontrar com Luca, nem permitiu que um homem a dominasse completamente na cama. Mas ela estava totalmente dominada agora, esperava explorar a parte dela que respondia avidamente por ordens eróticas.

Suas mãos em torno de seus quadris, os dedos firmes cavando em sua carne. Tão forte. Tão poderoso. Ele era como uma droga, e ela queria mais, e pela primeira vez não tinha medo de pedir.

— Luca. Por favor. Me fode.

Ele rosnou e bateu nela tão duro que os dentes bateram. Mas a sensação de seu pênis movendo dentro dela, com as mãos nos quadris e suas bolas batendo contra sua bunda, a enviou a outro clímax que abalou sua essência. Luca a seguiu com um grito, o pau endurecendo enquanto bombeava profundamente dentro dela.

Ele ofegava quando caiu sobre seu corpo, segurando o peso em seus braços.

— Cristo! Você não sabe o que você faz comigo.

— Espero que seja o mesmo tipo de coisa que você me faz. — ela caiu e rolou ficando em suas costas para que pudesse olhar para ele. Seu rosto estava corado, e tinha suor em sua testa. — Você é como um mundo totalmente novo de sexo.

Luca sorriu quando ele olhou para ela.

— Estou apenas começando.

Ela deixou cair a cabeça no travesseiro, olhou para o teto, onde ele tinha luzes de vidro esféricas penduradas que pareciam como estrelas no céu escuro.

— O que acha de um curto intervalo comercial para que meu coração não saia do peito?

Luca riu e a deixou para jogar fora o preservativo. Quando voltou, ela puxou o edredom e ele subiu na cama ao lado dela.

— Você tem cerca de vinte minutos para conversar antes que eu esteja pronto para você de novo. — ele se virou para ela, a mão traçando a curva de seu quadril.

— Pensei que tinha vinte minutos. — ela protestou quando seus dedos se direcionaram para o ápice macio entre suas coxas e voltavam para cima novamente.

— Eu só consigo falar quanto estou tocando em você. — os dedos roçaram a parte inferior de seus seios, ainda sensível de sua áspera atenção.

Gabrielle apertou os lábios em uma reprovação simulada.

— Tocar não é o mesmo que acariciar.

— Eu gosto de acariciar. — disse Luca, sorrindo. — Gosto de como seu corpo me responde, o quão molhada você fica quando está comigo. Você já desperdiçou um minuto, talvez dois.

— Bem. Se acaricie. — ela suspirou.

— Eu não sei muito sobre você. O que você faz além de dar orgasmos alucinantes e ter um restaurante? — incapaz de resistir, ela passou a mão pelo seu cabelo espesso, dourado, afastando as últimas pequenas gotas de água.

— Um pouco disso e um pouco daquilo. — ele deu de ombros. — Eu tenho interesses em vários negócios.

Gabrielle rolou um pouco para encará-lo, suas pernas ficando juntas enquanto ela passava a mão ao longo de seu maxilar, áspero.

— E o que você faz para se divertir?

— Isso.

— Sexo? — seus olhos se arregalaram. — Este é o seu passatempo?

Luca sorriu com suas mãos percorrendo seu corpo.

— Agora é.

Gabrielle entrelaçou seus dedos com os dele, segurando sua mão.

— Além de sexo, o que você gosta de fazer? Você gosta de filmes?

— Comédia, mas não besteirol. Eu gosto de algo inteligente. Como *Noir Gumshoe*. Esse tipo de coisa. Se tiver tempo, o que normalmente não tenho.

Ela estudou seu rosto por um longo momento, tentando ver além do tom casual.

— Então você gosta de detectives?

Ele riu e soltou sua mão, só para envolver seu peito.

— Detetives de ficção. E há essa loira com a boceta molhada e muito doce...

— Sem falar sujo. — alertou. — Eu não vou me lembrar de todas as perguntas que queria fazer se meu cérebro está confuso pela luxúria. E sua família? Eles moram por perto?

— Sim, todo mundo está aqui. Cresci em Vegas. Meu pai faleceu quando eu era adolescente. Ele tinha uma... apólice de seguro, então minha mãe usou e quando nossas finanças começaram a cair, a ajudei. Tenho uma irmã mais nova, Ângela, que é uma cabeleireira, e um irmão, Alex, que está estragando sua vida fazendo nada, exceto fumar maconha e se meter em encrencas. Mamãe ainda mantém a família unida, faz irmos à igreja todo domingo, nos encontramos para jantar em família...

— Igreja? — os lábios dela tremeram com um sorriso, mesmo que o coração doesse ao ouvir sobre seu irmão. Ela sabia o quão difícil era ter um viciado na família.

— Você não conhece minha mãe.

— Eu ainda sinto falta da minha mãe — ela admitiu.

Sua mão acalmou e ele passou o braço em volta dela, puxando-a.

— Que tal sua madrasta? Ela era má? Fez você dormir em frente à lareira?

Gabrielle riu.

— Ela era legal, mas simplesmente não parecia ter tempo para mim quando sua vida foi ter que dirigir para meus meios-irmãos indo para os treinos e para os eventos esportivos, e ajudar meu pai a lidar com meu irmão. Eu não era uma prioridade, se isso faz algum sentido. Aprendi a me cuidar, mas era muito sozinha. Não sei o que teria feito sem Cissy e sua família.

— E David? — ele perguntou.

— Conheci David quando entrei para a academia de polícia. Ele foi um dos meus instrutores. Era dez anos mais velho do que eu. Muito centrado. Sabia o que queria e para onde estava indo na vida.

Era difícil resistir a alguém que concentrou toda a sua atenção em mim, alguém que se importava. David queria mudar o mundo também. — ela passou o dedo ao longo dos cumes de seus peitorais, tendo o cuidado para não tocar a recente cicatriz de bala que os reuniu. Ele não disse nada sobre sua cicatriz, e ela não tinha certeza se isso era bom ou ruim.

— Dói? — Sua cicatriz era maior do que a dela e a cirurgia deixou um longo corte em toda a tatuagem no peito, provavelmente porque eles tiveram que cavar para tirar a bala. Mas era redonda, com formato de moeda, e ambos ligeiramente em relevo e rosa.

Luca deu de ombros. Assim como um cara. Muito durão para admitir qualquer dor.

— E quanto a essa tatuagem? — ela traçou as linhas da incrível arte em seu peito, uma caveira com asas e uma coroa, rodeada por rosas, chamas e espadas. Abrangia tanto, e ainda assim o estandarte em forma de pergaminho embaixo estava em branco.

— Meu compromisso com a família e honra, vida e morte, amor e amizade. Pelo menos isso é o que costumava dizer.

— E o pergaminho? O que você irá colocar?

Seu rosto apertado.

— É para o nome do meu primeiro filho, quando ele nascer.

Gabrielle abriu a boca para perguntar mais, mas ele se inclinou e colocou um beijo na cicatriz logo acima de seu peito.

— E você? Você escolheu uma profissão perigosa. Por que o trabalho da polícia?

— Eu queria tentar limpar as ruas, livrá-las dos traficantes para que outras famílias não tivessem que sofrer como nós sofremos. — disse ela. — Mas não consegui realmente fazer a diferença. Nem mesmo quando me tornei uma detetive. Acho que fui um pouco ingênua.

Seu corpo ficou tenso e ele se afastou um pouquinho.

— Que tipo de detetive?

— Narcóticos. Igual ao Jeff e David. — ela franziu a testa quando ele a soltou e rolou para suas costas. Será que teve uma má experiência com a polícia? Ou ainda estava irritado sobre o que aconteceu com Jeff?

— Eu me candidatei porque queria encontrar o assassino de David. — continuou ela, tentando preencher o silêncio desconfortável.

— Gosto do lado da investigação, mas o lado administrativo pode ser desafiador. Às vezes, as oportunidades passam por você enquanto você está atravessando o seu T e colocando os pontos nos I's. — oportunidades como ir atrás de Garcia quando a dica apareceu, em vez de esperar quatro dias para a papelada ser liberada.

Luca cruzou as mãos atrás da cabeça, e olhou para o teto. Mesmo que estivesse ao lado dela, de repente ele parecia estar muito longe. Isso fez com que seu corpo doesse para sentir suas mãos sobre ela novamente, mas não o conhecia muito bem ainda, não tinha certeza de como ele se sentiria se ela quebrasse o espaço que deliberadamente colocou entre eles.

— Eu não faço parte da Narcóticos agora. — ela disse suavemente.

— Fui expulsa porque errei em um grande momento. Nós tínhamos organizado um grande ataque com a equipe da SWAT para pegar o cara que eu estava atrás e derrubar um grande centro de distribuição de drogas. Não queria que ele escorregasse por entre os dedos, então fui mais cedo para o armazém. — ela suspirou.

— Eles sabiam que estávamos chegando. O armazém estava quase vazio quando cheguei, mas alguém estava no prédio. Acho que devia estar limpando o resto das coisas. Ele atirou em mim e escapou por uma porta lateral. Eu assumi a responsabilidade pelo ataque fracassado, embora ninguém soubesse ao certo se o nosso alvo estava lá. Perdi meu lugar na equipe e fui transferida para o setor de roubos. Começo na quarta-feira.

Ela não queria culpá-lo por não a tocar novamente, mas quando terminou, ele se virou e acariciou um dedo sobre sua bochecha.

— Você perdeu sua chance de vingança.

— Sim. Mas agora parece que ele decidiu vir atrás de mim, embora não tenha ideia do porquê. Não vi o rosto do atirador ou disparei minha arma no armazém, e eu era uma das pessoas mais júnior do caso. Qual o ponto de enviar dois caras para atirar em minha casa? Só espero que não voltem em uma noite, quando Nicole estiver por lá.

Seus olhos escureceram até quase preto.

— Você não terá que se preocupar com eles nunca mais.

— Tão protetor. — ela riu suavemente. — Aprecio o sentimento, mas não é como se você pudesse fazer algo sobre isso. Nem sei quem eles eram ou se foram contratados pelo cara que eu estava procurando. E você nem sequer sabe quem é o cara, e não posso te dizer.

Ele levantou uma sobrancelha, as nuvens que escureceram seu rosto apenas momentos antes desapareceram sob o sorriso sensual.

— Talvez eu devesse manipulá-la com o sexo outra vez e você vai me dizer o que quero saber. — sua mão enrolou em sua bunda e ele deu-lhe um aperto.

— Mais sexo? Você não tem que trabalhar? — Gabrielle esfregou seu pescoço. Luca cheirava a recém banhado e sexo. Ele cheirava a ela.

— Nós não abrimos até o meio-dia. — disse ele, acariciando seu traseiro. — Minha equipe lida com o turno da tarde a menos que haja uma entrega ou eu tenha que provar a comida. Quando não estou ocupado, passo um tempo com meu filho depois que Matteo sai da escola.

Ela endureceu, mas quando tentou se afastar, ele a segurou rápido.

— Você tem um filho?

— Matteo. Ele tem seis anos.

Seu coração bateu contra as costelas.

— Você é casado?

— Eu era. — ele rolou-os até que ela estava deitada de costas, presa por seu corpo duro e musculoso. — Minha mulher morreu quando Matteo tinha apenas dois anos de idade.

Sua mão voou para sua boca.

— Oh, Luca. Eu sinto muito. Você já sofreu tantas perdas também. Pelo menos você o tem. Matteo mora com você? — Gabrielle não viu brinquedos ao redor e nada que indicasse que havia uma criança vivendo na, mas pelo menos agora ela entendia a bandeira sob a tatuagem. Luca deve estar pensando em colocar o nome de seu filho sobre ele.

— Matteo vive com a minha mãe. — Luca desferiu beijos pelo seu pescoço até o ombro, sua barba fazendo uma deliciosa fricção sobre sua pele. — Eu trabalho por longas horas, e quero que ele tenha uma vida estável e um bom modelo de vida. O vejo uma ou duas vezes por semana.

— Isso deve ser difícil. — ela inclinou a cabeça para o lado para lhe dar melhor acesso, abriu as pernas para acomodar sua excitação crescente, seu interesse na conversa minguando sob as chamas de desejo.

— É tudo o que ele conhece.

— Eu quis dizer para você.

Ele levantou a cabeça, uma carranca vincando a testa.

— Quero que ele tenha uma vida boa. Deixando minha mãe criá-lo é a melhor maneira de alcançá-la.

— Não subestime a importância de estar em sua vida — ela disse suavemente.

— Não sei como foi para você, mas depois que minha mãe morreu, me senti com medo e sozinha. Papai já estava envolvido em seu novo relacionamento, embora ninguém soubesse que estava tendo um caso, e depois que se mudou para Nevada, o vício de Patrick consumiu nossas vidas. Minha madrasta, eventualmente, nos deixou, e depois que Patrick morreu, meu pai caiu em uma grave depressão. Entrei para a polícia na esperança de que, vendo-me viver o sonho de Patrick de se tornar um policial iria ajudá-lo a se recuperar, mas ele não apareceu para a minha formatura. Meu pai nem sequer me enviou flores. — ela mencionou as flores em tom de brincadeira, mas Luca franziu a testa.

— Mulheres bonitas devem ter belas flores. — ele brincou com seus cabelos, os olhos desfocados, como se imerso em pensamentos. — Da próxima vez que você tiver algo para celebrar...

Seus olhos agora estavam mais verdes do que marrom. Curioso. Quando Luca estava interessado em alguma coisa, os olhos escureciam, mas quando ele estava pensativo ou provocando, eram verdes.

— Não lhe disse essa história para que você corra e me compre flores.

— Eu as compraria de qualquer maneira. — ele se empurrou para trás e se ajoelhou entre suas pernas abertas, sua ereção sobressaindo-se de seu ninho de cachos. — E você vai me agradecer envolvendo esses doces lábios em volta do meu pau. Estou mais que pronto para você de novo, *mio angelo*. Você é como uma droga. Não posso ter o suficiente.

Nem Gabrielle podia. E era uma estrada perigosa para viajar, porque Luca virou um interruptor nela que a fazia se sentir bonita, corajosa e ousada. Podia ver-se com um homem como Luca, um homem sem limites, um homem que assumia riscos, e não pensava em nada transando com ela em um lugar público, por persegui-la, ou batendo em Jeff por considerá-lo uma ameaça. Ele tirava-lhe o fôlego, e isso a assustava.

E se ela se apaixonasse por ele?

E se ela o perdesse?

Gabrielle não podia arcar com essa indulgência, encaminhando-se para o caminho mais fácil em que ele manipulava seu corpo, ao prazer do toque, a sua necessidade insaciável de saber tudo sobre Luca. Precisava estabelecer limites. Para ela e para ele.

Mas depois. Quando Gabrielle conseguisse pensar coerentemente novamente.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você acabou de matar toda a doçura, sendo o mesmo arrogante de sempre.

Ele colocou a mão por sua coxa, um dedo introduzindo entre suas dobras.

— Você gosta da minha arrogância.

— Eu gosto dos seus dedos arrogantes. — ela gemeu, e os olhos dele escureceram.

— Faça mais perguntas. — seus lábios se curvaram em uma expressão divertida quando ele empurrou um dedo dentro dela. — Gosto de assistir você tentar falar quando tenho meus dedos em sua boceta.

Ela fechou os olhos para a deliciosa sensação.

— Quanto tempo antes de você me foder de novo?

Luca riu.

— Não cedo o bastante.

Nove

Luca jogou sua última rodada, o corpo vibrando com a necessidade de acabar logo o jogo de cartas com Nico para que eles pudessem passar para os negócios. Depois de deixar Gabrielle na casa dela e verificar se os contratantes estavam fazendo seu trabalho, ele pegou Ricky e Mike e foi para o centro em tempo de ir para a reunião no salão privado de jogos de alto limite de apostas do Cassino Itália de Nico.

Poker não era o jogo de Luca. Ele era um jogador decente, mas o jogo de dardos era seu vício, pois lhe dava uma ilusão de controle. Luca também esteve evitando o cassino de Nico desde que deixou o hospital, e particularmente, o salão privado, onde foi baleado. Mas quando o chefe queria falar enquanto jogava, arrastava seu traseiro, calava a boca, e tentava não olhar para o novo tapete de pelúcia que cobria o local onde sangrou no chão.

Requintadamente decorados em roxo rico, ouro e marrom, o salão de jogos privado ultra exclusivo era contemporâneo em uma forma clássica, com lâmpadas caras, paredes de livros com espinhos em tons neutros, móveis de madeira escura e sofás de veludo. Do outro lado das portas de vidro colorido, o quarto de alto limite menos exclusivo vangloriava lustres de cristal, mobiliário de couro vermelho e máquinas de quinhentos dólares mínimos de caça-níqueis.

Frankie olhou enquanto Luca tamborilava o polegar sobre a mesa.

— Você está com algum problema?

Sim, Luca tinha um problema. Tinha um monte de problemas no seu território, um policial que não estava feliz, pois ele roubou sua namorada, dois bastardos que ousaram atirar em sua casa, e uma mulher bonita, sexy que se tornou um vício da porra, mais que os

dardos que quase acabaram com suas economias no ano depois que Gina morreu.

— Não idiota. Você está com algum problema?

— Cristo, o que diabos há de errado com vocês dois? — Nico jogou as cartas na mesa e fez um gesto para seu novo gerente de cassino para limpar o quarto. — Se vocês têm um problema, resolvam antes de vir para uma reunião.

Luca não sabia por que Frankie estava no caso, mas ele era um daqueles caras que sempre se escondiam nas sombras, e se Frankie sequer suspeitasse que Luca tinha algo com uma policial, não hesitaria em agir, e das maneiras mais brutais. Luca passou a mão pelo cabelo, tentando fazer com que suas emoções, ficassem sob controle antes que Frankie achasse que algo não estava certo. Seu olhar caiu sobre o local onde Nico o prendeu no chão, tentando estancar o sangue que derramava para fora do peito de Luca. Na época, Luca quase ficou feliz que acabou. A traição de Gina o rasgou para além dele, e ele estava cansado da raiva, da culpa e da dor, cansado de se ressentir por Matteo ser filho de outro homem.

Ele não é seu, Gina disse presunçosamente, antes que ela saísse pela porta. Mas de jeito nenhum, iria deixar Matteo com a família dela depois que ela morreu. Luca segurou Matteo quando nasceu, nomeou-o com o nome do avô, mostrou-o para sua família, orgulhou-se no fato de que o nome da família Rizzoli iria continuar e tinha a bandeira em sua pele, pronto para o nome do filho. Matteo era seu filho em todos os aspectos, exceto no sangue, e ele era a única pessoa viva que sabia a verdade.

— Luca.

Ele olhou para cima, viu a simpatia nos olhos de Nico e sabia que pensava que Luca estava pensando no momento em que a bala atravessou seu peito.

— Está no passado. — disse Nico.

— Sim. — ele levantou o copo de uísque que esteve intocado pela última hora.

— Eu trouxe todos vocês aqui para discutir a situação do Tony. — Nico olhou para cada um dos cinco mafiosos sentados ao redor da mesa, um por vez. Não havia nenhum amor perdido entre Nico e seu primo Tony, especialmente depois de Tony forçou a namorada, agora esposa de Nico, a se casar para ter uma aliança com sua família.

— Tony se aliou aos Fuentes, Cartel liderado por José Gomez Garcia. — disse Nico.

— Tony está desesperado para se envolver no tráfico de drogas, e esta é a sua maneira de entrar. Garcia estava operando de forma independente até que se tornou o objetivo de uma intensa investigação policial. Ele teve que ficar na surdina, levando muitos de seus tenentes seniores com ele. Garcia está usando os albaneses para os músculos e distribuição, mas como sabemos, os albaneses são desorganizados, incontroláveis e imprevisíveis. Não respeitam o território. — Nico deu um breve aceno para Frankie e Luca. — E eles pagam o preço.

Mike bufou.

— Você lhes deu um novo par de sapatos, Frankie?

— Os mais pesados que consegui encontrar.

Nico levantou a mão para obter silêncio.

— Tony está fornecendo agora os músculos, e em troca Garcia está dando-lhe direitos de distribuição em áreas-chave da cidade. Garcia está inundando o mercado com um novo tipo de droga. É altamente viciante, e as pessoas estão pagando o dobro ou mesmo o triplo do que pagariam para o material regular. Ele também pode ser letal, e há duas noites dois dos soldados de Sally G tiveram uma overdose com o novo produto de Garcia e morreram.

Sally G, um capo sênior que foi um bom amigo do pai de Nico, e agora era um acérrimo defensor da afirmação de Nico para liderar a família, levantou-se e declarou uma vingança contra Garcia. A sala explodiu em uma cacofonia de maldições e gritos, chamadas de vingança e promessas de cortar a garganta de Garcia. Um dos benefícios de se tornar um homem feito era que toda a *Cosa Nostra*

poderia ser chamada para uma vingança. E quando isso acontece, não havia para onde correr. Nenhum lugar para se esconder.

— Ambos eram nossos amigos e eles serão vingados. — disse Nico. — Suas mortes e o tiroteio na casa de Roberto Deli também nos dão outra razão para ir atrás de Garcia. Não é só uma questão de honra, mas se derrubarmos Garcia, vamos cortar o principal fornecedor de droga de Tony e enfraquecer sua base de poder na cidade. Em suma, nós vamos ser capazes de colocar o Tony para fora, recuperar o nosso território e conseguir tirar essa mancha de merda, fora de nossa cidade.

Aplausos e gritos seguiram sua declaração. Nico silenciou a sala, batendo com o punho na mesa, um show atípico de emoção vindo de um homem controlado.

— Eu quero Garcia. Vivo. E não deveria ter que lembrar a todos nesta sala que as drogas não são toleradas pela *Cosa Nostra*. Drogas atraem a lei, e vimos o que aconteceu em Nova York, quando as famílias quebraram essa regra, caras inteligentes foram transformados em ratos, vendendo para fora, impérios desmoronando, negócios perdidos, os homens na prisão, e mulheres e crianças deixadas sem apoio. Não é disso que essa família se trata. Isso não é o que eu sou.

O coração de Luca apertou em seu peito. A dizimação das famílias americanas da máfia ocorreu em Las Vegas por causa do pai. O pai dele quebrou a regra contra mexerem com drogas, atraído pelos enormes lucros e a promessa de dinheiro fácil. Os federais seguiram as drogas e pegaram seu pai em sua rede. Em vez de honrar a *omertà*[13], mantendo a boca fechada e cumprindo o seu tempo, o pai de Luca concordou em usar um fio e virou um rato em sua família do crime em um acordo judicial que teria feito ele abandonar sua esposa e filhos para uma nova vida em proteção a testemunhas.

Como se isso fosse acontecer.

---

[13] **Omertà do latim humilitas**; "humildade" é um termo da língua napolitana que define um código de honra de organizações mafiosas do Sul da Itália.

Menos de uma semana depois de saltar do navio, o pai de Luca foi encontrado em uma casa segura do FBI vestindo uma Gravata siciliana, a punição tradicional da Máfia para os ratos. Sua garganta foi cortada de orelha a orelha e sua língua arrancada através do furo feito no pescoço, balançando como se fosse um laço. Devastado e revoltado com a traição de seu pai, Luca nunca lamentou a morte dele, e se esforçou desde então para recuperar a honra e limpar o nome da família.

— Quem vai liderar a caçada a Garcia? — perguntou Nico.

— Eu vou. — Luca não hesitou em oferecer-se. Pegar Garcia ajudaria a percorrer o longo caminho para recuperar a confiança de sua família de crime e recuperar a honra de sua família de sangue.

Nico assentiu sua aprovação.

— É um grande trabalho, mas você terá toda a ajuda que precisa, e Frankie pode fazer o trabalho pesado.

Todo mundo riu de sua referência velada ao amor por calçados de concreto de Frankie. Todos, menos Frankie, que estava estudando Luca como se ele não pudesse acreditar, que a Luca tivesse sido dado tal honra. Cristo, não havia nada que pudesse fazer para mostrar a Frankie que não era como seu pai? Que nunca iria trair a *Cosa Nostra*? Ao longo dos anos, Luca tentou ser o melhor associado, soldado, e agora mafioso que poderia ser. Ele trabalhou mais, lutou mais, e seguiu todas as regras. Se todos em volta da mesa eram da máfia, Luca era máfia *X-treme*.

Pelo menos isso cimentava em sua mente a loucura que era pedir a Frankie para ajudá-lo a caçar e acabar com os dois bastardos que dispararam na casa de Gabrielle. Ele teria que lidar com a situação por conta própria, e com apenas os homens mais confiáveis e leais em sua tripulação.

E depois, quando Luca vingasse Gabrielle e garantisse sua segurança, o relacionamento, tal como era, teria que acabar. Não havia meio caminho com a máfia. Você estava dentro ou você estava morto, assim como seu pai. E ele sabia quem iria estar puxando o

gatilho. Não apenas sobre ele, mas possivelmente em Gabrielle também.

— Eu ouvi que Luca quase foi preso por bater em um policial na noite passada. — disse Frankie, silenciando as conversas em torno da mesa.

O estômago de Luca apertou e ele deixou cair uma mão para seu colo onde teria fácil alcance a sua arma. Cada família da Máfia na cidade tinha informantes policiais, policiais corruptos, ex-policiais, faxineiros, pessoal administrativo, ou mesmo apenas policiais regulares que cometiam um erro e acabavam devendo à Máfia um favor. Claramente alguém o entregou para Frankie, e agora estava sendo chamado para prestar as contas. A pergunta era, o quanto Frankie sabia?

— Sim? — os olhos de Mike se iluminaram. — Sobre o que foi tudo isso?

— Ele ameaçou minha garota.

Nico franziu a testa.

— Desde quando você tem uma garota?

— Luca sempre tem uma. — disse Mike. — Ele tem uma nova a cada dia da semana.

— Essa é diferente. — Luca forçou um sorriso, brincando de ser o safado que foi até que ele conheceu Gabrielle. — Fiquei com essa por mais de um dia.

Todos riram, que era o que ele queria que eles fizessem. Mas Frankie nem sequer abriu um sorriso.

* * *

Acesso negado. Classificado.

— Droga. — Gabrielle jogou o mouse sobre sua mesa. Estava trancada fora do caso Garcia. Até mesmo seus arquivos impressos pessoais onde tomava notas, pensamentos e pedaços aleatórios de

informação foram transferidos para o escritório do Agente Palmer onde estavam acessíveis apenas com a sua permissão e depois que ele abrisse o arquivo com sua chave pessoal. A configuração de segurança era sem precedentes, e ela se perguntou se Garcia era algo mais do que apenas um lorde da droga com ligações com o Cartel Fuentes.

Ela puxou o primeiro de uma pilha de arquivos Manila finos da prateleira em seu cubículo. Não havia escritórios no departamento de roubo. Sem janelas sequer. A maioria dos novos colegas passavam os dias visitando empresas e residências para anotar detalhes de itens que raramente seriam recuperados. O bureau Theft não tinha alta tecnologia e os novos arquivos de casos eram todos de papéis registros, tudo, desde joias roubadas até carros, e de ganhos de cassino a um poodle premiado com o pelo rosa. Seu coração se afundou. Esta não foi uma transferência: era um castigo. E agora Garcia estava lá fora, pensando que ele poderia intimidá-la.

Como eles poderiam tê-la tirado do caso?

Com um suspiro Gabrielle abriu a primeira pasta e olhou para o grosso maço de relatórios policiais, todos os casos que documentam perdidos, ausentes ou telefones roubados. O novo sargento de supervisão pensou em um grupo operando na área, tendo como alvo os telefones que seriam despojados de seus cartões SIM e transferidos para o exterior. Foi um “arquivo de cachorro”, ele disse, sem nenhum indício de desculpas em sua voz. Telefones que sumiam raramente apareciam, e eles eram um dinheiro fácil para qualquer criminoso ligado ao crime organizado ou não. Ainda assim, tinham que fazer um esforço simbólico para segui-los. Ela tirou o relatório mais recente e jogou-o em toda a sua mesa.

Não. Gabrielle não poderia apenas se sentar aqui e fingir que estava tudo bem. Por dois anos, seguiu as regras, enquanto trabalhava no caso Garcia, e o que sobrou para ela? Nada. Não há justiça para David. Sem vingança. Sem Garcia atrás das grades. Não há ruas limpas de drogas. Gabrielle escondeu o rosto entre as mãos, avistando as contusões leves em seus pulsos de sua noite com Luca.

Luca que ostentava as regras com a sua atitude arrogante. Luca que se recusou a usar um vestido de hospital, que fez sexo com ela em um lugar público, acessou ilegalmente o banco de dados Glamour para encontrar o endereço dela, acompanhou-a para baixo, e em seguida, atacou um policial em seu gramado da frente. Luca era um rebelde. Por que não podia ser uma também? Gabrielle disse que falaria com o agente Palmer. Então, por que não o fazer agora?

Ela abotoou o terninho e andou até o escritório do agente Palmer. Parte dela, a que estava suando profusamente em sua camisa, esperava que ele não estivesse lá. Mas a outra parte que afastou Jeff em favor de um homem que mal conhecia, um homem com quem Gabrielle voluntariamente cometeu "lascívia aberta ou bruta" e "exposição indecente", estava ansiosa para o desafio.

Coisa boa. Porque lá estava ele.

— Você tem um minuto? — ela deu um passo no escritório do Agente de Palmer, impondo-se em seu espaço.

O agente Palmer olhou para cima. Se alguém tivesse que adivinhar o seu trabalho, eles iriam saber imediatamente. Cabelo preto escorrido, terno preto, gravata cinza escura, camisa branca e rosto brando. Tudo o que estava faltando eram os óculos escuros.

— Senhora Fawkes. O que posso fazer por você?

— Garcia enviou dois de seus capangas para atirar em minha casa.

Ele assentiu.

— Eu ouvi sobre o tiroteio. Como você sabe que era ele?

Gabrielle abriu a boca para responder, mas hesitou. Como ela sabia que era ele? Após dois anos de investigação, sentiu como se o conhecesse. Garcia era um homem que permanecia escondido, enviava outras pessoas para fazer o trabalho sujo para que pudesse manter as mãos limpas. Ele foi rápido em reagir quando se sentiu ameaçado, eliminando qualquer oposição ou competição da maneira mais brutal, que sugeriu que era governado mais pela emoção do que

pela lógica. David chegou perto demais, e pagou o preço. E se Gabrielle estivesse certa sobre a identidade dos atiradores, isso significava que descobriu alguma coisa nesses arquivos que Garcia não queria que visse.

— Quem mais poderia atirar em minha casa? Eu não trabalhei ultimamente em qualquer outro caso.

— Você que me diz, Sra. Fawkes. Não estou a par de sua vida pessoal.

Gabrielle não gostou do Agente Palmer quando se conheceram, e gostava dele ainda menos agora. Ele não parecia nem mesmo como uma pessoa real. Não se inclinou para trás, dobrou os braços, suspirou, bocejou, ou mexeu os polegares. Ao contrário de Luca que era muito expressivo, o agente Palmer não demonstrou nenhuma emoção, nenhum indício de que ainda estava vivo. Ela se perguntou se ele estava ainda respirando.

— Por uma questão de argumento, vamos supor que eu não tenha chateado qualquer outra pessoa para que eles pudessem trazer um par de AKs à minha casa para uma festa de tiro ao alvo. — ela atirou de volta. — Não podemos deixar que Garcia ache que pode nos intimidar. Eu preciso estar no caso novamente, fazendo algo visível para que Garcia entenda que não temos medo dele.

— Não.

— É isso? Não?

— É isso. — disse ele calmamente. — Você acabou de me provar que fiz a decisão certa tirando você do caso, em primeiro lugar. Esta é a emoção falando. Você está brava. Sua casa foi violada. Assim como quando seu marido foi assassinado, você está devastada e quer vingança. Emoção fica no caminho de uma investigação, Sra. Fawkes. Ela nos impede de ser objetivos, e se não formos objetivos, não podemos fazer o nosso trabalho, que acredito que para você agora envolve a recuperação de bens roubados.

Ela cruzou os braços, apertou os lábios juntos.

— Isso não é nada parecido com o que aconteceu com David. E acho que você está cometendo um erro.

— Claro que você acha. — ele acenou com a mão a desconsiderando. — A menos que Garcia tenha roubado algo, não acho que vamos ter de nos falar novamente. No entanto, uma palavra de aconselhamento, Sra. Fawkes. Por uma questão de argumento, se Garcia estava por trás do incidente em sua casa, faria sentido aceitar a oferta do departamento de proteção policial até que os atiradores sejam capturados. Entendo que você recusou.

— Concordei com rondas por minha casa e locais que não sejam no trabalho, como academia, bares, restaurantes, lugares como aquele, para o efeito dissuasivo. Mas não preciso de um guarda-costas vinte e quatro horas por dia. Conheço Garcia. Se quisesse me matar, eu estaria morta. Isso foi um aviso. Ele se sente ameaçado. E se você realmente quiser pegá-lo, você tentaria descobrir o que o fez se sentir assim.

— Gabrielle Fawkes?

Ela se virou para ver um mensageiro no corredor, segurando um enorme buquê de rosas delicadas e rosas brancas.

— Sim?

— Entrega. Você vai precisar de ambos os braços. Eu nunca entreguei um buquê tão grande como esse.

Suas faces coraram e ela olhou de volta para o Agente Palmer quando pegou o buquê.

— Vida pessoal, Sra. Fawkes. — seus lábios finos tremiam no que ela tinha certeza de que era uma versão FBI de um sorriso. — Também compromete nossa objetividade.

Gabrielle lutou contra a vontade de retrucar. Nenhum ponto em começar no lado errado com o FBI, se ela já não estivesse lá.

— Obrigado pelo seu tempo.

Ela saiu para o corredor, fechando a porta do Agente Palmer atrás dela.

— Tem certeza de que são para mim? — ela não podia imaginar quem iria enviar-lhe um buquê de flores. Não era seu aniversário ou qualquer ocasião especial.

— Cartão está grampeado no papel. — disse ele. — Seu nome está nele.

Gabrielle retornou ao cubículo e respirou o perfume delicado de rosas. As pétalas macias acariciando seu rosto e por um longo momento, só ficou ali sentindo. Ela contou pelo menos quarenta, mas tinha a sensação de que havia mais. Deitou o buquê para baixo em sua mesa e tirou o cartão.

Feliz primeiro dia na "roubo".

Alguém roubou meu coração. Talvez você possa encontrá-lo.

- L -

Uma poderosa onda de emoção tomou conta dela. Não foi apenas porque as flores eram requintadas ou que o tamanho do buquê tirou seu fôlego, e não era porque Luca se lembrou da história que lhe disse, ou que cumpriu sua promessa de enviar-lhe flores; era porque neste momento, quando ela se sentiu tão para baixo e derrotada, ele levantou seu ânimo e a fez rir, mesmo sem estar lá.

— Gaby. Você tem que ver o que encontrei. Eu nunca tive a chance de mostrar no outro dia. — Jeff se aproximou de seu cubículo e congelou. — De quem são?

Ela acariciou um dedo sobre um botão de rosa suave.

— Luca.

Jeff ficou tenso.

— Percebi que tinha de haver algum motivo para você escolhe-lo sobre mim. Eu vi o Maserati fora da sua casa. O que ele faz? Bilionário? Magnata dos negócios?

— Ele é dono de um restaurante italiano.

Jeff soltou uma risada.

— Eu acho que a massa está em alta demanda nos dias de hoje.

Ela olhou para cima e suspirou.

— Jeff. Por favor. Não seja assim. Não há necessidade de ser sarcástico.

— Você olharia para mim do jeito que você olhou para ele se eu lhe enviasse cinquenta rosas?

— Jeff...

Ele ergueu as mãos em um pedido de desculpas dissimulada.

— Sinto muito. Ok? Sinto muito pelo que eu disse, e sinto muito pelo que aconteceu na outra noite. Saí da linha, mas isso não é fácil para mim. Gosto de você, e realmente acho que seríamos bons juntos. E estou preocupado. Esse cara... Você nunca o mencionou antes. Ele estava fora de controle. Talvez tenha algo a ver com o tiroteio. Poderia até ter sido o alvo. Quanto você sabe sobre esse Luca?

— Chega. — ela cruzou os braços sobre o peito.

— Talvez não. — Jeff ergueu um telefone. — Encontrei isso fora da sua casa. Eu tenho certeza que pertencia ao cara que atirou a pedra no meu para-brisa. Poderia ser ele.

— Você acha que Luca se escondeu atrás de um arbusto, jogou uma pedra através de seu para-brisa, fugiu, e depois voltou algumas horas depois em um Maserati para bater na minha porta?

A expressão satisfeita de Jeff vacilou.

— Quem mais? Ele queria você. Luca estava na área. Deve ter perseguindo você e ficou com inveja quando nos viu juntos.

— O telefone dele estava com ele na minha casa. Eu vi.

— Talvez ele tenha comprado outro, ou talvez tivesse dois telefones.

Ela olhou para o lindo buquê de flores sobre a mesa, e em seguida, para o telefone na mão de Jeff, mas não conseguia conciliar um homem que poderia ser tão atencioso com um homem que iria se esconder atrás dos arbustos e atirar uma pedra através da janela de Jeff. Luca não era do tipo de esconder-se ao redor.

Quero transar com você.

Ele foi direto.

Abra suas pernas para mim.

Quando Luca queria algo, não deixava nada ficar em seu caminho. Jeff o irritou, e ele lhe deu um soco no rosto.

— Isso só parece loucura. — disse ela.

— Ei, sinto muito. — Jeff colocou a mão no ombro dela. — Eu não ia atrás dele, nem nada. Só estava tentando pegar o cara que vandalizou o meu carro, e achei o telefone.

— Não foi ele. — ela se inclinou para frente e respirou o perfume fresco das rosas.

Jeff deu de ombros.

— Talvez. Talvez não. Tenho tentado quebrar a senha, mas tem seis dígitos, por isso estou indo para ver se alguém no laboratório pode me ajudar. Assim que eu descobrir quem é o dono, vou deixar você saber.

Depois que ele saiu, Gabrielle encontrou um vaso na sala de descanso e arrumou as flores em sua mesa antes de enviar uma imagem para Luca.

Gabrielle: Eu acho que alguém invadiu cada floricultura da cidade.

Luca: Você gostou?

Gabrielle: Elas são lindas. Obrigada.

Luca: Disponha.

Gabrielle: Essas são minhas cores favoritas.

Luca: Eu sei.

Ela riu. Ele podia ser presunçoso até mesmo por mensagem.

Gabrielle: Além daquele momento no quarto, como você sabia?

Luca: Sua calcinha.

Suas bochechas se aqueceram quando se lembrou que Luca a viu arrumar suas coisas antes de ir para a sua casa. Ela não percebeu que ele estava prestando tanta atenção.

Gabrielle: Você perdeu o seu celular naquela outra noite?

Luca: Se tivesse perdido, não estaria falando com você. Por quê?

Gabrielle: Te conto na próxima vez que te ver.

Luca: Eu quero te ver agora.

Ela riu de novo. Tão impaciente, e ainda assim era bom se sentir tão desejada.

Gabrielle: Estou no trabalho.

Luca: Depois do trabalho.

Gabrielle: Vou para a academia. Eu tenho que ficar em forma para prender os criminosos que roubam bens.

Luca: Que roupa você usa na academia?

Hmm. Luca safadinho. Gabriella folheou suas fotos até que encontrou uma na final de 10km que correu para arrecadar dinheiro para o centro de viciados local. Não era sua melhor imagem, mas o cabelo úmido estava escondido debaixo de um boné da caridade, e o

top esportivo e short de corrida spandex era seu traje habitual de treino. Ela mandou a imagem, e sua resposta veio num piscar de olhos.

Luca: Gostosa. Não use isso em público.

Gabrielle: Por quê?

Luca: Porque terei de ir até lá brigar com todos os homens. Sei o que eles estarão pensando.

Sua mão percorreu sua camisa e ela desfez os dois primeiros botões enquanto se acomodava na cadeira.

Gabrielle: O que eles estarão pensando?

Lucas: Eles vão querer foder com o meu anjo.

Gabrielle: Seu anjo?

Luca: Sei il mio angelo.

Meu Deus, mesmo as coisas que ele escrevia a deixavam excitada. Gabrielle olhou ao redor para se certificar de que estava sozinha no cubículo, e colocou a mão mais para dentro de sua camisa para acariciar a parte superior de seu peito. Por baixo de sua mesa, ela separou as pernas, imaginando que ele estava lá, empurrando suas coxas. Se alguém aparecesse, imaginava que só parecia que ela estava com calor e tentando se refrescar.

Okay, certo.

Luca: Gabrielle? Você ainda está aí?

Gabrielle: Sim.

Luca: O que você está fazendo?

Era como se ele pudesse ver em sua cabeça. Por um momento, pensou em fingir que suas palavras não a afetavam, mas Gabrielle não viu nenhum mal em ser honesta com ele. Luca foi direto, e tanto quanto sabia, foi honesto com ela.

Gabrielle: Sendo uma pervertida.

Luca: Pervertida em seu uniforme da polícia?

Gabrielle: Sem uniforme. Isso é uma fantasia sua? Mulheres de uniforme?

Luca: Gabrielle de uniforme em seu quarto muito rosa.

Gabrielle: Não é um uniforme de fácil acesso.

Luca: Será quando eu acabar com ele.

O suor escorria na testa, e ela deu consideração seriamente em ir ao banheiro para aliviar a dor latejante entre suas coxas. Mas por que se satisfazer sozinha quando poderia ter a coisa real?

Gabrielle: Você está livre hoje à noite? Normalmente saio da academia às sete.

Luca: Você está me chamando para sair?

Um encontro? Eles dormiram juntos, foram baleados em conjunto, e compartilharam detalhes sobre seus passados. Isso passou do território de encontros, mas não em território de relacionamento. Talvez pudessem ser amigos com benefícios, ou camaradas da foda. Algo que não envolvesse laços emocionais.

Gabrielle: Estou perguntando se você quer transar. Não estou afim dessa coisa de namoro.

Luca: Eu quero levá-la para um encontro. Te busco às nove.

Gabrielle digitou algumas palavras na busca em seu telefone e colocou através de um tradutor online. Ela não sabia se acertara na gramática, mas parecia que "sesso" significava sexo e "fai" pretendia fazer.

Gabrielle: Sem fai sesso?

Luca: Ti scoperò fino a farti esplodere di piacere.

Gabrielle: O que isso significa?

Luca: Algo pervertido.

Dez

— Obrigado. — Paolo sorriu quando uma fada punk colocou algumas moedas em sua caixa.

Paolo não esperava que seu disfarce fosse ser tão rentável. Se o Sr. Rizzoli descobrisse que ele perdeu o telefone e o perseguisse, cortando os laços com a turba, teria que recorrer a fontes alternativas de renda e apelar seriamente para suas economias. Ele esteve do lado de fora do Vice, um bar subterrâneo no centro de Vegas, nas últimas duas horas, vigiando para o Sr. Rizzoli, e já fez vinte dólares.

Não que ele quisesse ser perseguido. Paolo gostava de tudo sobre a máfia.

Paolo gostava do respeito que recebia das pessoas que os conheciam. Gostava das conexões que tinha para obter as melhores mesas nos restaurantes, e os melhores lugares nos shows. Gostava que dirigissem carros elegantes, e usassem roupas bonitas. Eles poderiam fazer as coisas que as pessoas normais não podiam fazer. Se alguém fodesse com um homem da máfia, sua mulher, ou sua família, esse desrespeito era pago de volta, de uma maneira, que significava que ninguém nunca mais foderia com você novamente. Uma vez que entrasse na máfia, você e sua família se tornavam intocáveis. Ninguém se atrevia a mexer com um homem da máfia.

Mais do que o dinheiro, poder ou respeito, Paolo queria essa proteção. Queria andar pela rua e saber que ninguém poderia tocá-lo. Que sua família, se ele tivesse uma, estaria segura. Paolo nunca se sentiu seguro em casa com seu pai abusivo. Mesmo depois que aprendeu a se defender, aquela sensação de segurança ainda lhe escapava.

Sr. Rizzoli poderia lhe dar a segurança que desejava. Ele protegeu a sua família, sua equipe e sua garota. Veja o que aconteceu

depois do incidente na casa de Gabrielle, o Sr. Rizzoli enlouqueceu. Fez uma reunião de emergência com seus principais soldados às seis horas da manhã seguinte e ordenou que todos colocassem os associados nas ruas à procura dos atiradores. Com a sua vasta rede de contatos, o Sr. Rizzoli os identificou rapidamente como sendo os pistoleiros albaneses, e em três dias rastreou o bar onde eles se ofereciam para serem contratados. O trabalho de Paolo era chamar o patrão se eles aparecessem no bar esta noite.

Só que ele não tinha um telefone e nem dinheiro para comprar um substituto.

A porta do Vice abriu e fechou novamente. Dois homens com terríveis dread's verdes passaram por ele sem sequer notar sua presença. Os homens nunca pareciam notá-lo neste disfarce, mas as mulheres sempre faziam. Paolo esperava que fosse porque viram algo atraente sob as roupas sujas que pegou de um brechó.

Ele puxou a aba do chapéu sobre sua testa. Será que Michele Benni o achava bonito? Apesar das regras de seu pai, ela concordou em encontra-lo, e desta vez não ia ser uma volta para casa a pé, com o pai esperando atrás da porta. Paolo a levaria ao The Look Out, no topo do Lake Mead Boulevard. Eles poderiam se sentar no carro, ouvir alguma música, e esperava que ela o deixasse acaricia-la sob suas roupas.

Paolo balançou a cabeça, tentando se concentrar. Precisava se provar digno, de modo que Sr. Rizzoli o convidasse para se juntar à equipe. Sua habilidade para abrir fechaduras era um grande bônus, mas suas tendências em cometer erros estúpidos e seus problemas com violência e sangue eram uma grande enrascada. Paolo não sabia como ser durão. Toda vez que via alguém sendo espancado, tinha visões de sua mãe deitada no chão da cozinha. Cada gota de sangue tornava-se o sangue dele, e era dominado com o mesmo terror que sentira naquela noite terrível quando ele pensou que ela estava morta.

Paolo ouviu uma risada, e baixou a cabeça, enquanto dois homens passavam, conversando em uma língua estrangeira. Ambos atarracados, de cabelo loiro, curto e grosso, acento eslavo, que combinava com a descrição que Mike lhe dera dos atiradores

albaneses. Um deles jogou um punhado de moedas no chapéu de Paolo e ele murmurou um obrigado, na hora que abriam a porta para o Vice.

Assim que a porta se fechou, Paolo agarrou o dinheiro e correu para encontrar um telefone público. Se ele ferrasse isso, não seria "perseguido", seria morto.

— São eles?

Mike gritou para Paolo sobre o som de "Golpes relâmpagos" dos Ramones e apontou para os dois albaneses que Paolo viu na rua a menos de uma hora atrás. Eles estavam sentados no bar revestido de adesivos do Vice, conversando com uma mulher que tinha metade de sua cabeça raspada e a outra com um moicano azul espetado. Não que os caras se preocupassem com seu cabelo. Um tinha a mão sob sua saia, e o outro tinha a mão no seio dela. Cara, Paolo não podia esperar para ter vinte e um anos de verdade. O segurança não aceitou sua identidade falsa, mas Mike entregou-lhe algumas notas e murmurou algumas palavras, e Paolo teve seu primeiro gosto do céu.

— Sim, senhor. — ele queria desesperadamente saber o que Mike disse para o segurança, ou quanto dinheiro entregou para liberar sua entrada. Paolo precisava aprender essas coisas se iria se juntar à máfia, embora duvidasse que fosse capaz de intimidar qualquer pessoa com um olhar como Mike fazia.

— Quero que você vá para a porta dos fundos. — disse Mike. — Você vai mantê-la aberta quando Little Ricky e eu chegarmos com os albaneses, e em seguida, você vai ter a certeza de que ninguém vá para o beco. Sally G deveria estar aqui, mas ele se atrasou. Você acha que pode fazer o trabalho?

— Sim senhor.

— Bom, garoto. — Mike lhe deu um tapinha no ombro. — Agora vá.

Paolo abriu caminho através da multidão, absorvendo o ambiente escuro, o bar decadente onde tudo parecia rolar, de drogas, cigarros, a uma mulher montando um homem na parte de trás, sendo fodida contra a parede. Ele estava duro no momento que chegou à porta, os hormônios de adolescente enlouquecendo nas cenas explícitas que aconteciam em todos os lugares que olhou. Era muito foda.

— Hei, cuidado! Esse cara está passando mal. — Mike gritou pelo corredor, empurrando um dos albaneses na frente dele, com a mão sobre a boca do cara.

Paolo viu uma arma pressionada contra as costas do albanês enquanto Mike o empurrava passando por Paolo e saindo para o beco. Pouco depois de Ricky seguir com o segundo albanês, Paolo fechou a porta atrás de si, uma vez que estavam do lado de fora. Ele estava no beco, a mão na maçaneta da porta no caso de alguém tentar sair, o coração acelerado com a cena que se desenrolava à sua frente.

Sr. Rizzoli estava inclinado contra uma parede de tijolos, os braços cruzados, enquanto os dois albaneses ficavam de joelhos na frente dele. Alguns de seus soldados e confiáveis associados estavam por perto. Paolo viu mais dois caras em uma extremidade do beco e uma van branca estacionada na rua bloqueando a entrada no lado oposto. A van contou-lhe tudo o que precisava saber, o estômago ficando apertado. Embora ele estivesse em torno da multidão durante anos, nunca viu um homem ser golpeado, e orou que o Sr. Rizzoli planejasse fazer isso em outro lugar.

— Nomes. — Mike perguntou.

O mais alto dos dois respirou fundo.

— Sou Fatos. Meu amigo é Besnik.

— Albanês? — perguntou Mike.

Ambos assentiram.

— Eu ouvi que você está aceitando trabalhos. — disse Rizzoli para Fatos. — Isso está certo?

A esperança brilhou nos olhos da cara. Ele seriamente pensava que a máfia iria contratá-los? A Máfia fazia tudo internamente, trabalhando em silêncio e discretamente a menos que houvesse uma mensagem para enviar, e então, eles faziam isso com estilo.

— Talvez. Depende do trabalho. — Fatos deu de ombros. — Como sabemos que você não é polícia?

Mike deu uma coronhada na cabeça de Besnik, derrubando-o de lado. O sangue brotou em sua têmpora, e ele caiu de quatro, gemendo.

— Será que policiais fazem isso?

Fatos empalideceu, sua pele ficando quase translúcida no beco mal iluminado.

— Quem é você?

— Nós somos os caras que temos perguntas e você vai responder — disse Rizzoli. — Segunda-feira à noite, vocês atiraram em uma casa no norte de Las Vegas com um par de AKs?

— Que porra é essa? Você quer nos contratar, ou não?

— Responda a porra da pergunta. — disse Mike para Fatos. — Ou vou chutar o seu amigo até ele cuspir uma costela.

— Sim, nós fizemos.

Sr. Rizzoli agarrou o cara pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás.

— Quem te contratou?

— Não sei o nome dele. — a voz de Fatos era tensa. — Estávamos no bar, divulgamos que estávamos à procura de trabalho, ele veio até nós, precisava de um trabalho urgente, se ofereceu para pagar acima do pedido, portanto, aceitamos.

— Como ele era?

O cara deu de ombros.

— Cabelo escuro, olhos escuros, cara grande, meio atarracado. Ele parecia mexicano se você me perguntar. Ou talvez fosse italiano.

— Porra, você não pode dizer a diferença entre um mexicano e um italiano? — o tom de Mike retumbou com um aviso, mas Fatos claramente teve o suficiente, ou talvez ele estivesse apenas cansado de viver.

— Que porra é essa? Se você não está interessado em nos contratar, então pare com esses malditos joguinhos.

— Jogos? — Sr. Rizzoli bateu com o punho no maxilar do cara. — Você quer jogar? Aqui está um para você. Sabia quem estava na casa antes de atirar?

— Não. — Besnik empurrou os joelhos. — Foi um trabalho de alerta. Esperamos até que as luzes estivessem apagadas na parte de trás, em seguida, atiramos na frente.

— Não? — Sr. Rizzoli soltou Fatos quando ele continuou a falar.

— Uma mulher estava naquela casa. — Soco. — Minha mulher. — Chute.

— E você sabe quem eu sou? — Soco. Soco. Soco. — Olhe ao seu redor porra!

Os dois albaneses olharam em volta. Sr. Rizzoli estava vestindo um terno impecável, como de costume. Mike estava vestido casualmente de jeans e uma camisa de manga curta. Um dos soldados tinha uma grossa corrente de ouro no pescoço, uma camisa branca e um par gasto de jeans. Little Ricky usava um agasalho como se fosse para a academia. Não havia nada sobre eles que gritasse Máfia, e Fatos parecia confuso.

— Eu não...

— *Cosa Nostra.* — Besnik amaldiçoou no que Paolo assumiu ser em albanês. — Eles são da máfia. Você aceitou um contrato para atirar na máfia, porra.

— Sim? Bem, que se fodam. — Fatos cuspiu, sua saliva pegando na ponta de um dos sapatos extravagantes do Sr. Rizzoli. — Você não nos assusta. Nós somos aqueles que fazemos o trabalho que a máfia tem medo de fazer. Extorsões, execuções, avisos... Vocês bocetas acham que são bons demais para sujar as mãos. Você precisa de nós, então acabe logo com esse jogo e nos deixe ir.

— Mike? — Sr. Rizzoli estudou a saliva em seu sapato.

— Sim, chefe?

— Ele acabou de cuspir no meu sapato?

— Sim, ele fez chefe.

— Ele acabou de nos chamar... de bocetas?

Little Ricky chutou Fatos com força nas costelas e o estômago de Paolo se agitou. Oh cara. Isso ia ser ruim.

— Sim, senhor. — disse Mike. — Ele nos chamou.

Sr. Rizzoli tirou o paletó, dobrou-o cuidadosamente e entregou a um de seus soldados.

— Melhor verificar suas bolas, Little Ricky. Qualquer um que nos chame de bocetas deve ter bolas de aço.

Little Ricky chutou Fatos entre as pernas e Fatos se dobrou, uivando.

— Suas bolas parecem meio suaves para mim, chefe. Quer dar uma olhada?

— Eu iria, mas meu sapato precisa ser limpo. — Sr. Rizzoli desfez o nó da gravata e entregou-o ao soldado, enquanto o Little Ricky forçou a cabeça de Fatos para o chão.

— Você o ouviu. — disse Little Ricky. — Limpe seu sapato. Use sua língua ou vou explodir sua cabeça aqui mesmo.

O coração de Paolo batia tão forte que pensou que poderia quebrar uma costela. Ele mentalmente pediu a Fatos para parar de agir como um idiota e lamber o sapato do Sr. Rizzoli. Talvez se cooperasse, Sr. Rizzoli poderia deixá-lo só com uma surra.

Fatos lambeu o sapato.

Sr. Rizzoli cuidadosamente arregaçou as mangas. Ele gesticulou para Little Ricky para levantar Fatos e, em seguida, estudou o albanês carrancudo.

— Você desrespeitou minha garota. E quando você a desrespeita, você me desrespeita. E quando você me desrespeita, você desrespeita a minha família. Ninguém desrespeita a minha família. — Sr. Rizzoli deu um murro no nariz de Fatos, e então ele encheu Fatos com chutes e socos como se tivesse se segurado todo esse tempo.

— Você não verificou quem estava na porra da casa? Você não conhece o cara que te contratou? Que tipo de idiota é você? Quem diabos atira em uma mulher? E quem diabos você pensa que é para nos chamar de bocetas?

— O que você quer saber? — Besnik gemeu. — Nós vamos te contar. O que você quiser.

— Queremos saber o quão alto podemos fazer você gritar. — disse Rizzoli.

E então a surra realmente começou.

Paolo compreendia a maneira que a máfia trabalhava. Ele sabia que a *Cosa Nostra* protegia os seus, e aplicava a própria justiça para assegurar que nunca fossem desafiados. Mas esta noite, percebeu que o Sr. Rizzoli o protegeu do que realmente significava pertencer à máfia. Quando alguém cruzava a linha, a mensagem que era enviada tinha que ser compreendida por todos.

Besnik gritou, mas o ruído foi abafado pela música dentro do bar, o riso das pessoas felizes no interior, e o zumbido constante do tráfego na rua. Sangue respingou por todo o sapato de Paolo. Bile subiu em sua garganta. Antes que pudesse se conter, ele se dobrou e despejou o conteúdo de seu estômago no chão. Com a mão na parede de tijolo ao lado da porta, Paolo vomitou e se envergonhou uma e outra vez.

Little Ricky olhou, e seu rosto enrugou com desgosto.

— Jesus Cristo. Que porra é essa? Que tipo de homem é você?

Um fodido. Um perdedor. Fraco. Assim como seu pai dizia a cada vez que batia em sua mãe para fazer Paolo pagar pelos erros.

Talvez Paolo fosse capaz de sofrer com os insultos de Little Ricky, ou a decepção no rosto de Sr. Rizzoli, ou o fato de que ele não era tão forte como outros associados do Sr. Rizzoli. Mas nunca seria capaz de lidar com os eventos que aconteceram em seguida.

Superado por sua fraqueza, ele falhou em guardar a porta. Muito tarde, ouviu o rangido de dobradiças.

— Merda. — Little Ricky levantou a arma, se movendo para interceptar.

Isso é culpa sua. Papà chutou o corpo sem vida de *Mamma* no chão sujo de sangue, seu olhar em um Paolo, encolhido no canto. *Ela estava acobertando você. Pagou pelo seu erro. Você vai viver com isso para o resto de sua vida.*

Assolado por visões do corpo amassado de sua mãe, Paolo disparou, os pés batendo no beco, os fios de vômito pendurados no queixo. Uma coisa era ter que testemunhar a surra brutal de dois pistoleiros contratados que cometeram um grande erro com a família Toscani. Mas ele não podia assistir alguém morrer porque fodeu tudo de novo.

Paolo desacelerou para uma caminhada fora dos planos na esquina da East Searles e Northeastern, e caiu para sentar nos degraus de concreto. Ele esteve em transe a maior parte do caminho de volta para a merda que chamava de lar. Tinha acabado. Seu sonho estava morto. Nunca entraria na máfia.

Cotovelos sobre os joelhos, baixou a cabeça e respirou, engasgando com o cheiro fétido de lixo podre. Esta hora da noite não tinha muitas pessoas na rua e poderia se sentar na escuridão e assistir a alguns postes piscando. Paolo deixou o Sr. Rizzoli em grande estilo. Ele se humilhou, e esqueceu de vigiar a maldita porta. Se o visitante inesperado fosse um civil, Little Ricky não teria escolha, a não ser matá-lo. A mãe de Paolo estava em uma casa de repouso porque fez asneira. Mas desta vez, um homem inocente poderia ter morrido.

Ele não teve a coragem de chamar alguém e descobrir o que aconteceu. E mesmo que tivesse, não tinha telefone, porque era um fodido, assim como o seu velho pai lhe disse.

— Hey, cara. Você está procurando por algo especial?

Paolo reconheceu Crazy T, um membro da 22nd Street Boyz, e um traficante de drogas local. Antes de Paolo começar a trabalhar para a equipe do Sr. Rizzoli, ele usou um monte de drogas e Crazy T foi o seu principal fornecedor. Paolo gostava de como a droga o fazia se sentir autoconfiante, de boa aparência, como se estivesse no topo do jogo.

Após o Sr. Rizzoli o ter pego usando drogas, Paolo excluiu o nome de Crazy T do telefone e ficou longe das festas e amigos que faziam parte da cena, com medo de prejudicar o seu futuro na máfia. Os Toscanis o mantiveram ocupado o suficiente ao longo dos últimos anos e ele não sentiu falta, mas nunca esteve tão para baixo como agora. Paolo estava acabado. Humilhado. Envergonhado. E, tão logo a máfia o pegasse, ele estaria morto. Por que não usar uma última vez e se sentir bem pela última vez? Por que não entorpecer a dor?

— Sim. O que você tem?

Crazy T verificou a rua e veio até as escadas.

— Eu tenho dois sacos comigo. Basta dar-me quarenta. Okay?

— Eu só tenho vinte, então vou pegar só um. — Ele entregou o dinheiro e Crazy T passou-lhe um saco claro, de plástico. Era do tamanho de um cartão de baseball. Dentro estavam dois papéis dobrados de cera carimbados com rosa negrito: “Etiqueta rosa”. Mesmo cocaína tinha uma marca.

— Dei-lhe um bônus porque já tem um tempo e essa merda é das boas. — disse Crazy T em resposta à pergunta silenciosa de Paolo. — É novidade do México.

— Obrigado. — Ele enfiou a bolsa no bolso.

— Eu ainda estou ao redor, sim. Basta encontrar-me se você precisar de mais.

— É apenas uma vez. — disse Paolo. — Tive um dia ruim.

— Claro, mano. Qualquer coisa que você diga. Mas todo mundo que tentou essa merda voltou para mais.

Paolo suspirou.

— Eu estou procurando trabalho.

— Sim? — Crazy T inclinou a cabeça para o lado. — Você está interessado em fazer algum dinheiro?

— Talvez. Sobre o que estamos conversando? — Crazy T enfiou as mãos nos bolsos de sua calça excessivamente grande de brim, puxando-os para baixo até que Paolo pudesse ver o cós de sua cueca Calvin Klein.

— Este novo material é bom pra caralho, não estou conseguindo acompanhar. Eu poderia apresentá-lo ao meu fornecedor e podemos dividir o território. Levaria uma porcentagem do que você ganha como taxa de corretagem e você terá toda a droga que você quiser de graça.

— De graça? — Seus olhos se arregalaram. — Você está me sacaneando?

— Não, cara. — Crazy T encolheu os ombros. — Há rios desse material entrando na cidade, e o cara que comanda está de boa que a gente pegue o que precisamos enquanto estejamos recebendo o produto lá fora. Ele está ficando puto comigo porque não estou acompanhando a demanda, por isso seria bom tê-lo a bordo.

Paolo nunca lidou com drogas antes, mas o quão difícil pode ser? Ele não era um bom vendedor, inferno, não era bom em nada, mas quando estava doidão, tinha toda a confiança no mundo. E conhecia um monte de caras fora da máfia. Paolo poderia espalhar essa merda ao redor e fazer muito mais dinheiro do que teve com os Toscanis. Paolo seria capaz de se dar ao luxo de colocar *Mamma* no tipo de casa de repouso, onde pessoas ricas iam, e ele poderia comprar um bom carro para que pudesse levar as garotas em grande estilo. Não teria o respeito que os mafiosos têm, ou o sentido de família, e não teria cem caras tentando vingá-lo se alguém lhe desse merda. Mas esse sonho se foi, e se o Sr. Rizzoli poupasse sua vida, teria que encontrar uma maneira de sobreviver. Talvez viesse a ser bom nisso. Talvez ainda melhor do que Crazy T.

— Se eu estiver por perto amanhã, então estou interessado.

— Me dê um toque. — Crazy T sacudiu seu telefone. — Vai demorar cerca de uma semana para organizar um encontro.

— Eu perdi meu telefone. Você conhece alguém que pode me arranjar?

— Claro, mano. Conheço um cara. Ele compra telefones roubados, os embala e manda para o exterior. Você lhe diz o que quer e ele vai entregar. Estou indo para lá.

Paolo olhou para a rua. Talvez ficar sentado nos degraus à espera de ser espancado não era a melhor maneira de gastar o que poderia ser suas últimas horas na terra. Um homem inteligente sempre estava preparado, dizia Sr. Rizzoli. Paolo não era inteligente. E não era um homem, não ainda. Mas ele poderia se preparar para o golpe esmagador que estava por vir. Na melhor das hipóteses, ele seria capaz de entrar em contato com Crazy T e se estabelecer como

um traficante. Na pior das hipóteses, seria capaz de chamar sua mãe e dizer adeus.

Onze

— Cale a boca e beba. — Cissy leu o sinal acima do pequeno palco, enquanto caminhavam para Red 27, um bar bem conhecido no centro de Las Vegas. — Bem, isso vai ser uma experiência.

— Eu não posso acreditar que finalmente você chegou aqui. — Nicole gritou para Gabrielle sobre a música tocando.

— Você vai amar. — ela sorriu para o cara alto e musculoso ao lado dela que cobriu a cabeça raspada com um gorro cinza que combinava com a sua camiseta cinza estampada com um lobo uivando. — O que você acha, Clint?

Gabrielle lançou a Cissy um olhar exasperado quando Clint, o Rei Pornô, deu de ombros. As noites de sexta-feira deveriam ser apenas meninas, mas por algum motivo Nicole implorou para que Clint fosse junto.

Gabrielle seguiu Nicole para o bar com uma Cissy nervosa quase grudada às suas costas, contornando mesas gastas cheias de góticos, ravers, e um punhado de fadas punk. Dread's, moicanos e cabelos espetados eram os penteados dominantes, quanto mais brilhantes, melhor. Era o oposto polar dos turistas que vinham a Las Vegas, desde as paredes decoradas, os celulares no teto, e da clientela eclética para as travessuras explícitas acontecendo nas mesas.

Ela resistiu às tentativas anteriores de Nicole para arrastá-la para o bar, desconfortável por ser uma policial em um lugar conhecido e ter que fazer vista grossa às atividades ilícitas e hospedar uma clientela menos picante de ciclistas, punks, mestiços tatuados, e a variedade ímpar de criminosos.

No entanto, com a sua vida de cabeça para baixo, Gabrielle precisava de uma distração. Luca não apareceu ao encontro na

quarta-feira e não ouviu falar dele desde então. Não só isso, Theft estava provando ser um grande aborrecimento e ela esgotou suas opções para tentar ser transferida para o caso Garcia. Cissy sugeriu que voltasse para Glamour, mas depois de ter empurrado seus limites com Luca, Gabrielle decidiu caminhar pelo lado selvagem e conferir o lugar favorito de Nicole para a festa.

Um hipster de chapéu de malha verde cumprimentou Nicole com um beijo quando chegaram ao bar.

— Bem-vinda de volta minha amiga.

— King! Estas são as minhas amigas que te falei. As que venho tentando trazer aqui há eras. E este é o meu namorado, Clint. você pode fazer algo especial para eles?

King lhe deu uma piscadela.

— Qualquer coisa para você, princesa.

Gabrielle deu um olhar a Clint. Ele não parecia incomodado com o beijo de King ou a piscadela. Ela imaginou King beijando-a na frente de Luca e teve que segurar uma risada. Luca era o homem mais possessivo e protetor que já conhecera. Sem dúvida, os lábios de King nunca teriam chegado perto de sua bochecha.

— Você tem uma clientela bastante eclética. — disse Gabrielle a King, agarrando um banquinho livre no bar enquanto Nicole, Clint, e Cissy foram encontrar uma mesa.

— Mantém as coisas interessantes. — ele despejou três tipos diferentes de álcool, e o que pareciam ser misturadores aleatórios em gigantes canecas de cerveja e agitou-os com uma colher.

Gabrielle fez uma careta quando ele colocou as bebidas espumantes marrom em uma bandeja para ela.

— O que é isso?

— Bar Dive especial. — King sorriu. — Solta as pessoas.

Ela encontrou seus amigos em uma mesa precariamente instável perto da pista de dança, onde todos pareciam estar dançando em qualquer ritmo, menos na batida.

— O que é isso? — Cissy provou a bebida e estremeceu. — Tem gosto de cem provas de álcool misturados. É legal?

— Ele não tem um nome, mas vai lhe dar uma animada em menos de cinco minutos. — Nicole deu um grande gole e cutucou o copo de Gabrielle. — Beba e afogue suas mágoas. Você vai superar Luca.

— Talvez eu devesse ter comprado dois.

A ausência de Luca não deveria tê-la incomodado, mas incomodou. Mesmo que o que eles tivessem fosse somente sexo, ela estava ansiosa para vê-lo na quarta-feira à noite depois de um dia terrível no trabalho, especialmente desde que Nicole estava passando a noite com Clint. Gabrielle parou em uma loja de lingerie e comprou algo de suas fantasias mais secretas, algo tão rosa e feminino, cheio de arcos e fitas e de renda que David teria rido. Ela tomou banho, se depilou, e colocou um vestidinho preto sobre suas ligas, meias e sutiã, juntamente com um par de saltos que Nicole comprou na primeira vez que se aventurou depois da morte de David.

A antecipação foi um deleite delicioso. Humilhação foi uma pílula difícil de engolir.

Mesmo agora, ela não conseguia parar de repreender-se por se deixar levar, por ser a viúva patética, tão desesperada para encontrar o amor novamente, que se sentou em sua casa toda arrumada à espera de um homem que não tinha intenção de vir.

Eles nasceram para seduzir, foram criados para seduzir, e morrerão seduzindo a enfermeira no hospital.

Bem, a partir dos risos e baixos murmúrios que ela ouviu do outro lado da cortina quando estava no hospital, isso não estava muito longe da verdade. Ele provavelmente tinha a florista na discagem rápida.

— Se isso faz você se sentir melhor, — disse Cissy — pensei que ele era muito intenso, especialmente depois que você me contou como tentou bater em Jeff. Quero dizer, quem faz isso?

— Ah. Clint faz. — Nicole olhou para Clint que estava assistindo duas fadas punk's dançarem juntas. Seu sorriso fraco fez o estômago de Gabrielle apertar em um nó. Ela só esteve com Clint duas ou três vezes no ano que Nicole estava com ele, e cada vez gostava dele ainda menos do que a última vez. Gabrielle particularmente não gostava de como Nicole agia submissa em torno dele. A Nicole que conhecia não tinha sorrisos fracos ou gestos sorridentes. Ela era ousada e confiante de uma maneira que Gabrielle sempre admirou, mas aquele sorriso dizia outra coisa.

— Você nunca nos contou sobre isso. — disse Cissy.

Nicole deu de ombros.

— Duas semanas depois de começarmos a nos ver, fomos dançar com um amigo dele, que se hospedou com ele quando foi à Austrália. Seu amigo deu em cima de mim e Clint lhe socou no rosto e o colocou para fora da casa. Não foi, baby?

O olhar de Clint se voltou para ela e novamente se voltou para longe.

— Sim. O idiota roubou meu amplificador.

— Não foi apenas sobre o amplificador. — ela sussurrou. — Foi por mim. Ele não queria seu amigo tocando em sua garota.

Gabrielle tinha a sensação de que não era sobre Nicole; Era apenas sobre o amplificador, como Clint disse, mas ela não contradisse Nicole. Sua amiga teve um começo de vida difícil e passou a maior parte de sua adolescência em um orfanato. Se Nicole se sentia bem com a história do jeito que criou, então não cabia a Gabrielle contradizê-la.

Durante a hora seguinte, eles conversaram sobre bebidas, espremeram-se na pequena pista de dança quando as músicas eram

boas, e tentaram afogar suas mágoas quando a banda punk da casa subiu ao palco.

— Punks roqueiros nunca deveriam tentar detonar. — Gabrielle disse enquanto tomava o último gole de sua bebida. O álcool tinha finalmente tirado seu fio de tensão, e ela podia respirar um pouco mais fácil com Clint longe no bar. — Mesmo que eles estivessem tentando ser irônicos. E o homem de frente soou nada como Hendrix e tudo como se ele estivesse tentando dobrar Jimmy Kimmel.

— Ele estava assistindo você dançar. — Cissy deu-lhe uma cotovelada. — Não conseguia tirar os olhos de você.

Nicole engasgou com a bebida.

— Dê-lhe uma chance de superar Luca. Faz apenas dois dias.

— Eu realmente o esqueci por um tempo. — Gabrielle tomou outro gole e percebeu que metade de sua bebida se foi.

— Ele era muito diferente do David. Muito protetor e possessivo. Perigoso e excitante. — ela colocou a mão no pescoço e percebeu que não colocou seu medalhão após Nicole ter tomado dela no restaurante de Luca. Ele ainda estava sobre a cômoda ao lado de fotografia de David.

Cissy levantou uma sobrancelha bem-feita. Ela sempre parecia perfeita, não importa onde eles fossem. Hoje à noite, se vestiu de punk elegante: um vestido preto apertado, com painéis de renda estrategicamente colocados, botas até o tornozelo e pulseiras.

— Você o está desculpando por te deixar esperando e não responder às suas mensagens?

— Não. Só estou dizendo que nunca conheci alguém com tanta personalidade e presença. Luca é completamente diferente. Faz o que quer e foda-se as regras. É muito refrescante depois de passar todo o

meu tempo com os cumpridores da lei. Ele me faz querer ser um pouco má.

— Você deve ser má! — os olhos de Nicole se iluminaram. — Podemos ser más juntas.

— Então você precisa largar o peso morto. — Cissy inclinou o queixo para Clint, agora falando com o King no bar. — O que ele realmente está fazendo aqui? Esta é a noite das garotas.

— Clint queria vir e conhecer o bar. — Nicole olhou para a mesa. — Ele não estava realmente... interessado... em ouvir um não como resposta.

Antes que Gabrielle pudesse descobrir o que estava acontecendo, sentiu uma perturbação perto da porta. Ela olhou para cima, no momento em que a multidão se afastava para acomodar um metro e noventa e dois de um macho carrancudo de tirar o fôlego e dois de seus amigos igualmente formidáveis.

— Meu Deus! É Luca.

— Como ele sabia onde você estava? — Cissy franziu a testa. — Luca é um perseguidor ou está vigiando você, ambas atitudes são ilegais, devo acrescentar.

— Não acho que um cara como ele se preocupe muito com o que é ilegal ou não. — Nicole afastou a cadeira e deu um aceno de cabeça não muito sutil a Cissy. — Eu vou ajudar Clint no bar. Você quer vir, Cis?

Cissy hesitou.

— Seus amigos são... uh... — ela lambeu os lábios. — Eu só poderia ficar e conhecê-los. Ser educada. Polidez é bom.

O olhar de Nicole voltou para os dois homens que estavam nas costas de Luca, quase como guarda-costas, e seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Se Clint não estivesse aqui, eu seria educada também.

Luca desceu como um furacão. Um furacão lindo de morrer. Gabrielle gostava dele em terno, mas ela o amava nos jeans gastos que usava esta noite, juntamente com uma camisa apertada *Affliction* e uma jaqueta de couro surrada. Ele parecia um fodão na maneira mais deliciosa.

— Luca. — só em dizer o nome dele, fazia coisas estranhas para seu estômago. — O que você está fazendo aqui?

— Você está aqui. — ele parecia curiosamente irritado, embora fosse o único a acabar com a festa.

— Não me lembro de convidá-lo. — ela se inclinou para trás, parecendo tranquila como se não houvesse tido o equivalente a seis bebidas em duas horas, e a música não estivesse pulsando em seu corpo, as pessoas não estivessem transando em torno dela, e não estivesse pensando em levá-lo para o canto mais escuro do bar, e reviver a sua experiência no Glamour tudo de novo.

— Você sempre parece acabar com a nossa sexta-feira. Estou aqui com Nicole e seu namorado e Cissy. — ela apontou para a amiga babando. — Você se lembra de Cissy.

Luca desviou o olhar dela para dar a Cissy um aceno de cabeça, e depois apresentou seus amigos.

— Mike e... uh... Rick.

— Vocês estão com sede? — perguntou Cissy. — Eu estava indo para o bar.

Ambos olharam para Luca e ele deu outro aceno.

— Continue. Vou deixar vocês saberem quando vamos embora.

— Obrigado, chefe.

Gabrielle os assistiu ir. O mais alto dos dois tinha o corpo de um boxeador, todo musculoso, o cabelo curto de militar. Seu amigo igualmente atarracado compartilhava as características escuras de Luca, mas não o senso de estilo. Ela se lembrou deles no restaurante, mas no momento pensou que eles eram amigos.

— Chefe? Eles trabalham para você?

Luca cruzou os braços sobre o peito.

— De certa forma.

Ela sentiu que esse assunto foi encerrado, e mudou-se para a questão mais importante, como sua presença no bar.

— Como você me achou?

— Sua vizinha. — ele estendeu a mão, mas Gabrielle não fez nenhum movimento para pegá-la. — Eu parei na sua casa para verificar o trabalho que os empreiteiros fizeram e vi Max próximo ao quintal. Fui para verificar. Falei com a Sra. Henderson. Ela mencionou que você estava vindo para cá.

— Ela é intrometida assim. — alívio a inundou agora que sabia que ele não a estava perseguindo e sua presença aqui tinha uma explicação racional. — Sra. Henderson gosta de saber onde estamos, mesmo que estejamos com o telefone. Nicole acha que ela está revivendo sua juventude através de nós.

— Ela se preocupa com você. — disse ele. — E acho que ela estava preocupada com você vindo para cá.

— Eu pareço estar bem até agora. — ela encolheu os ombros, tomou um gole do resto de sua bebida que desceu muito rápido. — E acho que nós dois sabemos que posso cuidar de mim.

— Venha. — ele fez um movimento brusco com os dedos, como se esperasse que saltasse para cima e obedecesse. — Quero falar com você lá fora onde posso me ouvir pensar.

— Eu queria um encontro na outra noite. Acho que nós dois ficamos desapontados.

Jesus Cristo. Luca precisava tirá-la daqui. Se eles fossem vistos juntos por qualquer pessoa que o conhecesse, poderiam estar em perigo.

A solução mais fácil seria sair. Afinal, ele prometeu a si mesmo que terminaria com ela depois que pegasse os dois albaneses que dispararam na sua casa, e agora eles estavam deitados no deserto ao lado da estrada, uma mensagem para a máfia albanesa que seus homens mexeram com a garota errada. Sentia-se como um bastardo por furar com ela, e pior ainda, por não responder suas mensagens, mas era o melhor. Mais seguro. Para ambos.

E ainda assim, esta noite encontrou-se em seu carro, dirigindo pela rua dela, dizendo a si mesmo que estava ali apenas para verificar o trabalho dos construtores em sua casa. Quando viu Max no quintal ao lado, Luca se sentiu compelido a investigar. E quando descobriu que ela veio à Red 27, ele mandou uma mensagem para Mike e Little Ricky e disse-lhes para encontrá-lo lá.

Red 27 não era um bom lugar para policiais.

— Algo aconteceu. — ele disse rapidamente, em resposta a sua advertência.

— Foi algo que paralisou seus dedos para que você não pudesse ligar e nem mandar mensagem? — ela apertou os lábios e suspirou. — Deixa para lá. Não era nada sério. Você queria acabar com isso, e acabou. Estou bem com isso.

Ela não estava bem com isso. Luca podia ver na forma como abaixou a cabeça para mascarar a decepção em seus olhos. E se fosse honesto consigo mesmo, não estava bem com isso também. Ele puxou uma cadeira ao lado dela quando ficou claro que ela não ia sair com ele.

— Foi o trabalho.

— O restaurante?

— Minhas outras operações comerciais. E para ser honesto, eu estava sendo um idiota.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando-o.

— Isso é um pedido de desculpas?

— Eu nunca admiti ser um burro antes.

Seus lábios inclinaram-se nos cantos.

— Você perdeu algo especial na minha casa.

— Cada momento com você é especial. — tomando uma chance, ele enfiou os dedos nos dela e apertou a sua mão. — Deixe-me levá-la daqui e fazer as pazes com você.

Gabrielle balançou a cabeça, mas seu rosto suavizou e ela não puxou a mão.

— Estou aqui com os meus amigos.

Luca a puxou da cadeira e a colocou em seu colo.

— Terei prazer em cuidar de você até que você esteja pronta para ir.

— Eu tenho um sentimento que não é o único prazer que você quer esta noite.

Calor chiou entre eles, e Luca a puxou com força contra seus quadris.

— Eu poderia te satisfazer aqui e ninguém notaria.

— Huuummm. — ela olhou para um casal que mal escondia as suas atividades ilícitas em um canto sombreado do bar. — Se parece com o nosso tipo de lugar.

Dio Mio.

Seu pênis estava duro em um instante. Ele tinha que levá-la para fora daqui. Não apenas por causa do risco de ser reconhecido, mas porque estava a minutos de pegá-la e aceitar sua oferta.

Será que ele queria ir por esse caminho novamente? O que ela faria se descobrisse que cumpriu sua promessa de garantir que os

atiradores nunca a incomodariam novamente? Ou se Gabrielle o ligasse aos dois albaneses mortos no deserto? Onde é que sua lealdade ficaria? Será que escolheria Luca ou a lei?

Talvez ele tenha confiado nela rápido demais. Ela não revelou que era uma policial até que precisou fazê-lo. Por tudo o que sabia, sua história poderia ser apenas isso: uma história e ela esteve infiltrada desde o início. Em seu negócio, eles não poderiam ser muito cuidadosos. Era por isso que tinham uma regra sobre como se associar aos policiais, e por que os associados não poderiam se tornar membros até que estivessem com a família por dez anos. Poucos policiais iriam desistir de dez anos de suas vidas para derrubar a máfia, embora o ex-sócio de confiança, Big Joe, fosse um desses poucos. Quanto mais fácil seria enviar uma mulher disfarçada, especialmente à esperta mais suscetível a cair em seus encantos.

— Luca?

Sua voz suave o puxou para fora de seus pensamentos sombrios, e o corpo respondeu ao anjo doce em seus braços, a mulher que o torceu em nós, desafiou-o, o despertou, e o arrastou de volta para mais. Desejo despertou profundamente no intestino. Ele nunca pensou que seria atraído por uma mulher assertiva, mas quanto mais a conhecia, mais a queria. Gabrielle nunca seria esmagada por suas exigências e necessidades. Ela nunca cederia quando ele estivesse errado. Gabrielle era forte, da forma que Luca precisava que uma mulher fosse. Ela lutaria até a morte pelas pessoas que amava, e não tinha medo de usar sua arma.

Nos anos após a morte de seu pai, Luca lutou para provar-se digno. Digno de confiança do chefe. Digno de *Cosa Nostra*. Digno da família que ele queria proteger. Mas quando estava com Gabrielle, não tinha que tentar.

Ela era uma seguidora de regras, aberta e honesta, corajosa e forte. Não havia nenhuma pretensão em Gabrielle. E ele sentiu sua autoestima em seu perdão, compreensão e aceitação. Gabrielle viu a essência de quem Luca era não contaminado pelo legado do pai ou a traição cruel de Gina, e lhe deu coragem para ser esse homem, um homem que poderia fazer o que fosse necessário para proteger sua

mulher. Ela o fez se perguntar, se todos estes anos, ele estava tentando demais. Talvez só precisasse se ver digno de conseguir que os outros o aceitassem. Talvez precisasse confiar em si mesmo, acreditar que não era filho de seu pai, e outros o fariam também.

— O que você está pensando? — ela mexeu os quadris contra seu eixo, duro sob o jeans.

— Você. — Ele a beijou levemente nos lábios.

— Tão honesto. — brincou ela. — Você não precisa pensar em mim. Eu estou bem aqui.

Gabrielle estaria ali quando descobrisse a verdade? Luca não foi honesto, não sobre quem era ou como vivia sua vida. Poderia ser honesto com ela agora? Será que a punição por quebrar *omertà*[14] seria pior do que a punição por se relacionar com uma policial? Ele poderia confiar nela? Confiou em Gina, e quase o destruiu.

Cheirei essa merda por anos, bem debaixo do seu nariz

Eu transei com ele em troca de drogas.

Você nunca me amou.

Matteo não é seu.

Perdido em um turbilhão de emoções, Luca passou os braços em volta da mulher que o mantinha ancorado ao solo.

— Eu acho que aqui está bom. — ela se acomodou contra ele, os seios pressionados contra seu peito, apertou os quadris contra o eixo dele.

A luxuria afastou o último de seus pensamentos sobre assuntos que não envolviam tirar suas roupas e enterrar o pênis profundamente dentro dela.

— Esse é um comportamento altamente inapropriado para um lugar público, Detetive Fawkes. — ele murmurou.

---

[14] **Omertà:** Código de honra

Ela olhou para cima e lhe deu um sorriso malicioso.

— Então é melhor encontrarmos um lugar privado. Acho que vi o que precisamos no corredor dos fundos. E ainda tem uma porta.

Doze

— Huuummm. — Luca olhou ao redor do armário empoeirado no corredor de trás do Red 27. — Acho que devemos transar no bar como todo mundo.

— Eu nunca transei em um armário antes. — Gabrielle apertou-se contra ele.

— E desta forma seremos legais. — foi a solução no meio do caminho para adaptar às suas necessidades de seguir as regras e sua necessidade de quebrá-las.

Sua mão enrolou em volta de sua cintura e ele a puxou para mais perto.

— As coisas que quero fazer com você não são legais em nenhum sentido da palavra.

Gabrielle sorriu, estudando seu rosto bonito na luz fraca.

— Eu sou uma virgem de armário. Seja gentil. — ela esfregou seu pescoço, mordiscou o lóbulo de sua orelha, e enrolou a mão ao redor da nuca dele até que o cabelo espesso roçou seus dedos. Mesmo o cheiro de mofo do armário não poderia mascarar o cheiro de uísque e colônia com uma pitada de perigo.

— Eu não vou. — ele abaixou a cabeça e tomou seus lábios em um beijo exigente, a língua enroscando com a dela, empurrando profundamente, tomando o controle com os dedos cavados em sua bunda. Deus, Luca sabia beijar. Sua calcinha estava molhada e ficando mais molhada quanto mais áspero ele ficava.

— Porra, você é gostosa demais. — Suas palavras grosseiras a inflamando. Por baixo do verniz civilizado, ele era cru e selvagem e ela queria mais. Mais conversas sujas. Mais carícias ásperas. Mais chupões. Gabrielle queria ser maltratada. Queria seu corpo duro

entre as coxas. Queria doer amanhã para que cada vez que se movesse, se lembrasse dele dentro dela.

Queria se machucar, sentir, viver. E este homem poderia dar tudo para ela.

Com uma mão, Gabrielle agarrou a fivela de seu cinto, com a intenção de afastá-la, mas antes que pudesse se mover, Luca capturou seus pulsos, prendendo os braços atrás das costas, fazendo-a arquear e oferecer os seios para o prazer dele.

— Eu gosto de ver você assim. — segurando-a com firmeza, ele a empurrou contra a parede e esfregou o peito contra seus seios fazendo os mamilos ficarem duros sob suas roupas e o clitóris pulsar.

— Como? — a palavra saiu de forma ofegante.

— Molhada. Querendo. Fazendo o que eu lhe digo para fazer. — ele saqueou sua boca, a língua varrendo dentro, degustando, testando, reclamando. Com suas mãos presas, e sua boca sendo devastada por seu beijo, suas entranhas derretendo, ela soltou um gemido.

— Você pode fazer melhor do que isso. — ele soltou suas mãos para abrir seu vestido, deixando-o cair no chão. — Tire sua calcinha e sutiã. Quero te foder apenas com essas botas.

O olhar de Gabrielle voltou para a porta atrás dele. Ele trancou a maçaneta da porta antiquada quando entrou, mas se alguém de fora tivesse uma chave, não haveria como esconder o que estavam fazendo, nem tempo para vestir rapidamente suas roupas. Mesmo na semiescuridão, uma única luz leve cintilando através das frestas na porta, iria brilhar como um farol se ela estivesse nua. E isso traria a força policial em descrédito.

— Agora, Gabrielle.

Ao comando suave, ela se assustou. Este era um lado de Luca que a assustava. Não porque pensasse que ele iria machucá-la, mas porque o seu lado dominante a excitava com tanta força, que não sabia onde traçar a linha. A sensação de ser controlada, enrolando

dentro dela, indecisa se deveria saltar. Passando por sua hesitação, soltou o sutiã de renda preta e a calcinha combinando sobre os quadris, saindo deles quando chegaram ao chão.

— *Sei belíssima.* — ele sussurrou antes que ela tivesse tempo de se preocupar em estar completamente exposta.

Luca apertou os lábios contra os dela, e então lançou trilhas de beijos em seu corpo, lambendo o oco de sua clavícula, a elevação dos seios. Ele provocou os mamilos com a língua e os dentes enquanto segurava os seios em suas mãos quentes.

La fora, o New York Dolls "Personality Crisis" seguido de The Stooges "Search and Destroy". Vassouras vibravam contra a parede e latas e garrafas dançavam levemente nas prateleiras.

Luca tirou a camisa, o olhar de Gabrielle percorreu seu corpo, vendo as cicatrizes do ferimento à bala, sua magnífica tatuagem, o peitoral e abdômen cinzelado, e os coldres em todo o corpo.

— Você carrega um monte de armas. — ele tinha duas armas no coldre nas costas, e uma faca em cada lado. —Existe algo que eu deva saber sobre o negócio de restaurante?

— É um mundo perigoso lá fora. — seus olhos enrugados nos cantos enquanto ele tirava o cinto. — As pessoas são inflexíveis quando se trata de boa comida italiana.

Ela lambeu os lábios quando ele abriu o zíper do jeans, e soltou seu pau de sua contenção.

— É um mundo perigoso aqui.

Luca deu um rosnado baixo de satisfação.

— Você gosta do que vê, *Bella*?

Seu eixo era enorme e espesso da base até a cabeça em forma de ameixa. Perfeito. Ela queria isso, queria ele e acabar com essa provocação e senti-lo lento e profundamente dentro dela.

— Sim.

Algo primitivo e possessivo queimando em seus olhos.

— Toque-me.

Gabrielle envolveu a mão em seu pênis, a pele lisa ao longo do aço rígido. Luca era um amante muito confiante, bruto e totalmente no controle. Ela desejava levá-lo à sua mercê apenas uma vez e deixa-lo tão selvagem como ele a deixava.

— Mais forte.

Calor se espalhando por sua barriga enquanto ela bombeava para cima e para baixo seu comprimento endurecido, imaginando-o dentro dela.

— Você vai me levar, anjo. — ele enrolou a mão em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás. — Todo dentro dessa boceta apertada e quente. Vou fazer você doer por dentro de modo que cada vez que você se mover amanhã vai lembrar que eu estava dentro de você.

Desejo a percorreu, deixando seu sangue em chamas.

— Deus, eu amo quando você fala sujo.

— Isso é porque você é um anjo travesso, e debaixo de toda essa doçura, você é tão suja quanto eu. — Luca tirou a mão do pênis, e se ajoelhou diante dela, provocando o arredondamento suave de sua barriga com a língua antes de descer mais e soltar um sopro quente sobre o montículo. Gabrielle ficou tensa em antecipação de sua boca movendo-se onde ela queria que ele fosse, mas Luca saltou seu clitóris latejante e passou a língua ao longo de sua coxa.

— Não. — ela enfiou a mão através da espessura de seu cabelo, separou as pernas, sem constrangimento ou vergonha. — Me lambe.

— Shhh, anjo. — ele segurou seus lábios abertos, e passou o dedo ao redor de sua entrada, passando lentamente pelo clitóris. — Você não está no comando aqui.

Gabrielle gemeu em frustração, com as mãos apertando seu cabelo. Luca manteve o olhar sobre ela e alisou um dedo de um lado de seu clitóris. Os músculos internos se apertaram quando ele levou o

dedo para o outro lado. Ninguém nunca deu tanta atenção à sua vagina, e Gabrielle nunca esteve no limite por tanto tempo.

— *Giorno e notte a solo sogno di te.*

Oh Deus. Eletricidade chiou sob sua pele, fazendo com que as sensações que ele estava criando lá embaixo fossem tão intensas que mal conseguia respirar.

— Eu lhe disse para não falar comigo em italiano. Já estou muito excitada.

— Não estou falando com você. — Luca levantou a perna direita, colocando-a por cima do ombro, abrindo-a para ele. Beijou o vinco suave atrás de seu joelho e, em seguida, traçou uma rota quente, molhada até sua coxa com movimentos leves de sua língua. Luca murmurou novamente em italiano, e em seguida empurrou um dedo grosso dentro dela.

— Ahhhh. Tão bom. Desejo enrolando no fundo de sua barriga, e ela encostou-se à parede. — Você não está apenas falando com minha boceta.

— Eu pretendo fazer muitas coisas com sua boceta. — ele retirou o dedo e substituiu-o por dois. — Mesmo as vaginas, precisam de atenção.

Com um braço envolvido em torno de seu quadril, mantendo-a imóvel, ele mergulhou os dedos profundamente dentro dela, enquanto provocava seu clitóris, lambendo em torno do montículo, mas nunca onde ela precisava para gozar.

— O que você disse? — ela sussurrou, com a necessidade vindo, crescendo e crescendo, chegando e batendo no ritmo dos movimentos preguiçosos de sua língua sobre seu clitóris.

— Segredo entre mim e sua boceta. — ele murmurou novamente em italiano, a vibração de seus lábios e língua enviando ondas de desejo através do núcleo dela.

Ela agarrou sua cabeça, movendo-se contra ele, tentando obter apenas uma lambida de sua língua quente, molhada diretamente em seu clitóris.

— Eu não gosto de segredos.

— Alguns segredos a mantêm segura. — seus dedos ásperos cavados na bunda dela, segurando-a no lugar, enquanto brincava com ela da forma mais íntima.

Luca tinha segredos. Mesmo depois do tempo que passaram juntos, ela sabia muito pouco sobre ele. Que outro empreendimento estava envolvido? Quem eram seus amigos no restaurante e por que não falava sobre eles? E quem eram os caras que Luca estava agora? Por que o chamaram de “chefe”? Como o proprietário de um restaurante pagaria um Maserati e uma cobertura em uma das áreas mais elegantes da cidade, e como conseguiu que o proprietário do Glamour lhe desse o seu endereço?

Ela empurrou esses pensamentos de lado, determinada a aproveitar este tempo com ele. A lei tinha um termo para uma situação em que a suspeita era despertada para o ponto onde uma pessoa via a necessidade de mais investigações, mas deliberadamente optou por não fazer essas perguntas, de modo a manter-se inconsciente: cegueira voluntária.

E na semiescuridão do armário de vassouras no Red 27, com a língua do amante entre suas pernas, a escuridão em seu coração substituído com calor e luz, o doce esquecimento ao alcance, Gabrielle escolheu ser deliberadamente cega.

— Oh Deus, Luca. Faça-me gozar. — ela sussurrou enquanto seu corpo tremia.

— *Io sono tua, Bella. Per te farei di tutto.*

— Traduza. — ela exigiu.

Sua boca, quente e úmida, fechada sobre o clitóris, levando-a para o orgasmo. Gabrielle apertou seu cabelo, e o gemido gutural

soou em seus ouvidos quando um delicioso prazer tomou conta dela em onda após onda de sensações intensas.

— Eu sou seu, *mio angelo*. — ele deu um beijo suave no seu monte. — Faria qualquer coisa por você.

* * *

Luca não sabia para onde olhar, queria memorizar cada detalhe. Seus lábios brilhantes e cheios. Os belos olhos azuis. Os seios inchados com mamilos rosados. Sua boceta quente, rosa e molhada. Incapaz de esperar mais um segundo, ele pegou um preservativo de sua carteira e colocou em si mesmo enquanto se levantava.

— Pronta para mim *Bella*? — ele enrolou suas mãos em torno de sua bunda e levantou-a para seus quadris. Gabrielle trancou as pernas em torno dele, apoiando-se contra a parede, os braços sobre os ombros. Luca não percebeu que ela assumiu, até que fosse tarde demais. Assim que ele sentiu sua suave e lisa entrada descendo sobre a cabeça do pênis, estava pronto. Com um gemido, Luca inclinou os quadris e mergulhou profundamente dentro dela.

Dio mio. Ela estava tão quente. Tão apertada. Tão molhada.

A cabeça dela se debatia, os longos cabelos fluindo sobre os ombros, cobrindo a cicatriz em seu peito. O suor escorria na testa, e ele respirou o ar sufocante. Luca lutou contra o desejo por tanto tempo, não seria capaz de se segurar, e a queria junto. Novamente. Ele estava ávido por seus gemidos de prazer. Queria sentir sua boceta apertando ao redor dele, queria ouvi-la gritar.

— Oh Deus. Foda-me, Luca.

Cedendo a sua necessidade primordial, ele bateu contra ela, batendo contra a parede, alternando impulsos com movimentos firmes de seus dedos contra o clitóris. Ele ouviu passos no corredor, sentiu a vibração do baixo com "*Welcome to Paradise*" de Green Day soando através dos alto-falantes, sentiu o cheiro de sexo e a fragrância de flores silvestre que a partir de agora inexplicavelmente estaria ligado a ela. Paraíso, de fato.

Ele transou com ela em um frenesi, no cio como um animal, acariciando seu pescoço, mordendo o ombro dela, desesperado agora pelo clímax que pairava fora de alcance. Luca estava fora de controle, a sua visão turva, o corpo inteiro focado na mulher requintada, sensual em seus braços.

— Não pare. Não pare.

Não, ele não iria parar. Não podia parar. Mesmo se Frankie abrisse a porta e colocasse uma arma na sua cabeça, ele não deixaria essa mulher ir. Luca bombeou dentro e fora, mais forte, mais profundo, mais rápido. Mas foi a ondulação de sua boceta contra seu pau, que o enviou de novo. Sensações correndo pelo corpo. Seu pênis empurrou violentamente dentro dela. Suas bolas levantaram, apertaram, e Luca jogou a cabeça para trás e gemeu com o prazer que irrompeu da espinha, tremor após o tremor até que a pressão cedeu.

Lucca encostou a testa contra a dela, suas respirações ofegantes. Fodeu muitas mulheres, e de muitas maneiras. Mas nunca fodeu assim, furioso, desesperado, preso em um turbilhão de emoções. Luca a queria em sua cama e em sua vida, amava e odiava que ela fosse uma policial, desejou que houvesse uma maneira deles poderem estar juntos e que isso não terminasse com ele no fundo do Lago Mead, usando um par de sapatos especiais de cimento de Frankie.

Empurrando os pensamentos sombrios de lado, roçou seus lábios nos dela, precisando de algo mais, de alguma conexão. Ela gemeu baixinho, e ele introduziu sua língua para o calor de boas-vindas de sua boca.

— Eu gostei disso. — ela disse suavemente, afastando-se. — Gosto de áspero.

“Gosta” parecia uma palavra muito suave para o sexo selvagem, áspero que agitou o armário. Inebriante, talvez. Viciante.

Ela era viciante. E tudo o que podia pensar quando a soltou foi: Quando ele poderia ter sua próxima dose?

— Preciso de um pouco de ar. — roupa endireitada, cabelo rudemente penteado, Gabrielle fechou a porta do armário. Embora o corredor estivesse muito mais frio do que o seu refúgio improvisado, ela precisou de alguns minutos para descer depois de mais um encontro ilícito alucinante.

— Por aqui. — Luca apertou-lhe a mão e a levou para o corredor estreito. Ele abriu a porta de saída, mantendo-a aberta com uma das mãos enquanto pegava seu celular e mandava uma mensagem com a outra.

— Apenas para deixar os caras saberem onde estamos — disse ele quando ela levantou uma sobrancelha curiosa.

Ela imediatamente se sentiu culpada por não fazer o mesmo, mas antes que pudesse pegar seu telefone para fora de sua bolsa, ela ouviu a voz de Nicole no beco.

— Eu estava falando com ele, Clint. Não foi nada.

— Você o queria. Você queria transar com ele. Eu vi isso. — A voz irada de Clint enviou um arrepio na espinha de Gabrielle. — Você é uma puta de merda.

Gabrielle congelou atrás da porta parcialmente aberta, segurando Luca com uma mão, não querendo se intrometer, mas cautelosa sobre deixar Nicole sozinha com Clint em um acesso de raiva.

— Eu só quero você, baby. — a voz de Nicole subiu para um gemido suplicante. — Vamos voltar lá para dentro e tomar uma bebida.

— Você me humilhou lá. — Clint rosnou. — Você precisa aprender para não fazer isso novamente. Você precisa aprender a quem você pertence. Agora vou ter que te punir. Você sabe que não gosto de fazê-lo, Nic. Por que você sempre me obriga a fazer isso?

— Eu não sei. Sinto muito. Por favor, só não me bata onde meus amigos possam ver.

Bile subiu na garganta de Gabrielle. Não apenas com o pensamento de que Clint estava prestes a bater na sua melhor amiga, mas ao som da voz choramingando derrotada, totalmente atípico de Nicole que a fez se perguntar se era mesmo a Nicole que ela conhecia.

— Por favor…

— Cale a boca. Você sabe que você merece isso.

Gabrielle estava se movendo, mesmo antes de ouvir o estalo de carne contra carne. Batendo a porta aberta, ela correu para o beco só para ver Nicole cambalear batendo as costas contra a parede com a força do golpe de Clint. Há quanto tempo isso estava acontecendo? Por que Nicole não lhe contou? Que tipo de amiga era ela, que não percebeu?

— Não, *Bella*. — Luca chamou atrás dela, mas nada poderia detê-la agora, nem mesmo os malditos saltos que foram estalando na calçada manchada de cerveja derramada, vômito, pontas de cigarro e chiclete.

— Você seu filho da puta. — ela gritou.

— Não se atreva a tocá-la novamente. — Gabrielle largou o punho no maxilar de Clint. Clint pesava pelo menos oitenta e quatro quilos, mas ela já derrubou caras maiores do que ele quando trabalhou nas ruas, e Clint não era um criminoso endurecido acostumado a vida nelas. Seus ataques eram fortes e precisos, projetados para incapacitá-lo de forma rápida e com o mínimo esforço, mas quando ele caiu de joelhos, ela não conseguiu parar. Raiva e frustração, e sua própria auto aversão por estar tão fechada em sua própria dor que não percebeu que Nicole estava sofrendo, exigiu mais.

— Pare. — Luca veio por trás dela, envolvendo os braços apertados em torno de seu corpo, prendendo os braços para os lados. — Ele está caído. Você precisa recuar.

— Saia de cima de mim. — ela torceu em suas mãos, mas ele a segurou rápido.

— Você é uma policial. Você não pode fazer isso. Esta não é sua forma de agir. — a urgência em sua voz perfurando através do véu da raiva que bloqueou sua visão. Gabrielle piscou, viu Clint gemendo no chão, o sangue escorrendo de seu nariz. Horror substituindo a raiva quando ela percebeu que perdeu o controle. Horror, e uma lasca de satisfação.

Ela estremeceu nos braços de Luca.

— Ele bateu nela. Bateu na Nicole. E esta não foi à primeira vez. Clint vai para a cadeia por isso. Eu vou ter certeza que sinta a força total da lei.

— Cuide de sua amiga. — ele a soltou. — Vou cuidar dele.

Gabrielle correu para Nicole e ajudou-a a se sentar. O sangue escorria do lado de sua boca e Gabrielle vasculhou sua bolsa atrás de um lenço de papel para enxugar.

— Deus, mel. Você está bem?

Nicole deu um riso amargo.

— Eu acho que agora você sabe que estou acostumada com isso.

— Eu sinto muito. — ela se ajoelhou ao lado de Nicole e puxou-a para um abraço. — Estive tão envolvida com a morte de David e atrás do assassino, não estava lá para você. Mas estou aqui agora. Vou prendê-lo e obter uma viatura aqui para levá-lo para a delegacia. Ele vai enfrentar uma acusação de violência doméstica não só por esta noite, mas...

— Eu não quero isso. — Nicole sacudiu a cabeça. — Não quero que ele vá para a cadeia. Está apenas perturbado. Clint vai se acalmar e tudo vai ficar bem. Ele fica sempre tão triste depois que acontece. As coisas voltarão ao normal se eu não as estragar de novo.

Gabrielle congelou, o pulso batendo através de seus ouvidos. Como uma policial, lidou com muitos casos de abuso doméstico. Ela

entendia o ciclo de violência. Após um incidente abusivo como este, haveria um período de "fazer as pazes", em que o abusador pedia desculpas e prometia parar. Depois disso, haveria um período de calmaria até que a tensão se acumulasse novamente. Nicole só esteve com ele por um ano. Poderia sair do ciclo. Só precisava de ajuda.

— É uma contravenção. Ele pode passar alguns dias na cadeia e vai receber uma multa, serviço comunitário, e vai ter que ir para o aconselhamento...

— Clint vai ficar tão bravo. — Nicole sussurrou. — Ele vai me machucar pior do que antes.

— Podemos obter uma ordem de proteção.

— Você não entende... — as lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Clint não vai se importar. Ele me ama. Vai querer estar comigo.

— Gabrielle. — Luca tirou Clint do chão, segurando-o imóvel com um braço torcido por trás das costas. — Ela está certa. Multas, aconselhamento e serviços comunitários, as soluções oferecidas pela lei não vão impedi-lo. Eu conheço homens assim, e só há uma maneira de lidar com eles. Seus amigos são meus amigos. Vou me certificar de que ele compreenda que ninguém fode com os meus amigos.

Gabrielle se empurrou para ficar em pé.

— Não é assim como isso funciona. Há um processo, um sistema. Clint vai ser preso e acusado. Terá que enfrentar um juiz no tribunal. Vai ter um registo criminal. O serviço de aconselhamento comunitário irá ajudá-lo a compreender que o que ele fez é errado e espero que não faça novamente.

Ela sentiu a mentira quando as palavras saíram de sua boca. Em casos de violência doméstica, raramente a prática e a teoria se encontravam. Gabrielle já foi chamada novamente e novamente para as mesmas casas onde prendia homens por abuso doméstico. Luca estava certo. A maioria dos abusadores não paravam. Uma vez que eles tinham um gosto do poder, nem mesmo a ameaça de prisão os impediam.

— Você não quer protegê-la? — perguntou.

— Claro que eu quero. Proteger as pessoas é o meu trabalho. Mas tenho que trabalhar dentro da lei para ver a justiça sendo feita.

Seu olhar caiu para Nicole e se suavizou.

— Nós vemos a justiça de maneira muito diferente. Se dependesse de mim, esse bastardo iria sofrer dez vezes mais do que ele a fez sofrer, e aprenderia que não há uma segunda chance.

— Não é com você. — Gabrielle cruzou os braços sobre o peito. — E a justiça pelas próprias mãos não é a maneira de lidar com isso. Eu ficaria muito grata se você pudesse segurá-lo até a polícia chegar, mas isso é tudo que quero que você faça.

Seu rosto se contraiu com a tensão, mas segurou Clint enquanto ela chamava a polícia. Parte dela entendia sua raiva. Apenas alguns minutos atrás, Gabrielle queria mais do que qualquer coisa acabar com Clint pela forma como ele bateu em Nicole. Queria vê-lo quebrado e choramingando no chão. Gostaria do tipo de justiça que Luca ofereceu, a justiça que realmente procurava quando entrou no armazém atrás do assassino de David.

Justiça que não tinha nada a ver com a lei.

Treze

Com um copo extragrande de café na mão, Gabrielle abriu o primeiro de dezenas de novos arquivos de casos sobre a mesa. Fins de semana tinham o horário de pico para bens perdidos ou roubados, e os outros investigadores no caso do famoso crime de telefonia celular pegaram algumas pistas. Ela olhou para a página sem ver, sua mente à deriva de volta para sexta à noite. Luca e seus amigos se foram, assim que a polícia chegou, e Cissy saiu para dar apoio quando Nicole deu sua declaração. De volta para casa, depois de um estímulo muito suave, Nicole finalmente abriu o jogo sobre Clint e o abuso, fazendo Gabrielle ainda mais determinada a conseguir a ajuda que precisava e garantir que Clint fosse processado em toda a extensão da lei.

Incapaz de se concentrar, Gabrielle caminhou pelo corredor para checar com os detetives que cuidavam da investigação sobre o tiroteio na casa dela. O detetive era um bom amigo de David, e eles socializavam muitas vezes com ele e sua esposa. Depois que David morreu, Gabrielle cortou todos que a faziam lembrar-se dos momentos felizes juntos, e percebeu agora como se isolou. Talvez este caso com Luca fosse apenas sobre ela encontrar seu lugar no mundo de novo, explorando os extremos.

Luca era extremo. Era quase o oposto total de David e os outros policiais que conhecia. E, no entanto, se sentiu bem quando estava com ele. Feliz. Viva. Acordada. Deu a ela uma razão para sair da cama de manhã, uma que não tinha nada a ver com vingança e tudo a ver com enxergar o mundo com olhos diferentes.

Importava que ele tivesse “amigos” que confiasse mais do que 911? Ou que os amigos eram todos italianos, o chamavam de “patrão”, e pareciam que poderiam esmagar pedras em suas mãos? Importava que ele sempre sabia como encontrá-la, ou que carregava um arsenal de armas ou que se ofereceu para ensinar uma lição a

Clint que ela sabia em seu coração que Clint nunca aprenderia nas mãos da lei? Será que ela queria cavar muito fundo? O lado investigador guerreou com a mulher que não queria que a fantasia terminasse.

Ela chegou à porta do escritório de Investigação, justamente quando Jeff veio correndo, quase derrubando-a.

— Gaby! — ele agarrou os ombros dela para impedi-la de cair. — Eu estava vindo para vê-la. Eles encontraram os caras que atiraram em sua casa!

Ela franziu a testa para sua estranha escolha de palavras.

— Encontraram? Como? Alguém sabe onde estão e está planejando prendê-los? Ou eles foram presos?

— Não. Encontraram como: “estão mortos” e um caminhoneiro encontrou os corpos na beira da estrada no deserto.

Um arrepio lhe percorreu a espinha, e ela gentilmente saiu de seu aperto.

— Como sabiam que eram eles?

— A equipe de investigação tem um número da placa de um de seus vizinhos que corresponde a uma impressão de pneus encontrada fora de sua casa. Câmeras de tráfego pegaram os atiradores em direção ao leste a partir de sua casa e o carro apareceu novamente no vídeo de vigilância de um posto de gasolina cerca de vinte quarteirões de distância. O laboratório criminal associou o ID. O resíduo da arma em suas mãos era consistente com as balas que foram encontradas em sua casa, e o laboratório de crime mesmo traçou algumas das sujeiras dos sapatos para o seu gramado. Esses caras realmente arrebentaram.

Seu estômago torceu em um nó.

— Garcia está por trás disso?

Ele balançou a cabeça, cruzou os braços, puxando sua camisa azul apertada sobre o peito largo.

— Não. Bem, talvez. A equipe de investigação enviou as imagens ao redor internamente e os caras no crime organizado reconheceram os atiradores. Eles eram assassinos albaneses que trabalhavam em uma base de aluguel.

— Então você acha que Garcia os contratou para que me ferissem?

— Gaby... — ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo solto atrás da orelha. Sua familiaridade excessiva a incomodava, especialmente depois que deixou claro onde estava sobre a sua amizade, e ela se afastou.

— Há uma complicação. — disse ele, estendendo a mão para ela novamente. — Crime Organizado assumiu o caso.

— Eu pensei que CO apenas lidava com coisas da máfia.

— Os albaneses não estavam apenas mortos. — Jeff disse, com o rosto tenso e duro.

— Eles foram espancados, e... — Jeff hesitou, preenchendo o silêncio com uma sacudida dramática de sua cabeça. — O que foi feito com os albaneses é algo que você só vê a partir da Máfia.

— Não me enrole — ela retrucou. — O que aconteceu com eles?

— CO tem imagens. Eu não acho que as palavras poderiam fazer justiça.

Gabrielle tinha uma sensação de mal-estar no estômago, e olhou para o corredor para a segurança de seu cubículo. O trabalho da polícia foi o sonho de Patrick, não o dela. Trabalhando na ronda foi tolerável só porque pensou que poderia mudar o mundo, e isso deu-lhe algo para compartilhar com David. Narcóticos foi um meio para um fim. Mas ela descobriu que os problemas intrincados envolvidos no trabalho de investigação eram muito parecidos com os quebra-cabeças que gostava. E este era um quebra-cabeça que estava implorando para ser resolvido.

— Bem, vamos vê-los. — ela seguiu Jeff na sala de comando da CO e cumprimentou o detetive encarregado. Quadros cheios de gráficos e diagramas cobriam as paredes e pilhas de arquivos e alguns computadores antigos nas mesas no centro da sala.

— Há tantas organizações criminosas na cidade, tivemos que pedir um quarto para manter o controle de todos eles. — disse o detetive, levando-a para um quadro na parede oposta.

— Esta placa é para a máfia italiana. Muita gente acha que a morte de Anthony Spilatro marcou o fim do longo prazo da máfia italiana em Vegas, mas isso não é o caso. Cerca de vinte anos atrás, as grandes famílias de Nova York foram todas enviadas para fora, indivíduos iniciaram novas facções para obter uma posição na cidade novamente, e todos eles estão agora na segunda geração.

Jeff colocou o que ela assumiu ser uma mão reconfortante em seu ombro. Gabrielle cerrou os dentes, não querendo irritá-lo e perder a oportunidade de obter informações que não tinha certeza de que realmente queria. O detetive encarregado era um amigo de Jeff, e o amigo estava passando o tempo explicando a situação como um favor para Jeff e não ela.

— Há três grandes famílias italianas do crime em Vegas: os Falzones, os Cordanos e os Toscanis. — explicou o detetive.

— Cada família de Vegas é uma facção de uma família muito maior de Nova York. A Toscanis, por exemplo, faz parte da família do crime Gamboli. As três famílias Vegas têm estado em uma luta para obter o controle da cidade há anos, mas realmente esquentou este ano, quando alguém atirou nos três Dons da família e deixou as famílias em um vácuo de poder. Os Toscanis se dividiram em duas facções com dois primos, Tony e Nico Toscani, lutando para assumir o poder, de forma eficaz, há quatro famílias do crime agora.

Gabrielle deu um suspiro de alívio. Não Rizzolis. Talvez sua imaginação estivesse trabalhando horas extras.

— Ei, você está bem? Eu acho que isso não é o que você veio para ver.— Jeff mudou-se para ir embora e ela agarrou seu braço.

— Não. É muito interessante. Eu gostaria de ouvir mais.

— Nós temos a estrutura estabelecida aqui. — disse o detetive apontando para um gráfico no quadro branco.

— O chefe de Nova York e sua administração são em última análise responsáveis da facção, mas cada facção tem a mesma estrutura. O *Don* está no comando, seguido pelos subchefes e seu *consigliores*, que geralmente é um consultor sênior, e em seguida, abaixo deles são os *capos*, que são geralmente referidos como "chefe". Cada capo tem um número de soldados que trabalham para ele, e os soldados têm associados, que são os únicos na organização que não são homens feitos. É como uma pirâmide com os associados que fazem o grosso do trabalho, todo mundo levantando uma porcentagem dos ganhos, e os chefes colhem os frutos.

Gabrielle estudou o gráfico.

— Você tem um monte de pontos de interrogação nos níveis superiores.

— Isso é porque tudo estava abalado pelo triplo homicídio. — ele apontou para uma lista de nomes no lado do quadro.

— Não temos certeza de quem está em qual papel agora. Tivemos um agente infiltrado na família do crime Toscani por dez anos, alimentando-nos de informação, mas ele desapareceu cerca de dois meses atrás.

Pontos de interrogação eram bons. Gabrielle gostava de pontos de interrogação. E não viu o nome de Luca em qualquer lugar no quadro. Só porque Luca era italiano, tinha amigos que o chamavam patrão, e acreditava na justiça vigilante, não significava que ele estava na máfia. Nestes tempos, ela não devia fazer generalizações sobre as pessoas com base em sua herança étnica.

— Você quer ver as fotos agora? — perguntou Jeff.

Gabrielle respirou fundo.

— Hum. Não, não acho que eu teria estômago para elas.

O detetive riu.

— Bem, se você mudar de ideia sobre as imagens, certifique-se de ver com o estômago vazio. As vítimas estavam no deserto um par de dias antes de um caminhoneiro encontra-los na sexta-feira à noite.

— Então... — sua boca ficou seca.

— Eles foram mortos na terça-feira? — a noite em que Luca a defendera por razões de "negócios".

— Mais ou menos um dia.

— Você não parece tão bem, Gaby. — Jeff roçou os dedos sobre sua bochecha. — Os albaneses estão mortos. Você não tem que se preocupar com eles mais.

Você não precisa se preocupar.

Eu faria qualquer coisa por você.

Nós vemos a justiça de maneiras muito diferentes.

Ela precisava ver Luca. A cegueira voluntária só funcionava até as persianas levantarem.

— Estou morrendo aqui. No chão. Morta.

— Ma. Sinto muito. — Luca gemeu ao telefone e fez um gesto para Mike para bater na porta do Glamour novamente. Little Ricky não foi visto depois de sua última visita a Jason, e Luca queria verificá-lo para se certificar de que Jason não estava jogando.

— Você perdeu igreja no domingo e o jantar em família. — sua mãe deu um suspiro. — Meus amigos, minha família, mesmo o sacerdote, que veio até mim e perguntou se você estava morto. Mas agora ouço você, sei que você não está morto. Eu só tenho um filho

que não tem respeito. Você não ora; você não vem à igreja. Quando você fez a sua última confissão?

— Se eu entrar no confessionário, ficaria lá por um ano. — Luca articulou a Mike para atirar na fechadura. Ninguém estava em torno tão cedo em uma manhã de quarta-feira, e ele estava muito no limite para perder tempo arrombando a porta. Sua breve discussão com Gabrielle do lado de fora de Red 27, lhe abriu os olhos para o fato de que se aproximaram do que viam, como uma ameaça de duas maneiras muito diferentes e irreconciliáveis. Gabrielle era uma policial. Luca estava na máfia. Mesmo que não estivessem participando, do que era essencialmente uma relação proibida, eles estavam em lados opostos da lei.

E, no entanto, quando ele estava com ela, não importava. Gabrielle trabalha como policial, mas seu trabalho não a define. Havia muito mais nela do que o crachá que carregava; ela tinha força, coragem e determinação. Ele estava profundamente comovido pela forma como ferozmente defendeu sua amiga. Gabrielle resgatou Max, cuidou de sua vizinha idosa e deixou de lado os próprios sonhos para dar ao pai algo pelo qual viver e para salvar outras famílias do sofrimento. Gabriela era uma protetora, assim como Luca, e não vinha do distintivo, mas a partir de seu coração.

Luca nunca considerou ter um relacionamento com qualquer mulher depois de Gina, nem imaginou querer nada mais do que provar-se digno de confiança da família Toscani e restaurar a honra da família. Mas ele nunca imaginou uma mulher como Gabrielle.

Como um homem de ação, não tinha palavras para descrever o que ela fez para ele, quão profundamente incorporou-se em seu coração. Tudo o que sabia era que o risco de ser cortado do seu círculo, amigos, meios de subsistência, a cultura que definiu sua vida não era nada em comparação com o risco de perdê-la.

— Onde está Paolo? — Perguntou Mike, tirando sua arma.

— Estou dando-lhe algum tempo para se acalmar. — Ele não sabia por que a chegada tardia de Sally G fez Paolo sair correndo, mas esperava não ter assustado o garoto para sempre.

— Vá em frente ao escritório de Jason. Eu estarei lá quando terminar com Ma.

— Luca?

— Sim, *Mamma*. Desculpa. Estava conversando com Mike. — Luca cobriu o receptor para esconder o som do tiro quando sua mãe continuou a falar algo sobre sua alma e inferno, e o perdão pelos pecados. Mas não havia perdão para um homem com sangue nas mãos, mesmo se as vidas que tomou eram dos piores criminosos que mereciam seu destino. Talvez por isso Gabrielle não fez contato com Luca durante toda a semana. Talvez finalmente percebeu quem ele era e que policiais e Máfia não se misturavam.

— Eu disse que Matteo sentiu sua falta no domingo? — falou sua mãe ao telefone enquanto eles empurravam a porta de lado. Mike foi em frente ao escritório de Jason enquanto Luca guardou a porta para que não aparentasse visivelmente aberta a qualquer pessoa na rua.

— Matteo estava muito triste por não ver o seu *Papà*. — continuou ela — Você precisa passar mais tempo com ele.

Jesus Cristo. Sua mãe sabia exatamente como empurrar os botões e aumentar o sentimento de culpa. Mas então ela era católica, e culpa corria em seu sangue.

— *Mamma*, eu passei toda a tarde de sábado com ele.

A culpa cresceu dentro dele, quando pensava sobre o quão animado Matteo estava em vê-lo, embora tenha aparecido com horas de atraso, e quão triste ele estava quando Luca o trouxe para casa mais cedo. Na época, disse a si mesmo que algumas horas não fariam diferença. Matteo precisava aprender para crescer forte e independente. Precisava se estabelecer com sua *nonna* e parar de desejar que tivesse um pai normal que iria levá-lo para jogos de bola ou andar de bicicleta no parque ou jogar uma bola. Luca nunca teve qualquer uma dessas coisas, e ele acabou bem.

Agora, no entanto, só se sentia como o pai de merda que era. E adicionado a toda a culpa, estava a porra da ansiedade sobre o

segredo que agora escondia de Nico e o resto da família. Luca deve apenas se manter longe de Gabrielle. Mesmo se pudesse conciliar a coisa da máfia policial e de alguma forma fazer Nico dobrar as regras, ele era ruim para ela, assim como era ruim para Matteo, e, assim como foi ruim para Gina. Não era capaz de amar. Gina se transformou em uma drogada porque não a amava. E não queria o mesmo para Gabrielle.

Porca miséria! Ele passou a mão pelo cabelo. Estava de volta na montanha-russa maldita. Deveria permanecer ou deveria ir?

— Sexta-feira à noite. — disse ela. — Você precisa buscar Matteo até às quatro.

— Estarei trabalhando, *Mamma*. Sextas e sábados são nossas noites mais movimentadas no restaurante.

— Então você cuidará de outras pessoas e não do seu filho? — sua voz subiu de tom, e Luca teve que segurar o telefone longe de sua orelha. — É assim que criei você? A abandonar sua família? Será que te abandonei quando seu pai nos deixou? Eu preciso fazer minhas unhas com Josie na sexta-feira e então vou sair com as meninas. Matteo precisa de você. Ele quer ser amado. Quer ver o pai.

— Ok, *Mamma*. — Luca suspirou. Estava no último ano da máfia capo. Tinha uma tripulação de mais de cinquenta caras que trabalhavam para ele. No mês passado, matou um par de traficantes albaneses e os jogou em um lago. Toda semana batia em caras que não pagavam os empréstimos ou estavam tentando se intrometer em seu território. Mas estava com medo de sua mãe.

— Não se atrase. — alertou. — É noite de folga da Josie, seu marido vai jogar poker com os amigos.

Embora Luca respeite sua mãe, ele muitas vezes se desligava quando ela começava a falar sobre os amigos, mas algo sobre Josie se remexia na parte de trás do seu cérebro.

— Ela foi a que se casou com um policial?

— Josie era uma policial. — disse sua mãe. — Em um momento em que não havia muitas mulheres na polícia. Seu marido, Milo, era um capo em Nova York. Grande escândalo. Era um amor proibido. Ele quase morreu por ela. Você deve perguntar a Josie sobre isso. O jeito que conta a história. Tão romântico.

Um homem quase morrendo, por engajar-se em um romance proibido não parece romântico para Luca.

— Por que Milo não foi morto?

— Ele foi perseguido. — disse ela, referindo-se ao castigo bastante misericordioso em que um *wiseguy* foi banido da Máfia e proibido de fazer negócios com qualquer cara, em vez de ser morto. — Não sei como Milo convenceu o patrão a poupá-lo, mas fez.

Luca deixou escapar um longo suspiro. Assim, era possível, mas a um custo de laços com a máfia, a honra da família, e as empresas, todas de propriedade da máfia, que sustentavam sua mãe, seu filho e o irmão viciado em drogas.

Ele terminou a chamada, prometendo pegar Matteo na sexta-feira, e abriu a porta do escritório de Jason onde encontrou Mike com um braço longo em torno do pescoço de Jason.

— Jason diz que Little Ricky estava aqui ontem para pegar o pagamento semanal. — Mike apertou seu braço e o rosto de Jason ficou vermelho. — Tentei telefonar para Little Ricky novamente, mas não houve resposta. Você quer cortar um dos dedos de Jason, ver se ele está dizendo a verdade?

— Deixe-o falar.

— Eu não estou mentindo. — Jason soltou um suspiro. — Little Ricky esteve aqui. Dei-lhe o dinheiro. Ele decolou.

Luca estudou Jason. O cara era uma doninha. Não há dúvida acerca disso. Luca verificou e descobriu que foi condenado por acusações de fraude cinco vezes, declarou falência duas vezes, e teve uma má reputação com os agiotas locais. Era uma maravilha ainda

ter as pernas. Mas Luca tinha maldita certeza de que ele não estava mentindo sobre dar o dinheiro para o Little Ricky.

— Você viu onde foi depois que conseguiu o dinheiro? Ou ele disse alguma coisa para você?

Jason deu de ombros.

— Ele disse que ia atravessar a rua e ter uma refeição. Perguntou se eu queria ir com ele, mas tinha um caminhão de suprimentos chegando.

Um tremor de advertência percorreu a espinha de Luca, e ele ficou de pé, fingindo uma calma que não sentia, no mínimo.

— Mike vai lhe dar o número dele. Entre em contato se Little Ricky aparecer novamente ou você ouvir alguma coisa sobre ele. Nós não o encontramos, você nos deve o dinheiro.

— Mas eu paguei. — Jason protestou.

— Eu vou te dizer o que vou fazer. — Luca deu um tapinha nas costas de Jason. — Vou renunciar ao pagamento de proteção e tomar um pequeno pedaço do seu lugar em ações. Que tal isso?

Jason deu-lhe um olhar duvidoso.

— Quão pequeno?

— Para você, Stronzo... — Luca sorriu. — Minúsculo.

Quatorze

— Eu vou ser da máfia, como você. — Matteo sorriu quando Luca abriu a porta da frente para Il Tavolino. Ele não parou de falar desde que Luca disse que o deixaria dormir hoje à noite para compensar o último sábado. Luca culpou Gabrielle. Ela rachou as paredes de seu coração e o fez acreditar que era capaz de sentir. Agora todos os tipos de emoções estavam saindo. Emoções desconfortáveis, incluindo culpa.

Matteo pode não ser seu filho biológico, mas em todos os sentidos que importava, e aos olhos de todos que os conheciam, Luca era o pai. Ele precisava começar a mostrar ao menino um pouco de amor, porque não queria que acabasse amargo e zangado como Gina.

— Vou usar ternos, carregar armas e andar em carros de luxo e as pessoas vão me respeitar e me chamar de Don Rizzoli.

— Eu possuo um restaurante. — Luca disse uniformemente, lutando para andar na linha fina entre a verdade e a mentira. — Não diga às pessoas de outra forma. Sei que é mais emocionante pensar que porque somos italianos, somos parte da Máfia, mas nem todo italiano é um Mafioso.

— Mas você é. — Matteo disse entusiasmado. — E Paolo quer ser um homem da máfia, também. Ele me disse que quer que você tenha orgulho dele.

Luca lançou um olhar questionador sobre seu ombro para Paolo. Eles o pegaram após o almoço para ajudar com a busca de Little Ricky e ele foi quase excitado, onde Luca esperava que osse contrito. Luca não tinha certeza se o garoto estava compensando porque estava preocupado que tivesse feito asneira ou apenas feliz em vê-los após a semana que Luca lhe dera para se refrescar.

Não que ele se importasse agora. Passaram três dias que ninguém viu Little Ricky. Sua equipe verificou hospitais, prisões, bares e restaurantes, bem como amigos e familiares. Seu carro ainda estava estacionado atrás do restaurante, o apartamento estava intacto, e ninguém chamou para pedir resgate. Ele nunca deixou de trazer um pagamento, e Luca desconsiderou a possibilidade de fuga. Little Ricky era um bom soldado e um dos membros mais fiéis da equipe de Luca. Isso lhes deixavam duas opções: ele era um rato e foi para a proteção a testemunhas ou foi atacado.

Luca enviou Paolo para seu escritório, e levou Matteo para a cozinha. O restaurante abria no meio da tarde às sextas-feiras, dando-lhe tempo suficiente para ter uma conversa com Paolo e fazer uma inspeção final antes dos clientes chegarem.

— Nós não falamos sobre assuntos de família fora da família — advertiu seu filho.

— *Omertà* — Matteo disse em um perfeito acento italiano. — Eu sei sobre isso. *Nonna* diz que significa silêncio. Temos que manter tudo em segredo. Sou bom em guardar segredos, *Papà*. Não contei a ninguém que *nonna* me permite assistir The Godfather com ela. É o seu filme favorito. Ela gosta da parte quando o homem acaricia o gato.

Luca fez uma anotação mental para falar com sua mãe sobre filmes apropriados para crianças de seis anos e colocou Matteo em um assento ao lado de Mike.

— Diga oi para o primo Louis. Você vai almoçar com ele enquanto ficarei ocupado falando com Paolo. Certifique-se de que não coma tudo na cozinha.

— Como é que você chama o primo Louis de “Mike”, e eu tenho que chamá-lo de “Louis”?

— Porque é assim que é. — Ele não queria que Matteo conhecesse os *wiseguys* por seus apelidos. Matteo não tem sangue Rizzoli, e embora Luca seja um pai para ele, não queria Matteo

envolvido em seu mundo. Matteo era um civil, e precisava levar uma vida civil.

— Será que é porque Mike é o apelido da máfia? — perguntou Matteo, demonstrando que era muito mais consciente do que estava acontecendo do que Luca suspeitava. — Como *Virgil Sollozzo* "The Turk" em O Poderoso Chefão?

Cristo. Sua mãe tinha muito a responder.

— Mikey Muscles é seu apelido. — disse Luca, lutando por uma explicação que não revelava muito. — Ele o ganhou porque nunca falta um dia na academia. Muitos caras usam apelidos, especialmente se não gostam do nome real. O nome verdadeiro do primo Frankie é Rocco, mas quando se mudou para Las Vegas, queria um novo nome, e ficou preso com Frankie Blue Eyes porque os caras descobriram que ele gosta de cantar canções de Frank Sinatra.

— E se eu quiser um novo nome?

Luca franziu a testa. Era tradicional para um homem feito nomear o primeiro filho com o nome de seu avô. Como resultado, ele seguiu a tradição e nomeou o filho de Matteo. Gina odiava o nome, e no final ela teve sua vingança. Nenhum verdadeiro filho primogênito de sangue Rizzoli iria levar o nome de seu avô.

— O que há de errado com Matteo?

— Eu gosto, acho — disse Matteo. — Mas isso não é legal como Mikey Muscle.

Mike sorriu e bateu os punhos com Matteo antes deles se dirigirem para a geladeira para começarem a comer. Luca verificou o telefone enquanto se dirigia a seu escritório. Ainda nenhuma mensagem de Gabrielle. Ele mandou mensagens algumas vezes desde o incidente Red 27, mas ela não respondeu, e não a perseguiu por uma resposta. A briga no beco destacou uma diferença fundamental entre eles, uma que precisava pensar sobre se estavam indo para ficarem juntos.

Supondo que Gabrielle queria estar junto. Talvez ela tenha achado que suas diferenças eram irreconciliáveis e esta foi sua maneira de se livrar dele.

— E aí, chefe?

E aí, chefe?

Que porra estava errado com Paolo?

— Tire seus malditos pés da minha mesa e sente-se direito. Da próxima vez que você falar comigo, você deve fazê-lo com respeito ou direi a Mike para levá-lo de volta para um par de aulas.

Luca se sentou em frente à mesa e olhou para o seu agora contrito associado *wannabe*.

— Nós precisamos conversar sobre o que aconteceu na semana passada. Bater em caras não é algo que a maioria de nós desfruta. É por isso que temos caras como Frankie. *Cosa Nostra* levam caras como ele a colocar a porra da sua raiva para fora, até que não há mais nada, além de uma fria casca dura. Mas às vezes temos que sujar as mãos. Quando alguém mexe com o que é seu, você tem que fazer isso direito, especialmente se é a sua família ou a sua garota.

— Não vai acontecer de novo, Sr. Rizzoli.

— Talvez vá; Talvez não. — disse ele, não comprando a desculpa dada de Paolo por sua linguagem corporal largada na cadeira, braços cruzados atrás da cabeça como se estivessem discutindo o tempo. — Quem sabe? Às vezes, o corpo tem uma mente própria, mas nesta família, não importa o quão ruim as coisas fiquem, nós não fugimos. De nada. Nós enfrentamos nossos inimigos como enfrentamos nossos medos. De cabeça erguida. Lembre-se para a próxima vez, e pense antes de agir.

— Vou fazer, chefe.

Algo não estava certo. Normalmente Paolo ficava vermelho quando era repreendido, e cedia. Ele sempre foi desesperado para agradar e tornou-se quase inarticulado quando fez algo errado. O

garoto na frente dele disse todas as coisas certas, mas era tão indiferente que as palavras não soavam verdadeiras.

Ele se inclinou para frente, prestes a pressionar a questão, quando Lennie bateu na porta.

— Estou saindo, Sr. Rizzoli, mas você tem um visitante. Uma dama. Ela esteve aqui há algumas semanas com suas amigas. Diz que seu nome é Gabrielle.

Gabrielle.

Ela deve ter vindo pedir desculpas por ignorar suas mensagens. Luca fez um esforço simbólico para fingir que apenas foi outra das muitas mulheres que fodeu que vieram implorando por mais, que seria facilmente capaz de mandá-la embora com palavras doces e murmurar desculpas, e que nada poderia ficar entre ele e sua família mafiosa. Mas seu pau não estava escutando. E nem a porra do coração dele. Ela pertence a ele, e se alguém ia implorar por mais, seria Luca.

Luca enviou Paolo para a cozinha, e disse adeus a Lennie, tendo um tempo para desacelerar as batidas do seu coração. Mas o esforço foi desperdiçado no momento em que entrou no restaurante. O sangue rugiu quando a viu em pé perto da entrada. Ela usava jeans apertados e enfiados em botas de salto alto pretos longos, um top vermelho justo e uma jaqueta de couro que passou raspando sua cintura. O longo cabelo loiro estava solto e caía sobre os ombros em uma cascata de ouro, que enviou sua mente de volta para sua noite no armário na Red 27 quando ele agarrou seu cabelo e...

— Eu preciso falar com você. — ela jogou o cabelo para trás, e ele tinha uma imagem vívida do ouro propagando beleza em suas costas enquanto a fodia sobre a mesa.

— Claro, *Bella*. Podemos falar em meu escritório. — Lá. Ele poderia fazê-lo. Frio, calmo, desinteressado. O primeiro passo para destacar o preço do amor proibido, provou ser muito alto e ela veio para dizer adeus.

Ela fechou a distância entre eles até que Luca podia sentir o calor de seu corpo, sentir o cheiro da fragrância de seu perfume. O suor escorria na testa, e Luca apertou um punho ao lado para que não colocasse o braço em volta dela e a puxasse para um beijo.

— Só vim aqui para que você saiba que os dois caras que atiraram na minha casa, foram encontrados. — disse ela sem rodeios. — Eles estão mortos.

Ele não tinha problemas para manter seu rosto suave e uniforme. Luca mentiu para a polícia antes, e poderia fazê-lo novamente.

— Estou contente de ouvir que não vão incomodá-la novamente.

Ela apertou os lábios.

— Eles eram pistoleiros albaneses.

— Interessante.

— Jeff acha que eles foram contratados por outra pessoa...

Os olhos de Luca se estreitaram com a palavra "Jeff" e ele não processou qualquer coisa que ela disse, após o nome do bastardo sair de seus lábios.

— Você estava com Jeff?

— Nós trabalhamos juntos. Bem, não na mesma equipe, não mais. Ele ainda está em Narcóticos e agora estou no roubo. Mas nós dois estamos no mesmo andar.

Minha.

Uma onda de raiva caiu através dele com o pensamento de Jeff em qualquer lugar perto Gabrielle. Não só isso, Jeff a via durante todo o dia, todos os dias. Jeff provavelmente pensou sobre todas as coisas que ele queria fazer com ela na cama, enquanto almoçavam juntos. Quando Gabrielle caminhou pelo corredor, ele estaria olhando para sua bela bunda, a forma como seu cabelo caía nas costas, suas

curvas exuberantes, e suas longas pernas. E se ela se virasse, Jeff desceria o olhar onde apenas o olhar de Luca deve cair...

E isso foi o fim do frio, calmo e porra, desinteressado. Deu-lhe espaço de uma semana e agora Jeff estava se movendo em seu território. Para o inferno com as regras e os riscos. Para o inferno com os dez mandamentos da máfia. Ele a queria e encontraria uma maneira de fazer funcionar para terem um "felizes para sempre" no final e ninguém acabaria morto.

— Você sabe alguma coisa sobre como os albaneses acabaram no lado da estrada? — ela perguntou. — Eles estavam usando uma gravata siciliana...

Um grito fino, estridente cortou o coração de Luca e bateu forte não apenas por causa da pergunta que ele não estava preparado para responder.

— Matteo! — ele correu para a cozinha e abriu a porta de vaivém, encolhendo-se quando viu Matteo parado de pé na frente da cabine de carne do freezer, cara branca, de olhos arregalados. Mike e Paolo estavam de pé atrás dele em um estado semelhante de choque.

— Papà! — Matteo correu para o pai, atirou-se nos braços de Luca. Luca levantou seu filho, segurando o menino tremendo contra ele quando se aproximou de Mike.

— O que está no congelador? — murmurou.

— Little Ricky. — a voz de Mike vacilou. — Ele está pendurado de cabeça para baixo, nu, garganta cortada, letra G esculpida em seu maldito peito. Já liguei para Frankie.

Bile subiu na garganta de Luca quando olhou para o freezer de carne, e mesmo ele cambaleou para trás.

Ele considerou a possibilidade de que Little Ricky ser alvo, pelo dinheiro que pegou no Glamour, mas isso não foi o trabalho de um ladrão comum, e não era sobre o dinheiro. Isto foi pessoal.

— O que está acontecendo? — Gabrielle perguntou da porta.

— Não é nada. — ele acenou à distância.

— Você vai para o meu escritório. Paolo a levará lá. Eu tenho algo que preciso lidar. — ele olhou para Paolo ainda congelado no lugar.

— Paolo, mostre a Gabrielle o meu escritório. Tome Matteo com você e leve um refrigerante e alguns biscoitos com o tipo de chocolate que ele gosta. — Luca tentou colocar Matteo para baixo, mas seu filho se agarrou a ele e não o deixou ir.

— Ele está morto. — o corpo magro de Matteo estremeceu em seus braços.

Quando foi a última vez que ele segurou seu filho? Acalmou? Enxugou suas lágrimas? Cristo. Luca era um pai de merda.

— *Papà*, há um homem morto no congelador.

Luca não gostava de mentir para Matteo, mas não havia maneira que um menino de seis anos de idade poderia lidar com esse tipo de trauma.

— Em que mês estamos Matteo?

— Outubro.

— E que data especial há em outubro? O que você está ansioso para começar a vestir-se?

— Dia das Bruxas.

Luca assentiu.

— E o que você viu é apenas um truque de Halloween do primo Louis que estava testando para uma festa de Halloween. Você se lembra da festa de tia Ângela no ano passado? Aquele onde havia esqueletos e fantasmas que fingiam cortar braços e pernas? Este é apenas como aquele. É feito de plástico.

Matteo deu um arrepio aliviado.

— Foi assustador, *Papà*. Parecia real. Mesmo Paolo estava com medo.

— Primo Louis é bom para as brincadeiras, mas ele não deveria ter usado o congelador de carne do *Papà*, deveria? Agora vou ter que perder de levá-lo ao parque porque tenho que limpar. Os inspetores de saúde não gostam quando há outra coisa senão carne no freezer.

— O primo Louis vai ficar de castigo?

— Não. — Luca abraçou Matteo apertado. — Eu vou fazê-lo me ajudar, e acho que vou dizer-lhe para não trazer esse brinquedo para a festa de tia Ângela. Você deve ficar com Paolo e beber seu refrigerante, vou chamar Tia Ângela para vir e levá-lo para casa.

Finalmente, Matteo afrouxou o aperto.

— Eu pensei que ia ficar com você.

— Nós vamos ter que fazer a festa do pijama numa outra vez. Isso vai levar um tempo para eu resolver.

— Por favor, *Papà*. — lágrimas abundantes e pesadas rolaram pelo rosto de Matteo. — E se eu me lembrar quando estiver tentando dormir? E se eu ficar com medo? Por favor. Por favor, deixe-me ficar com você. Arrumei minha mala e tudo. Trouxe todos os meus super-heróis e Transformers e livros para a hora da história e *nonna* me comprou um pijama novo de Homem-Aranha. Por favor, *Papà*.

Ele quase podia sentir as paredes agora enfraquecidas rachando em torno de seu coração. Matteo fez isso antes, mas Luca nunca sentiu culpa como sentia agora. Droga. Antes de Gabrielle, nunca sentiu nada, e agora suas emoções estavam fora de controle.

— Ok. Ok. Você vai com Paolo e Gabrielle, e quando eu terminar vou levá-lo para minha casa.

Ele deveria saber que Gabrielle não sairia com eles. Ela não era uma mulher que era facilmente descartada. E como uma policial, tinha um faro para o crime.

— O que está lá dentro? — ela apontou para o congelador de carne.

— Nada que você precise ver. — ele ficou na frente do freezer, bloqueando a porta.

— Esse era o seu filho?

Luca assentiu.

— Matteo. Ele tem seis anos.

— Ele disse que alguém estava morto.

Porra.

Gabrielle não ia deixar-se enganar, mas ele não podia deixar um policial ver um corpo morto no congelador. Ela chamaria a polícia e Luca teria um monte de policiais fervilhando por todo o restaurante. Haveria perguntas, e eventualmente alguém colocaria dois e dois juntos e obteria "Máfia" como resposta.

— Crianças. — ele tentou minimizá-lo, com medo de lhe dar a informação que poderia colocá-la em uma situação de conflito.

— Você é um péssimo mentiroso. — ela passou por ele e entrou pela porta. — Se alguém está morto, eu preciso ver...

— Ela sufocou suas palavras e engasgou. — Meu Deus.

— Vem, *Bella*. Você não precisa ver isso. — ele colocou a mão no ombro dela, e ela lhe deu um tapa para afastá-lo.

— Não me diga o que devo fazer e não preciso de ver. — ela retrucou, sua voz tão crua e cheia de emoção que ele quase não a reconheceu. Gabrielle puxou sua arma debaixo de sua jaqueta de couro e girou para encará-lo.

— Precisamos limpar o restaurante.

— Gabrielle, venha sentar-se do lado de fora. Você está em choque.

— Eu não estou em choque. — sua voz apertada. — Sei quem fez isso. Ele ainda pode estar no edifício.

Luca e Mike trocaram um olhar curioso.

— Quem você acha que fez isso? — perguntou Luca.

— Um traficante de drogas chamado Garcia. E sei porque ele matou David exatamente da mesma maneira. Eu encontrei David desta forma, exceto que ele estava pendurado em nosso segundo corrimão sobre a sala de estar, e havia sangue... — a voz dela engasgou, dando-lhe a primeira indicação de que seu tom frio, abrupto não era raiva, mas dor. — Tanto sangue.

Sua raiva passou de um rugido maçante para uma fúria crescente total, batendo em suas veias.

— Isso era o seu caso? Aqueles que eles te tiraram? Você estava atrás do Garcia?

— Sim.

Jesus fodido Cristo. Que tipo de força policial da porra enviaria uma mulher atrás de um dos traficantes mais cruéis e violentos da Costa Oeste. Porra de polícia estúpida. A única coisa boa que eles fizeram foi tirá-la do caso.

— Recebi sua mensagem. — Frankie entrou na cozinha. — Paolo me deixou entrar. Eu estava apenas a poucos quarteirões de distância. Como você está?

Porcaria. Luca esqueceu que Mike chamou Frankie, que era a coisa certa a fazer, em circunstâncias normais. Mas Frankie era a última pessoa que queria ver agora. Ele foi criado da maneira antiga e uma vez que descobrisse sobre Gabrielle, não havia nenhuma maneira que a deixaria sair daqui, se ele não estivesse cem por cento certo de quem ela era não iria traí-los.

— No freezer. — Mike dirigiu. — E... uh... a garota de Luca está aqui.

— Por que é que ela tem uma arma?

Mike deu de ombros. Mesmo que ele já soubesse que Gabrielle era uma policial, nunca trairia Luca. Ninguém na sua equipe faria. E, especialmente não com Frankie.

Frankie se dirigiu ao freezer, e a mão de Gabrielle disparou para fora, bloqueando seu caminho.

— Você não pode ir lá. É uma cena de crime.

— Você vê muitas mostras do crime, querida. — Frankie deu mais um passo, e Gabrielle entrou em seu caminho.

— Eu disse, não vá.

— Luca, tenha a sua mulher sob controle. — a voz de Frankie estava apertada com aviso.

— Vamos *Bella*. — Luca estendeu a mão e fez um gesto para a frente. — Nós vamos deixar Frankie e Mike lidarem com isso.

— Você está brincando? — sua voz subiu de tom. — Exceto pela dica sobre o armazém, não tivemos uma pausa neste caso para os últimos dois anos. Pode haver evidência neste freezer que nos leve direto para Garcia.

Frankie soltou uma longa e baixa respiração.

— Puta merda, ela é uma porra de uma policial?

— Estou ligando para o 911. — Gabrielle guardou sua arma e pegou o telefone.

Luca ergueu a mão como aviso.

— Se a polícia chega, eles vão começar a fazer perguntas. Rumores vão sair. As pessoas vão falar. Os inspetores de saúde vão passar por aqui. O restaurante vai ter uma má reputação e isso é ruim para os negócios.

— Ela não vai a lugar nenhum. — disse Frankie, pegando sua arma. Ele não teria nenhum problema em se livrar de uma testemunha. Uma vez que a polícia chegasse para investigar, eles não iriam parar até que tenham estabelecido uma ligação entre Garcia e o

homem morto no congelador, e essa ligação iria arrastar a família do crime que Frankie jurou proteger.

— Cristo, Frankie! — Luca cuspiu.

— Você não precisa da porra da arma. Ninguém chamará a polícia. Vou levar Gabrielle para casa, e nós vamos lidar com esta situação do nosso jeito. — e então terror choveria sobre Garcia como ele nunca viu antes. A Máfia não tolerava a execução de um homem feito. Garcia estava olhando para uma morte longa, dolorosa e muito pública, e cada membro da *Cosa Nostra* estaria olhando para ele.

— Você não pode. — a voz de Gabrielle vacilou, e Luca podia ver o tremendo esforço que ela estava colocando em manter a compostura, à luz do lembrete brutal da morte do marido.

— Interferir em uma cena de crime é uma ofensa criminal. A evidência que precisamos para pegar Garcia poderia estar naquele congelador. Tudo que quero há dois anos é fazê-lo pagar pelo que fez a David, e agora seu amigo morreu porque falhei e Garcia está jogando comigo.

Os instintos protetores de Luca agarraram-no pelo pescoço e colocou a mão firme no pulso de Gabrielle, forçando-a a baixar a arma. Quando ele sentiu seu rendimento, entrou na frente dela, protegendo-a no caso de Frankie sacar a arma e mantê-la fora da vista do corpo no freezer. Luca colocou a mão em torno de sua nuca e baixou a testa na dela.

— Isso não tem nada a ver com você.

— Ele tem. — o corpo tremia. — Por que mais estaria aqui? Garcia está atrás de mim. Veio à minha casa. Sabe que estamos juntos. Ele matou seu amigo da mesma maneira que matou David. Esta é uma mensagem para mim.

— Eu me envolvi — disse Luca, com relutância. — Este é o retorno, e foi dirigido a mim.

Gabrielle endureceu em seus braços.

— O que você fez?

— Será que ela vai ser um problema? — Frankie já estava atrás dela, a mão sob a jaqueta onde a arma estava no coldre.

Luca pegou sua própria arma. Se Frankie atirasse em Gabrielle, não sabia o que ia fazer. Frankie era um homem feito. Executor chave de Nico. Amigo dele. Luca não podia atirar num homem feito sem a permissão de Nico, e se machucasse Frankie, Nico o machucaria, e Matteo não teria nenhum pai. Mas ele não podia deixá-lo ferir Gabrielle. Ela era sua para proteger.

Minha.

A palavra tocou em sua mente. Independentemente dos riscos, e o desejo feroz para restaurar a honra da família, seu futuro não envolvia ir embora. Ele deixou essa certeza se estabelecer em sua alma quando cruzou um limite mental, com apenas o pedaço menor de esperança que sua mãe lhe deu como um guia. Um policial e um *wiseguy* ficaram juntos antes. Isso poderia acontecer novamente.

— Não, ela não será um problema. — ele rosnou. — Abaixe essa porra.

— As mulheres não são nada, além de problemas do caralho. — Frankie murmurou, deixando cair sua mão. — Com uma porra de capital T[15]. E policiais...

— Eu posso te dar o que você quer — disse Luca a Gabrielle, pensando rapidamente.

— Você quer Garcia. Posso fazer isso acontecer. — ela era uma mulher inteligente, uma detetive da polícia. Gabrielle já começou a fazer perguntas sobre ele, mas agora Little Ricky estava pendurado massacrado em seu congelador de carne, e ninguém estava planejando chamar a polícia. Luca não tinha nenhuma dúvida de que ela encontraria a verdade sobre quem ele era e o que faz da vida.

---

15 **Capital T:** é um músico e compositor Albanês. Nesse trecho do livro faz-se referência aos rivais Albaneses.

— A forma como você faria para se certificar de que Clint não machucaria Nicole de novo?

— Sim.

Ela torceu os lábios para o lado, considerando.

— Clint só passou doze horas na cadeia. — disse ela finalmente.

— Ele foi multado em duzentos dólares e tem que fazer algum serviço à comunidade. No aconselhamento. Sem controle da raiva. Clint está andando e Nicole ainda tem hematomas, para não mencionar o dano interior que ninguém pode ver. Eu vi isso o tempo todo quando trabalhava na ronda. Fomos chamados às mesmas casas novamente e novamente. Isso nunca me incomodou antes, mas incomoda agora.

— Seu sistema nem sempre funciona. — ele manteve o olhar sobre Frankie enquanto falava. O executor tinha seus próprios métodos quando se trata de proteger a família, e Luca não tinha dúvida de que ele atiraria primeiro e lidaria com as repercussões mais tarde, se Gabrielle dissesse qualquer coisa que lhe causasse preocupação.

— Eu pensei que o sistema funcionava. Pensei que poderia fazer a diferença. Mas parece que quanto mais lutava, mais rápido caia. — a renúncia em sua voz e seu tom derrotado espetou através dele, elevando o temor de que ela não se importava mais, se estava viva ou morta. Mas ele se importava. Tanto que não sabia se poderia se recuperar se a perdesse. Luca se preocupava com Gina, mas esse anseio por algo impossível, um amor proibido, era uma onda gigante em comparação com a lágrima que deixou para trás.

— Não se trabalharmos juntos.

Ela estudou-o por um longo tempo, mordendo o lábio inferior.

— Sabe o que você está me pedindo para fazer? Se lhe der informações classificadas ou se eles descobrirem que estamos juntos, eu poderia ir para a cadeia. Se cruzar a linha, não posso voltar.

E ele poderia encontrar-se em Lake Mead vestindo um par de sapatos de cimento de Frankie para compartilhar segredos da máfia com ela. Era uma estrada de sentido único para Luca também. Mas não estava prestes a lhe dizer isso. Agora que Frankie sabia sobre os dois, seu único caminho a seguir era junto, e poderia conseguir algum tempo se convencesse Frankie e Nico que precisava dela para encontrar Garcia.

— Nem eu posso. — naquela noite, que a conheceu no hospital, nunca teria imaginado seis semanas depois que estariam juntos e ele estaria se oferecendo para fazer a única coisa que poderia destruir suas chances de algum dia restaurar a honra da família.

Seus olhos se arregalaram um pouco e, em seguida, ela endireitou os ombros.

— Eu quero Garcia de qualquer maneira que possa conseguir. Para seu amigo, e para o meu David, e para todas as famílias que perderam alguém para as drogas que ele está trazendo para nossa cidade.

Ele sentiu uma pequena pontada de decepção que o relacionamento deles, tal como era, não era fator em sua decisão. Mas sua feroz determinação de vencer a qualquer custo apenas o fez a querer ainda mais.

— Gabrielle está do nosso lado. — disse ele para Frankie, que se afastou para verificar Little Ricky. — Ela passou dois anos aprendendo tudo o que há para saber sobre Garcia. Tem acesso a informações e recursos que não podemos conseguir, e está disposta a ajudar.

— Você realmente acha que ela quer ajudar? — Frankie cuspiu. — Você acha que vai jogar toda a sua carreira sobre um traficante de merda? O mais provável, depois de entregar-lhe Garcia em uma bandeja de ouro, ela vai nos entregar para a polícia. Fomos traídos antes. Há apenas uma porra de solução aqui, e nós dois sabemos o que é.

Gabrielle virou-se para Frankie, com as mãos nos quadris.

— Seis semanas atrás, eu não sabia sobre qualquer um de vocês, e nunca teria imaginado que estaria jogando fora a minha carreira e trabalhando do lado errado da lei para trazer Garcia para baixo. Minha vida era "preto e branco". As pessoas eram bons cidadãos se eles obedecessem a lei e criminosos se não o fizessem. E então conheci alguém que me interessa, alguém em quem confio que me fez ver as coisas sob uma luz diferente...

Ela se preocupava com ele.

Luca sentiu um aperto curioso no peito. Ela se importava, e não tinha vergonha de dizer a Frankie. Ainda mais do que antes, ele queria ser digno de sua confiança, digno de seu afeto. Queria protegê-la e vê-la voar ao mesmo tempo.

— Eu não dou a mínima para o que você acredita. — ela continuou. — Tenho mais a perder por contar à polícia sobre o seu amigo no congelador de carne do que mantendo a boca fechada. Estou cansada de seguir as regras. Estou cansada de ficar calada. Entrei para a polícia para que pudesse fazer a diferença. Agora estou presa atrás de uma mesa, e Garcia está à solta. Confio em Luca, e estou disposta a ajudá-lo apesar dos riscos. Se você não acredita em mim, então atire em mim. De qualquer maneira isso vai acabar com a minha dor.

— Não é só você que eu vou...

— Não. — Luca cortou Frankie, interpondo-se entre Gabrielle e Frankie.

— Não é seu assunto. — alertou. — Cabe a Nico. Gabrielle pode esperar no meu escritório, enquanto lidamos com Little Ricky, em seguida ela vai ficar comigo até que Nico tome uma decisão.

— Que decisão? — Gabrielle olhou de Luca para Frankie e de volta para Luca.

— Se ele vive. — disse Frankie, virando-se. — Ou se ele morre.

Quinze

Paolo derramou cuidadosamente um pequeno pedaço de cocaína em um cartão de crédito roubado no banheiro do Il Tavolino. Mesmo com a porta do banheiro trancada, ele podia ouvir o Sr. Rizzoli e Gabrielle discutindo sobre onde ela estava indo passar a noite. Paolo esperava que eles continuassem discutindo por mais alguns minutos. Apenas o tempo suficiente para obter a sua correção.

Esqueceu como ele se sentia bem. Após essa primeira investida no Pink Label na quinta-feira à noite, todo o medo e humilhação desapareceram. Paolo pegou um novo telefone do amigo de Crazy T por uma pechincha, e, em seguida, foram para a festa. Andando no alto, ele era engraçado e extrovertido, encantando todas as meninas e impressionando os caras. A noite durou para sempre, e quando o amanhecer finalmente rachou a escuridão, se sentou em seus degraus da frente e bebeu na beleza da manhã.

No dia seguinte, Paolo acordou sentindo-se como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Então ele fez uma outra investida, e outra, e, em seguida, chamou Crazy T para mais. Foi um bom material. Melhor do que qualquer coisa que tentou antes. Isso era o que precisava para torná-lo no mundo da máfia. A cocaína foi o segredo para derrotar a vergonha de si mesmo. Paolo iria subir no alto da incrível de autoconfiança para o dia em que ele se tornasse um homem feito.

Cuidadosamente equilibrou o cartão de crédito na beirada da pia e tirou sua palha. No fundo de sua mente sabia que não haveria perdão se Luca o pegasse desta vez. A família do crime Toscani tinha uma política de não-drogas, e usando drogas no banheiro de um capo era o máximo em desrespeito. Mas não tinha escolha. Ele era fraco e estúpido, como seu pai disse. Paolo só precisava de um pouco de impulso, algo para dar-lhe a confiança que precisava para ganhar

respeito. Basta olhar como ele lidou com essa reunião com o Sr. Rizzoli. Paolo foi frio e calmo. Maduro. Sr. Rizzoli se impressionou. Ele poderia dizer.

Ele respirou profundamente, sentiu a queimadura em suas narinas e para baixo em sua garganta. Em poucos segundos, estava no céu. Paolo deu descarga no caso de alguém passar e verificou o nariz em seu caminho para fora. Porra, ele era bonito. Se o Sr. Rizzoli não precisasse dele hoje à noite, iria mandar mensagem a Michele Benni, e perguntar-lhe se ela queria assistir Netflix no frio. Paolo mandou-lhe um *snapchat* com uma foto de si mesmo olhando no espelho para mantê-la quente e voltou para o restaurante onde Sr. Rizzoli e Gabrielle estavam se enfrentando na frente de um Matteo ansioso.

— Não vou ficar com você, Luca. Eu tenho uma vida. Tenho um trabalho. E uma melhor amiga sozinha naquela casa, e também preciso cuidar de Max.

— Ei, garoto. — Paolo se abaixou ao lado de Matteo, cujo rosto amassado registrou sua aflição. — Você quer mais biscoitos? Eu acho que Lennie mantém um frasco extra sobre a vitrine do bolo. Vá dar uma olhada.

— *Papà* está irritado com a senhora. — disse Matteo. — Eu pensei que tinha que ser bom para as meninas.

— Sr. Rizzoli está sendo bom. — Paolo disse calmamente. — Ele quer mantê-la segura. Ela simplesmente não entende. Continue. Eu não vou contar a ninguém.

Sr. Rizzoli olhou e deu a Paolo o aceno breve para reconhecer os seus agradecimentos por enviar Matteo fora do alcance da voz. Paolo acenou de volta como ele viu os outros homens feitos fazer. Claro, sabia o suficiente para manter Matteo a distância. Ele era um cara inteligente, muito observador. E estava feliz por Sr. Rizzoli ter notado.

— Frankie não confia em você. — Luca disse baixinho para Gabrielle.

— E isso significa que a equipe não confia em você. Eles precisam de garantias de que você não está falando com os policiais, e isso significa que precisamos ficar juntos. — ele parou e beijou sua testa. — Eu não duvido da sua competência, mas tornaria minha vida muito mais fácil se só tiver que protegê-la de uma pessoa e não de duas.

Era tão perto de um favor como Paolo nunca ouviu o Sr. Rizzoli falar. Ele deve realmente estar sério com Gabrielle. Não que Paolo o culpava. Ela era quente, e vestida do jeito que estava vestida hoje, estava um arraso. Se eles se separassem, ia tentar algo com ela. Paolo ouviu que as mulheres mais velhas eram boas na cama, e como poderiam resistir a um cara tão bonito como ele?

— Eu preciso mandar mensagem a Cissy. Não quero que Nicole fique sozinha. E Max...

— Você pode trazer Max para minha casa. — disse. — Prometi a Matteo que poderia ficar comigo esta noite, e eu acho que eles iriam se dar bem.

Gabrielle olhou para ele horrorizado.

— Matteo vai estar lá? Não posso fazer isso, Luca. Eu não sou boa em torno das crianças.

— Ele é um bom menino. — disse Rizzoli. — Não será nenhum problema.

Paolo seguiu o olhar de Gabrielle para Matteo sobre o frasco de biscoitos. Ela quase parecia com medo dele, mas quem poderia ter medo de um menino de seis anos de idade, cujo rosto estava manchado de chocolate? Paolo tinha algumas boas memórias de sua infância, sua mãe esgueirando chocolate para ele, era uma delas. Seu pai não queria que desperdiçasse dinheiro em mimos para Paolo, mas às vezes ela guardava apenas o suficiente para lhe comprar uma barra de chocolate, e colocá-lo em seu kit almoço no caminho para a escola.

— Não. Eu não posso. — a voz de Gabrielle estava tensa, com o rosto apertado.

Ela odeia crianças?

Algumas mulheres o fazem. A mãe de Matteo, Gina, não parecia se importar muito com o filho. Paolo sabia disso porque às vezes ela chamava Paolo para cuidar dele quando saía à tarde e Paolo encontrava Matteo em seu berço usando uma fralda suja e chorando porque estava com fome e sede. Por outro lado, a mãe de Paolo se importava muito. Tanto que perdeu tudo tentando protegê-lo.

Gah. Isso não era algo que queria lembrar agora. Ele empurrou a memória a distância e relaxou chapado.

O telefone de Paolo tocou e ele verificou a tela. Michele queria encontrar-se. Aleluia. Ela deve ter gostado da imagem que enviou. Paolo também estava à espera de ouvir de Crazy T que estava providenciando um tempo para Paolo encontrar seu chefe. Uma vez que isso acontecesse, Paolo estaria a caminho de se tornar o cara mais jovem a se juntar formalmente a tripulação Toscani.

— Hey, Sr. Rizzoli. Você precisa de mim ou posso partir? Eu consegui um encontro quente hoje à noite. — ele imaginou se este era um bom momento para pegar a estrada desde que o Sr. Rizzoli estava com Gabrielle em seus braços e eles pareciam estar com as coisas funcionando.

Os olhos do Sr. Rizzoli se estreitaram, e medo atravessou o estômago de Paolo derrubando-o no chão.

— Ou não. — Paolo disse rapidamente.

— Estou aqui se precisar de mim. — Ele limpou o nariz com as costas da mão, percebendo tarde demais que o simples gesto poderia entregar o jogo.

— Estou pegando um resfriado. — ele murmurou. — O resfriado pode estar confundindo meu cérebro.

— Vai ajudar com Little Ricky. — A voz de Sr. Rizzoli não continha a mesma simpatia que Paolo estava acostumado. Talvez estivesse irritado porque Paolo o interrompeu quando estava prestes a beijar sua namorada. Por que mais lhe daria uma tarefa que

certamente o faria perder o seu almoço de novo? E na frente de Frankie. Aquele bastardo frio não perdia nada. Ele precisaria de uma outra cheirada apenas para não se mijar quando Frankie fizesse uma careta.

— Só vou me lavar primeiro para que eu não espalhe os germes. — ele lamentou as palavras estúpidas assim que elas deixaram seus lábios, mas hey, talvez o Sr. Rizzoli acharia engraçado.

Seu telefone tocou novamente quando ele entrou no pequeno banheiro. Alívio percorreu o corpo quando viu a palavra de código de Crazy T.

— Sim. É Paolo. Onde está você? Preciso de outro par de...

— Crazy T foi embora. — A voz do outro lado da linha era profunda, ligeiramente acentuada e totalmente desconhecida.

— Quem é? Como você conseguiu seu telefone? — Ele trancou a porta do banheiro e tirou o cartão de crédito. A dor já estava começando a chutar. Maldição, não levou muito tempo para o corpo se acostumar com as quantidades menores que estava usando e exigir algo mais.

— Crazy T trabalhou para mim. Ele recomendou você. Disse que estava procurando fazer algum dinheiro e você estava indo ajudá-lo. Agora ele se foi, e estou procurando um substituto. Você ainda está interessado? Você compra de mim, mantém o que ganha, e você terá todo o produto que você quer de graça.

A cabeça de Paolo estava zumbindo por uma decisão, mas ele não hesitou em responder. Ninguém se tornou um cara feito sem criar seu próprio negócio. Paolo poderia fazer um monte de dinheiro como um negociante e enquanto pagasse o Sr. Rizzoli, ninguém faria muitas perguntas. Além disso, ele deseja obter um suprimento ilimitado de coisas boas.

— Eu estou. — dobrando o telefone sob o queixo, ele esvaziou o último de seu coquetel no cartão de crédito e tirou sua palha. Você tem um nome?

— Raio. Ansioso para fazer negócios com você, Paolo.

Paolo bufou e fechou os olhos para a queimadura. Sua vida estava finalmente em ascensão.

— Sim eu também.

Maldito céu.

Dezesseis

Gabrielle se inclinou sobre o vaso sanitário, esvaziando o conteúdo do estômago dentro da porcelana brilhante. A intensidade de sua reação emocional atrasada lhe pegou de surpresa. Ela se sentiu curiosamente calma após deixar o restaurante com Luca e o filho. E mesmo quando foi recolher Max e teve um vislumbre de imagem de David sobre sua cômoda, seu medalhão envolto sobre o quadro, ela não sentiu nada mais que uma dor no peito.

E agora tudo estava saindo. No elegante banheiro em mármore de Luca, com todos os azulejos brancos e brilhantes, paredes cinzentas e assentos lindos, e o cheiro de vômito lhe revirava o estômago.

Seu corpo balançou novamente e ela vomitou mais no vaso sanitário. Ouviu a porta abrir, juntamente com palavras suaves, e logo em seguida as mãos quentes gentilmente puxando seu cabelo para trás, prendendo-o com um elástico para que não caísse no rosto.

— Eu tenho você — disse Luca.

— Por favor, vá embora. — ela se inclinou contra a porcelana fria, debilmente batendo no ar entre eles. — Eu não quero que você me veja assim.

— Eu me preocuparia se não a visse assim. — Luca estendeu uma toalha sob a água fria e se inclinou para enxugar as lágrimas e sujeira de seu rosto. — Especialmente depois de me dizer que já viu um homem morto assim antes.

— David. — ela engasgou, inclinando-se sobre o vaso sanitário e vomitando novamente enquanto a mão quente de Luca acariciou suas costas de cima e para baixo.

— Shhh, *mio angelo*. Está bem. Você está segura aqui comigo.

— Eu o amava. — ela soluçou. — Estava tão sozinha por tanto tempo, e então tinha ele, e Garcia o levou.

— David era um homem de sorte por ter seu amor. — ele se ajoelhou no chão ao lado dela, sua mão nunca perdendo o contato, acalmando os músculos tensos de suas costas.

Ela respirou fundo, estremecendo.

— Pelo menos você sabe o que é perder alguém que você ama.

Sua mão parou.

— Eu sei o que é perder alguém que me interessa. Mas não alguém que amo. Me casei com Gina porque era a coisa certa a se fazer. Ela estava grávida. Nossas famílias são ambas muito tradicionais. Gina era italiana e estava familiarizada com a nossa cultura e costumes. Nenhum de nós estava sob nenhuma ilusão a respeito do porque estávamos nos casando. Não tínhamos nenhuma expectativa em relação ao outro, exceto para criar um bom filho. Ela levou sua vida, e eu levei a minha.

— Parece solitário.

— Não percebi o quanto até que ela morreu. — Luca limpou o rosto novamente. — Descobri que estava usando drogas quando eu estava longe, cocaína na maioria das vezes. Gina era uma viciada, e para esconder isso de mim usou seu corpo como forma de pagamento.

Gabrielle esvaziou seu estômago novamente e encostou a testa no vaso de porcelana, tentando empurrar suas memórias tristes à distância.

— Não posso imaginar o quão difícil deve ter sido para você. Foi terrível lidar com o vício do meu irmão, mas sua esposa...

Ele deu uma risada amarga.

— Essa é a minha culpa para suportar. Gina disse que eu a levei a isso, porque não a amava, e tenho que a ver todos os dias no rosto de Matteo. Ele se parece com ela.

Ela virou a cabeça e franziu a testa.

— Ele se parece com você.

— Ele se parece com Gina. — ele encostou-se à banheira gigante com os pés puxados contra ele.

Gabrielle suspirou, deixando seu corpo relaxar no dele.

— Talvez para você eles se pareçam, mas quando olho para ele, o vejo, porém com o cabelo escuro. Matteo gesticula como você, anda como você. Basicamente, é seu mini "eu".

— Matteo não se parece comigo. — disse secamente. — E quando ri, ele ri como ela.

Gabrielle entendeu o tom áspero como um aviso para não prosseguir a discussão. Gabrielle descansou a cabeça contra seu peito nu. Ele estava vestindo apenas um par de calças de pijama, embora ela não tivesse conhecimento de nada, além de seu estômago agitado até agora.

— Eu daria tudo para ouvir David rir de novo.

Ele apertou os lábios para o topo de seu cabelo.

— Você ainda o ama?

Ela tomou um momento para considerar sua pergunta antes de responder.

— Pensei que sim. Pensei que nunca seria capaz de deixar qualquer um entrar na minha vida de novo, porque meu coração estava cheio de David. Mas acho que o que amo é a sua memória, porque o que aconteceu naquela noite me mudou, e não sou a mesma pessoa que era quando estávamos juntos.

Luca acendeu uma chama na escuridão dentro dela, mas mesmo isso não era suficiente para afastar as sombras. Perder David foi horrível, mas o aborto foi tão pior.

— Acho que estou bem agora. — Ela retirou-se de seu abraço e ele a ajudou a levantar.

— Desculpe-me por isso. Eu sei que você perdeu um amigo hoje. Não queria me intrometer na sua dor. — ela foi até a pia e pegou sua escova de dente e creme dental da bolsa de higiene que embalou quando eles pararam em sua casa para pegar Max.

— Eu perdi um monte de amigos, *Bella*. Ter você me dá mais conforto do que jamais tive.

Tudo nela doía para abrir os braços, para deixá-lo completamente e partilhar sua dor mais secreta, e contar a verdade sobre o porquê de estar desconfortável em torno de crianças. Entretanto não havia nada mais em pé entre eles do que tristeza compartilhada. O corpo no freezer arrancou o último fio de sua cegueira voluntária. Ficaram em lados opostos da lei. E, embora tenham vindo juntos para encontrar Garcia, ela não sabia como poderiam construir um futuro, quando os seus mundos foram totalmente opostos.

— Preciso de um banho. — vômito se agarrou aos fios de cabelo dela que caíram por sua bochecha antes de Luca amarrar seu cabelo para trás, e sua camisola também estava molhada de suor. Gabrielle ligou a água no intocado chuveiro, e despiu-se, esperando que Luca voltasse para seu quarto. Em vez disso, ele tirou as calças de pijama e se juntou a ela sob a água quente.

— Você não tem que fazer isso.

— Não estou deixando-a sozinha. Matteo está adormecido e vou ouvi-lo se tiver um pesadelo. — ele passou os braços em volta dela e puxou-a contra seu corpo duro, poderoso. Pele contra pele que estavam sob a água morna, corações batendo juntos, peito arfando juntos, unidos pela dor no silêncio.

— *Mio angelo* — ele sussurrou, pressionando um beijo em seu ombro. E com suas palavras ternas, a última de suas paredes veio para baixo.

— Aconteceu no chuveiro. — Gabrielle falou tão baixo que no início não achava que ele podia ouvi-la, mas quando seus braços apertaram ao redor, Gabrielle absorveu sua força e continuou. — Eu

estava na casa de Cissy. Nós estávamos nos preparando para o funeral e ela enviou-me para tomar um banho. Olhei para baixo e vi sangue.

Luca segurou-a com tanta força que quase não conseguia respirar, mas ela se sentia segura protegida no círculo quente de seus braços.

— Eu ainda não estava pensando direito então a princípio pensei que o sangue de David ainda estava em mim, apesar de alguns dias terem passado, desde que o encontrei. Havia tanto. Todo o chão da sala estava coberto de sangue. Nós tínhamos acabado de colocar um tapete branco e ele estava todo vermelho. Quando entrei, não poderia ir até David, porque parte de mim desligou e tudo o que restava era a minha formação da polícia e estava avaliando-a como uma cena de crime. Mas quando os socorristas chegaram e o desceram, parei de pensar e apenas me sentei no chão e segurei-o em meus braços. — sua voz engatada, e por um momento pensou que não podia continuar.

— Cristo Santo. — Luca deu um grunhido de dor e segurou seu rosto com as mãos. Murmurando em italiano beijou todas as suas lágrimas, dando-lhe a coragem de terminar sua história.

— Eu estava grávida. — ela desistiu de tentar ser forte e soluçou. Ele já a viu vomitar, então não poderia ficar pior do que isso.

— Os médicos do hospital disseram que um choque, por vezes, extremo, pode induzir um aborto espontâneo. E doeu. Todos me machucaram. Era como se ele estivesse sendo arrancado do meu corpo. Era tudo que eu tinha dele, da nossa vida junta, a criança, que queria desesperadamente ter. Queria dar-lhe todo o amor do mundo, todo o amor que minha mãe me deu. David morreu em uma poça de sangue, e naquela noite eu também.

— Não, *Bella.* — ele olhou para ela, seu belo rosto tão feroz que quase chocou com as lágrimas. — Você não morreu naquele dia. Você sofreu uma terrível e trágica perda nas piores circunstâncias. Mas você sobreviveu. Você seguiu em frente. Você se tornou uma detetive. Você traçou um novo caminho. Sua força me humilha. Já vi homens

quebrarem e ruírem quando perderam alguém. Eu vi-os girar para beber e se drogar para atenuar a dor. Eles desistiram. Você não fez. Você tornou-se a bela mulher, corajosa que adoro. Você trouxe luz à minha vida e para a vida de todas as pessoas que têm ajudado como uma oficial da lei. Você me fez sentir quando pensei que nunca sentiria novamente. Farei tudo ao meu alcance para ajudá-la a ter sua vingança, mas você precisa olhar para o dia que Garcia se foi, na nova vida que você criou para si mesmo, na nova pessoa que você se tornou. Você ainda está sobrecarregada pelo passado. Você precisa deixá-lo ir.

— Leve a dor embora. — ela enrolou os braços ao redor de seu pescoço. — Faça-me sentir bem, Luca. Eu quero te sentir. Só você.

— *Sei l'unica per me, tesoro mio* — murmurou em italiano. — *Sei tutto per me*. — então ele mudou para o Inglês.

— Como sei que você vai perguntar, isso significa que você é a única para mim, você é tudo para mim. Eu sou seu. Qualquer coisa que você precisar, o que você quiser, te darei. — ele a beijou suavemente, e então sorriu. — Mas primeiro vamos deixá-la limpa.

Virando para enfrentar a parede, ele colocou um punhado de gel de banho e alisou suas mãos pelas costas, massageando o sabão escorregadio em sua pele, sobre os quadris, as coxas e panturrilhas. O aroma picante e fresco encheu o chuveiro, o cheiro dele.

Luca correu um dedo na fenda de suas nádegas e, em seguida, entre as pernas dela, fazendo-a ofegar. Mas, assim como sua excitação provocada, a mão dele se afastou, e a virou para encará-lo, dando-lhe uma visão perfeita de seu corpo tenso, muscular, e sua espessura, o pau duro que se projetava para fora do ninho de cachos. Ele era sólido, totalmente presente, um barco salva-vidas em uma tempestade.

Ela estendeu a mão para ele, conseguindo um firme acidente vascular cerebral, antes dele liberar sua mão.

— Isto é sobre você. Quero aliviar sua dor.

Sua mão quente e lisa alisou seus braços, os polegares esfregando os músculos, atingindo pontos de pressão que ela nem sabia que tinha. Gabrielle encostou-se à parede enquanto ele a lavou, as mãos nunca parando, nunca perdendo uma polegada de sua pele quente e úmida. Luca deu atenção superficial para os seios, moldando e acariciando-os apenas brevemente, antes de voltar sua atenção para a cintura e os quadris, barriga e coxas. Água pulverizava para baixo sobre ele, dançando em sua pele como diamantes, escultura, rios através do cabelo macio em seu peito.

Ela abriu suas pernas e colocou a mão até o ápice de suas coxas.

— Você perdeu um ponto.

Luca riu.

— Não perdi nada, mas se eu tocar lá agora, e encontrá-lo molhado para mim...

— Nós dois nus em um banho juntos... O que você espera que aconteça? — ela pressionou a palma da mão contra o clitóris, seus dedos sobre suas dobras.

— Eu não esperava nada. Você está machucada, e quero tirar sua dor.

Ela empurrou um de seus dedos profundamente dentro dela.

— Isso vai levar minha dor.

Ele agarrou seu pênis com a mão livre, acariciou o comprimento tão duro e rápido, que Gabrielle pensou que isso devia doer. Entretanto, seu eixo cresceu mais grosso, mais longo, a cabeça brilhando com uma gota de umidade. Gabrielle olhou com fascínio. Ela nunca viu um homem se dando prazer antes e não conseguia tirar os olhos da cena.

— Você gosta de me assistir?

Suas bochechas vermelhas, já que foi pega olhando.

— Sim. É incrivelmente quente.

— Da próxima vez podemos ver um ao outro. Não consigo pensar em nada que gostaria mais, do que assistir você se fazer gozar, exceto fazê-lo eu mesmo. — ele deu ao pênis uma bombada final e se ajoelhou na frente dela. Estabilizando-a com a mão em seu quadril, levantou a perna esquerda e colocou-a no ombro. — Olá, boceta bonita.

Gabrielle cravou as mãos em seus cabelos, puxou-o para frente, desesperada para satisfazer a dor dentro dela, preencher o vazio da perda com conexão íntima.

— Luca...

— Shhh, *Bella*. Deixe-me jogar. — seus polegares resvalaram sobre a vulva, separando suas dobras, expondo-a tão intimamente que não podia deixar de corar. Os mamilos já estavam duros e doloridos, tão sensíveis que o fluxo suave de água a fez estremecer. Mas ele apenas abaixou a cabeça e lambeu através de suas dobras, raspando os dentes sobre seu clitóris até que ela gritou, desesperada por liberação.

— Oh Deus. Eu preciso gozar.

— Ainda não. — Luca passou um dedo através de seus lábios. Quando ele o arrastou, sempre muito gentil sobre o cerne latejante, ela apertou seus cabelos com tanta força que tinha que doer.

— Não há mais provocação.

Ele olhou para cima, seus olhos castanhos tão escuros que eram quase pretos.

— Peça-me. Use as palavras mais sujas que você conhece. Eu quero ouvir as palavras que uma policial não diria. Quero ouvir você, Gabrielle. A verdadeira Gabrielle.

Seu corpo estava aquecido, apesar da água fria escorrendo sobre sua pele. Gabrielle nunca foi uma mulher que falava sujo, mas isso era no passado, no passado que se preocupava com o que um policial

deve e não deve fazer. Se ela ia atrás de Garcia com Luca, estaria andando uma linha muito tênue entre o certo e o errado. Então por que não praticar caminhando nessa linha com um homem que não queria nada mais do que dar-lhe prazer e aliviar sua dor?

— Lamba minha boceta. Chupe meu clitóris. Foda-me com os dedos. Faça-me gozar. — ela estremeceu quando as últimas palavras saíram de sua boca. Era bom expressar os desejos. Para possuir seu prazer. Para quebrar as regras.

— *Ai tuoi ordini, cara.* — Luca segurou sua bunda e levantou-a para sua boca quente e molhada. O primeiro golpe de sua língua a fez estremecer, e quando ele empurrou dois dedos dentro dela, ela soltou um gemido gutural. Ele lambeu e chupou, a língua provocando em torno do clitóris enquanto bombeava seus dedos, tudo ao mesmo tempo murmurando belas palavras em italiano que ela não entendia.

Gabrielle inclinou os quadris, tendendo contra os lábios macios, totalmente desinibida em seu desejo para a liberação. Quando ela pensou que não aguentaria mais, quando sua cabeça caiu para trás e agarrou os cabelos dele, Luca acrescentou um terceiro dedo, esticando-a, enchendo-a conforme passava a língua cada vez mais perto do clitóris inchado.

— Venha para mim, menina suja. — disse ele, mudando para Inglês. — Eu quero que você venha na minha boca. Eu quero ouvir você gritar.

Ele dirigiu os dedos profundamente dentro dela enquanto chupava seu clitóris em sua boca. O clímax esmurrou seu corpo, fazendo-a tremer e torcer sob o fluxo incessante de água que lavou a dor, afastando-a até que podia ver um futuro, brilhante e luminoso. Um futuro com este homem. Um homem que a fez ver sua própria força, que mostrou que ela não foi definida pela sua dor, e que não havia nenhum obstáculo que não conseguisse superar. Ela queria o futuro. Queria. Gabrielle estendeu a mão, estendeu a mão para ele, encontrou o seu coração batendo forte debaixo do peito.

— Luca. Ó Deus. Sim.

Não havia nada, como assistir a Gabrielle gritar seu nome, no meio de um orgasmo que ele lhe dera.

Nada.

Ele retirou os dedos e ficou de pé, mãos apoiadas contra a parede do chuveiro enquanto tomou sua boca em um beijo exigente. Luca a queria tanto que mal podia pensar na dor em seu pênis, mas mais do que isso, queria que sua liberação fosse com ela.

Os pensamentos se dispersaram quando ela caiu de joelhos na frente dele e lambeu esses mesmos lábios que acabaram de gritar seu nome.

— Sua vez.

— Você não precisa... — mas os protestos morreram em sua garganta quando ela se inclinou para frente beijou a cabeça de seu pênis.

— *Cristo Mio.* — sua mão caiu para a cabeça. — Eu não faço isso fácil, cara. Sou áspero e duro, e levo o que preciso.

— Parece perfeito para uma menina suja como eu. — ela passou a língua ao longo do lado de baixo de seu eixo e, em seguida, sacudiu sua língua sobre a coroa.

Luca era um homem visual, um homem sexual. E a visão de seu lindo anjo de joelhos, água fluindo pelo corpo exuberante, a boca inchada pelos beijos, era demais para suportar. Com um rosnado baixo, ele arrastou a cabeça de sua excitação sobre os lábios molhados.

— Abra para mim.

Ela abriu os lábios, e ele empurrou para dentro com um gemido.

— Eu executo este show. Você entende? — ele torceu a mão pelos cabelos, sacudindo a cabeça para trás. Ela assentiu com a cabeça e as mãos desceram até seus quadris, enrolando em torno de sua bunda. Porra, isso foi bom. Luca revirou os quadris para frente, empurrando o pau para o fundo da sua garganta. Gabrielle sufocada, e ele se afastou, dando a ela um momento antes dele empurrar para a frente novamente.

— Menina suja dando-me a boca suja. — ele puxou seu cabelo, forçou-a olha-lo, os cílios brilhando com gotas de água. Tão lindo. Muito bonito. Luca não podia levá-la assim, mesmo que ela quisesse, mesmo que ele estivesse desesperado para foder sua boca doce e nunca viu uma visão mais erótica. Luca não queria sujar o seu anjo. Não essa noite.

Sem aviso, ele a soltou. Choque, em seguida, surpresa cintilou em seu rosto, mas antes que pudesse falar, a puxou para cima, girou em torno dela e apertou-a contra o vidro.

— Eu quero você assim. — ele chutou as pernas dela, cobrindo-a com o corpo, sua dureza contra sua suavidade, sua pele fria contra seu calor.

— Eu quero que você me sinta. — ele agarrou seu pênis, aliviou-o em sua boceta deliciosamente molhada.

— Sinta a minha força, o meu poder. Sei que você está segura comigo. Mesmo quando você estiver mais vulnerável, você está segura comigo. — ele empurrou dentro dela duro e rápido, deixando cair uma das mãos ao peito macio, liso, e a outra apoiada contra a parede.

Gabrielle gemeu.

— Deus, me sinto tão bem.

— Porra. Você tem a mais doce, mais apertada, mais molhada boceta. — incapaz de segurar por mais tempo, ele bateu nela, de costas curvando-se com o esforço, os quadris balançando, músculos esticando. Ele deixou cair uma das mãos e esfregou a ponta do polegar sobre o clitóris, rápido e áspero, até que seu corpo ficou tenso e ela gozou com um gemido, e apertou ao redor dele.

— Luca.

— Diga isso de novo. — ele rosnou. — Esse é o único nome que você vai dizer quando você gozar. Porque você é minha. Minha de segurar. Minha para dar prazer. Minha para proteger.

— Luca. — ela sussurrou.

Com um rosnado baixo, ele se inclinou e apertou os dentes contra sua carne macia, quente, seu controle substituído por um impulso primitivo de marcá-la. Luca lambeu a ferida, em seguida, perfurando dentro dela, balançando o corpo dela contra o vidro até que suas bolas levantaram e apertaram.

— Porra. O que você faz para mim. — os músculos bloquearam um pico de prazer na espinha, irrompendo de seu pênis onda após onda de êxtase.

Com o coração ainda batendo, ele pressionou um beijo suave em sua nuca.

Gabrielle olhou por cima do ombro, os lábios para cima nos cantos em um sorriso satisfeito.

— Acho que estou limpa. Vamos para a cama.

— Que porra é essa, Gina? — Luca jogou os pacotes de pó branco em toda a sala. — Que diabos está acontecendo? Quanto tempo Matteo está no berço? Ele está encharcado e coberto de merda que está vazando para baixo em suas malditas pernas. Matteo estava morrendo de fome, e tão desesperado por algo para beber, quando entrei no seu quarto tudo o que podia fazer era apontar em sua garrafa vazia e chorar.

Gina inclinou-se, lânguida, contra os travesseiros na enorme cama que ela insistiu que precisavam quando eles mobiliaram a casa.

— Eu não sei.

— Você não sabe? — sua voz elevou-se em um grito.

— Eu vim para casa para passar algum tempo com o meu filho, e descubro que Matteo foi abandonado por minha esposa, para que ela pudesse foder com o amante na nossa cama. Não só isso, você está usando a porra dessas drogas na minha casa. E tudo que recebo é "Eu não sei". Você pode fazer melhor do que isso. — Luca chutou o corpo a seus pés, a sua visão ainda nebulosa com raiva. Não tinha ideia de quem era seu amante ou como ele acabou golpeado e inconsciente no chão, o mundo se tornou vermelho no minuto em que abriu a porta do quarto.

— Você está exagerando. — Gina suspirou e colocou o roupão de seda em torno de seu corpo magro. Por que ele não percebeu o quão magra ela se tornou? Ou os círculos escuros sob os olhos? Ou o constante fungar e as narinas avermelhadas? Como ele não soube que ela estava com outro homem?

— Reação exagerada? — ele pegou um vaso da cômoda e esmagou-o contra a parede. — Eu lhe dei tudo, porra. Tudo o que você pediu. E tudo que queria, em troca era que você criasse o nosso filho e fizesse o que a esposa de um *wiseguy*[16] deve fazer.

— Você não me deu amor. — seu lábio inferior tremeu. — Você não me ama.

— Jesus Cristo. — ele agarrou o relógio que foi um presente de sua mãe e que nunca gostou, e jogou do outro lado da sala, não sentindo nada quando se esmagou contra a parede.

— Pensei que tínhamos um entendimento. Nunca menti para você, Gina. Quando você me disse que estava grávida, coloquei tudo para fora na linha. Dei-lhe uma escolha. Se você não queria este tipo de casamento, eu teria dado suporte para você e Matteo. O amor não era parte do acordo. Ambos conseguimos o que queríamos ao sair dela. Isto é como nosso mundo funciona. Você sabia que teria uma

16 **Wiseguy:** Membro da máfia

goomah. Você sabia o porquê. E você sabia que ter um amante seria inaceitável para você.

Ela recostou-se nos travesseiros, curiosamente insensível a sua raiva ou o fato de seu amante estava agora inconsciente no chão.

— Como inaceitável é criar o filho de outro homem?

O mundo desacelerou, estreitaram, seus pulmões comprimiram até que ele mal podia respirar.

— O que você disse?

Gina deu um sorriso cruel.

— Matteo não é seu. Eu estava dormindo com outros homens antes que nós tivéssemos nossa noite juntos. Muitos homens. Quando fiquei grávida, achei que você poderia nos dar a melhor vida, então lhe disse que o bebê era seu. Pensei que poderíamos vir a nos amarmos com o tempo. Mas você não me ama. Você passou toda sexta-feira com Marta e no resto da semana você não voltou para casa, e quando o fez, foi apenas para Matteo. — ela levantou um pacote de pó branco. — Eu precisava de algo para torná-lo suportável, mas não podia deixá-lo descobrir. Você é tão rigoroso com o dinheiro. Então, encontrei outra maneira de pagar os traficantes.

Sem mais nada para jogar e uma regra inquebrável sobre bater em mulheres que faziam parte dele desde o nascimento, ele bateu o punho no retrato de família que fizeram logo após que Matteo nasceu. O vidro quebrado e a imagem caíram no chão.

— Saia.

— Você só precisa de algum tempo para se refrescar. Vou levar Matteo...

— Você está saindo, Gina. Você o abandonou durante todo o dia. Isso me deixa doente a pensar sobre como muitos outros dias que passou chorando, sujo, com fome, e sozinho em seu berço. Matteo pode não ter o meu sangue, mas meu nome está na sua certidão de nascimento e fui parte de sua vida desde o momento em que nasceu.

Até você ficar em ordem, e eu saber que ele estará seguro com você, você não poderá tê-lo. Arrume suas coisas e dê o fora.

Ela deu uma risada amarga.

— Você vai cuidar dele? Por si mesmo? — ela olhou de soslaio e se balançou nos pés. — Ele não é seu filho, Luca. Você está criando o filho de outro homem.

Ele respirou profundamente duas vezes. Em toda a sua vida, nunca sentiu uma raiva como essa, nunca se sentiu totalmente traído.

— Cinco minutos. Se você não estiver fora daqui, vou jogá-la eu mesmo. E considere-se divorciada.

— Você não pode se divorciar de mim. — ela sorriu. — *Cosa Nostra* não vai permitir isso. Estamos juntos para a vida Luca querido.

— Gina, pelo amor de Deus. Você realmente acha que eles vão me prender a um casamento depois do que você fez? Não há nada mais importante na nossa família do que um filho. O negócio da família é passado de pai para filho. É o nosso nome. É a nossa linhagem. É o que um pai pode dar a seu filho. Chamarei Charlie Nails, logo que você estiver fora da porta. — Charlie Nails era advogado da família Toscani, um advogado legítimo que não tinha problemas em trabalhar para a máfia.

O rosto dela caiu, e pela primeira vez desde que ele entrou no quarto, viu uma pitada de emoção. Ela jogou o seu melhor lado e perdeu porque não entendia as regras do jogo.

— Não fique tão irritado Luca. — ela baixou a voz para um tom suave, calmante.

— Nós temos uma coisa boa acontecendo aqui. Olhe para a nossa bela casa, os nossos bons carros, os shows que frequentamos, as festas que oferecemos. Ninguém vai saber que você não é o pai de Matteo. E se você tem um problema com as drogas, posso parar a qualquer momento. Eu não vou dizer nada sobre Marta. — seu olhar

voltou para o homem no chão. — E acho que ele não é mais um problema. Por favor, não jogue tudo fora. Cometi um erro. Perdoe-me, caro.

Jesus Cristo, ele se casou com uma cadela de coração frio. Gina nem parecia triste que o amante pudesse estar morto. Ela não estava arrependida por negligenciar seu filho. Apenas o pensamento de perder o estilo de vida que lhe deu a fez implorar.

— Fora. — ele gritou tão alto que a janela tremeu.

— Mike vai vir e te pegar. Eu não quero te ver nunca mais. — incapaz de estar no quarto com ela por mais um segundo, ele foi até a cozinha e ligou para Mike, instruindo-o para se certificar de que Gina tivesse um lugar seguro para ir. Então chamou Frankie para lidar com o lixo no chão do quarto. A única razão pela qual não matou o bastardo, era porque não queria que Gina testemunhasse o crime. Gina não era mais confiável, e dada a sua natureza vingativa, ele não deixaria margem para ela ir à polícia. Frankie lidaria com isso. Os traficantes de drogas eram seu tratamento especial.

Luca abriu uma garrafa de uísque, e bebeu uma dose após a outra, mal saboreando o líquido amargo que o queimava por dentro.

Luca ouviu as rodas da mala de Gina rangendo sobre o piso frio. Ela fez uma pausa pela cozinha, mas ele não olhou para cima até que ouviu a porta da frente fechar.

Mesmo se ele soubesse o que ela faria mais tarde naquela noite, não diria adeus.

Luca acordou assustado, o coração batendo rápido. Instintivamente, alcançou sua mesa de cabeceira. Desde que a guerra civil Toscani começou, ele nunca dormia sem a arma. Mas o quarto era calmo e quieto. Gabrielle dormia tranquilamente ao lado dele,

seus cílios de ouro se espalharam sobre suas bochechas cremosas. Sua mão repousava sobre seu peito, logo abaixo das asas da tatuagem de um crânio e rosas coroado. Luca estava todo tatuado quando se tornou um homem feito e o mundo estava cheio de esperança e promessa.

Sua tensão diminuiu e ele baixou o braço. Era o pesadelo que tinha desde a última noite com Gina e que assombrava seus sonhos. O gosto de culpa permanecia em sua língua, lavando a doçura dos beijos de Gabrielle. Luca não podia passar por isso novamente, não sobreviveria a esse tipo de traição. Talvez o sonho fosse um aviso, de que ele a deixou chegar muito perto.

Cuidadosamente, ele se afastou. Matteo estava dormindo no quarto de hóspedes. Luca poderia ir e se deitar com ele, obter alguma distância, enquanto descobria uma maneira de colocar os freios no trem desgovernado que roubou seu coração.

— Luca? — meio adormecida, Gabrielle estendeu a mão para ele. — Você está bem?

Você está bem?

Ele congelou, metade dentro e metade para fora da cama. As mulheres nunca perguntavam se ele estava bem. Gina nunca perguntou sobre seu silêncio nos dias em que perdeu um amigo e nunca remendava os cortes e contusões, nunca entendeu o que ele sentia ao lamentar cada vez que tinha que puxar o gatilho. E as mulheres que vieram depois dela queriam apenas o dinheiro, ou seu pênis, ou a emoção ilícita de dormir com um homem que nunca compartilhou nada sobre sua vida.

— Bebê? — seus olhos se abriram, e seu coração se apertou no peito.

Bebê. Embora ele não fosse nada, o termo carinhoso tocou-o profundamente, como um bálsamo para a alma que pensou que estaria sempre manchada por suas escolhas na vida.

— Shhh. — ele relaxou de volta na cama e esfregou os dedos sobre sua bochecha. — Vire, *Bella*. Volte a dormir.

Ela virou-se, suspirou baixinho quando ele curvou o corpo em torno dela, entrelaçou os dedos com os dela, e segurou-a firmemente.

Calor impregnando seu corpo, e ele foi varrido por uma onda feroz de emoção como nada que sentiu desde o primeiro dia em que segurou Matteo nos braços.

Amor.

Isto era o amor.

Ele fechou os olhos e entregou-se à pressa, deixando-a fluir através de seu corpo, preenchendo o vazio dentro dele, transformando a escuridão em luz, tornando-o forte de novo, forte o suficiente para vislumbrar um futuro onde um diabo e um anjo poderão ter uma vida juntos.

O amor o achou digno.

Mas ele era digno de amor?

Dezessete

— Tem de se levantar?

Gabrielle acordou para encontrar Max lambendo sua bochecha e a face curiosa do “mini eu” a apenas polegadas de distância de Luca.

— Sim. — o estômago dela apertou e sentiu a pontada familiar de desejo enquanto estudava o menino que seria cerca de cinco anos mais velho que seu filho, se ele estivesse vivo.

— Quando?

— Hum... — Gabrielle olhou para o relógio. Eram 09h. Quando dormiu até tão tarde no fim de semana? David era daqueles que acordavam bem cedo, e ela se acostumou. — Agora.

— *Papà* diz que não podemos comer até que você se levante. Ele diz que você precisa dormir, mas eu não gosto de panquecas frias.

— Nem eu. — ela deu a Max um tapinha. — Que tal você levar Max para fora, e vou me vestir, assim as suas panquecas não vão ficar frias.

Ele agarrou a coleira de Max e se virou, seu rosto intenso. As crianças de sua idade eram sempre tão sérias?

— Rápido.

Gabrielle se virou na cama, descansando a mão em seu cotovelo enquanto a luz macia da manhã piscava através das cortinas da janela. Sua noite com Luca não terminou no chuveiro, e se sentiu deliciosamente dolorida. Ela também estava nua e teve que esperar até Matteo sair antes que pudesse sair de debaixo das cobertas.

Ela se sentiu mais leve esta manhã, aliviada. A escuridão recuou, e em seu lugar ficou uma sombra curiosa de cinza.

Depois de tomar banho e se vestir, ela penteou o cabelo e foi para a cozinha, onde Luca e Matteo estavam falando sobre um bar granito cinza e branco brilhante.

— Desculpe por mantê-lo esperando. — ela se moveu em direção à cozinha, e o braço de Luca disparou.

— Os hóspedes desse lado. Cozinheiros deste lado.

— Eu posso ajudar. — ela protestou.

— Tenho certeza que pode. — um sorriso surgiu em seus lábios. — Mas tenho alguma experiência na cozinha.

— Pensei que você apenas comandava o restaurante. Não sabia que você também cozinhava. — ela se sentou no banco do bar, enquanto ele lavava as placas de panquecas e bacon juntamente com uma salada de fruta fresca e as canecas de café saindo vapor.

Luca bufou.

— Você não pode administrar um restaurante se você não souber cozinhar. E aprendi com a melhor. A nossa família praticamente vive na cozinha, e minha mãe ensinou como ela cozinha.

— Eu preciso alimentar Max, também.

Ele olhou para Max, sentado ao lado de Matteo como se estivesse em casa.

— Max foi alimentado e orientado. Ele e Matteo tiveram um ótimo tempo juntos.

— Disse ao *Papà* que quero um cachorro como ele. — disse Matteo. — Max gosta de correr, e eu gosto de correr. Poderíamos correr no parque juntos.

— Você tem que discutir o cão com sua *nonna.* — Luca disse gentilmente. — Ela é a única que teria que cuidar dele.

— Por que não posso viver com você, *Papà*? Então nós poderíamos ter um cão e cuidar dele nós mesmos. — os lábios de Matteo viraram para baixo nos cantos, e o rosto de Luca apertou.

— Nós discutimos isso antes. Eu nunca estou em casa, então não posso cuidar de você da maneira que sua *nonna* faz.

— Mas por quê?

Tensão engrossou o ar entre eles, e Gabrielle pegou o garfo, pensando freneticamente em uma maneira de evitar o que parecia uma tempestade que se aproximava.

— Isso parece tão bom, eu não sei por onde começar. O que você acha Matteo? O que é melhor?

— Comece com as panquecas. — disse Matteo. — *Papà* torna especiais para os hóspedes.

Gabrielle sentiu um inesperado aumento de ciúme. laro, Luca teve outras mulheres para a noite. Ela conheceu uma de suas ex no restaurante, e tinha certeza de que havia outras. Como não poderia haver? Ele escorria sex appeal.

— Tenho certeza de que elas são muito boas. — Gabrielle se concentrou em sua panqueca, não querendo olhar para cima e ver a verdade nos olhos de Luca, enquanto tentava segurar suas emoções. Mas caramba, ele era dela.

— Melhores panquecas de sempre. — ela saboreou a doçura de xarope de bordo puro sobre as panquecas macias.

Matteo sorriu.

— Ela gosta delas, *Papà*.

— Agora sabemos o que fazer amanhã.

— Amanhã? Eu só vim para um... — ela parou quando Matteo puxou seu cabelo.

— Você tem cabelo bonito. É macio e dourado.

— Obrigada.

Ele tocou seu rosto.

— Você é bonita também. E seus olhos são mais azuis que o céu.

Seus lábios tremeram com um sorriso.

— Eu vejo que o seu pai está lhe ensinando todos os tipos de coisas boas a dizer para as meninas.

Rindo, Luca abriu as mãos.

— É parte da cultura.

— E muito eficaz em estabelecer-se para ser um mestre da sedução enquanto cresce.

O telefone de Luca zumbiu sobre o balcão e pediu licença para atender a chamada. Deixada sozinha com Matteo, o coração de Gabrielle bateu e sua boca ficou seca. Ela tomou um gole de café, lutando com um turbilhão de emoções. Tentou evitar estar perto de crianças durante os últimos dois anos, para que não se lembrasse do que perdeu. E agora que estava sozinha com o filho de Luca, a dor começou a ressurgir. Gabrielle sempre assumiu que seu bebê seria uma menina. Mas e se fosse um menino? Será que ele se pareceria com David, da mesma maneira que Matteo se parecia com Luca, ou se pareceria com ela?

— Você não está comendo. — Matteo apontou.

— Eu estava pensando sobre alguma coisa, e levou minha mente fora da comida. — ela espetou outro pedaço de panqueca.

— *Papà* não sabia se você gostava de panquecas. Uma senhora que ficou mais, só bebia café no café da manhã. — ele empurrou uma panqueca em sua boca, manchando de xarope sua bochecha.

Gabrielle não queria saber, mas ela fez.

— Será que ele tem um monte de amigas que ficam mais?

— Eu não sei. Ele nunca me deixou ficar aqui antes, mas me contou sobre a senhora do café. Você vai ficar aqui novamente hoje à noite? Você acha que *Papà* vai me deixar ficar também?

Gabrielle largou a faca e garfo e pegou o guardanapo.

— Eu vim aqui apenas por uma noite. Tenho algumas coisas para fazer neste fim de semana, e na segunda-feira tenho que trabalhar.

— Onde você trabalha?

— Eu sou uma policial. — ela enxugou seu rosto, limpando a calda.

Os olhos de Matteo se iluminaram.

— Isso é legal. Nenhuns dos outros amigos de *Papà* são policiais. Você tem uma arma?

— Sim.

Ele deixou cair a faca e o garfo e saltou de sua cadeira.

— Posso vê-la?

— Bem, não sei se o seu pai gostaria disso. — ela cortou o bacon crocante e terminou-o em dois bocados. Havia vantagens em dormir com um homem que sabia cozinhar. — Que tal perguntar a ele quando terminar sua chamada?

Matteo baixou a cabeça e os ombros caídos.

— Ele vai dizer não. O *Papà* não gosta de armas.

Ela bufou uma risada e pegou um guardanapo para esconder o sorriso.

— Bem, isso é muito sensível. Armas são perigosas. Nós a usamos somente se precisarmos.

— Que tal um carro da polícia? — ele subiu de volta em seu assento. — Você tem um carro da polícia? Eu posso ir em um passeio e ligar a sirene?

— Eu não uso um mais. Somente agentes de patrulha usam carros de polícia. Sou uma detetive agora.

Ele deu um suspiro exagerado.

— Que tal um crachá ou um uniforme? Você tem isso?

— Eu tenho um crachá comigo. Posso mostrá-lo depois do café. — ela sorriu, e percebeu que estava falando com Matteo por pelo menos dez minutos e não teve nenhum flashback, e a tristeza recuou sob o bombardeio constante de perguntas.

Matteo sorriu.

— Nenhum dos meus amigos conhecem um policial na vida real. Vou dizer-lhes sobre você. — ele hesitou, um pedaço de bacon metade dentro e metade para fora da boca. — Você é namorada do *Papà*?

Ela abriu a boca e fechou-a novamente. O que eles eram? Definitivamente mais do que amigos de foda casuais. Amigos com benefícios? Nunca falaram sobre o que tinham entre eles, mas depois de ontem à noite quando se abriram um para o outro, sentia-se mais perto dele do que qualquer um que já conheceu, exceto sua mãe, mais perto ainda do que David.

— Eu acho que nós somos amigos.

— Gabrielle é a garota do *Papà*.

Ela olhou para cima, viu Luca em pé na porta, encostado no batente da porta como se estivesse lá por um longo tempo. Os braços estavam cruzados sobre o peito, com destaque para a protuberância de seu bíceps sob as mangas de sua camiseta branca.

— Minha única garota. — ele acrescentou, levantando uma sobrancelha para deixá-la saber que ele, de fato, ouviu a maior parte da conversa.

— Mulher. — ela corrigiu. — E eu não sou sua...

Luca riu, cortando-a.

— Venha aqui em seguida mulher, e dê ao seu homem um beijo.

Ela olhou para Matteo e deu um aviso sacudindo sua cabeça, mas Luca apenas atravessou a cozinha e puxou-a em seus braços.

— Matteo foi criado em uma família italiana, *Bella*. Nós somos pessoas carinhosas. Todos beijam, e ele já viu esse tipo de afeto entre minha irmã Ângela e seu namorado, e meu irmão Alex, e as muitas namoradas que eva até à mesa do café, apenas para ser substituída na próxima semana. Se você pensa em continuar comigo, você precisa se acostumar com isso.

Ela estava "com" ele? Certamente, eles estavam trabalhando juntos para pegar Garcia. Mas poderiam ser mais? Luca parecia ter tomado uma decisão unilateral sobre o seu status de relacionamento, e se fosse um cara normal, num emprego normal, ela teria ficado feliz em saber que ele queria que ficassem juntos. Gabrielle se preocupava com ele profundamente, e quanto mais tempo passavam juntos, mais gostava. Luca foi respeitoso e carinhoso quando lhe contou sobre seu passado, e nunca mostrou qualquer ciúme ou ressentimento sobre o relacionamento anterior com David. Era ferozmente protetor, engraçado e encantador; claramente amava sua mãe e irmãos e era adorado pelo filho. Portanto, ao contrário do estereótipo de um mafioso típico.

E, no entanto, é o que exatamente Luca era. Embora nunca dissesse as palavras, ela sabia que ele estava na máfia. Como é que ele acha que este relacionamento iria funcionar? Seus amigos e familiares não confiariam. E se dissesse que fez algo ilegal? Gabrielle estaria em uma posição de conflito, o conhecimento fazendo-a cúmplice do crime. Claro, conflitos seriam a menor das suas preocupações se o Agente Palmer descobrisse que ela compartilhou informações policiais e juntou forças com a máfia para caçar Garcia.

Embora corajosamente alegasse que estava disposta a correr o risco de ir para a cadeia para pegar Garcia, ela não pensou sobre isso.

Sim, estava disposta a arriscar sua carreira para pegá-lo, mas não estava preparada para arriscar sua liberdade. Na noite que conheceu Luca foi a primeira vez que pensou que talvez houvesse algo mais pelo que viver, e agora, enquanto ele passou os braços em torno dela em sua cozinha iluminada pelo sol, no tipo de cena idílica que nunca se permitiu imaginar desde a morte de David, havia outro.

Claro, ele não se limitou a toca-la nos lábios. Não, Matteo foi exposto a um beijo, com direito a língua-de-todos-os-lugares errados "se você estava sendo avidamente observado por um menino de seis anos de idade" e mãos na bunda, "graças à Deus, ele não podia ver por trás dela".

— Você tem um gosto doce. — ela disse lambendo os lábios.

— Você tem gosto de sexo. — ele murmurou em seu ouvido. — Se Matteo não estivesse aqui, a amarraria na mesa, despejaria calda por cima de você e a lamberia até que você implorasse para gozar.

Ela arregalou os olhos e ficou com a boca seca.

— Por que tudo tem que ser sobre sexo com você?

— Eu sou um homem sexual.

— Sim, você é. — calor agrupou entre as pernas. — De repente, estou muito feliz que não estamos sozinhos e temos seu "mini eu" para abaixar o calor. Vocês dois são tão parecidos que é assustador.

Luca endureceu e se afastou.

— Eu te disse. Nós não somos nada parecidos.

— Sim, você é. — intrigada, ela acariciou um dedo suave ao longo de seu maxilar. — Você tem a mesma forma do rosto, a mesma curva de suas sobrancelhas, os mesmos olhos e nariz. O cabelo tem a mesma onda como o seu, embora seja escuro. Ambos têm olhos cor de avelã...

— Gabrielle. — Luca estalou, seu corte de voz através da sala. — Sei que você tem boas intenções, mas você está vendo coisas que não

estão lá. Matteo se parece com Gina. Não se parece comigo. Não é possível que ele se pareça comigo. Por que diabos você insiste nisso?

Gabrielle olhou para Matteo que congelou no lugar, um pedaço de panqueca pendurado no garfo polegadas longe de sua boca. Seu coração batia por ele, assim como bateu para Max, quando o viu naquele primeiro dia no abrigo, encolhido no canto. Ela entendeu melhor do que ninguém o que era perder alguém, mas a carga de Matteo com seus problemas não estava certo.

— Desculpe-nos, por favor, querido. — ela sorriu para Matteo para que ele não achasse que alguma coisa estava errada.

— Vou roubar seu pai por um segundo. Acho que Max ficaria feliz em provar essa panqueca em seu garfo. — ela empurrou um Luca difícil para o quarto.

— Eu preciso falar com você. Sozinha.

Se ela não tivesse ficado tão zangada, a expressão chocada de Luca seria quase cômica, enquanto sua obediência era atípica.

— Não grite comigo. — Gabrielle cutucou no peito depois de fechar a porta do quarto atrás deles. — E supere a si mesmo. Não sei qual é seu problema, mas não é esse menino bonito, doce, que está lá fora, e que absolutamente adora você e quer desesperadamente sentir uma conexão com o pai que ama. Talvez ele tenha algumas das características de Gina. E daí. Só porque ela não era a mãe perfeita, não faz dele menos que seu filho.

Luca passou a mão sobre a cômoda, quebrando um vaso contra a parede. Fragmentos de cerâmica caíram sobre o chão como chuva roxa.

— Minha relação com Matteo é o meu negócio. Você não sabe nada sobre mim. Você não sabe nada sobre ele. Matteo não precisa de você para defendê-lo. É perfeitamente feliz. Entende porque as coisas são do jeito que são.

Gabrielle olhou para ele, tentando entender o que estabeleceu com Luca. Ela tocou este nervo na noite passada e recuou, mas

depois de falar com Matteo esta manhã, e ao ouvir o anseio em sua voz, vendo seu choque e dor quando o pai se recusou a reconhecer sua semelhança, tinha que dizer alguma coisa. Gabrielle não era a mesma mulher que sentou por dois anos em um papel de escritório empurrando enquanto um monstro percorria a cidade tomando vidas inocentes. Gabrielle tinha uma voz, e Matteo precisava de alguém para falar por ele, alguém que não tinha medo de empurrar para trás, contra as duzentas libras de macho alfa irritado, agora encarando ela do outro lado da sala.

— E sobre a marca de nascença em seu ouvido?

— Gabrielle. — sua voz trovejou através da sala. — Deixa esse assunto de merda sozinho. Não é da sua conta.

Mesmo quando você está no seu mais vulnerável, você está seguro comigo.

Ela fechou a distância entre eles e se inclinou para pressionar um beijo suave atrás de sua orelha esquerda.

— Você tem uma marca aqui — ela disse suavemente. — Matteo tem a mesma, no mesmo lugar. São hereditárias. O que tenho no meu lóbulo da orelha é o mesmo que minha mãe possuía.

Seu rosto suavizou a uma máscara inexpressiva e ele deu um passo de distância.

— Nós conversamos bastante sobre isso. Não vamos levar o assunto novamente.

— Bem, então, acho que Max e eu estamos de saída. — disse ela. — Porque há um menino lá fora que está desesperado para passar o dia com o pai. E acho que seu pai precisa gastar um pouco menos de tempo sendo um burro e um pouco mais de tempo com ele.

— Gabrielle. — ele a chamou enquanto ela se afastou, mas pela primeira vez não a seguiu.

Dezoito

— Entre no carro.

Luca puxou o SUV para o lado da estrada, cantando os pneus. Maldita mulher saindo de seu apartamento. Será que não percebe que Frankie e o bando estavam na rua apenas esperando por uma oportunidade para provar que ela não era confiável? Ele já lhe explicou que precisava da aprovação de Nico para avançar com o plano para pegar Garcia. O que não explicou era que Nico decidiria se viveria ou morreria. Luca quebrou a regra sobre se associar a um policial, e agora Nico sabia sobre seu relacionamento com Gabrielle e já decidiu sobre o que fazer.

Gabrielle o ignorou e continuou a caminhar pela rua residencial com Max cheirando arbustos ao lado dela.

O suor escorria na testa com o sol do meio-dia explodindo dentro do carro.

— Gabrielle. Você não pode andar todo o caminho até sua casa. É muito longe. E disse a Frankie que você iria ficar comigo até o encontro com Nico. — ele cerrou os dentes ao ouvir seu tom de súplica. *Capos* não imploram. Luca não implorava. Mas caramba, ela o deixou sem escolha. Embora fosse tentador pegá-la e jogá-la no carro, mas não era uma opção, especialmente se planejava ter outro filho. Gabrielle não era o tipo de mulher que iria para sua jugular se ele tentasse submetê-la; ela o acertaria onde doeria mais.

Max olhou e latiu, mas quando ele tentou puxar Gabrielle até Matteo, agora acenando da janela, Gabrielle puxou-o de volta.

— Não me diga o que posso ou não posso fazer.

Como ele fodeu tanto isso? Um minuto eles estavam se beijando na cozinha, e no próximo Gabrielle caminhava porta a fora.

— Acho que ela está brava com você. — disse Matteo do banco de trás. — Gabrielle soa como *nonna* e tia Ângela quando estão com raiva. Talvez seja porque você gritou com ela.

— Eu não gritei. — Luca apertou o volante, amaldiçoando-se por perder a paciência. Gina parecia ter esse poder sobre ele, mesmo da sepultura.

— Você falou muito alto, *Papá*. E você estava com raiva. Me desculpe, não me pareço com você.

Porra. Ele machucou Matteo, também. Luca esqueceu como crianças entendem tudo. Ele geralmente era muito cuidadoso ao dizer ou fazer qualquer coisa que fizesse qualquer um pensar que Matteo não era seu filho. Mas Gabrielle tinha um jeito de conseguir ultrapassar todas as suas barreiras e expor suas vulnerabilidades.

Só porque ela não era a mãe perfeita, não faz dele menos que seu filho.

O filho dele.

Ao contrário de muitos dos mafiosos que conhecia, ele estava lá quando Matteo nasceu, segurou-o, trocou fralda e o alimentou. Ouviu sua primeira palavra, viu o seu primeiro dente, segurou-o quando deu o primeiro passo. Sentou-se com Matteo à noite, quando não conseguia dormir, e leu inúmeras histórias. Pensando bem, ele realmente passou mais tempo com Matteo do que com Gina, que estava sempre doente ou cansada ou com os amigos. Foi só depois que Gina morreu que deixou de ser um pai adequado.

Será que realmente importa se eles tinham um laço de sangue? Ninguém sabia a verdade. Matteo era um grande garoto, e não podia sequer pensar em enviá-lo para viver com os pais de Gina. Três vidas seriam devastadas se ele separasse a família, a de Matteo, de sua mãe, e a sua. Luca poderia ter construído um muro ao redor do seu coração depois que Gina morreu, se fechando para o amor, mas Matteo já estava dentro e seguro.

E um anjo entrou lá com ele.

— Acho que você está certo, Matteo. — disse, olhando por cima do ombro. — *Papà* disse coisas que não deveria ter dito. E acho que nós temos coisas em comum. Somos ambos italianos, não somos?

— *Si, Papà*! — o rosto de Matteo se iluminou, e Luca sentiu direto em seu maldito, totalmente exposto, coração.

— E nós dois gostamos que nossos carros sejam rápidos, não é?

— *Si, Papá!* Vá rápido. Ela está fugindo. — Matteo apontou para a estrada e saltou em seu assento.

Luca colocou o pé no acelerador, e alcançou Gabrielle, parando bruscamente novamente.

— *Tesoro mio...* — ele se inclinou para fora da janela, preparado para fazer qualquer coisa ou dizer qualquer coisa que a fizesse sorrir. Ela era a mulher que sempre sonhou. Gabrielle mudou sua vida. E a queria sempre ao seu lado. Pensou em dizer-lhe em Inglês, mas sabia que o italiano era sua fraqueza, e não havia melhor maneira de transmitir o que estava em seu coração do que a linguagem do amor.

— *Sei la donna dei miei canzoni. Mi hai cambiato la vita. Ti voglio sempre al mio fianco.*

Gabrielle parou na calçada e suspirou.

— Tudo que você diz em italiano soa bonito e sincero, mas se você quiser se desculpar, faça em Inglês.

— *Papà* diz que sonha com mulheres, você deve ser diferente, e ele quer que você fique na calçada. — Matteo gritou do banco traseiro.

Luca gemeu e fez uma nota mental para pedir à sua mãe para encontrar um novo tutor de italiano.

— *Sono innamorato di te.* — ele disse que a amava, sabendo que ela não iria entender, mas queria dizer as palavras que estavam realmente em seu coração da melhor maneira que sabia.

— Isso é um pedido de desculpas?

— É um tipo.

Ela andou até a janela do lado do passageiro e sorriu para Matteo.

— Você sabe o que seu *Papà* disse?

— Sim. — Matteo sorriu. — Foi legal.

— O que você acha? Foi um bom pedido de desculpas?

O olhar de Matteo foi para Luca e depois de volta para Gabrielle.

— *Molto bene!* — disse, deixando seu *Papà* orgulhoso.

— Ainda não estou falando com você. — disse Gabrielle, depois que ela e Max estavam ambos no veículo. — Eu procurei a palavra italiana para desculpa em meu telefone e você não disse isso. Mas tenho brincado com um aplicativo para aprender italiano e sei a palavra *innamorato*, então acho que você disse algo especialmente agradável, e uma vez que está extremamente quente, vou pegar carona.

Vinte minutos depois, Luca estacionou o SUV na frente da casa em estilo espanhol de sua mãe em Mira Villas. Ele teria preferido não trazer Gabrielle para conhecer sua família ainda, mas Matteo tem treino de beisebol e já estava atrasado em trazê-lo para casa. Apresentar uma mulher para sua mãe era semelhante a uma proposta de casamento, e só agora percebeu a profundidade de seus sentimentos por ela, não estava completamente pronto para dar o próximo passo.

— Eu só tenho que deixar Matteo com a minha mãe. — ele hesitou. Seria indelicado pedir-lhe para ficar no carro, mas trazê-la para dentro seria um caso formal que envolveria uma refeição e um interrogatório para o qual ela não estaria preparada.

— Vou ficar no carro com Max. — disse ela. — Ele pode dar trabalho quando o levo a algum lugar novo.

Ele soltou um suspiro aliviado.

— Se você quiser...

— Está tudo bem. — ela estendeu a mão e apertou a mão dele. — Eu entendo.

Dio mio. Ela poderia ser mais perfeita? Ele beijou sua bochecha.

— Estarei de volta em cinco minutos.

Depois que Matteo disse adeus à Gabrielle e Max, Luca levou-o para dentro e foi encontrar sua mãe. Ele comprou a casa de dois andares, quatro quartos para ela e seus irmãos, depois que concordou em criar Matteo, e ela passava a maior parte do tempo na cozinha sofisticada com suas bancadas em granito preto, armários brancos elegantes e utensílios de aço inoxidável.

— *Mamma*?

— Estamos na sala de estar. — ela gritou. — Temos companhia.

O pulso de Luca acelerou um nível, e ele estendeu a mão sob a jaqueta para sua arma enquanto andava pela casa. Sua mãe nunca se divertia em qualquer lugar que não fosse a cozinha, e o tremor em sua voz lhe disse que algo estava errado.

— Frankie. — seu estômago revirou quando cumprimentou o executor Toscani, que estava sentado ao lado de sua mãe no sofá coberto com plástico. Ele sabia que Frankie viria atrás dele, para levá-lo a Nico para o julgamento, ou para um passeio do qual nunca voltaria. Enquanto segurava Gabrielle na noite passada, se perguntou quanto tempo eles teriam e se lhes dariam a chance de dizer adeus. Correr não era uma opção. Não só porque mostraria uma falta de honra, mas também porque não havia para onde poderia ir, que a máfia não o encontraria.

— Frankie veio me visitar. — os lábios de sua mãe pressionados em uma linha fina. Ela sabia quem era Frankie, e sabia que ele não era de fazer visitas sociais. — Eu queria cozinhar lhe alguma coisa, mas disse que só estava aqui procurando por você. E quando Alex disse que você estaria trazendo Matteo para casa para o treino, Frankie disse que esperaria.

Porra Alex deveria ter pensado melhor antes de dar qualquer informação para Frankie, mas seu irmão não pensava direito quando estava chapado.

— Matteo está lá em cima, *Mamma*. Por que você não vai ajudá-lo a se arrumar para o beisebol? Frankie e eu temos negócios.

Sua mãe lhe lançou um olhar preocupado quando saiu da sala. Havia apenas um tipo de negócio que traria Frankie para a casa, e não era bom.

— Precisava tirar a sua mãe da cozinha. — disse Frankie. — Ela continuou oferecendo para me fazer alguma coisa que envolvia cortar coisas com facas grandes. Acho que teria me apunhalado se eu virasse minhas costas para ela.

— Ela é uma mulher forte. Muito protetora. Não há ninguém que eu respeite mais.

— Gostaria de saber como isso é. — ele apontou para a porta e ficou em pé. — Vamos.

Discutir não era necessário. Luca sabia que estava sendo chamado para prestar contas por quebrar as regras e se envolver com uma policial. Hoje ele enfrentaria o julgamento e se não pudesse convencer Nico do benefício de sua aliança com Gabrielle, essa seria a última vez que veria sua mãe e Matteo.

— Gabrielle está no carro.

— Ela vai também.

Luca congelou.

— Ela não é parte disso. Nós não envolvemos mulheres em nossos assuntos.

Frankie fez um gesto impaciente para a porta.

— Envolvemos se elas são policiais que poderiam ter recebido informações que não deveriam ter acesso.

— Eu não lhe disse qualquer coisa que ela já não soubesse.

— *Papà?* — Matteo desceu as escadas com sua mãe. — Você pode vir e me ver jogar bola?

— Tenho que fazer um trabalho com o primo Frankie. Dá-me um abraço de despedida. — Ele segurou Matteo nos braços, beijou suas pequenas bochechas, a testa, o nariz, passou a mão pelo cabelo escuro, que sua mãe deixou crescer.

— Seja um bom menino. Ouça a sua *nonna*. — ele beijou a orelha de Matteo, lutou contra o desejo de verificar para ver se ele tinha a mesma pinta. Não importava. Matteo era seu filho. Se hoje fosse seu último dia, queria morrer acreditando que era verdade. Luca queria morrer com esperança.

Sua mãe estendeu a mão e agarrou suas bochechas, beijando-o como ele beijou Matteo.

— *Polpetto*. — disse ela, usando um apelido que ele não ouviu falar durante anos. Luca não tinha ideia de por que ela começou a chamá-lo de almôndega quando era mais jovem, mas sabia por que *Mamma* estava dizendo isso agora. Ele deu-lhe um abraço e sua estremeceu em seus braços.

— Tchau, *Mamma*. — ele lhe deu um último abraço e afastou-se, sem se atrever a olhar para trás.

Frankie riu quando eles deixaram a casa.

— *Polpetto*? Nunca vou esquecer isso.

Luca pensou que era uma coisa estranha de se dizer se sua vida ia acabar na próxima hora ou duas, mas afinal, Frankie não era um homem normal.

— Você dirige. — Frankie fez um gesto para o SUV de Luca. — Sally G já está na parte de trás com a sua menina.

Luca sentou no banco do motorista e virou para olhar para Gabrielle usando um cinto ao lado de um careca e corpulento Sally G. O Capo mais velho de Nico estava vestindo a camisa de boliche favorita com calças e um monte de brilho. De todos os mafiosos que

Luca conhecia, o bem casado Sally G era provavelmente o menos propenso a deixar suas mãos bobas vagando quando sentado ao lado de uma mulher bonita, mas ele ainda era um cara e Luca fixou um olhar de advertência antes de tranquilizar Gabrielle.

— Está tudo bem, *Bella*.

— E como está. — ela respondeu rispidamente, enquanto Max resmungou baixinho em seu colo.

— Quem é que temos aqui? — Frankie olhou por cima do banco do passageiro.

— Max. — ela olhou para Frankie. — Max é um cão de salvamento e com medo dos homens, de modo que este passeio vai ser difícil para ele.

— Sério? — O rosto de Frankie suavizou, e ele estendeu a mão para Max. Minutos se passaram enquanto o homem e cão olhavam um para o outro. Ninguém se mexeu. Foi a coisa mais estranha que Luca já viu. Finalmente, Max cheirou a mão de Frankie. Em seguida, lambeu os dedos de Frankie e esfregou a cabeça na palma da mão dele.

— Você é um encantador de cães agora? — Perguntou Sally G.

Frankie afagou a cabeça de Max e se virou sem dizer nada. Talvez ele tivesse um pingo de coração no fim das contas.

Eles dirigiram em silêncio ao clube da família Toscani, localizado na parte de trás de uma garagem abandonada na saída da 95, nos arredores do norte de Las Vegas. A 300C Chrysler preta seguiu atrás deles, sem dúvida, contendo membros da tripulação de Nico. Pelo menos não estavam dirigindo para o deserto. Normalmente, quando a máfia tinha a intenção de abater alguém, eles fariam a vítima dirigir para uma área isolada e o matavam no banco de trás do carro.

Luca verificou no espelho retrovisor quando atingiram a 95. Ele não gostava da ideia de Sally G sozinho no banco de trás com sua garota. Gabrielle se trocou para um par de shorts jeans desgastados e curto, antes de sair de seu apartamento e eles chamavam a atenção

para sua bunda perfeita em forma de coração, a curva dos quadris e as pernas longas e magras. O top preto justo tinha um decote baixo demais para o gosto de Luca e anunciava sua marca favorita de uísque. Apesar da raiva, ele ficou duro quando ela saiu do quarto para o café da manhã, mas quando Gabrielle colocou um par de botas de cowboy para sair, Luca considerou seriamente jogar-se no chão e implorar perdão.

— Tire seus malditos olhos da minha garota. — ele espetou Sally G com um olhar pelo espelho retrovisor.

Sally G riu.

— Com certeza ela não se parece com uma policial. Se soubesse que todas eram tão quentes, teria pego uma também, nos meus tempos.

Luca puxou o volante para o lado, com a intenção de puxar o veículo para fora da estrada e bater muito em Sally G.

— Cala a boca, Sal. — Frankie gritou por cima do assento. — Você vai se juntar a ele por quebrar as regras? Peça Desculpas e procure olhar bem longe.

— Desculpa. Sem ofensa. — Sally G levantou as mãos em um pedido de desculpas e virou a cabeça para a janela.

Vinte minutos depois, eles chegaram na sede do clube e Luca estacionou o Ram nos fundos. A maioria dos edifícios na área estavam vagos ou degradados, e a propriedade era completamente cercada por arbustos e cercas de arame.

— Luca. Sally G. Vocês veem comigo. — Frankie olhou por cima do ombro e sacou a arma. — Gabrielle, fique no carro com Max.

— *Bella*... — Luca tentou encontrar palavras para dizer quando saiu do veículo, uma expressão de amor, um adeus duradouro. Ele tinha um forte sentimento que isso não iria tão mal como pensou originalmente, simplesmente porque ninguém jamais faria uma matança em plena luz do dia na sede do clube, onde poderia atrair

atenção. Mas Luca gostava de estar preparado, e uma vez ouviu falar que a adversidade unia as pessoas.

Preparando-se para as lágrimas de Gabrielle, ele foi pego desprevenido por sua fúria.

— Eu não posso acreditar nessa merda. — ela cuspiu.

— *Mio angelo...* — ele tentou novamente, mas ela o interrompeu com a mão levantada.

— Guarde para quando eu estiver interessada em ouvir e não estiver ocupada tentando pensar em uma maneira de nos tirar dessa situação.

— Não há escapatória. Cabe a Nico.

Na mesma hora, a porta do clube se abriu e Nico saiu para a luz do sol. Cinco membros de sua tripulação saíram atrás dele, homens que Luca conhecia há anos, e todos a quem chamou de amigo.

Luca respirou fundo enquanto caminhava pelo estacionamento, se preparando para um confronto que tinha pouca esperança de ganhar.

— Aparentemente, temos um problema. — Nico o encontrou no meio do caminho, impecavelmente vestido com o habitual terno, gravata de seda e sapatos de couro italiano. Luca se sentiu malvestido em seus jeans e camiseta, mas deixou a sua cobertura com pressa para apanhar Gabrielle, e não deu a atenção habitual para seu traje.

— O único problema é a minha garota aqui. Deixe-a ir.

— Você é a porra do problema. — Frankie cuspiu — milhões de meninas lá fora, e você tem que enfiar o pau em uma policial.

Luca estava encarando Frankie, peito a peito, punhos levantados, antes que seu cérebro pudesse ao menos processar que se mexeu.

— Respeito, paisano[17]. — eles estavam empatados em altura e peso, mas Frankie foi criado como um assassino, um assassino treinado. Luca não tinha ilusões sobre quão rapidamente Frankie poderia matá-lo ou quão pouco remorso Frankie sentiria quando terminasse.

— Você quebra as regras, você não tem o nosso respeito — disse Frankie. — Você e seu velho são exatamente iguais. Sempre na porra da cama com os policiais. Os Rizzolis não têm honra.

O estômago de Luca apertou em raiva. Nico e Frankie eram como irmãos para ele. Eles o conheciam. Sabiam que nunca faria nada para prejudicá-los ou a família do crime Toscani. Luca comeu à mesa de Nico. Inferno, levou um tiro por Nico, e sua total e absoluta falta de confiança era como uma lâmina através de seu coração.

Aparentemente, Nico ainda lembrava da noite no casino, também, porque ele levantou a mão, cortando Frankie.

— Não seja tão rápido em julgar. Luca quase deu a vida por mim. Não faz sentido nos trair agora.

— Os homens não pensam direito quando mulheres estão envolvidas. — Frankie disse friamente. — Você mesmo sabe disso.

A expressão de Nico escureceu na referência velada aos riscos que correu quando conheceu Mia. Na época, ela era a filha de seu maior inimigo e sua relação era quase tão perigosa quanto o relacionamento de Luca com Gabrielle.

— Você está fora de linha.

— Pela minha honra, não traí você. — Luca disse rapidamente, a atenção de Nico voltando para ele. Era mais provável que Nico pegasse mais leve com ele se não estivesse irritado.

— Gabrielle está atrás de Garcia. Garcia matou seu marido. Ela está disposta a nos ajudar a pegá-lo, e está preparada para arriscar

---

[17] **Paisano** - Compatriota, patrício, de mesma nacionalidade.

sua carreira para fazê-lo, dando-nos acesso a todas as informações secretas que a polícia tem sobre ele.

Frankie bufou.

— Não podemos confiar na porra da polícia. E não podemos confiar em um porra de Rizzoli.

Luca reprimiu um rosnado. Um dia faria Frankie pagar por esse desrespeito. Ele passou anos provando sua lealdade, lutando para restaurar a honra da família.

— Garcia é a chave para tudo. — lembrou Nico. — Sem ele, Tony não tem acesso ao fluxo de caixa que precisa para controlar a cidade. Não só isso, o que fez para Little Ricky é um ataque contra todos nós.

Nico entrou na sombra do edifício, deixando Luca para assar ao sol. Nascido no fogo do inferno, Frankie ficou perto de Luca sem nem sequer derramar uma gota de suor.

— As minhas fontes confirmaram que Garcia estava por trás do ataque a Little Ricky. — disse Nico. — Mas para quem foi a mensagem? Ricky devia dinheiro a eles? Foi uma mensagem para você? Ou para nós? Ou foi um retorno porque você derrotou dois albaneses que possivelmente trabalhavam para Garcia?

Claro, Nico sabia sobre os albaneses. Ele sabia tudo, porque Frankie sabia de tudo. E quando Frankie sabia alguma coisa, sabia todos os detalhes, então não havia nenhum ponto de falar nada menos que a verdade.

— Eles dispararam contra a casa de Gabrielle quando estávamos lá dentro. Eu não me importo com quem os contratou, mas quando perguntamos, não sabiam. Foram enviados para assustá-la como um aviso, mas não a matar. Gabrielle não tem quaisquer outros inimigos, de modo que ela tinha certeza de que Garcia estava por trás disso.

— É justo. — Nico assentiu. — Tomaram o que estava vindo para eles. Mas estou tentando descobrir se estão ligados à morte de Little Ricky, ou se estes são dois incidentes separados. Por que estavam atrás da sua garota?

A tensão de Luca aliviou um pouquinho. Nico parecia mais interessado em averiguar do que colocar uma bala em sua cabeça. Talvez saísse daqui vivo depois de tudo.

— Gabrielle tem informações importantes sobre Garcia, porque o rastreou por dois anos, embora nós não saibamos por que ele mandou seus capangas para a casa dela depois que foi tirada do caso. Gabrielle já levou um tiro quando alguém, que acha que foi Garcia, a emboscou em um armazém durante uma tentativa de o prender e atirou nela.

— É você. — Frankie cuspiu. — Você é a conexão do caralho. Garcia quer apagar a policial porque ela sabe demais. Tenta matá-la e perde, então contrata os albaneses para avisá-la para manter a boca fechada. Luca apaga os albaneses e Garcia fica chateado, então mata Little Ricky porque sabe que ele trabalha para Luca. Boom. Mistério resolvido.

Luca balançou a cabeça, resistindo à vontade para tirar um lenço e enxugar o suor da testa. Qualquer movimento de sua mão para o casaco seria visto como uma ameaça e Frankie atiraria primeiro e pediria desculpas quando Luca estivesse deitado na sua sepultura.

— Não faz sentido. — disse ele. — Por que tentar matá-la e, em seguida, tentar avisá-la? E por que tentar avisá-la depois que ela foi tirada do caso e não obteve novas informações desde que foi baleada?

Nico cruzou os braços sobre o peito.

— Talvez ela não esteja sendo honesta com você e há mais acontecendo do que você imagina. Isso poderia ser uma jogada ou uma armadilha.

— A armadilha de mel[18] — acrescentou Frankie. — E você está preso pelo pau em primeiro lugar. É por isso que temos regras contra a associação com policiais.

---

[18] **Armadilha de mel** - quando se usa uma mulher para seduzir uma cara para conseguir informações

— Nós também temos regras contra ficar em um bar, e você estava lá na outra noite. — Nico respondeu, saltando em defesa de Luca. — E acredito que há uma regra também sobre olhar para a mulher de outro amigo, por isso vamos deixar de lado a nossa preocupação sobre as regras por agora e nos concentrar sobre o problema em questão.

— Regras são regras, caralho. — o rosto de Frankie endureceu e ele desviou o olhar. Luca não sabia muito sobre a vida de Frankie antes de se juntar a família do crime Toscani, exceto que a maioria dos mafiosos que foram enviados de Nova York estavam em Vegas como punição por algum erro. Frankie com seu coração de gelo dormiu com a esposa ou a filha de um chefe? Luca não podia imaginar uma mulher se apaixonando por um cara que não tinha alma. Mas se Frankie quebrou as regras, por que não estava tentando restaurar a honra de sua família adotiva da maneira que Luca estava tentando restaurar a dele?

— As regras são um guia. — disse Nico. — Não lei. E aqui em Vegas, temos uma certa liberdade para interpretá-las como quisermos.

A Esperança explodiu no peito de Luca. Nico dividiu a família, porque era o tipo de líder que não tinha medo de quebrar as regras. Poucos *Capos* teriam coragem de recusar a reivindicação de Tony para chefiar a família e menos ainda teriam criado a sua própria facção da família para desafiá-lo.

— A forma como eu vejo. — Nico continuou.

— As regras existem para proteger a família. Dada a lealdade de Luca, seu compromisso de honra, e a dívida que lhe devo, confio nele para manter nossos segredos até pegar Garcia. A morte do Little Ricky nos dá mais uma razão para ir atrás dele. Os benefícios superam os riscos. Uma vez que Garcia for eliminado, no entanto... — ele sugou os lábios e deu a Luca um olhar simpático. — O relacionamento não poderá continuar. Fica ruim para você, fica ruim para a família, e, no final, teremos que responder para o Gambolis em Nova York, e a solução dele será inaceitável para mim. Não quero perder um amigo.

Em outras palavras, Luca poderia tê-la até pegar Garcia, e então teria que deixá-la ir. Por um momento, não podia acreditar no que acabara de ouvir. Luca e Nico eram amigos desde que tinham quinze anos de idade. Eles subiram dentro da Máfia juntos, quebraram pernas juntos, construíram equipes e empresas, e festejaram na cobertura de Nico no cassino até que Nico conheceu Mia e se tornou um homem melhor. Não podia acreditar que Nico, de todas as pessoas, não entendia que o amor não era uma escolha, e uma vez que você o encontrou, você não poderia deixá-lo ir.

Luca sabia que deveria ser grato. Deveria, agora, estar agradecendo a Nico pela sua misericórdia, mas assim como a solução da família de Nova York seria inaceitável para Nico, a solução de Nico era inaceitável para Luca. Ele não estava preparado para perder Gabrielle. Tinha que haver outra maneira.

Mas esta não era a hora de discutir.

— *Grazie, Don Toscani.* — ele usou linguagem formal para mostrar o apreço pela decisão de Nico não colocar uma bala em seu cérebro.

Nico assentiu, e então seus olhos ficaram duros.

— Agora há uma questão de punição por esconder o caso em vez de vir a mim em primeiro lugar.

— De joelhos. Mãos atrás da cabeça. Frankie, ele é todo seu.

— Você pode acreditar nisso? — Gabrielle bateu o punho na janela enquanto observava Luca cair de joelhos e colocou as mãos atrás da cabeça. Max mexeu em seu colo, não acostumado com a raiva dela, e ela deu-lhe um tapinha reconfortante. — Isso não está acontecendo comigo de novo, Max. Não vou perder outro homem com que me importo.

Gabrielle puxou a arma debaixo de sua jaqueta. Embora lutasse para a aceitação como um igual no departamento de polícia, não era avessa a tirar vantagem do fato de que os homens muitas vezes a subestimaram. Se ela estivesse no controle de todo esse cenário ridículo, teria assegurado que o prisioneiro deixado para trás no veículo estaria, pelo menos, desarmado, e na melhor das hipóteses vigiado e protegido. Mas eles assumiram claramente que Gabrielle não era uma ameaça, e tinha a maldita certeza que era porque era uma mulher.

Grande. Fodido. Erro.

Com a mão na porta do veículo, ela saiu do estacionamento. O cara alto moreno de terno só poderia ser o chefe, Nico. Gabrielle se lembrou o nome do briefing que teve durante sua visita ao crime organizado, e a semelhança com a fotografia estampada no quadro branco. Ele tinha um ar de autoridade ao redor dele, uma sensação de comando. Havia cinco homens de pé atrás e em torno dele. Frankie estava à sua direita. Outro cara estava à sua esquerda, batendo um taco de beisebol sobre a palma da mão. Sally G estava a poucos passos na frente do carro. Ele era um cara grande, mas era baixo, provavelmente não mais do que uns centímetros a mais que ela. Perfeito para o que tinha em mente.

A atenção de todos estavam voltadas para Luca de joelhos no cascalho. A visão a enervou. Um homem como Luca nunca deveria ficar de joelhos. Mesmo em frente do chefe.

Respirando fundo, abriu a porta apenas o suficiente para escorregar para fora pelo lado sombrio do veículo. Correr com a arma em mãos só iria matá-lo. Gabrielle olhou nos olhos de Frankie, e embora tivesse alguma ligação com Max, sabia que ele não hesitaria em puxar o gatilho. Ela precisava de um refém. E Sally G acabou de se oferecer para o trabalho.

Ela se agachou, contou até três e correu a toda velocidade

A cabeça de Frankie ergueu. Mas ela estava atrás de Sally G e se movendo rapidamente. Gabrielle correu para ele, deixando-o de joelhos. Recuperando-se rapidamente, colocou um braço em volta do

pescoço grosso e apertou-lhe a arma na testa. Respirando fundo, Gabrielle gritou alto o suficiente para que todos pudessem ouvir.

— Deixem Luca ir ou vou atirar.

Houve um momento quase cômico de silêncio atordoado enquanto os mafiosos apenas olhavam.

— Luca. Levante-se. Vamos. Mova-se. — ela rezou para ninguém a colocar à prova. Nunca atirou em alguém na vida dela, e não achava que seria capaz de puxar o gatilho em Sally G. Gabrielle podia sentir seu coração batendo contra suas costelas, ouvir o raspar de sua respiração. No carro, ele falou sobre sua bela esposa, o laboratório de ouro, os dois filhos e como estava orgulhoso de que eles estavam indo para a faculdade.

Luca baixou as mãos. Ele fez um gesto de desculpas estranhamente para Nico e encolheu os ombros. Gabrielle não conseguia entender por que Luca estava se movendo tão lentamente. O próximo passo neste jogo era alguém puxar uma arma para e, em seguida, acabariam em um impasse que, sem dúvida, iria acabar com os dois mortos. Mas Frankie não se moveu. E Nico apenas assistiu enquanto Luca caminhava até ela e Sally G como se estivesse indo a um passeio matinal.

— Levante-se. — ela puxou o braço de Sally G, indicando que ele deveria se levantar. — Ande para trás. — Ainda apontando a arma para sua cabeça, caminhou de volta para a porta do lado do motorista, onde Luca estava esperando.

— Luca! — ela inclinou a cabeça para o lado do passageiro. — Entre ali. Eu não vou carrega-lo para dentro.

— Eu vou deixar você me salvar. — disse ele secamente. — Se não sair daqui você pode muito bem atirar em mim agora.

— Tudo bem. — ela retrucou.

— Vou entrar na parte de trás. Nós estamos indo na contagem de três. um. Dois. Três. — ela empurrou Sally G para a frente, correu para o veículo e se jogou no banco de trás ao lado de Max. Luca bateu

a porta e eles dirigiram para fora do estacionamento, deixando os mafiosos, ainda imóveis, atrás deles.

— Nós fizemos isso! — ela sentou-se no banco e deu um abraço em Max. — Nunca fiz nada parecido antes. É uma espécie de libertação puxar minha arma e não passar os próximos dois dias fazendo a papelada, ou tentando adivinhar se precisava ter puxado o gatilho ou não. E realmente sinto que realizei algo. Eu salvei você. Não acho que iria dar certo. Frankie é bem esperto. Ele não perde nada.

— Suficiente.

Ela se assustou com o tom abrupto de Luca.

— Você deveria dizer obrigado. Ou poderia ser mais efusivo e adicionar, "por arriscar sua vida para me salvar". Ou pelo menos um "ótimo trabalho, Gabrielle".

— Você deveria ter ficado no carro. Eu não precisava ser salvo. — ele virou-se para a 95 e para o sul, para fora da cidade.

— Onde estamos indo?

— Não fale. Você já fez bastante danos por um dia.

Seu estômago torceu em um nó, e ela não conseguia esconder o tom de sarcasmo.

— Oh, desculpe. Devo ter entendido mal quando eles o fizeram ficar de joelhos e colocar as mãos atrás da cabeça como se estivessem prontos para executar você.

— Jesus Cristo. Quando você saiu do carro acenando sua arma... — sua voz aumentou.

— Gritando com eles para me deixarem ir. Ameaçando matá-los... — ele bateu a mão no volante.

— E tomando Sally G como refém? — ele puxou o volante e virou numa estrada secundária. Gabrielle olhou para o horizonte empoeirado, assistindo o último da expansão urbana desaparecer.

— Por que estamos deixando a cidade?

Seus ombros tremeram, e ele fez um ruído que soava como uma risada.

— Você está rindo?

Luca balançou a cabeça e Gabrielle olhou para o vislumbre parcial que ela teve de seu rosto no espelho retrovisor.

— Perdi alguma coisa? Existe algo engraçado sobre o fato de que estavam prestes a te bater com um taco de beisebol e, em seguida, atirar em você a sangue frio?

Sem responder, Luca entrou em uma fábrica abandonada. Banheiras gigantes de ferro cobertas de tinta branca descascadas pontilham um campo coberto de cascalho e uma pequena cabana de ferro rangia diante deles. No deserto, sem sombra alguma para protegê-los, o sol estava ferozmente quente, e Gabrielle começou a suar assim que seguiu Luca para fora do carro.

— Luca?

Ele se afastou, passou pelo barraco e foi até uma caixa gigante que balançava gentilmente em quatro pernas bambas enquanto o vento soprava forte ao redor dela. Temerosa do calor, ela o deixou para aliviar sua raiva, e foi se refrescar sob o toldo de uma cabana que parecia estar fechada há muito tempo.

— Eu nunca vou superar isso. — disse Luca, chegando a ela alguns segundos mais tarde.

— O que?

Ele fechou a mão ao redor de sua nuca e puxou para mais perto, até que seus narizes se tocaram.

— Acabei de ser resgatado, por uma policial do sexo feminino, de uma surra que eu merecia.

A respiração dela a deixou.

— Eles não iriam matá-lo?

— Não. Não hoje. — sua mão apertou em torno de seu pescoço. — Depois dessa performance, se mudarem de ideia, provavelmente enviarão mais alguns homens para fazer o trabalho. Você foi magnífica.

Sua boca abriu e fechou novamente. Gabrielle se preparou para mais uma luta por colocar-se em perigo decorrente da sua natureza super protetora, mas ele finalmente aceitou o que ela fez? Não só isso, Luca a elogiou?

— Estava apenas fazendo o meu trabalho.

— Seu escritório está desperdiçando o melhor trunfo, deixando você atrás de uma mesa. — ele deu um beijo em sua testa.

Ainda atordoada por sua mudança aparentemente brusca de atitude, ela gaguejou.

— Você não está com raiva? Normalmente você reclama sobre como é o trabalho do homem para proteger a mulher e eu não deveria me colocar em perigo, blah, blah, blah.

Seus lábios se contraíram nos cantos.

— Você é minha e sua segurança é uma questão de honra. Eu preferiria morrer com honra, do que ter você se ferindo tentando me salvar. Mas você me fez repensar meus pontos de vista, e quando puder me proteger sem se colocar em risco, aceitarei sua ajuda.

Gabrielle reprimiu uma risada. Sua superproteção ainda estava lá, mas entre as linhas se lia respeito e nenhuma quantia de orgulho.

— Embora não fosse necessário. — ele continuou. — E vou ter que voltar por uma questão de honra, sou grato a você.

Gabrielle franziu o cenho.

— Não vou deixar você ir. Eu preferiria ter um ileso desonrado Luca do que um honroso espancado.

— A honra não é algo para ser tomada de forma tão leve. — disse ele, o sorriso desaparecendo.

— Sem honra, você se sente como alguém que tomou um pedaço de sua carne. Meu pai desonrou nossa família. Ele se envolveu com o tráfico de drogas e virou rato em vez de ir para a prisão quando foi pego. Mas a família descobriu. — sua voz apertada. — Passei minha vida desde então tentando restaurar a honra da família, tentando mostrar que não sou filho de meu pai, para me fazer inteiro...

O coração de Gabriele se apertou no peito.

— Sinto muito sobre seu pai, mas não poderia apenas sentar-me no carro e deixá-los te machucar, mesmo que entenda o conceito de honra. Isso não é quem sou. — ela suspirou quando sua adrenalina desapareceu. — Sou provavelmente a mulher mais errada do planeta para você. Como você pode restaurar sua honra na família quando você está com uma policial?

O olhar nunca deixou seu rosto.

— Você não pode escolher quem ama. Você é a mulher perfeita para mim.

Levou um longo momento antes de suas palavras fazerem sentido.

Ele a amava.

Mesmo sendo amarga e quebrada, estando em lados opostos da lei, e mesmo que seu amor fosse proibido e os riscos de estarem juntos eram extremamente elevados, ele a amava.

— Eu não sei o que dizer. — ela não podia dizê-lo de volta, porque não sabia se era capaz de amar alguém novamente. Gostava de Luca, gostava de passar tempo com ele, e se preocupava com ele profundamente. Mas nunca se permitiu considerar um futuro com Luca, nunca pensou que houvesse uma maneira que poderiam estar juntos, exceto para caçar Garcia, nunca se atreveu a abrir-se ao amor.

— Você não precisa dizer nada. — disse ele. — É o que é.

Ela não o viu chegando. Em um momento ele estava a um metro e meio de distância, e no outro estava em seus braços, o corpo quente e duro contra o dela.

— Você é minha, Gabrielle. Você se tornou minha a partir do momento em que nos conhecemos. Nico quer que eu termine nosso relacionamento depois de encontrarmos Garcia, mas vamos encontrar uma maneira de fazê-lo funcionar, mesmo se tiver que deixar a família. — ele afirmou com um beijo, feroz e exigente, tão apaixonado que seus joelhos ficaram fracos e ela teve que agarrar os ombros dele para ficar em pé.

Gabrielle queria acreditar nele, mas parecia uma tarefa impossível. Pelo que entendia, havia apenas duas maneiras de sair da Máfia: morte e proteção a testemunhas. E depois do que acabou de lhe contar sobre seu pai, não havia nenhuma maneira que ela pudesse deixá-lo fazer a escolha que significaria perder a única coisa que se esforçou por toda sua vida. Gabrielle não queria Luca sem esse pedaço de carne. Ela queria ele inteiro.

— O que eles vão fazer com você?

— Me machucar. Talvez quebrar alguns ossos.

— Por minha causa. — ela disse amargamente.

— Porque eu quebrei as regras. — sua mão áspera segurou sua bochecha, o polegar roçando levemente sobre seu queixo.

— *Mio angelo*. Eu suportaria qualquer dificuldade por você. Vou receber a dor porque nos dá tempo para ficarmos juntos. Cada dia extra que gasto com você vale mais do que uma dúzia de hematomas.

— Luca. — seu nome era uma oração nos lábios. Ela perdeu David. Não perderia Luca também. Tinha que haver uma maneira para eles ficarem juntos que não envolvesse ele ser morto ou espancado com um taco de beisebol ou perder a honra que era uma parte tão importante de sua vida. — Acho que acabei de mostrar que eu faria o mesmo sacrifício por você.

— E você vai ser punida por isso. — ele passou os braços em torno dela tão apertado que mal conseguia respirar.

— Punida?

Ele enterrou o rosto em seu pescoço, acariciou atrás da orelha, sua barba rala queimava sua pele sensualmente.

— Vou dar-lhe mais prazer do que pode suportar.

Gabrielle respirou fundo e toda a sua consciência de repente se concentrou no pulso entre suas coxas.

— Eu quero que você seja áspero.

— Vou ser áspero.

— Quero que você me destrua para que possa entender que a forma como você se sente sobre mim é como me sinto sobre você. Como sua dor é a minha dor. Como não poderia sentar lá e assistir você sofrer.

Ele respirou fundo.

— Eu vou quebrá-la e depois colar juntos os pedaços novamente. Vou marcá-la de modo que cada vez que você se olhe no espelho você pense de mim, e todo homem que ousar olhar para você saiba que você é minha.

— Quero ser sua, Luca. — ela sussurrou. — E quero que você seja meu.

— *Mia Sei per sempre, anima e cuore. Senza di te não vivo piu.* Você é minha para sempre. — ele traduziu para ela. — Corpo e alma. Sem você, não poderia viver.

Ela se rendeu a ele, incapaz de fazer qualquer outra coisa, apenas recebeu os beijos suaves em seu pescoço na parte mais sensível de sua garganta e ombro.

E então ele se inclinou e mordeu-a tão deliciosamente forte que ela gritou.

Dezenove

Paolo não conseguia ver nada através da venda cobrindo os olhos. Nem uma lasca de luz, nem mesmo uma sombra. O medo envolveu-o, isolando-o do ar gelado.

— Onde estamos? — ele agarrou o braço de Ray quando ele saiu do veículo, seus pés bateram numa superfície sólida e plana. Ray pegou Paolo em um sedan preto fora do prédio logo após o pôr do sol, vendando-o antes de começarem a se mover pela cidade não mais do que meia hora atrás.

— Eu te disse antes. Não há perguntas. Mova-se rapidamente. — com a mão firme em seu ombro, Ray empurrou Paolo para frente.

— Será que Crazy T também teve que passar por isso para encontrar o chefe?

Ray o algemou ao lado da cabeça.

— Você não está aqui para conhecer o chefe. Ele só se reúne com seus maiores clientes. Agora, cale a boca e ande.

— Posso fazer mais uma pergunta? O que aconteceu com Crazy T?

— Overdose. — Ray puxou Paolo para que parasse. — Espere aqui.

Paolo respirou profundamente e sentiu o cheiro de grama recém cortada, uma raridade no centro da cidade onde vivia. Eles provavelmente estavam, no subúrbio, em algum lugar agradável, onde tinham tempo e dinheiro para regar e cortar a grama. Ele ouviu o sinal sonoro de um painel de segurança, e o zumbido distante de um cortador de grama. Definitivamente uma área residencial, e esta era uma casa bangalô ou rancho, sendo que não havia degraus.

Paolo ouviu o rangido de uma porta e sentiu uma rajada de ar frio quando Ray empurrou-o para a frente. Ele pensou sobre quando Crazy T vinha aqui para comprar sua droga, e como Crazy T estava agora morto. Paolo precisava se cuidar para não cometer o mesmo erro. Era fácil ficar viciado e difícil de sair. Mas Paolo era inteligente. Ele iria limitar-se a apenas uma cheirada por dia, talvez duas, se tivesse um trabalho importante a fazer. Apenas o suficiente para mantê-lo ligado, mas não o suficiente para que o Sr. Rizzoli jamais fosse notar, ou para empurrá-lo para o vício.

Ray deu um suspiro satisfeito quando ele tirou a venda de Paolo.

— Isso te calou.

Paolo piscou quando seus olhos se ajustaram à luz. Ele estava de pé na sala de estar do que parecia ser uma casa de família de classe média. Sofás de couro foram posicionados em frente a uma televisão presa na parede, separados por mesas bonitas com abajures que lançavam um brilho calmante ao ambiente. Atrás das cortinas grossas, Paolo vislumbrada as ripas de persianas fechadas. Imagens de paisagens decoravam a parede, e fotografias emolduradas enchiam a parede acima da lareira.

Nervoso com a incongruência de um traficante de drogas escondido em uma casa de família de classe média, ele hesitou no corredor.

— Talvez devêssemos tirar os sapatos.

Sua mãe sempre o fez tirar os sapatos antes de entrar em casa. Ele só esqueceu uma vez, e sua mãe sofreu por seu lapso quando o pai chegou em casa para encontrá-la de joelhos tentando tirar as manchas do tapete.

— O que? Você está me zoando? Ninguém tira os sapatos. — Ray levou Paolo para uma mesa coberta de pacotes transparentes de pó branco.

— Este é o lugar do chefe? — Paolo abriu a bolsa que foi instruído a trazer para transportar a droga.

— Você acha que vou te dizer algo sobre o chefe? — Ray soltou uma risada. — Eu vi o que ele faz para caras que lhe irritam, e não tenho nenhum interesse em ser tratado como um pedaço de carne.

O coração de Paolo bateu em seu peito. Isso era quase tão ruim quanto a máfia. Um dia, ele teria um emprego onde os erros não seriam punidos com tortura e morte.

— Temos cinco locais no vale. — Ray disse, levantando um dos sacos. — Três no Nordeste, uma no Sudoeste, e um em Henderson. Uma vez que tivermos certeza que você é confiável, será dado instruções a você a um dos locais para pegar seu suprimento. Depois de hoje, você é responsável pelo próprio transporte. Se você precisar de qualquer coisa diferente de cocaína, temos heroína e metanfetamina.

Paolo olhou para o saco.

— Você vai dar para mim assim?

— *Pendejo*! Pensei que Crazy T tivesse dado as instruções para você.

Paolo não sabia muito espanhol, mas ele percebeu que Ray o chamou de algo equivalente a idiota.

— Não o vi em uma semana. Talvez estivesse planejando fazê-lo antes de morrer.

Ray deixou passar mais um comentário.

— Você vai comprar de mim, vai empacotar e vender. Crazy T tinha muitos clientes que conheciam a sua marca Pink Label. Eles sabiam que era de confiança, e vendia material de boa qualidade. Se fosse você, assumiria a sua marca. Ele tinha um bom negócio até que cheirou tudo. Estava cobrando vinte dólares por uma bola oito. Faça as contas?

— Não é realmente o meu forte. — Paolo enfiou a mão no bolso e tirou todo o dinheiro que ganhou nos últimos meses trabalhando para o Sr. Rizzoli.

— Ele estava recebendo 160 por grama, e nos pagava 60. Estava mais do que duplicando o seu dinheiro.

Os olhos de Paolo se arregalaram e ele apontou para os pacotes.

— Nesse caso, eu vou levar um.

Ray deu uma gargalhada.

— Você realmente é ruim em matemática, a menos que você tenha quarenta mil nesse saco.

— Eu tenho mil dólares. — e sem dinheiro para pagar seu aluguel ou comprar comida se o Sr. Rizzoli não o pagasse antes que ele conseguisse vender esse lote.

— Você aparece com os outros 499 mil, e você poderá conhecer o chefe, até mesmo se sentar com ele para uma bebida. — disse Ray. — Com um mil, você começa a divertir-se enquanto eu peso.

— Claro. — Os ombros de Paolo caíram. Então agora ele tem que tentar encontrar uma maneira de duplicar o que Crazy T vendia. Paolo não conseguia se lembrar do que fez com os pacotes vazios, embora saiba onde Crazy T vivia, porque eles foram a sua casa depois da festa e conheceu sua namorada.

Ele vagava ao redor da sala enquanto Ray pesava cuidadosamente o pó em uma balança digital. Esta era uma das casas do traficante? Ou era apenas uma frente em caso de uma batida policial? As fotografias pareciam reais o suficiente. Ele estudou as fotos da família de um homem, mulher e criança, todos com o mesmo cabelo escuro e pele de Ray, na frente do *The Castle* de *Chichén Itzá*, no México. Havia fotos da família em uma praia, em frente a uma igreja enorme, e outra deles comendo sorvete em um parque.

Paolo sentiu uma pontada de saudade, dos dias antes de sua mãe adoecer e as raras ocasiões em que seu pai não estava no clima agressivo. A máfia era o mais próximo que ele tinha a uma família de verdade desde que sua mãe ficou doente. Se eles descobrissem o que estava fazendo...

— Estas fotos são reais? — Paolo sabia que não era um cara inteligente, mas mesmo ele não teria colocado fotos de si mesmo em uma casa de drogas para qualquer um ver.

Ray deu de ombros.

— Não sei. Elas sempre estiveram aí. Eu só vou onde me dizem para ir. Nós temos que nos movimentar muito para despistar a polícia. — Ele estendeu um saquinho. — Aqui está. Isto é o que seus mil podem comprar. Seja esperto e você pode dobrar, mesmo triplicar o dinheiro. Seja estúpido e você vai acabar como o Crazy T.

Paolo alcançou para o saco, hesitou.

— Você disse que eu teria toda a cocaína que quisesse de graça. Isso era parte do negócio.

— Eu lhe dei um saco de coca com um valor de mercado de quase dois mil dólares e você só paga mil. — Ray sorriu. — Você quer cheirar tudo sozinho, você está praticamente cheirando de graça.

A mão de Paolo apertou em torno do saco. Um acordo era um acordo. Se alguém quebrasse um acordo com a máfia, eles acabariam com hematomas e ossos quebrados, isso se tivessem sorte, ou mortos se não tivessem. Mas ele não tem a máfia por trás dele para fazer cumprir o acordo. Paolo não era fisicamente páreo para Ray, que parecia estar em seus trinta e tantos anos e tinha cerca de quarenta quilos de músculo nele. Droga, ele nem sequer tinha uma arma.

— Nós tínhamos um acordo. — ele murmurou, empurrando o saquinho em sua mochila.

— Você não é nada. — Ray disse, sem maldade.

— Você é o mais baixo dos baixos. último da cadeia alimentar. O chefe ainda não sabe que você existe. Quando você fizer muito dinheiro, então você estará em uma posição para começar a pedir favores. Então nós ouviremos. — Ele estendeu a venda. — Pronto para voltar? Você tem meu número. Entre em contato quando você precisar de mais. Tenho caras na rua que vão me dizer como você está se virando. Se eu obter um bom relatório, então vou enviar-lhe

um endereço. Mas você tem que se mover rápido para proteger o território. Todo mundo quer um pedaço da ação: gangues de rua, Tríades, russos, albaneses, mesmo a porra da Máfia. Todos querem um pedaço do bolo.

— A máfia não está envolvida no tráfico de drogas. — ele estremeceu quando a venda foi sobre os olhos. Às vezes, quando seu pai estava com um humor muito ruim, sua mãe costumava escondê-lo no armário de lençóis e fechava a porta. Mesmo agora ele ainda associava a escuridão com o cheiro de detergente para a roupa, uma sensação de sufocamento e medo.

— Claro, que estão. — Ray amarrou a venda apertado. — Eles são nossos maiores clientes.

Vinte

— Acorde. É hora de ir à igreja. — Luca bateu no traseiro de Gabrielle sob as roupas de cama, empurrando-a para fora de um delicioso sonho onde estava coberta em molho de chocolate e que ele a lambia.

— Igreja? — Gabrielle olhou para cima a partir do conforto da cama enorme de Luca. — Eu não vou à igreja.

— Você vai hoje. — Ele tirou as roupas de cama dela, o ar gelado enviou uma onda de arrepios através de sua pele.

— Ei. Me devolve as cobertas. Domingo é o meu dia de sono. E estou cansada. Toda vez que tentava dormir, você vinha com alguma posição sexual torcida, cutucada, e cutuc...

— Cutucada? — Luca deu um suspiro indignado. — Eu não cutuco. Dou prazer.

— Tudo bem. — ela puxou o travesseiro sobre a cabeça. — Eu senti prazer. De novo e de novo e de novo. Agora preciso do prazer de dormir.

— Uma vez te deixei ficar deitada. — ele lembrou.

— Oh, sim. — Ela colocou a mão por trás dela, procurando pelo lençol. — Essa foi a vez que acordei com seu pau pressionando contra meus lábios. Você tem sorte que não estava sonhando com morder alguma coisa.

— Você gostou quando fodi seu rosto. — sua voz caiu para um ronronar sensual. — Você estava muito, muito molhada.

Gabrielle estava contente que o travesseiro escondia o rubor súbito em suas bochechas. Ela ainda não estava acostumada com sua conversa suja, mas cara, isso a excitava.

A cama afundou, e a mão de Luca alisou suas costas e sobre sua bunda.

— Você tem que parar com isso, ou nós não vamos sair daqui.

— Não estou fazendo nada, exceto tentando dormir.

Ele preguiçosamente traçou padrões em sua pele, enviando uma onda de desejo pela espinha.

— Estou acordado por horas lendo as anotações que você fez na noite passada sobre a investigação de Garcia. Você tem uma memória incrível para detalhes.

— Esse caso foi toda a minha vida por dois anos. — ela suspirou. — É estranho, mas senti como se o conhecesse, embora ele raramente saísse em público, portanto, nunca consegui uma descrição física. Como eu era a detetive mais jovem no caso, lia e arquivava cada pedaço de papel e cada arquivo digital. Sabia tudo, mas ninguém estava interessado no que eu tinha a dizer. Toda vez que disse, que sabia onde Garcia estaria, eles disseram que não era o momento certo. Comecei a pensar que alguém estava sabotando a investigação, ou havia alguma agenda política maior no trabalho.

— Nem todos os policiais são bons. — seus lábios quentes roçaram sua espinha, lambendo a marca que fez ontem à tarde, quando ele a comeu no deserto como um aperitivo para o que preparou quando a levou para casa.

— Alguma ideia de como encontrá-lo? — ela perguntou, sua mente entrando no modo de trabalho. — Eu não sei o que aconteceu depois do ataque. Pensei que ele poderia deixar a cidade até as coisas esfriarem.

— Frankie tem fontes que confirmaram que ele está aqui, mas escondido.

— Acho que isso faz sentido. Nós pensamos que ele tinha alguma ligação com a cidade — disse ela. — Ou pode ser que Vegas funcione melhor como um local central para sua cadeia de distribuição.

— Ou Garcia pode ter forjado uma nova aliança, muito poderosa e precisa estar aqui para mantê-la. — Luca mudou de posição na cama, rolando mais perto. Sua mão correu entre suas pernas, e ele alisou um dedo através de seus lábios.

Gabrielle se moveu inquieta contra o seu dedo.

— Você sabe a quem ele está aliado?

— Sim.

— Mas você não pode me dizer? — ela tentou virar, e ele apertou-lhe de volta na cama. — Isso poderia ser o nosso caminho, Luca.

— Essa rota está fechada para nós.

Gabrielle suspirou.

— Se pudéssemos por nossas mãos num pouco de dinheiro...

Seu dedo parou o tormento suave.

— Por que você precisa de dinheiro?

— Ele só se encontra pessoalmente com pessoas poderosas, aquelas que são grandes distribuidores de seu produto. A soma que ouvimos foi de 500.000. Se por acaso você tivesse tanto dinheiro por aí e algumas conexões do submundo, poderíamos marcar uma reunião.

— Nós?

Ela olhou por cima do ombro.

— Estamos fazendo isso juntos. Lembra quando você me disse que eu era magnífica quando o salvei? E será ainda mais magnífico quando capturar Garcia e jogá-lo na cadeia.

— Talvez eu não devesse ter sido tão livre com o meu louvor. — Luca murmurou. — Ele parece ter subido a sua cabeça.

— Você gosta de meninas com armas. — ela lembrou a ele.

— Você disse quando salvei o seu traseiro dos albaneses que dispararam contra minha casa. — Gabrielle parou, lembrando de repente por que foi ao restaurante ontem. Em toda a confusão, ela nunca fez a pergunta que a fez ir até ele em primeiro lugar. Mas quando ele pressionou um beijo sobre a cicatriz nas costas, a cicatriz de saída da bala que os uniu, ela decidiu que não queria ouvir a verdade.

— Eu estava cobrindo você, enquanto você salvava Max. — ele baixou seu peso dos cotovelos, prendendo-a contra a cama.

Ela riu, lutando contra ele.

— Você vai me esmagar até que concorde?

— Vou te foder até que concorde. — Luca esfregou seu pescoço, o hálito quente em sua pele. — E Garcia não irá para a cadeia. Ele vai vir comigo para pagar pelo que fez a Little Ricky.

— Não. — ela se levantou, apenas para ser achatada na cama pelo peso do corpo de Luca quando se moveu para deitar em cima dela. Gabrielle estremeceu com o raspar de sua camisa fria em suas costas, a fivela fria do cinto, o eixo duro pressionado contra a fenda de seu traseiro.

— Garcia tem que responder por seus crimes em um tribunal. — continuou ela, tentando manter sua excitação em cheque. — Ele vai ser julgado, e sem dúvida vai ser considerado culpado e vai passar o resto de sua vida apodrecendo na cadeia.

— Isso não é justiça. Sentado na prisão comendo três refeições por dia, continuando a comandar o império de drogas de trás das grades enquanto Little Ricky e David não estão mais nessa terra? Isso é uma farsa. Justiça significa que ele deve sofrer da mesma maneira como fez o seu marido sofrer, do jeito que fez Little Ricky sofrer, e inúmeros outros. Justiça significa que ele fique nu em um quarto frio

e escuro sem saber onde o próximo golpe vai acertar ou quanto tempo vai gritar. Justiça significa uma morte dolorosa e lenta.

— Eu não posso. — ela enterrou a cabeça na colcha. — Não posso tolerar isso.

— Mas você quer. — sua respiração era tentação quente em seu ouvido. — No fundo do coração, você quer o tipo de vingança que só eu posso te dar.

— Não.

— Sim, *Bella*. Você não é a policial certinha que você finge ser. Embaixo de seu uniforme bate um coração rebelde. É assim que encontramos um no outro. Você não rompeu com a polícia quando você decidiu trabalhar comigo para encontrar Garcia. Você rompeu com eles no dia em que se rebelou e levou um tiro, o dia em que nos encontramos.

Gabrielle se contorcia para fugir, mas ele era muito pesado, muito quente, sua barba uma queimadura erótica, sua respiração uma promessa sussurrada, seu pênis também tentadoramente duro, para qualquer esforço sério. Sim, ela queria. Em seu coração, na parte mais secreta, queria mais do que uma sentença de prisão. Gabrielle queria que Garcia provasse o tipo de dor que ela sentiu quando perdeu David e o filho não nascido. Queria justiça. Ao estilo da máfia.

— Ele é muito perigoso para irmos atrás sem reforços, ela disse enquanto os últimos fios de sua determinação desapareciam sob as batidas de seu coração rebelde recém-despertado.

Ele bufou um suspiro indignado.

— Eu sou perigoso. Meus amigos são perigosos.

— Você é perigosamente sexy. — ela mexeu o rabo contra ele para que soubesse que, por enquanto, a discussão acabou. Eles não têm o dinheiro ou as informações para chegar perto de Garcia. Então por que não voltar sua atenção para outra coisa que ela queria...

O corpo de Luca ficou tenso e ele rosnou.

— Você é sexy, me mostrando seu corpo sexy, lembrando-me de ontem à noite, dizendo coisas sensuais... — Ele enfiou os joelhos entre os dela e empurrou-lhe as pernas.

— Abra para mim — ele sussurrou.

— De novo não. — sua excitação alcançou um novo nível com o tom afiado de sua voz. — Como você pode estar duro de novo? Faz apenas uma hora.

— Porque é você. — Ele empurrou sua cabeça para baixo para o colchão, expondo a nuca dela para poder passar seus lábios.

Ela nunca experimentou Luca assim, forte, agressivo, e muito mais dominante do que nunca foi antes. Sua urgência era inquietante, e um arrepio de medo atravessou seu corpo.

Ajoelhado atrás dela, ele levantou seu traseiro, posicionando-a de joelhos com a cabeça e os ombros fixados para a cama. Luca enfiou a mão entre suas pernas, e grosseiramente empurrou os joelhos abertos.

— Vou te foder duro. — ele resmungou baixinho em seu ouvido. — E você vai ficar aí e aceitar meu pau tão profundo quanto eu puder ir. Você não vai se mover. Quanto mais você lutar, mais áspero vou ser, e quando você gozar, você vai gritar meu nome.

Ela ouviu o barulho do cinto, o ruído de tecido, e depois a cabeça grossa de seu pênis circulando sua entrada molhada.

— Prepare-se, *Bella*, porque vou te foder até que você entenda que não vou deixar nada nem ninguém te machucar. — ele entrou nela em um impulso duro. — E então quero que você vá à igreja e conheça minha mãe.

Gabrielle apertou a mão de Luca enquanto eles andavam até o altar da Igreja do Sagrado Coração, tentando ignorar os olhares curiosos e sussurros ao redor. Sua mãe a levava à igreja aos domingos, quando ela era uma menina, mas as visitas terminaram com a morte de sua mãe. Depois que sua família se mudou para Nevada, domingos ou eram gastos assistindo os irmãos praticar esportes ou no hospital enquanto Patrick lutava mais uma vez com seu vício.

Gabrielle alisou o vestido com mangas, um decote simples, na cintura uma tira de camurça, e uma saia plissada em forma de A. Ela não possuía muitos vestidos, então Nicole emprestou a roupa relativamente modesta quando voltou em casa para se trocar. Nicole não esteve em contato com Clint desde a última sexta à noite no Red 27, mas ela estava de bom humor, pegando turnos extras no cassino e atualizando seu perfil em sites de namoro online com Cissy.

— Vamos sentar aqui. — Luca apontou para um banco a algumas filas da parte traseira. — Não é certo se juntar à família até que você tenha sido formalmente apresentada.

— Também não é direito de ter marcado sua namorada tanto que por baixo do vestido parece que ela foi atacada por um animal selvagem. — Gabrielle sussurrou, testando a palavra “namorada” para ver como ele reagiria.

Luca deu um ronco satisfeito.

— Eu gosto das minhas marcas em você.

— Você está fazendo isso soar muito sério.

— Se não fosse sério. — ele disse, apertando a mão dela. — Nós não estaríamos aqui.

Algumas pessoas pararam para falar com Luca quando eles passaram, e ela foi recebida com abraços e beijos. Embora não acostumada com tanto carinho, Gabrielle engoliu o desconforto e forçou um sorriso para os primos, amigos, tias e tios que estavam claramente intrigados sobre seu relacionamento com Luca. Quando

finalmente teve a chance de sentar-se, viu Matteo perto do altar ao lado de uma mulher com cabelo ondulado curto e escuro.

— Essa é *Mamma* — disse ele seguindo seu olhar.

— Ela não gosta de aparentar a idade, então faz minha irmã, Ângela, tingir seu cabelo. Toda semana é um tom diferente, às vezes vermelho, às vezes marrom, uma vez estava preto azulado. Ângela está à sua esquerda. É cabeleireira. É loira como a minha mãe, mas tingiu o cabelo de castanho. Alex, o meu irmão mais novo, está ao lado dela. — ele deu um sorriso irônico. — Cor de cabelo normal.

— É uma bela igreja. — ela estudou os vitrais gigantes por trás do altar e nas antessalas ao longo das laterais da igreja. Leve e arejado, com piso altamente polido e modernas luzes no teto, que faziam o ambiente descontraído, dando uma sensação acolhedora.

— *Mamma* acha que é muito moderna. Alguns benfeitores muito generosos financiaram a renovação alguns anos atrás. Eu acho que é uma grande melhoria.

— Ela é muito tradicional?

Luca riu.

— Só quando se trata de família, comida e religião.

Após o serviço, todos se reuniram do lado de fora, encolhendo-se na sombra das árvores plantadas ao longo da passarela. Luca puxou através da luva de simpatizantes em direção a sua família, mas foram interceptados por Matteo antes que ele pudesse apresentá-la.

— *Papà*! — ele correu e jogou os braços ao redor de seu pai. — Você está aqui. Você está aqui.

Rindo, Luca o pegou em seus braços.

— É domingo. Claro que estou aqui.

— Você nunca vem à igreja. — Matteo olhou para Gabrielle e sorriu. — Oi Senhorita Gabrielle.

— Oi, Matteo. — ela bagunçou o cabelo dele. — Vejo que você está vestindo um terno exatamente como seu pai. Você está muito bonito.

Ele sorriu e acariciou seu pequeno paletó.

— *Nonna* me comprou uma gravata como a do *Papà*.

Gabrielle olhou para cima e pegou a mãe de Luca os observando. Ela sorriu, mas a mãe de Luca não sorriu de volta.

Oh Deus. Ela teve um bom relacionamento com os pais de David, embora vivessem na Flórida e não os visitassem muitas vezes. Ambos foram afáveis e acolhedores e tão solidários quanto poderiam ser após a morte de David.

— *Mamma*! — Luca beijou sua mãe em ambas as faces, mantendo Matteo, e falou brevemente em italiano.

Gabrielle agarrou sua bolsa e tentou acalmar as batidas frenéticas de seu coração. Ela enfrentou os criminosos endurecidos quase todos os dias numa boa, sobreviveu a dois tiros, e perseguiu um traficante de drogas vicioso em um armazém escuro. Então, por que estava com medo da mãe de Luca?

— *Mamma*. Eu quero que você conheça Gabrielle Fawkes.

— É muito bom conhecê-la, Sra. Rizzoli. — Gabrielle sorriu novamente e obedientemente se inclinou para baixo, para a mãe de Luca poderia beijar as bochechas.

— E você é italiana? — perguntou a mãe de Luca. — Você não parece italiana.

— Não. Eu sou meio irlandês e meio uma mistura de Inglês, escocês, e um pouco de sueco.

O rosto de sua mãe caiu e ela olhou para Luca, que se elevava sobre ela em toda sua altura.

— Ela não é italiana?

— Não, *Mamma*. — ele colocou a mão livre no ombro de Gabrielle e lhe deu um aperto reconfortante. — Mas não é o fim do mundo.

— E ela é muito magra. — a mãe de Luca disse-lhe, como se Gabrielle não estivesse bem lá. — Olha para ela. Você possui um restaurante. Não a leva para comer?

— *Mamma*. Ela é perfeita.

— Traga-a para o jantar. Eu vou alimentá-la. Todo mundo está vindo. Gino está vindo. Daniel está vindo. Josie. Donna está vindo e trazendo todas as crianças ...

— Ela virá sim.

Isso estabelecido, Gabrielle foi questionada sobre onde viveu, e o que ela dirigia, quem era sua família e onde viveu ao longo dos anos. Gabrielle respondeu às perguntas sobre sua mãe e o pai, sua madrasta, e seus meio-irmãos. Ainda mencionou Patrick, embora não como ele morreu.

— O que você faz? — perguntou a mãe.

Gabrielle olhou para Luca procurando ajuda e ele encolheu os ombros.

— Eu sou uma detetive da polícia. — disse ela calmamente.

A mãe de Luca olhou para ela por um longo tempo e, em seguida, seu olhar foi para Luca.

— Nico?

Havia mais para a questão do que Gabrielle entendeu, porque o sorriso de Luca desapareceu e ele sacudiu a cabeça. O rosto de sua mãe suavizou, em seguida, ela deixou escapar uma determinada respiração.

— Ela deve conhecer Josie. — sua mãe deu o braço de Gabrielle um aperto firme. — Venha para o jantar. Conheça Josie. Vocês têm muito em comum.

— Nós temos que ir, *Mamma.* Vou pegar Paolo e trazê-lo para que tenha uma boa refeição, e a delicatessen é no caminho. Você precisa que levemos alguma coisa? — Luca colocou Matteo para baixo e apertou a mão de Gabrielle.

— Preciso de *mais mozzarella.* — disse ela. — A molhada. Alex come como se fosse água. E não se esqueça a sua roupa para lavar.

Gabrielle olhou, divertida.

— Sua mãe lava sua roupa? — ela perguntou em voz baixa.

Totalmente desembaraçado, Luca deu de ombros.

— Isso a faz feliz.

Mais beijos. Mais abraços. Enquanto Matteo brincava na grama, ela conheceu a irmã de Luca, Ângela, que a saudou calorosamente, e seu irmão Alex, que parecia desligado e pouco à vontade, e agiu de modo muito parecido com Patrick, tinha certeza de que ele estava chapado. Depois de ser apresentado a uma variedade estonteante de parentes, foram pegar Matteo para ir embora.

— Vocês todos fazem a mesma cara feia. — ela disse quando Matteo fazia birra quando arrastado para longe de seus amigos. — Você, sua irmã, sua mãe, e Matteo. Eu não consegui ver Alex de cara feia, mas todos tem o vinco engraçado no centro da testa e todos estreitam os olhos da mesma maneira. Isso me faz rir.

— A testa de todo mundo faz vincos quando fazem careta. — disse ele firmemente.

— Mas nem todo mundo tem este V. — ela traçou suavemente na testa de Matteo, e ele esqueceu sobre sua birra e sorriu.

— Você tem isso também. — Ela estendeu a mão e Luca apertou-lhe a mão e puxou-a fora de alcance. Gabrielle se encolheu interiormente, percebendo que quebrou a regra não escrita sobre compará-lo a seu filho e preparou-se para a tempestade.

— Acho que tudo correu bem. — disse Luca, como se a sua briga silenciosa não tivesse acontecido.

— Ela me odiou.

Ele colocou um braço em volta dos ombros.

— Ela não te conhece.

— Não quero causar problemas para sua família. Talvez não devesse ir ao jantar.

— Você tem que ir. — Matteo saltou ao longo da calçada ao lado deles. — Você é a garota do *Papà*. Você tem que estar lá.

— É isso mesmo. — Luca parou e puxou-a em seus braços. — Você vai para onde eu vou.

Percebendo uma oportunidade, ela se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Vou cobrar isso de você.

— Exceto se eu for atrás de Garcia. — ele disse rapidamente. — Então, onde eu for, você não vai.

Ela lhe deu um olhar presunçoso.

— Muito tarde. Você não pode mudar o negócio.

Luca fez uma careta.

— Posso fazer qualquer coisa.

— Você pode fazer quinhentos mil dólares aparecer do nada? Porque se você não pode, então essa discussão é irrelevante.

Luca acalmou, com o rosto pensativo.

— Na verdade, eu posso.

Vinte e Um

Paolo puxou a descarga e bufou. O banheiro da mãe do Sr. Rizzoli era, de longe, o banheiro mais bonito que usou para saciar seu novo hábito. Rizzoli pagou pela reforma da casa depois que ele trouxe Matteo para viver com sua mãe, e agora a cozinha e os banheiros tinham balcões de granito, piso de porcelanato e armários de madeira bonitos. Paolo caiu no chão e ficou olhando para as luzes cintilantes no teto como estrelas, esperando a primeira onda do seu barato.

Um dia, Paolo teria um banheiro como este, e não um buraco escuro com equipamentos enferrujados e água marrom que vêm através dos canos. Mas ele precisava andar na linha. Paolo foi à casa do Crazy T pegar as embalagens, e a namorada do traficante ficou feliz em dar-lhe o melhor de Crazy T. Ela até colocou em pacotes de plástico e algumas sacolas e murmurou algo sobre como manter o nome de Crazy T vivo.

Paolo não sabia o nome do Crazy T, mas com certeza queria manter a marca Pink Label. Ele passou a manhã toda reembalando sua droga e então andou pelas ruas de seu bairro tentando descobrir se alguém estava procurando “algo especial.” Aquele cara estava esperando realmente o ônibus ou estava querendo algo? Aquelas duas meninas rindo fora da loja de conveniência necessitam de um pouco para uma festa que elas estavam indo hoje à noite? Paolo não sabia. As pessoas eram um quebra-cabeça, que ele não conseguia decifrar, como conseguia fazer com uma fechadura, e ele desejou por um momento que pudesse ganhar a vida resolvendo os enigmas de aço frio e duro.

Paolo finalmente sentiu o que esperava, e se levantou do chão. Depois de verificar o espelho por sinais reveladores de sua atividade ilícita, ele alisou o cabelo, e abriu a porta.

— Alex. — Ele se assustou quando viu o irmão de Luca encostado na parede do corredor. Embora Alex fosse apenas alguns anos mais velho que Luca, nunca se deram bem. Alex era um viciado em drogas, e Sr. Rizzoli fizera de tudo o que podia para deixar Alex sóbrio. Ele pagou por clínicas de reabilitação, e até mesmo enviou alguns dos soldados para dar um susto nos traficantes regulares de Alex. Mas para cada traficante que desapareceu, outro tomou seu lugar. Assim como Paolo assumiu no lugar de Crazy T.

Paolo tocou o pacote em seu bolso. Ele não precisava adivinhar se Alex queria comprar. Alex usaria qualquer coisa. E ele poderia contar com a descrição de Alex. Ninguém queria suportar a ira de Sr. Rizzoli. Mas vender na casa da mãe do Sr. Rizzoli ao irmão viciado em drogas do Sr. Rizzoli era todos os tipos de errado.

— Hum... Banheiro livre. — ele deu um passo, e Alex se moveu para bloquear seu caminho.

— Você não limpou tudo.

Boom. O corpo de Paolo se transformou em uma bola de fogo, e o suor escorria em sua pele. Ele colocou a mão ao nariz, percebendo apenas o seu erro quando Alex sorriu.

— O truque mais velho do livro. Além disso, se você é viciado a tanto tempo quanto eu, você pode sentir o cheiro de outro usuário assim que ele entra pela porta. — Alex caminhou para frente, acompanhando Paolo pelo corredor até o quarto. Dando uma olhada rápida para trás, ele fechou a porta.

— Você tem alguma coisa aí para compartilhar?

Paolo respirou fundo. Isso foi um truque? Alex estava armando para ele? Se Paolo admitisse trazer drogas para dentro da casa, Alex ligaria para o Sr. Rizzoli?

Alex suspirou.

— Cristo. Você tem que trabalhar nessa sua cara de paisagem. Tudo o que você está pensando está nítido. Não, não vou dizer a Luca. Ou qualquer de seus homens. Ou minha mãe. E não vou chantagear

você também. Meu traficante está fora da cidade e estou ficando sem energia, e você passou pela porta e o radar disparou. Esse cara é como eu. Ele tem que ter algo com ele, porque esses jantares de domingo são um tédio.

— Eu... uh... Estou vendendo agora. — Paolo puxou o pacote do bolso. Ele trouxe um "apenas por precaução", embora na época não tivesse pensado sobre o que "apenas no caso" poderia ser.

Alex olhou para o pacote e franziu a testa.

— Você vende Pink Label? O que aconteceu com Crazy T?"

— Você o conhece?

— Eu conheço todo mundo.

— Ele teve overdose. — sentindo-se mais confiante, Paolo endireitou sua coluna. — Eu tomei seu território.

— Você? — Alex riu. — Crazy T tem trabalhado nessa parte da cidade há anos. Pessoas o conhecem. Ele tem uma reputação, respeito. Você acha que vai conseguir o lugar dele? Você acha que alguém vai confiar em um garoto magricela como você?

— Ray não tem um problema com isso.

A cabeça de Alex puxou para cima, e seu sorriso desapareceu.

— Você conheceu Ray?

— Sim. — sentindo um pouco de respeito na voz de Alex, ele se endireitou ainda mais. — Ray me levou para uma casa de drogas. Usamos a merda enquanto eu comprava meu estoque. Ray está me dando um bom negócio. Serei capaz de dobrar o dinheiro.

Alex ficou pensativo.

— Crazy T deve ter falado por você. Ray é o cara das melhores drogas na cidade. Poucas pessoas conseguem conhecê-lo.

Orgulhoso agora.

— Tenho o seu número. Quando eu ficar sem produto, só tenho que ligar para ele e vai me dizer para onde ir para obter um pouco mais. Vou ser rico. Ray diz que, assim que fizer um bom dinheiro, vou encontrar o chefe e tomar uma bebida com ele.

Paolo fantasiou sobre encontrar o chefão a noite toda, o Lamborghini que ele dirigiria, os ternos que usaria, as boates que frequentaria como VIP com Michele Benni em seu braço, usando drogas com o chefe enquanto sua equipe embalava quilos de droga em sacos. Paolo também fantasiou sobre a bela casa de repouso que sua mãe viveria e as roupas quentes que lhe compraria que ninguém roubaria. Ele seria alguém. Teria respeito. Somente o enjoo que sentiu quando pensou em como estava traindo o Sr. Rizzoli manchou seu sonho.

— Garcia nunca vai se encontrar com você. — Alex soltou uma risada. — Ele só se encontra com grandes caras. Realmente grandes. Estamos falando de Dragon Head da Tríade, Pakhan da máfia russa, os líderes de gangues de rua, e os chefes da *Cosa Nostra* que estão dispostos a rever as regras sobre se envolver com drogas, como o primo de Nico, Tony. Garcia quer conhecer caras que podem espalhar seu produto o máximo possível. Pessoas com poder.

— Garcia? — não era Garcia o cara que matou Little Ricky e vendeu a dose letal para os soldados de Sally G? O mesmo cara que agora estava aliado ao primo do Sr. Toscani, Tony? Paolo ouviu falar de Garcia na sede do clube. Ele era o cara que Sr. Toscani e o Sr.Rizzoli estavam procurando. O homem que ninguém poderia encontrar.

Alex balançou a cabeça e suspirou.

— Porra. Você nem sequer sabe para quem você está trabalhando? Sim, Garcia lidera o Cartel Fuentes. Eles trazem a cocaína, metanfetamina e heroína do México e distribuem seus produtos pelo país. Com todos os visitantes que chegam a Las Vegas, é um grande negócio aqui, e Garcia vem tentando se firmar na cidade há anos, mas tem havido muita concorrência. Quando Garcia se tornou o foco de uma investigação policial, teve que se manter fora do radar. Sua aliança com Tony Toscani preenche as lacunas. Ele recebe

território e ajuda. Juntos, vão limpar a concorrência e dominar o mercado. Ray é um dos seus principais tenentes.

— Foda-se. — Paolo sentou na cama de Alex, esfregou as mãos pelo cabelo. Ele tinha uma pista do cara que matou Little Ricky, mas como poderia dizer ao Sr. Rizzoli? Se fizesse, teria que dizer-lhe que quebrou as regras, e Rizzoli já avisou a ele que não havia uma segunda chance quando se tratava de drogas.

— Você está bem, garoto?

— Sim. — ele precisava pensar, e agora sua mente ainda estava zumbindo de seu último hit. — Você... e o Sr. Rizzoli se falam? Quero dizer, sobre negócios. Como o que ele está fazendo e o que você está fazendo e que você sabe que poderia saber? Esse tipo de coisa?

Alex deu de ombros.

— Tudo o que Luca quer falar, é sobre eu ficar limpo. Fora isso não temos nada em comum. Não sou o filho perfeito como ele. Nunca fui bom em esportes ou na escola. Não estava interessado em me juntar aos negócios da família. Não tenho o talento dele com as mulheres, e não tenho nenhum interesse em me casar com uma princesa da máfia e ter um herdeiro de costume e um de reserva. Meu vício em drogas o enoja, e ele nunca escondeu seus pensamentos sobre isso.

— Sua esposa morreu por causa de seu vício em drogas. — Paolo lembrou Alex. — Talvez ele não queira que a mesma coisa aconteça com você.

Alex acenou com a mão vagamente no ar.

— É tarde demais para mim. E o que mais vou fazer com a minha vida que vai ser bom o suficiente? Eu deveria me juntar aos negócios da família, mas sabe de uma coisa? Não suporto ver sangue. A primeira vez que meu pai me levou em um trabalho, vomitei por toda a estrada. Me humilhei. *Papà* não queria falar comigo por todo o trajeto até em casa, a não ser para me dizer que Luca não vomitou na sua primeira vez. Luca ficou bem ali, batendo no cara. Luca o deixou

orgulhoso. — ele suspirou e balançou o pacote do Pink Label. — Quanto preciso para tirar essas más recordações da minha cabeça?

— Vinte Dólares.

Alex tirou a carteira e jogou uma nota de vinte na cama.

— Tem certeza que é o caminho que pretende tomar? Você quer acabar como Crazy T? Ou como eu? Luca disse coisas boas sobre você. Ele acha que você tem um futuro com sua equipe quando estiver com a cabeça em ordem. Luca diz que ninguém sabe arrombar fechaduras como você.

Nãooooo. Paolo não queria ouvir que o Sr. Rizzoli disse coisas boas sobre ele. Isso o fez sentir como um traidor. Havia uma razão para que o Sr. Rizzoli juntou a única facção *Cosa Nostra* em Las Vegas que não lidava com drogas, e não era só por causa de sua estreita amizade com o Sr. Toscani. As drogas mataram a esposa do Sr. Rizzoli e Little Ricky, e drogas estavam matando seu irmão.

— Sim. — Paolo pegou o dinheiro e foi para a porta.

— Pense bem. — Alex gritou. — Todos que se envolvem nesse negócio acabam mortos.

Vinte e Dois

— O que estamos fazendo aqui?

— Shh, *Bella*. — Luca levou Gabrielle para a cozinha de Il Tavolino. Embora todos tivessem ido embora após uma noite tranquila de segunda-feira, o ar ainda estava quente e cheirava deliciosamente a molho de tomate. Luca amava sua cozinha à noite, os balcões de metal reluzentes, panelas de cobre penduradas em ganchos acima do fogão à gás, latas e frascos bem empilhados nas prateleiras. Isso o lembrava de casa e quando, sorrateiramente, ia à cozinha para um lanche de fim de noite, só para sua mãe o achar e preparar uma refeição para ele, não importando que horas fossem. Eles tiveram algumas de suas melhores conversas no silêncio da noite.

— Quando um homem está com fome, *Bella*, ele precisa de comida. — Luca também queria animá-la. Embora tentasse escondê-lo, ela estava com uma cara triste quando a pegou após o trabalho, e Luca sentiu falta do sorriso dela.

— Sabe o que é engraçado? É o mesmo para as mulheres. Isso não é louco? Mulheres com fome também precisam de comida.

Ela levantou uma sobrancelha em censura.

— Poderíamos ir para minha casa onde eu poderia relaxar e descontrair após uma longa, incrivelmente chata segunda-feira sentada no departamento de roubos ligando para pessoas sobre seus telefones perdidos. Embora não seja uma cozinheira profissional como você, tenho comida e um micro-ondas para cozinhar. Também tenho um sofá confortável, roupas confortáveis, uma TV que passa meu programa favorito, e um cão que gosta de comida e game shows, também.

— Você também tem uma companheira de quarto para cuidar do Max. — ele abriu a geladeira e examinou o conteúdo.

— Bem... sim. — ela se sentou no banquinho favorito de Mike e quando se inclinou para frente para descansar o queixo nas mãos, ele teve uma visão perfeita de seus seios. O que Luca planejou esta noite era algo que definitivamente não poderia fazer com Max e Nicole por perto.

— O que você vai fazer?

— Eu não vou fazer nada. Nós vamos brincar. — ele pegou um pepino e ela deu um suspiro horrorizado.

— Luca Rizzoli. Nós não brincaremos com a comida.

Bem, isso foi inesperado. Sua cozinha era um mundo de possibilidades culinárias do tipo mais sensual. Talvez Gabrielle não entendesse o tipo de prazer que ele queria dar a ela.

— Eu vejo você olhando para a geladeira. — ela olhou para ele.

— Sei como sua mente funciona. E no caso de você ter alguma ideia, nada vai dentro da minha vagina que se destina a ser consumido. — Suas mãos encontraram seus quadris e Luca tentou não franzir a testa.

Como eles se divertiriam com todas essas regras? Como demonstraria suas destrezas sexuais? Como mostraria que era um amante aventureiro? Ele tinha tudo que precisava aqui mesmo. Sua última remessa incluía berinjelas, alguns pepinos de pele lisa, abobrinha, e para uma sensação extra, espiga de milho.

— *Bella*... — ele abriu as mãos e usou seu tom mais bajulador de voz.

Gabrielle balançou a cabeça e cruzou as mãos na frente de sua vagina.

— Desculpa. Isso aqui é uma zona sem vegetais.

— Carne? — ele perguntou esperançosamente. Luca tinha uma abundância de calabresa, salsicha e cachorros-quentes, embora suspeitasse que os cachorros-quentes não funcionassem depois que ela tivesse o prazer de sua própria salsicha substancial.

— Eu sou exigente sobre o meu salame. — ela disse secamente. — Me sentiria como se estivesse traindo você.

Luca olhou ao redor da cozinha, avaliando as opções limitadas agora disponíveis para ele. Uma cozinha vazia era uma oportunidade a não perder, e com os faxineiros vindo pela manhã para garantir que tudo estivesse de acordo com os padrões de higiene, ele poderia realizar uma das fantasias que teve quando Gabrielle foi pela primeira vez em seu restaurante. Uma ideia cresceu em sua mente e a imagem mental o fez duro.

Contemplando o balcão, ele puxou-a suavemente para cima de seu banco.

— E se eu te beijasse aqui? — ele acariciou com beijos em seu pescoço até a base de sua garganta, inalando a fragrância persistente de sabonete em sua pele. Depois do jantar na casa da sua mãe na noite passada, Luca a levou para casa e quase a fez se atrasar para o trabalho esta manhã, porque ele não poderia obter o suficiente do corpo macio, exuberante.

Seu rosto se suavizou.

— Sim, acho que tudo bem.

— E aqui? — Ele se moveu mais para baixo, beijando o decote da sua camiseta até as curvas de seus seios.

— Sim.

— Suas roupas estão no caminho. — Passando as mãos sob sua camisa, ele tirou a camiseta, em seguida, tirou o sutiã e jogou suas roupas no balcão.

— Melhor. — Sem aviso, Luca desceu sobre o mamilo esquerdo, lambendo e chupando o broto até ficar duro. Sua respiração ficou presa e ele podia ver o pulso acelerar em seu pescoço.

— Luca.

Ele adorava ouvir seu nome nos lábios dela. Depois de dar atenção igual ao mamilo direito, ele se ajoelhou diante de Gabrielle, dando beijos sobre seu estômago e puxou sua calça jeans e calcinha sobre os quadris.

— E aqui, *Bella*? — ele beijou suavemente o ápice de suas coxas. — Posso brincar aqui?

As mãos caíram em sua cabeça e ela caiu de costas contra o balcão enquanto ele a ajudava sair de sua roupa.

— Sim.

Luca sorriu enquanto se levantava.

— Feche os olhos. — ele sussurrou.

— O que você vai fazer?

— Confie em mim.

Seus cílios se fecharam e ele segurou sua bunda entre as mãos, levantando-a facilmente para sentá-la no balcão de aço inoxidável.

— Abra suas pernas para mim.

Ela respirou fundo e abriu as pernas, dando-lhe uma visão tentadora de sua vagina.

— Agora, apoie-se nos cotovelos, arqueie as costas e me ofereça seus belos seios. — Luca tirou suas roupas enquanto ela ficava em posição. Deus, Gabrielle era linda. linda demais. Ele envolveu sua mão ao redor do pênis e o bombeava para aliviar um pouco a pressão.

— O que você está fazendo? — Os olhos dela se abriram e Luca quase gozou por todo o lado, quando seu olhar caiu para assistir ele acariciando a si mesmo.

— Isso não é justo. — ela gemeu. — Você prometeu que ia me deixar assistir.

— Não dessa vez. E agora vou ter que vendá-la por ser uma garota má. — ele pegou um guardanapo de pano da gaveta e amarrou-o cuidadosamente em volta da cabeça. — Você pode ver?

— Não. — Seus lábios se viraram para baixo em uma carranca. — Não tenho certeza se gosto de não ser capaz de vê-lo.

— Shhh. Sem falar. — ele vagou em torno da cozinha reunindo itens para o que prometia ser uma festa sensual.

— Luca?

— Você continue a me desobedecer, *Bella*, e vou ter de encontrar algo para essa boca fazer.

Ela riu suavemente.

— Você acha que isso vai me desmotivar?

Porra. Sua mão apertou em torno da cesta de morangos que pegou do refrigerador, enquanto imagens mentais de sua doce policial de joelhos o atormentavam. Com passos decididos, ele atravessou a cozinha e ficou entre suas pernas separadas.

— Abra, menina impertinente. Incline sua cabeça para trás.

Ela fez o que ele pediu, e Luca balançou a morango acima de sua boca.

— Lamba.

Sua língua saiu, e ela lambeu o morango enquanto ele o aproximava mais de sua boca.

— Morda.

— Morango. — ela mordeu a fruta do caule e ele observou, fascinado como o suco deixou seus lábios vermelhos. Incapaz de resistir, se inclinou e beijou, saboreando a explosão de doçura em sua

língua. Seu pênis pressionou contra sua vagina, passando sobre o calor úmido.

— De novo. — Luca alimentou-lhe com outro morango, assistiu o movimento de sua língua, o movimento sensual dos lábios. Desta vez, quando se inclinou para beijá-la, ele a puxou para cima e enfiou a língua em sua boca, provando seu gosto.

Ele a deixou para preparar o resto da comida que escolheu e voltou com o dedo pegajoso e molhado.

— Lamba. — Luca empurrou um dedo em sua boca e ela chupou e lambeu-o até que ele gemeu. De jeito nenhum ele duraria tempo suficiente para passar pela cornucópia de delícias que tinha no prato ao lado dele.

Ele levantou um pedaço de melão e segurou a fruta doce perto de seu nariz.

— Você consegue adivinhar o que é?

Ela cheirou, balançou a cabeça e ele esfregou a fruta macia sobre os lábios.

— Agora?

Sua língua rosa lambeu o lábio, saboreando.

— Melão?

Luca empurrou o fruto entre os lábios e observou-a morder, então alimentando-a com fruta após fruta, parando para lamber o suco de seus lábios e queixo. Ele escolheu melão, manga e mamão devido aos cheiros doces, e suas texturas macias; figos e abacates por sua cremosidade irresistível e propriedades afrodisíacas. Não que qualquer um deles precisasse de um afrodisíaco. O pênis dele estava duro, dolorido; seus mamilos estavam tensos e a umidade brilhava entre suas coxas.

Gabrielle engoliu um figo e ele assistiu sua garganta apertar. Luca esteve com muitas mulheres, feito muitas coisas, mas nunca

experimentou nada tão erótico como a energia sexual e sensorial de alimentar Gabrielle, nua, em sua cozinha.

Deu-lhe um último morango, mas quando uma gota de suco caiu para seu peito, ele teve o suficiente.

— Volte a ficar em seus cotovelos. calcanhar sobre o balcão. Pernas abertas. — ela caiu para trás com um gemido e ele alisou um dedo ao longo de sua fenda, fazendo-a estremecer.

— Você está encharcada. — sua voz era grossa e rouca com a necessidade. — Parece que você gosta de jogos com comida.

— Não quero mais jogos. Eu preciso de você.

— Mais um. — Ele procurou ao redor do balcão, pegou o último item que separou.

— O que vai bem com morangos?

Gabrielle inclinou a cabeça para trás e gemeu, a cabeça ainda zumbindo do turbilhão de sensações. Luca murmurou em italiano enquanto se alimentava dela, a voz profunda acariciando o espaço vazio dentro dela que estava ficando menor a cada dia. Sua pele estava quente, pegajosa com suco. Gabrielle ainda podia sentir o cheiro de morango, os vestígios remanescentes das outras frutas que ele deu a ela. E a doçura de tudo permanecia em sua língua. Era insuportavelmente erótico comer da sua mão, o tendo para lamber o seu corpo, ter sua boca após cada mordida, como se quisesse devorá-la. A escuridão fez à experiência mais intensa, obrigando-a a se concentrar nos outros sentidos, o balcão duro debaixo dela, a dor entre as coxas, o calor dos lábios quando Luca chupava os mamilos, e o golpe do dedo em seus lábios.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Gabrielle. A menos que queira uma pimenta em seguida, quero uma resposta.

— Chantilly?

Ele deu um riso satisfeito.

— Está certo. Agora não se mova.

Um arrepio percorreu a espinha quando o primeiro respingo atingiu sua garganta, e, em seguida, um fio suave correu entre os seios, e sobre o estômago. Os dedos de Luca acariciaram seus púbis, separando os lábios para expor o clitóris assim que o creme atingiu seu monte.

Gabrielle respirou fundo quando o líquido frio atingiu seu clitóris, uma gentil, insistente cócega, o suficiente para fazer sua vagina doer, mas não o suficiente para trazê-la a liberação.

— Oh Deus. Luca. — seus músculos internos se apertaram, e ela contraiu os quadris tentando conter o suave e implacável gotejamento erótico que não era nada mais que uma provocação.

— Tão gostosa. — sua boca faminta lambeu ao longo da trilha cremosa, provocando arrepios eróticos de cima para baixo em sua coluna vertebral.

Ela ouviu o ruído surdo de uma caixa. Outro fluxo de líquido escorreu em sua pele, tão frio que a deixou sem fôlego.

— O que é isso?

— Água gelada.

Quando a primeira onda de água atingiu seu clitóris, ela engasgou, a mudança de sensação enviando-lhe para a beira do clímax.

— Não mais, Luca. Preciso de você. Agora.

Finalmente, a água parou. O sangue correu para baixo aquecendo sua pele fria, fazendo seu clitóris pulsar e latejar.

— Você está linda. — ele sussurrou. — Meu Anjo.

Ela nunca esteve tão exposta, e totalmente fora de sua zona de conforto, e ainda assim ele a fazia se sentir adorada, amada.

Suas mãos ásperas seguraram os seios, e Luca circulou os polegares sobre seus mamilos enquanto as mãos apertavam e afundaram na sua carne. Gabrielle arqueou as costas e ele provocou os mamilos com leves movimentos de sua língua, seguidos de umas chupadas que sentia profundamente em seu núcleo.

— Você gostou da sua refeição?

— Sim.

Ele enrolou suas mãos em volta do rosto e beijou-a sem fôlego.

— Você quer gozar, *Bella*?

— Sim. Oh Deus. Sim.

— Peça o que você precisa.

Seu corpo tremia, o sexo tão molhado e dolorido que ela não hesitou.

— Faça-me gozar, Luca. Por favor.

— Prometa-me que vai me dizer na próxima vez quando você estiver se sentindo mal, sozinha ou doente, ou tiver um dia ruim no trabalho, e tentarei te fazer sorrir novamente. Se estiver triste, vou consolá-la. Você não pode sempre me querer para proteger o corpo, *Bella,* mas vou sempre proteger o seu coração.

— Eu prometo. — ele tinha um jeito com as palavras que a fazia sentir como se estivesse falando com sua própria alma.

Ela ouviu seu rugido sexy de prazer, e então sua mão voou entre suas coxas, os dedos pressionando cuidadosamente o clitóris.

Gabrielle estremeceu, apertou os quadris descaradamente contra ele. Dentes envolveram seu mamilo e Luca mordeu enquanto empurrou dois dedos dentro dela e bombeou com força.

A pressão firme de sua mão, a dor de seus dentes, o raspar de sua respiração, os dedos dentro dela se uniram em uma chama de fogo quente. Bombardeada por uma sensação erótica, ela deixou cair à cabeça para trás e gritou quando o orgasmo bateu nela, o que provocou o fogo através de cada parte do seu corpo.

— Porra. Você é tão quente. — Luca apertou as mãos na cintura e puxou-a para frente. A espessura de seu pênis violou sua entrada e ele o mergulhou profundamente dentro dela.

Sem a chance de se acalmar, ela sentiu necessidade de gozar novamente com os golpes ferozes sacudindo seu corpo. Ele era tão grosso, tão duro, enchendo-a tão completamente que Gabrielle subiu rapidamente, e quando os dedos se afundaram profundamente em seus quadris, gozou de novo, sua vagina apertando ao redor do pênis rígido, enquanto seu calor a encheu com o som erótico do gemido dele.

Ele puxou a venda dos olhos e deixou cair seu corpo sobre o dela, o coração batendo contra suas costelas.

— Vale a pena. — ele murmurou, meio para si mesmo.

Gabrielle se recostou no balcão frio, colocou os braços em volta dele e puxou-o para baixo. Não foi fácil usar a venda, desistir de seu controle depois de tantos anos de luta para segurar as paredes que mantinham o desespero a distância. Ela não confiou em si mesma a se abrir e deixar ir por medo de perder-se à escuridão novamente. Mas ela nunca conheceu um homem que confiasse para pegá-la quando caísse. Sentia-se curiosamente livre, fortalecida. Ela se abriu, e ele a recompensou com a confiança, com a experiência mais erótica de sua vida.

— O que vale a pena? Sexo impertinente na cozinha? Ser salvo da minha cozinha?

— Você. — ele se levantou, puxou-a para os seus braços. — Você vale qualquer risco. Você me faz querer ser um homem melhor, um pai melhor. Eu quero ser digno de você. Quero dar-lhe o que não

pude dar a Gina. Uma vida melhor do que a que vivo. Um futuro. Quero dar-lhe tudo, *Bella*. E amanhã, vou dar-lhe Garcia.

Vinte e Três

Andando ao lado de Luca através do Cassino Itália em um vestido decotado da Donna Karan que caía sobre seus seios e abraçava os quadris com tanta força que ela teve problemas em esconder sua arma, Gabrielle estava certa de que estavam sendo observados. Não pelas câmeras ou pela equipe do cassino, mas por alguém que fez sua pele arrepiar e os pelos no pescoço ficar em pé.

— Talvez devêssemos ir a um cassino diferente. — ela puxou a manga de Luca, tentando fazê-lo parar. O tecido caro do smoking abraçou seu corpo à perfeição, destacando o peito e ombros largos assim como suas coxas poderosas. E ainda o ligeiro balanço do seu cabelo, as grossas ondas rebeldes que não se assentavam, davam a entender que ele não era bem o que parecia.

— Precisamos que o dinheiro venha de uma fonte legítima. — disse ele. — Você nunca sabe quem está observando. E nós não teremos melhores chances em qualquer lugar do que aqui.

Gabrielle balançou a cabeça se perguntando mais uma vez por que concordou com o plano maluco de Luca. Estava pensando como uma policial, ele disse quando ela lhe deu mais informações para análise. Por que perder tempo lendo anotações e revisando arquivos na esperança de encontrar algo que pode levá-los a Garcia, quando poderiam comprar uma audiência com o homem em si por apenas meio milhão de dólares? Quão difícil seria conseguir o dinheiro quando eles vivem na cidade onde os sonhos se tornam realidade? Luca só precisava de cem mil dólares e estariam bem.

Ele agarrou a mão dela e apertou-a enquanto seguiam para a entrada da sala de jogos de apostas altas.

— Não se preocupe. Depois que Gina morreu, passei um ano jogando dados, tentando me perder e esquecer como falhei com ela.

Tornou-se um vício. Eu ainda estaria jogando agora se meus amigos não tivessem me tirado daqui, e colocado algum senso em mim, e me feito... — ele hesitou. — Trabalhar de novo.

Gabrielle agora sabia que seu "trabalho" envolvia muito mais do que dirigir o restaurante, mas estava feliz por não saber os detalhes. Era mais seguro para ele, e sem dúvida mais seguro para ela.

Eles andaram pela sala de altas apostas, procurando Nicole e Cissy. Luca sugeriu convidá-las para lhe fazer companhia enquanto ele jogava, assim todos poderiam ter um pouco de diversão. Gabrielle tinha relutantemente concordado em ligar para elas, sabendo que Cissy, em particular, iria brigar com ela por dar a Luca todo o dinheiro que recebeu pela venda da casa de David, para que entrasse como um apostador, embora ele tivesse investido os mesmos cinquenta mil.

— Lá estão elas. — Gabrielle acenou para suas amigas, que estavam tomando drinks no salão chique, arrumadas e prontas para a festa.

— Oooh. Você está incrível. — Nicole deu a Gabrielle um abraço. — Isso é tão emocionante. Nunca estive em uma sala de apostas altas, nem mesmo no trabalho. — ela se virou, exibindo seu vestido floral azul-marinho. — Eu pareço pertencer?

— *Belíssima.* — Luca beijou as bochechas de Nicole e ela corou.

— Eu tenho que dizer, gosto dessa coisa toda italiana. — Cissy sussurrou para Gabrielle. Seu vestido sem mangas de renda preta era mais conservador, mas se adequava ao estilo dela.

Luca pediu uma rodada de bebidas e deixou-as para assistir à ação nas mesas. Embora a atmosfera na sala de apostas altas fosse mais moderada do que no andar principal do cassino, a corrente de energia e entusiasmo elevou o ânimo de Gabrielle e a distraiu de suas reservas sobre o plano de Luca.

— Ele está tão afim de você. — disse Cissy. — Luca não tirou os olhos de você. Nem mesmo quando aquela sósia da Sophia Loren entrou pela porta. Como foi o seu final de semana?

— Hum... — ela decidiu pular a parte em que descobriu que ele poderia ter matado os dois homens que dispararam contra sua casa, descobrir o corpo no congelador, vomitar no banheiro de Luca, sua visita ao clube da máfia, e sexo sujo de manhã e divulgar informações confidenciais sobre o caso Garcia. — Eu conheci o filho dele, fomos à igreja e Luca me apresentou a sua mãe e família.

— É sério quando eles apresentam uma garota para sua mãe. — disse Nicole. — Muito...

— Espere. — Cissy acenou com a mão, cortando Nicole. — Quem se importa com a mãe dele? Ele tem um filho? Como você se esqueceu de mencionar isso para nós? Nos dê os detalhes.

Gabrielle deu de ombros.

— O filho dele tem seis anos e vive com a mãe de Luca. Ela é muito tradicional, uma incrível cozinheira, e ainda lava a roupa dele. Acho que ela me odiou, mesmo assim me apresentou à sua amiga Josie que estava em uma situação semelhante à minha. — Josie foi compreensivelmente relutante em falar com Gabrielle, mas lhe deu esperança que houvesse um caminho para uma boa menina e um menino mal estarem juntos sem ninguém morrer ou acabarem na cadeia.

Nicole gemeu e recostou-se na cadeira.

— Claro que ela odiou. Ele é um filhinho da mamãe, e você está tentando levar seu filho embora.

— Luca não é um filhinho da mamãe. — Gabrielle rangeu os dentes em aborrecimento. — Ele é muito carinhoso e respeitoso com ela, mas deixou claro que faz o que quer fazer. Ela não gostou do fato de que eu não sou italiana, e da maneira mais bonita e mais respeitosa, ele lhe disse que não se importava.

Mas Nicole estava certa. Gabrielle estava tentando levar Luca embora. Quanto mais tempo passava com ele, mas o queria. Eles trabalham bem juntos, se complementam. Embora tenham abordagens diferentes, sempre pareciam ser capazes de encontrar um meio termo. Eram mais fortes juntos do que separados. Não só isso,

Gabrielle poderia ser ela mesma com ele, se estivesse usando saltos e calcinha de renda ou segurando uma arma.

— Não achava que poderia me importar com ninguém depois de David, e quase sinto que o estou traindo tendo sentimentos por outra pessoa. Mas Luca é diferente, excitante...

— Talvez David fosse quem você precisava quando o conheceu. — disse Cissy para Gabrielle.

— Alguém estável e carinhoso que poderia dar-lhe o amor e atenção que você nunca chegou a ter depois que sua mãe morreu e todo mundo estava focado no vício de Patrick. Mas Luca é quem você precisa agora. Alguém selvagem e emocionante que te faz querer viver a vida ao máximo, porque você sabe o quão curta ela pode ser. — Cissy tomou um gole de bebida e franziu a testa quando pegou Nicole e Gabrielle olhando.

— O que?

— De onde veio isso? — perguntou Nicole. — Você tem escondido um diploma de psicologia em seu bolso?

Cissy corou e fez um gesto de desprezo.

— Devo ter lido em algum lugar. Então, o que está acontecendo hoje? Não costumo ir a festas numa noite de terça-feira, mas tenho um pouco de tempo livre entre os julgamentos e quando você disse “noite emocionante de cassino”, não pude resistir.

— Eu poderia resistir. Nicole suspirou. Toda noite é uma “noite excitante de cassino” para mim. Minha nova ideia de diversão é sentar em um quarto escuro em absoluto silêncio.

— Mas você veio. — Gabrielle deu-lhe um sorriso caloroso. Você está sempre presente.

Nicole sorriu.

— É porque sou uma amiga incrível.

Gabrielle olhou em volta para se certificar de que não poderiam ser ouvidas e acenou para elas fecharem.

— Luca está tentando me ajudar a levantar meio milhão de dólares para obter uma audiência com o traficante que matou David. Ele diz que pode fazer muito jogando dados em uma noite, com cem mil dólares de fichas. Então nós podemos vê-lo transformar cem mil dólares em meio milhão.

— Isso é um monte de dinheiro para jogar. — Nicole franziu a testa. — Seu restaurante deve estar indo muito bem.

Por um momento, Gabrielle considerou mentir para suas amigas, mas não conseguiu. Não às duas mulheres que a tiraram da escuridão que quase reivindicou sua vida.

— Eu vendi os títulos que comprei com o dinheiro da venda da casa de David e lhe dei cinquenta e ele colocou o resto.

Cissy se engasgou com a bebida.

— Você deu a ele cinquenta mil dólares para jogar? Está maluca?

O sorriso de Gabrielle desapareceu.

— Não, não sou louca. Isto é o que eu queria desde que David morreu. E desde que fui retirada do caso, esta é a minha única opção. Luca tem as conexões para chamar a atenção do traficante. Nós só precisamos do dinheiro para mostrar a ele que é sério.

— Há tantas coisas erradas com o que você disse, não sei por onde começar. — Cissy bateu sua bebida em cima da mesa.

— Em primeiro lugar, que tipo de conexões ele tem para conseguir uma audiência com um traficante de drogas? Em segundo lugar, o que diabos você está pensando tentando encontrar com um traficante de drogas de qualquer maneira? Não é o mesmo cara que brutalmente matou David, atirou em você e teve dois caras atirando contra sua casa? E em terceiro lugar, o quão bem você realmente conhece Luca? E se ele foge com o seu dinheiro, ou perde? Isso

acontece o tempo todo. A viúva rica é seduzida por um homem carismático, charmoso, belo e jovem. O homem convence a dar-lhe o dinheiro e desaparece.

— É o dinheiro dele também. — ela disse defensivamente, lamentando sua decisão de dizer a Cissy e Nicole seu plano. Sem saber sobre as conexões da máfia de Luca, não havia nenhuma maneira que poderiam entender que o risco não era tão alto quanto parecia ser.

— E nós vamos encontrá-lo juntos. Luca sabe usar uma arma. Quanto às conexões, ele conhece pessoas que conhecem pessoas. Luca não usa drogas.

Nicole sacudiu a cabeça.

— Eu vejo isso todos os dias. Pessoas desesperadas colocarem todas suas economias ou o pouco que resta de seu dinheiro, achando que vão ganhar muito e todos os problemas serão resolvidos. E adivinha o que acontece? Eles perderam. Este é um cassino como qualquer outro cassino. Não importa o quanto você quer ou precisa ou se as estrelas estão alinhadas ou o horóscopo diz que é seu dia de sorte. Não importa se você tem um pé de coelho da sorte no bolso ou mesmo se sua vida está uma merda e você merece uma pausa. É um fato matemático que, a menos que você trapaceie, as probabilidades estão contra você. E se ele perde tudo, Gabrielle? O que você vai fazer?

— E se ele ganhar? — Gabrielle gritou, perdendo a paciência. Luca lhe assegurou repetidas vezes que iria ganhar, embora não poderia dizer-lhe por que. Mas ao ouvir Nicole, se perguntou se ele estava apenas dizendo as palavras que cada jogador diz antes de entrar num casino.

— Ele não vai.

— Estou disposta a assumir o risco. — disse ela finalmente. — E se ele perder, e daí? Estou feliz onde estou. Tenho a pensão de David, seu seguro de vida, minhas economias, e meu trabalho. Eu não preciso de roupas de grife ou bolsas. Prefiro perder esse dinheiro e

sentir que fiz tudo que podia para vingar David do que passar o resto da minha vida lamentando que não aproveitei essa chance.

— Por que você não deixa David ir? — Cissy disse calmamente. — Você mudou desde que você conheceu Luca. É como se você saísse de sua concha. Está brilhando. Sorrindo. Assume riscos. Se diverte. Conheço você a tanto tempo, e nunca te vi tão feliz. Você conheceu um grande cara que você adora e faz você rir. Não é o suficiente? Por que você não pode desistir dessa busca por vingança e agarra sua felicidade para sempre? Com todo o trabalho que você fez naquele caso, você sabe que o traficante acabará preso. Enquanto isso, você pode continuar com o negócio de viver a sua vida, o que você realmente não fez desde que David morreu. Pegar esse dinheiro e investir no futuro. Se você for atrás do traficante, você pode não ter um futuro.

— Nos últimos dois anos, a vingança foi tudo pelo que vivi. — Gabrielle enrolou sua mão ao redor de seu corpo para que suas amigas não a vissem tremendo. — Foi à razão pela qual saí da cama de manhã. Ela me puxou para fora de uma depressão que quase me custou a vida. Sinto que tenho que pagar de volta. Tenho que terminar o que comecei. Eu prometi a David vingá-lo.

— Você sabe que ele não iria querer isso. — Cissy disse suavemente. — David era um bom homem. Iria querer que você fosse feliz. E nós duas podemos ver que Luca te faz feliz. Você só precisa ver também.

Gabrielle olhou para longe, tentando esconder o quanto as palavras de Cissy a abalaram. Nem uma vez questionou seu objetivo. Mas realmente vale a pena perder o amor que ela nunca imaginou que pudesse ter novamente, o amor que acabara de encontrar, por vingança?

— Chegou a hora. — disse Luca, chegando a elas. — A mesa está vazia. Vamos nos divertir um pouco. Preciso do meu anjo ao meu lado para soprar sobre os dados e me trazer sorte.

— Eu não sou uma pessoa de sorte, Luca. — disse ela, seguindo-o até as mesas de jogo de dados.

— Você é a mulher mais sortuda sobre a terra. — ele olhou por cima do ombro e lhe deu um sorriso arrogante. — Você me pegou.

Luca se juntou a uma mesa barulhenta e comprou uma pilha de fichas. Assim que ele bateu seu número de ponto, todos começaram a apostar. O jogo mudou tão rápido que Gabrielle não poderia acompanhar, mesmo com o conhecimento incipiente das regras. Luca rolou dois seis, quatro duros, olhos de cobra, e cada combinação vencedora possível dos dados. Algumas pessoas faziam pedidos, e ele conseguia cumpri-las. Jogadores de caça-níqueis de alto risco e da mesa de Black Jack vieram para assistir, e então vieram os executivos do cassino, homens e mulheres com rostos severos e ternos escuros.

— Por que há tantos? — Gabrielle sussurrou.

Luca mal lhes deu uma olhada.

— Eles estão achando que estou controlando os dados. Acham que eu estou viciando os dados. — Luca rolou outro duplo seis e a multidão aplaudiu.

— Você está?

Ele lhe deu um olhar de lado.

— Vamos acrescentar esse item a categoria de perguntas que não devem ser perguntadas, porque não serão respondidas.

Gabrielle sentiu uma perturbação no ar, uma onda pesada. A multidão atrás de Cissy e Nicole se abriu e o homem que ela agora conhecia como Nico apareceu por trás deles. Cada centímetro do mafioso, ele usava um terno escuro, camisa branca e gravata vermelha. Nico falou rapidamente com alguns dos executivos do cassino e Gabrielle franziu o cenho.

— Ele age como se administrasse o lugar.

— Ele administra. Este é o cassino dele.

De repente tudo fez sentido. A insistência de Luca que ele tinha que jogar no Cassino Itália, sua confiança de que iria ganhar muito

essa noite... O que quer que Luca estivesse fazendo, Nico estava nisso, e ela estava apenas no caminho certo.

Gabrielle olhou para Nico e lutou contra a vontade de tirar aquela expressão presunçosa de seu rosto. Apesar do envolvimento no plano, ele tinha a intenção de machucar Luca, e nunca o perdoaria por isso.

— Pare de fazer cara feia para ele, *Bella*, ou você vai fazê-lo rir.

— Vou dar-lhe algo para rir. — ela enrolou sua mão em um punho. — Se ele ainda planeja ir adiante com aquela surra, vai ter que passar por mim.

Luca enfiou a mão pelos cabelos dela e inclinou a cabeça para trás para o calor escaldante de seu beijo.

— Nico me deu um passe até lidarmos com Garcia. E sim, isso vai acontecer. Eu quebrei as regras e tenho que pagar. Agora, pare de ameaçá-lo, porque isso está me deixando com tesão e não consigo me concentrar. — ele mordeu o lóbulo da orelha em advertência e deu um grunhido suave.

— Luca! — envergonhada por sua exibição muito evidente de afeto, ela se afastou.

— Shhh. É hora de você compreender o que significa ser minha.

— Isso significa que eu serei molestada em público? — ela murmurou, enquanto Cissy e Nicole lançavam seus olhares divertidos do outro lado da mesa.

— Você será molestada o tempo todo. — ele segurou os dados sob seus lábios. — Menina sexy em um vestido sexy que vou arrancar assim que sair daqui.

Comovida por suas doces palavras, Gabrielle soprou sobre os dados para dar uma sorte que Luca não precisava.

Talvez Cissy estivesse certa. Ela seguiu por este caminho por tanto tempo que não podia ver o sinal de saída olhando-a no rosto. Gabrielle não tinha nada para viver quando jurou vingar David. Mas

agora encontrou Luca e em abrir-se a ele, ela se viu. Valia a pena perder tudo por vingança?

Ela olhou para a pilha de fichas em frente a ele.

— Você está perto de fazer o alvo? Talvez devêssemos desistir?

Luca riu e puxou-a em seus braços.

— Nós temos tudo que precisamos. As últimas quinze jogadas foram para se divertir. Vamos sacar o dinheiro.

Luca estava certo. Gabrielle tinha tudo o que precisava, aqui mesmo, nos braços. Em seu desespero mais escuro, nunca imaginou que sua salvação viria na forma de um mafioso com um sorriso sensual. Assim que eles estavam sozinhos, diria a ele que não queria continuar com o plano. Ela queria uma vida sem o peso da vingança. Um futuro com o homem que amava.

O gerente do cassino e um executivo de hospitalidade os escoltaram até o caixa, onde Luca sacou suas fichas, e tomou seus ganhos em dinheiro em um saco de couro preto de cortesia. Eles voltaram para a sala de altas apostas, onde desfrutaram de champanhe com Cissy e Nicole enquanto Nico conversava nas proximidades com o gerente do cassino.

Gabrielle olhou para Nico por debaixo de suas pestanas para divertimento óbvio de Luca. Quando ela murmurou algo baixinho sobre trair amigos, Luca se inclinou e a acalmou com um beijo ardente.

— Nós vamos para o meu restaurante depois que terminarmos. — ele disse calmamente. — Vou colocar o dinheiro no cofre, e então tenho algo para lhe mostrar na cozinha. Um novo prato.

— Que prato?

— Gabrielle à *La Mode*.

Ela riu, mas seu sorriso desapareceu quando três policiais uniformizados de cabelos escuros apareceram na porta. Um deles falou para o segurança e ele apontou em sua direção.

— Nós estamos procurando por Luca Rizzoli — disse o policial mais alto, caminhando em direção a eles.

Nico mudou-se para ficar na frente de Luca, enquanto o gerente do cassino dispersou a multidão curiosa.

— Eu sou o proprietário do Cassino Itália. Nós não chamamos a polícia.

— Alguém fez isso. — Um oficial com cabelo preto e um rosto redondo puxou um par de algemas do cinto e apontou para Luca. — Você é Luca Rizzoli?

— Sim. — Luca saiu de trás de Nico, seu rosto uma máscara inexpressiva.

— Mãos atrás das costas. Você vem com a gente.

O treinamento da polícia de Gabrielle finalmente cancelou o choque e seu cérebro entrou em ação.

— Sou a detetive Fawkes do Departamento de Roubo do LVPD. — Ela puxou seu distintivo de sua bolsa e ergueu-a como o oficial começou a ler o aviso de Miranda. — Do que você está acusando-o?

O oficial alto riu como se ela tivesse feito uma piada.

— Você deve saber, detetive Fawkes. Você nos chamou.

— Jesus Cristo. — o rosto de Nico se contorceu de raiva. — Você armou para ele?

Ela olhou para ele horrorizada. "Não. Claro que não. Eu não tenho nada a ver com isso".

— Você queria tirá-lo do caminho para que você pudesse fazer a prisão sozinha? — Nico rosnou. — Foi sobre a glória? Ou era o dinheiro que estava atrás? Ou você queria vê-lo atrás das grades o tempo todo? Ele era seu alvo desde o início?

— Não. — ela olhou para ele com horror. — Eu não chamei ninguém. Juro.

— Tire-a daqui. — Nico fez um gesto a um de seus seguranças. — Suas amigas também.

— Não. — ela tentou se desvencilhar quando um dos guardas agarrou seu braço. — Espera. Deixe-me falar com os policiais novamente. Preciso entender o que está acontecendo. Quero ajudar a resolver isso.

— Você já fez o suficiente. — Nico cuspiu. — Agora vá.

— Luca. — Gabrielle gritou quando os policiais o levaram. — Eu vou até a delegacia. Vou chegar ao fundo disso.

Luca não disse nada desde que a polícia chegou, e nem sequer se virou quando ela o chamou. Ela sentiu-se mal com o pensamento de que ele poderia acreditar que o traiu, e pior ainda sobre a coisinha em sua mente que talvez ele tivesse realmente feito algo errado. Gabrielle nunca perguntou a Luca sobre os corpos dos dois albaneses que dispararam contra a casa dela ou sobre o trabalho que faz fora do restaurante.

Ele estava na máfia.

Ela era uma policial.

Eles eram e sempre estariam em lados opostos da lei.

Vinte e Quatro

— Ei, Gaby. Você está bem? — Jeff se inclinou sobre a divisória de Gabrielle apenas momentos depois de ter tomado o primeiro gole do café da manhã. — Você parece cansada.

— Sim. Apenas... não dormi bem na noite passada. — agora isso era um eufemismo. Ela passou a noite inteira tentando descobrir qual agência de polícia levou Luca e em que departamento ou cadeia ele estava. Gabrielle nunca percebeu quantas agências haviam no LVPD ou como era difícil rastrear uma prisão.

— Você não parece estar bem.

— Devo estar resfriada. — ou talvez ela tenha ficado rouca no telefone fazendo as mesmas perguntas de novo e de novo.

— Você quer ir almoçar? A lanchonete da estrada faz uma ótima sopa de macarrão com frango.

— Não, obrigado. Não estou com fome. Você precisa de algo?

— Eu tenho boas notícias. — seu rosto se iluminou e ele levantou um telefone. — Tenho uma pista sobre o cara que vandalizou meu carro. Carreguei o telefone dele para ver se conseguia decifrar a senha e alguém ligou procurando por Paolo.

— Paolo? — Seu sangue gelou e ela olhou para o telefone. O jovem associado de Luca se chamava Paolo. Ele cuidou de Matteo quando encontraram o cadáver, e Paolo viajou com eles no carro até a casa da Sra. Rizzoli para o jantar de domingo. — Algum sobrenome?

— Não, ele desligou quando perguntei quem era, e o maldito telefone não me deixava acessar os contatos ou qualquer informação sem a senha. Mas tenho o seu número. Vou pesquisar para ver se consigo um endereço ou algum tipo de registro. Talvez eu tenha sorte

e seja alguém ligando de um telefone fixo. Mas se isso não funcionar, coloquei um rastreador no telefone. Da próxima vez que alguém ligar, vou rastrear o número e usar o amigo para encontrá-lo. Gabrielle apertou a mão em um punho no colo. Não poderia ser uma coincidência que um cara com o mesmo nome do funcionário de Luca estivesse em sua casa na mesma noite em que Luca apareceu. Paolo era jovem, e parecia um garoto legal, embora ela não soubesse por que ele jogou uma pedra na janela do carro de Jeff. Gabrielle precisava avisá-lo, ou melhor ainda, precisava colocar as mãos no telefone.

— Isso é um grande esforço para encontrar um vândalo de carros.

— Ele me deve dois mil dólares pelos reparos porque a pedra bateu no capô e danificou a pintura. Acho que o tempo gasto valerá a pena quando o pegar.

Ela olhou para os arquivos em sua mesa, quase riu ao ver a solução literalmente encarando-a no rosto.

— Você veio ao lugar certo. — disse ela, sorrindo. — Telefones perdidos são minha especialidade. Estou procurando uma rede criminosa que os compra e os envia para o exterior, então tenho cópias de todos os relatórios de telefone que faltam na cidade. Por que você não deixa aqui? Vou ler a papelada e ver se alguém relatou isso.

— Obrigado, mas acho que vou rastrear esse cara eu mesmo.

Droga. Ela se esforçou para pensar em outra maneira de colocar as mãos no telefone.

— Bem, pelo menos deixe-me anotar o número de série assim posso passá-lo no banco de dados. Com esses modelos antigos, o número está gravado no chip SIM.

— Boa ideia. — Jeff deu-lhe o telefone e ela usou um clipe de papel para remover o chip SIM do lado do dispositivo. Depois de copiar o número e substituir o chip, ela devolveu o telefone. Gabrielle só podia esperar que Paolo pudesse usar o número para desligá-lo. Jeff enfiou o aparelho no bolso.

— Eu preciso manter isso comigo, no caso de um dos amigos dele ligar novamente. — explicou ele quando ela levantou uma sobrancelha perguntando.

— De jeito nenhum vou perder uma ligação. Alguns trabalhos você só tem que fazer sozinho.

Gabrielle olhou para os arquivos em sua mesa e suspirou.

— Isso é o que eu pensava, e então levei um tiro e agora todo mundo está caçando Garcia, exceto, eu.

Jeff deu um tapinha nas costas dela.

— Você está sentindo pena de si mesma?

— Suponho que um pouco. Estou de volta onde comecei. Sentada em uma mesa, empurrando papel enquanto ele está lá fora, matando pessoas e vendendo drogas que destroem vidas. Eu só queria impedi-lo de machucar as pessoas.

— Pensei que você queria vingança. — disse Jeff, inclinando-se em sua partição. — Você desistiu disso?

— Sim. — A palavra escapou antes que ela pudesse pegá-lo, mas parecia certo. A vingança era um lugar frio, vazio e solitário, sem alegria, amor ou felicidade. Luca mostrara a ela que havia outra coisa pela qual vale a pena viver. Ele a fez olhar para a frente, não para trás, para um mundo novo, excitante e cheio de esperança e possibilidade, um mundo pelo qual vale a pena lutar. Gabrielle ainda queria Garcia preso, mas não por David. Queria que ele saísse das ruas para que os garotinhos ao entrar no restaurante dos pais deles não corressem o risco de ver um homem pendurado em um congelador de carne, e assim as pessoas não destruiriam suas vidas com drogas e deixariam que suas famílias sofressem.

— Eu ainda quero justiça — ela continuou. — Vou manter meus dedos cruzados para que o agente Palmer e sua equipe o encontrem logo para que ele possa passar o resto de sua vida na prisão. Só queria estar envolvida.

— Hey — Jeff zombou e deu um sorriso. — Você sabe que é o melhor. Você estava perdendo seu tempo perseguindo um cara que nunca vai ser pego. Agora, em vez de bater a cabeça contra a parede, você pode se concentrar em algo positivo. Há muitos ladrões lá esperando por você para pegá-los. Eu sei que você está desapontada por estar fora do caso, mas você nem sempre toma as melhores decisões, então é bom que o agente Palmer finalmente tenha pego o caso.

— O que você quer dizer com não tomo as melhores decisões?

Jeff encolheu os ombros.

— Veja a aventura que você teve com aquele mafioso.

Seu sangue gelou.

— Que mafioso?

— O cara que conheci na sua casa. Luca Rizzoli. É italiano. Violento. Gere um restaurante no centro da cidade. Ele tinha máfia escrito em cima dele. Quero dizer, vamos lá, Gaby. Você é uma policial. Você não suspeitou quando ele apareceu em sua casa e apenas algumas horas depois dois caras chegaram com AKs e começaram a disparar? Você não fez a conexão?

Não, ela não fez a conexão. Gabrielle sempre pensou que Garcia enviou os atiradores e eles estavam atrás dela. Talvez estivesse errada. E se Gabrielle se enganou sobre isso, poderia estar errada sobre outras coisas, como o quão envolvido Luca realmente estava no mundo da máfia.

— E então ele me ataca? — Jeff continuou, sua voz subindo com indignação. — Um policial? Você estava arriscando sua carreira por quê? Luca Rizzoli era realmente tão bom na cama?

— Jeff, você passou dos limites. — ela se levantou, cruzando os braços sobre o peito, uma versão mais ousada, mais forte e mais assertiva de si mesma. — Ele é dono de um restaurante. E nunca me disse sobre ligação com a máfia.

— Ele não pode. Está preso por *omertà*, um juramento de sangue de silêncio. Ele vai morrer antes de dizer qualquer coisa a alguém. Embora com o incentivo certo, você pode fazer qualquer um falar.

— Eu não sei nada sobre Luca ser parte da máfia, e estou desconfortável em ter essa discussão com você. — apesar da pequena semente de dúvida que Jeff plantou em sua mente, ela estava com muita raiva dele. Ele foi longe demais. — Uma coisa é ficar com ciúmes. Algo totalmente diferente é você o acusar de ser um criminoso. O estômago dela se contraiu com a ironia. Luca acabara de ser preso por acusações criminais e ali estava Gabrielle defendendo-o.

— Desculpe. — ele ergueu as mãos em falsa derrota. — Apenas me preocupo com você. Não quero que você se machuque novamente. Caras como esse fazem muitos inimigos e acabam mortos. Você precisa de alguém estável em sua vida. Alguém que sempre estará presente para você. Alguém que você conhece e confia.

— Gabrielle Fawkes?

Ela olhou para cima quando o mensageiro interno colocou um enorme buquê embrulhado em papel laminado em sua mesa.

— São para mim?

— Ainda maior que o último. Alguém realmente se importa.

Seu coração pulou uma batida enquanto ele se afastava. Luca deveria estar sob fiança e tentando se desculpar. Ela abriu a embalagem e o nariz enrugou com as cores ousadas, espalhafatosas e arranjos berrantes. As flores eram o oposto de qualquer coisa que ela teria escolhido para si mesma. Até mesmo o cheiro era avassalador, espesso e doentio como um perfume rançoso. Gabrielle pensou que Luca a conhecia, mas talvez estivesse errada sobre ele em mais de uma maneira.

— Você não parece feliz — disse Jeff, franzindo a testa.

— Elas não são realmente... — ela parou, não querendo dizer nada de ruim sobre Luca na frente de Jeff.

Lutando para esconder sua aversão, ela abriu o cartão.

Saudades. Vamos começar de novo. Jeff.

— Jeff? — ela olhou para ele em choque. — Você as enviou? Elas são... — berrantes. Ostensivas. Inapropriadas. Inquietantes.

— Bonitas. Eu sei. E diferente do que você está acostumada, mas diferente é bom. — ele se inclinou e beijou sua bochecha. — Mulheres bonitas devem ter lindas flores, especialmente no que será o começo de uma grande semana. Amanhã vou fazer o jantar para você. Vou cozinhar um prato especial mexicano e vou levar para a sua casa com uma garrafa de vinho. E na quarta-feira, tenho outra surpresa... uma brilhante.

— Jeff. Eu não...

— Eu faço uma grande *cochinita pibil*[19] — ele gritou enquanto se afastava. — Quase tão boa quanto minha mãe costumava fazer. Vejo você amanhã às sete. E desta vez não aceito um não como resposta.

Luca sacudiu as mãos, testando as algemas de aço ao redor de seus pulsos. A corrente que as prendia à mesa de metal na sala se contorcia, estava muito nervoso e agitado de ter sido deixado inconsciente quando foi preso na traseira da van da polícia. Fale sobre a porra da brutalidade policial.

E que tipo de sala de interrogatório policial era essa? Nenhum espelho de fundo falso. Nenhuma câmera, tanto quanto pudesse ver. As telhas do teto estavam manchadas e rachadas, revelando vigas frágeis, canos enferrujados e fios elétricos expostos. Uma única lâmpada projetava um brilho forte sobre as paredes de blocos de concreto. Parecia o porão de alguém. Onde diabos estava todo o

[19] **Cochinita pibil** - é um prato típico da culinária de Yucatán, e consiste em carne de porco marinada com achiote, laranja amarga e vários condimentos, cozinhada no forno, dentro de folhas de banana-da-terra.

dinheiro dos seus impostos? O departamento de polícia precisava muito se atualizar. Bem, não estaria aqui por muito tempo. Sem dúvida, Charlie Nails ou um dos outros advogados da família criminosa Toscani estariam a caminho para resgatá-lo e então eles iriam a tribunal e lidariam com quaisquer acusações que fossem feitas contra ele. Luca ainda não sabia por que estava aqui, embora se tivesse que adivinhar, eles provavelmente o ligaram aos albaneses que atiraram na casa de Gabrielle, ou talvez Jason Prince tivesse falado, ou alguém descobriu o golpe que ele e Nico deram para conseguir quinhentos mil do cassino?

Alguém como Gabrielle.

Cristo, ela o traiu como Gina o traiu. Teria ele calculado mal o quanto ela queria vingança? Ela estaria lá fora agora se preparando para se encontrar com o Garcia e se colocando em perigo de novo?

Foda-se. Luca não dava a mínima. Ele era gelo. Frio. Duro. Escuro de uma forma que não era antes da traição de Gina, porque só o amor poderia arrancar seu coração e deixá-lo sangrando na porra do chão. Luca não amava Gina. Mas ele amava Gabrielle. A amava tanto que estava cego.

Mas isso não fazia sentido.

A porta abriu-se e Jeff, o amigo policial de Gabrielle, entrou ao lado de dois dos policiais que o prenderam no cassino. Um olhar para o rosto de Jeff e seu intestino torceu em aviso. Isso estava prestes a se tornar pessoal de uma forma muito dolorosa.

— É bom ver você de novo, Rizzoli. — Jeff se esparramou na cadeira do outro lado da mesa. — Você parece estar sempre onde o problema está.

— Não falarei sem meu advogado.

— Acho que vou ter que fazer a conversa. — Jeff sorriu. — Então, primeiro temos dois albaneses que estão comandando um trabalho de proteção para um traficante chamado Garcia, que inclui uma loja de conveniência e uma boate na mesma rua de seu

restaurante. E então um dia eles desaparecem. Onde você acha que foram?

— Talvez voltaram para a porra da Albânia.

— Acho que não. E nem o Sr. Prince, o dono da boate que lhe paga dinheiro toda semana para protegê-lo. Ele nos disse que você falou que eles foram nadar permanentemente. — o merda do Prince estava prestes a perder a pouca participação que tinha em seu negócio, bem como um par de membros. Mas Luca não estava preocupado. Prince não tinha nenhuma prova concreta que o ligasse ao crime.

— A extorsão é contra a lei, senhor Rizzoli.

— Fico feliz em saber que você passou no exame na escola de polícia. E por que diabos você está envolvido com isso? Pensei que você estivesse na Narcóticos.

Jeff levantou o tornozelo até o joelho e recostou-se na cadeira.

— Tenho uma gama diversificada de interesses, incluindo prender pessoas que tentam ganhar dinheiro com cassinos. Quanto aos albaneses, acho que eles estavam operando em território que você achava que era seu.

— Meu território é um restaurante além de dez metros de mesas ao ar livre e dez vagas de estacionamento lá atrás. Eu mijo em todos os cantos para que todos saibam que é meu.

O nariz de Jeff se enrugou ligeiramente em desgosto. Boa. Ele queria uma reação porque estava começando a suspeitar que Jeff não tinha nada sobre ele, embora como sabia que deveria falar com Prince?

— E depois houveram os dois caras que atiraram na casa de Gabrielle quando você estava lá. Eram albaneses também. Novamente, ligados ao Garcia. Ele deve estar muito chateado por alguém tirar sua força de trabalho. Nós os achamos no deserto, a propósito. Os albaneses foram tão espancados que seus rostos estavam cheios de calombos. Mas não morreram das surras. Eles

morreram por serem imobilizados de uma maneira muito especial, estavam amarrados como porcos. Sabe o que aquilo é?

— Estou no negócio de restaurantes, não no negócio de suínos. Não posso dizer que sim. — o suor escorreu pelas suas costas. Luca odiava que brincassem com ele. Se Jeff tinha algo sobre ele, queria saber.

— É uma forma muito engenhosa e dolorosa de morrer — continuou Jeff. — Quando eles lutaram para escapar, eles se estrangularam. — Jeff mudou seu peso.

— Você sabia que apenas a máfia usa esse tipo de coisa?

Luca deu de ombros.

— Então acho que você deve procurar por alguns mafiosos.

— Ou poderia procurar por um mafioso em particular que queira esses albaneses mortos. Digamos, por exemplo, alguém que estivesse com raiva por ter atacado a casa da sua namorada enquanto ele estava lá dentro transando.

A mão de Luca se apertou em um punho ao seu lado. Essas últimas palavras contaram tudo o que ele precisava saber. Jeff estava chateado que Gabrielle escolheu Luca em vez dele, e usaria a lei para se vingar.

Não reaja. Não reaja. Mas era tão difícil.

— Acho que qualquer homem ficaria irritado se ele fosse interrompido enquanto estava transando com sua garota — disse ele uniformemente. — Mas acho que você não saberia sobre isso.

Porra. Ele precisava controlar sua boca, mas tudo sobre Jeff o irritava, do rosto demente para sua atitude arrogante, e do fato de que ele era um policial para seu desejo flagrante por Gabrielle.

Minha.

Aparentemente não afetado pela pequena boca de Luca, Jeff cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que você puniu os albaneses por ter atirado na casa de Gabrielle, e você lidou com isso da mesma forma que todos os mafiosos lidam com essas coisas, com total falta de respeito tanto pela lei quanto pelas pessoas que podem ser prejudicadas por suas ações. Você tem sorte que Garcia não tenha te encontrado primeiro. Não posso imaginar, que ele deixaria quatro mortes impunes. Aliás, assassinato também é contra a lei.

— Eu entendo. — Luca fingiu uma risada.

— Eu sou italiano, então devo ser da máfia. Bem, desculpe desapontar. Tenho um restaurante. E pago meus impostos. Você quer ver os livros ou fazer um tour pela minha cozinha, estarei feliz em o ajudar. — Luca estava tão cansado disso. — Você tem outras histórias interessantes que queira compartilhar comigo? Mais coisas que você aprendeu na academia de polícia? Tenho direito a uma ligação.

O rosto de Jeff se apertou e ele tirou um celular do bolso.

— Há uma última coisa. Alguém vandalizou meu carro no lado de fora da casa de Gabrielle. Mais uma vez, você estava lá. Eu peguei o telefone dele. Consegui obter um nome. Paolo. Você conhece algum Paolo?

— Eu conheço muitos Paolos. — ele disse cuidadosamente — E um nome italiano comum.

— Claro que é. — Jeff colocou o telefone longe.

— Estou apenas esperando que alguém ligue para ele novamente. Eu coloquei um rastreador no telefone. Vou encontrar o amigo dele e depois vou encontrá-lo. Nada me irrita mais do que alguém danificar o meu carro. — Jeff hesitou. — Na verdade, há uma coisa que me irrita mais e é alguém que transa com minha garota.

— Aí está. — Luca riu de verdade dessa vez. — Por que você não é apenas um homem e admite que é realmente por isso que estou aqui? Você obviamente não tem nada sobre mim ou você não estaria jogando merda sobre os albaneses e mafiosos e esperando que algo grude.

— Na verdade, tenho a garota. — Jeff sorriu. — Gabrielle vai jantar comigo amanhã à noite. Ela adora comida mexicana e estou fazendo algo muito especial. Pena que você não poderá se juntar a nós e expandir seu repertório culinário. Mas, graças a Gabrielle, você passará algum tempo em uma cela muito especial onde homens como você pagam por seus crimes, e acho que a comida será a menor das suas preocupações durante a sua estadia.

Então Gabrielle o traiu? Não fazia sentido. Primeiro, exceto pela infeliz situação com Little Ricky, e a visita não intencional ao clube, ele foi cuidadoso em manter suas atividades relacionadas à máfia calmas para que ela nunca estivesse em uma situação de conflito. Gabrielle não tinha conhecimento, dos crimes que Jeff o acusou de cometer. Em segundo lugar, não era o tipo que traia. Embora ela decidisse trabalhar com ele para encontrar Garcia, seus motivos eram altruístas. No fundo, era uma boa pessoa, uma protetora que sempre colocava os outros antes de si mesma. Por que arriscar a vida dela para salvá-lo no clube se planejasse prendê-lo? E terceiro, Gabrielle o amava. Embora nunca tivesse dito as palavras, Luca viu em seus olhos, ouviu em sua voz, sentiu quando estavam juntos. O amor a destruiu e ela teve medo de abraçá-lo novamente, mas os sentimentos estavam lá do mesmo jeito. Então, como diabos ele terminou aqui?

— Que crimes? — ele perguntou a Jeff. — Que provas você tem? Do que diabos você está me acusando?

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Jeff.

— Crimes do coração.

Gabrielle dirigiu pela sua rua, olhando para o sol do fim da tarde. Incapaz de se concentrar depois da visita de Jeff, ela levou o resto do dia visitando todas as delegacias de polícia, centros de detenção e prisões, tentando encontrar Luca. Não havia registro de sua prisão em nenhum banco de dados, o que significava que Luca

não foi processado ou acusado, e como não conseguia encontrá-lo em nenhuma sala de espera, centro de detenção ou sala de interrogatório, Gabrielle teve que concluir que ele foi libertado pouco depois que a polícia o prendeu e ficou zangado demais para ligar.

Por que os policiais acham que ela ligou para dar uma dica sobre Luca? Gabrielle tentou encontrá-los, mas ninguém se lembrava de três policiais entrando em qualquer centro de detenção na noite anterior com um homem da descrição de Luca, e os policiais que cobriram a Freemont Street Experience, onde o casino de Nico estava localizado, não foram informados sobre a prisão. Bem, não iria desistir. Gabrielle mandou uma mensagem para Luca e deixou mensagens de voz, e continuaria enviando mensagens de texto até que ele respondesse. Ela parou na frente da casa e gemeu quando viu o caminhão de Clint estacionado em um ângulo na entrada da garagem. Droga. Ele não deveria estar aqui. Nicole tinha uma ordem de restrição e Clint estava proibido de ir à casa ou ao seu cassino.

Ela pegou o telefone para informar sua violação da ordem e depois recuou. Clint sabia sobre a ordem de restrição. Sua presença aqui era deliberada, e ela tinha uma forte sensação de que ele não veio pedir desculpas e confessar seu amor. Ele claramente não se importava com sua recente condenação ou com a multa que tinha de pagar ou mesmo com as repercussões de aparecer em casa. Chamar a polícia da última vez não fez diferença. Por que isso faria diferença agora?

Luca teria feito a diferença. Ela tinha certeza que Clint não estaria aqui se ele tivesse passado dez minutos em um beco escuro com Luca.

Ou com ela.

Você foi magnífica.

Claramente certo. E embora ela ainda acreditasse na lei, Luca a fez ver que o mundo não era preto e branco; havia tons de cinza onde mafiosos e policiais poderiam estar juntos e maus atos poderiam ser punidos com justiça de outro tipo.

Foda-se Jeff e suas flores berrantes e seus chavões. Ele não era amigo dela. Amigos não quebravam sua porta ou insistiam que você devia a eles porque estavam lá quando você precisava deles. Amigos dão e não esperam nada em troca. Amigos viam o coração e lhe diziam as verdades que você precisava ouvir.

Foda-se o agente Palmer e a pilha de casos em sua mesa. Ela não era dada a papelada. Não queria vingança, mas queria justiça. Trabalhou muito duro para isso e ninguém iria tirar isso dela.

Foda-se Luca, que se recusava a atender suas chamadas. Gabrielle não fez nada de errado. E se Luca não fosse até ela, iria até ele. Gabrielle o amava e o deixaria saber.

Seu coração rebelde bateu no peito enquanto enfiou o distintivo sob o assento e tirou o coldre e a arma. Se Clint estivesse dentro de joelhos implorando perdão, ela o deixaria em paz. Mas se ele machucasse Nicole de alguma forma, aprenderia a lição que deveria ter aprendido no beco. A lição que aprendeu com o mafioso que roubou seu coração.

Ninguém fode com as amigas dela.

Com o coração batendo forte, ela cruzou o jardim e abriu a porta da frente. Gabrielle podia ouvir Max latindo no quintal, algo que nunca faria se estivesse tudo bem. Respirando fundo, entrou na sala de estar, ainda cheirando a tinta fresca e serragem. Clint estava de costas para ela, quando ele bateu com o punho no rosto de Nicole.

— Estúpida, feia, puta de merda. — ele rosnou. — Isso é o que você ganha por chamar os malditos policiais. Você merece isso, Nic. Você pediu por isso. Você e aquela boceta que ficou no caminho. Eu não dou a mínima que ela é uma policial. Não tenho medo dela.

— Você deveria ter. — disse Gabrielle da porta. — Você deveria estar com muito medo.

Levou três minutos para lhe ensinar uma lição que Clint nunca esqueceria, e dois minutos para arrastar o corpo flácido para fora da porta. Embora Gabrielle tivesse gostado de dar uma de Máfia e despejá-lo no deserto, ela não era forte o suficiente para levantar um

homem inconsciente de duzentos quilos em uma picape, mesmo com a ajuda de Nicole. Mas ela rolou ele escada abaixo e chamou a polícia para relatar um ataque, e os paramédicos relataram uma queda acidental. Sem dúvida, Clint seria acusado de agressão e violação da ordem, mas Gabrielle sabia que isso não o manteria longe. Era a fúria de seus punhos e o calor de sua raiva. Foi sua recusa em reconhecer limites e sua disposição em assumir riscos e violar regras. E talvez, se calhar, foi o medo que Gabrielle colocou no coração quando disse a ele, o que aconteceria se chegasse perto de Nicole novamente. Algo sobre... gravatas. Luca teria ficado orgulhoso.

Vinte e Cinco

Paolo enfiou o punho na boca para abafar um gemido enquanto Frankie varria o clube toscano procurando por escutas usando um pequeno detector de vigilância portátil.

Isso estava ruim. Muito mau.

Sr. Rizzoli desapareceu. Aquele maldito policial com seu telefone. O corpo dele estremeceu com a dor da ressaca. Seu rosto ainda ardia, com o soco que Michele Benni lhe deu, quando ele estava alto durante o encontro e deixou suas mãos vagarem livremente.

Paolo precisava muito de uma dose. Uma cheirada e a dor iria embora. Ele sentiria aquela dormência abençoada que tornava a vida de perdedor muito mais fácil de suportar. Mas como ajudaria o Sr. Rizzoli se sua mente estivesse fodida? Paolo queria uma dose, mas queria ajudar mais o Sr. Rizzoli, e isso não aconteceria se cedesse ao desejo.

— Está limpo. — Frankie gritou. — Don Toscani pode entrar.

Frankie era um bastardo de coração frio que nunca teve uma palavra gentil para Paolo, mas se Paolo pudesse escolher um emprego na equipe de Rizzoli, seria para fazer um dos trabalhos que Frankie fazia. Não seu trabalho como executor, Paolo não tinha estômago para violência, mas o trabalho como guarda-costas. Paolo gostava de cuidar do Matteo antes da esposa do senhor Rizzoli morrer. E ele se sentiu bem, quando jogou a pedra para proteger Gabrielle. Não conseguiu proteger sua mãe, mas conseguiu compensar isso protegendo outras pessoas. O problema era que Paolo não tinha um corpo de guarda-costas e estava ficando mais magro a cada dia, porque quando ele estava chapado, se esquecia de comer. Paolo não teve muitas oportunidades de ver Don Toscani em ação e nunca foi formalmente apresentado ao grande chefe. As apresentações nunca

são feitas até que você se torne um soldado ou um associado altamente confiável. Um dia, talvez, conseguisse apertar a mão de Don Toscani, mas por enquanto seu trabalho era ficar à margem da sala, durante essa importante reunião até que um dos soldados de Luca precisasse dele.

— Explique-me rapidamente. — A voz de Don Toscani ecoou em torno do clube. Alto, largo, ombros largos e musculosos, ele dominava a sala apenas pela força de sua presença.

— Luca ainda está desaparecido. — disse Frankie. — Verificamos hospitais, centros de saúde, seu apartamento, a casa de sua mãe, o restaurante, os bares e clubes onde gosta de ir. O carro dele ainda está no cassino. Charlie Nails verificou a prisão da Cidade de Las Vegas e o Centro de Detenção do Condado de Clark. Ele também esteve nos centros de detenção em Henderson, Las Vegas e North Las Vegas. Ele verificou os bancos de dados on-line do Inmate Search e acessou todos os nossos contatos nas delegacias de polícia locais. Não há registro da prisão de Luca e ninguém se lembra de tê-lo visto.

Silêncio.

— E Gabrielle? — perguntou Don Toscani.

— Paolo sabe onde ela mora, então me levou para sua casa. — disse Mike. — Gabrielle estava no trabalho, mas conversei com sua colega de quarto, Nicole. Alguém bateu muito na Nicole e eu vou encontrar o filho da puta e fazê-lo pagar. De qualquer forma, ela disse que Gabrielle também estava procurando por Luca, sem sorte. Parece estranho que ela esteja envolvida em sua prisão. Mas quem sabe como os policiais pensam?

— Você acha que ele nos denunciou e entrou para a proteção a testemunhas? — Perguntou Sally G.

— Eu acho que é uma possibilidade. — Frankie tirou um pacote de cigarros. — Luca quebrou as regras para ficar com Gabrielle, e sabia que uma vez que tivéssemos García estaria acabado entre eles. Era ela ou nós. Talvez tenha feito a escolha errada e fugiu com

Gabrielle. Ou talvez a tenha deixado para trás também, como seu pai fez. Você não pode confiar naqueles Rizzoli.

O rosto de Don Toscani se apertou.

— Eu não acho que você entende, o quão profundamente a traição de seu pai o cortou. Toda a sua vida desde então tem sido sobre a restauração da honra, da família. Ele deu sua vida pela família, quase deu sua vida por mim. Luca morreria em vez de fazer o que o pai fez. Essa coisa com Gabrielle... não é o mesmo. Isso vem do coração.

Bang, Bang, Bang A porta da frente tremeu. Os guarda-costas de Frankie e Don Toscani correram para cercar o Don.

— Paolo. — Frankie gritou. — Vá checar as câmeras de vigilância.

Consciente de todos os olhos sobre ele, Paolo correu para a verificação dos monitores de vigilância na alcova junto à porta.

— Puta merda! É Gabrielle.

— Atire na cadela — alguém gritou.

Paolo olhou por cima do ombro e Frankie sacudiu a cabeça.

— Ela não é bem-vinda aqui. Diga-lhe para ir se foder no inferno.

— Estou procurando por Paolo. — a voz de Gabrielle era alta e clara através da porta de aço. — E se Luca está aí, tenho algo para ele.

— Ela não sabe onde ele está. — disse Paolo, meio para si mesmo. — Como Gabrielle pode não saber onde Sr. Rizzoli está, se fosse ela que fez com que fosse preso? Ou se o colocou na proteção de testemunhas? Ou se estivesse com ele?

— Luca! — ela gritou pela porta. — Se você está aí, é melhor você sair ou ligarei para o 911 e alertarei sobre um incêndio em seu maldito clube. Você não vai atrás do Garcia sozinho.

Paolo se virou.

— Ela disse...

— Ouvimos o que ela disse. — os lábios de Don Toscani estremeceram, divertidos. — Frankie, abra a porta.

Frankie sacudiu violentamente a cabeça.

— Nico...

Don Toscani levantou a mão, interrompendo o protesto de Frankie.

— Quero chegar ao fundo disso. Ela ficou genuinamente chocada, quando a polícia apareceu para prender Luca e ficou horrorizada por pensarmos que estava envolvida. Não acho que o trairia. Eu os vi juntos. O amor é cego, mas também é difícil fingir.

Com o maxilar apertado, olhos duros, sua desaprovação gravada em cada linha de seu corpo, Frankie abriu a porta. Gabrielle entrou e segurou os braços ao lado do corpo. Ela usava jeans apertados, uma blusa verde bem justa e uma jaqueta de couro preta que combinava com suas botas de couro pretas até o joelho. Os longos cabelos loiros caíram sobre os ombros e a boca de Paolo ficou cheia de água. Gabrielle estava tão quente que pensou que poderia derreter só de olha-la.

E então ele se lembrou da regra de olhar para a mulher de um homem e se resfriou olhando para o Frankie. Um maldito executor que tinha que ser feito de pedra, para não mostrar nenhum sinal, de estar afetado pela mulher bonita e ousada em pé na porta.

— Você vai querer me desarmar. — disse ela. — Eu também tenho um 22 na bota esquerda e uma faca na minha direita. O resto você terá que encontrar.

Amaldiçoando em italiano, Frankie lhe revistou e tirou suas armas. Paolo definitivamente queria o dever de guarda-costas, se isso significava que ele colocava as mãos em garotas gostosas. Embora talvez não tão perigosas quanto Gabrielle. Depois que Frankie

terminou de desarmá-la, Paolo contou três armas, uma *taser* e duas facas.

Gabrielle entregou outra faca para Paolo.

— Há um policial no meu escritório que tem seu telefone e ele está procurando por você. Avise seus amigos para não ligar para o número antigo porque ele está planejando rastreá-los para chegar até você.

Porra. Ainda outro erro voltando para assombrá-lo.

— Eu tenho mais duas armas em mim. — Ela desafiou Frankie com um olhar. — Mas não acho que Luca ficará feliz se você for procurá-las. Elas não estão em lugares de fácil acesso.

— Cristo mio. — cuspiu Frankie. — Ele comprou um monte de problemas com você.

Gabrielle deu de ombros.

— Luca é um homem que gosta de um desafio. Agora, onde ele está?

— Não sabemos. — Don Toscani encostou-se à mesa de bilhar, os braços cruzados sobre o peito. — Nós pensamos que você saberia.

— Liguei para todos os lugares e fui visitar todas as estações e centros de detenção. Ninguém tem um registro de uma prisão, não há registros policiais sobre ele ter sido preso, e não está no sistema de prisões. Luca não respondeu minhas ligações ou textos, então imaginei que, ou ele acha que eu tinha algo a ver com o que aconteceu no cassino, ou pegou o dinheiro e foi ver Garcia sozinho. — a testa franzida de preocupação. — Talvez Luca esteja lá. Talvez Garcia tenha conseguido ele.

— Eu tenho o dinheiro. — disse Nico. — Então é improvável que ele tenha ido atrás de Garcia. A única outra possibilidade realista é que Garcia o tenha. Ele pode estar tentando igualar o placar. Garcia perdeu três homens enquanto perdemos um.

O estômago de Paolo se contorceu em um nó. Ele nem sequer considerou a possibilidade de que Garcia pudesse ter raptado o Sr. Rizzoli. E se Paolo fosse ao restaurante e encontrasse o Sr. Rizzoli pendurado no congelador de carne como Little Ricky? O Sr. Rizzoli era como um pai para ele e como Paolo retribuiu? A última vez que esteve no restaurante, estava drogado e foi desrespeitoso.

A mão de Paolo se fechou ao lado dele, e estava quase sobrecarregado com a vontade de jogar o restante do estoque de drogas no banheiro. O que diabos ele estava fazendo com sua vida? Não havia ninguém que ele respeitasse mais do que o Sr. Rizzoli e, se estivesse morto, as últimas lembranças de Paolo seriam contaminadas pela culpa de traficar drogas para o irmão viciado de Sr. Rizzoli, na casa de sua mãe e colocar seus pés na mesa do Sr. Rizzoli.

Gabrielle enfiou a mão na bolsa. Pelo menos oito armas deixaram os coldres e apontaram na direção dela. Alarmado, Paolo se moveu para o lado dela. Ela ainda estava sob a proteção do Sr. Rizzoli e, como ninguém mais da tripulação do Sr. Rizzoli estava se adiantando, o fardo de protegê-la caiu sobre ele.

Gabrielle deu um suspiro exasperado. Ela realmente não parecia ter medo dos *wiseguys* ou das armas. Tinha bolas de aço. Paolo queria ter bolas como ela.

— Embora seja lisonjeiro pensar que vocês estão tão apavorados comigo que precisam de várias armas apontadas na minha direção; — disse ela — Eu estava apenas tentando pegar meu telefone para poder compartilhar as informações que tenho sobre Garcia para podermos trabalhar juntos para encontrá-lo.

— Nós não trabalhamos com a porra dos policiais. — Frankie olhou para Gabrielle. Paolo estremeceu. Ninguém queria estar no lado errado da carranca de Frankie.

Exceto, aparentemente, Gabrielle. Ela franziu o cenho para Frankie e suas mãos encontraram seus quadris.

— Você está trabalhando com uma hoje porque, se Luca estiver com Garcia, você não vai encontrá-lo sem a minha ajuda.

— Não precisamos da sua ajuda.

— Sim? — ela se enfrentou com o formidável Frankie. — Então, qual é o seu plano? Você vai ligar para Garcia em sua linha pessoal e dizer: *ei, amigo, você sequestrou um dos meus caras? Você pode me fazer um favor e deixá-lo com os braços e as pernas intactos?*

Um arrepio percorreu a pele de Paolo quando percebeu para onde isso estava indo. Ele deu uma última olhada ao redor do clube, lembrando-se da primeira vez que entrou lá, seus sonhos de se tornar um *wiseguy* e como estava animado para dizer a sua mãe que ganharia dinheiro real.

— Nós temos o dinheiro. — Frankie respondeu. — Nós vamos ficar com o plano de Luca.

— Garcia sabe quem somos. — disse Don Toscani. Tony já lhe deu todos os detalhes. Provavelmente é assim que encontrou o Little Ricky. E se ele tiver o Luca, vai esperar que apareçamos se já não o tiver matado. Precisamos encontrar outro caminho.

Paolo estremeceu com as palavras duras de Don Toscani. O Sr. Rizzoli não poderia estar morto. Ele era um bom homem. Um homem honrado. Sr. Rizzoli cuidou de sua mãe e seu filho. Ele tentou de novo e de novo ajudar Alex. Levou uma bala pelo Don Toscani. Sr. Rizzoli protegeu Gabrielle. Paolo queria ser digno de seu mentor. Ele cometeu um grande erro com as drogas. Só precisava de uma segunda chance...

Ou ele poderia aguentar.

O coração pulou no peito. O Sr. Rizzoli lhe dera um sonho. Ele deu esperança a Paolo, e lhe deu perdão. Agora, Paolo ia pagar de volta. Pela primeira vez em sua vida faria a coisa certa. Ele seria digno. Mesmo que isso significasse que seu sonho estava perdido para sempre.

— Eu posso fazer isso. — disse ele. — Tenho uma forma de chegar até Garcia.

Vinte e Seis

Mesmo que Luca estivesse esperando a surra, o primeiro golpe veio como um choque, a batida de carne na carne foi um eco duro na sala. Ele puxou as algemas que prendiam as mãos sobre a cabeça e quase perdeu o equilíbrio no chão frio de cimento. Sua nova cela era muito parecida com a outra, exceto que essa tinha correntes no teto e manchas de sangue no chão.

Jeff riu.

— Não é tão durão agora sem seus amigos da máfia por perto.

— Eu possuo um restaurante. — e logo teria uma boate depois que colocasse as mãos no Prince. Preparando-se para o que estava por vir, Luca respirou fundo, inalando o ar fétido curiosamente atado com o cheiro doce do sabão em pó. Luca descobriu muito rápido que não estava em uma prisão normal. Não, isso parecia ser a câmara pessoal de tortura do Jeff, o que significava que ninguém sabia onde ele estava e ninguém viria atrás dele.

— Comida italiana. — Jeff bateu com o punho no queixo de Luca, enviando a cabeça de Luca para o lado. — Muito pesado. Estou fazendo para a Gabrielle uma *cochinita pibil* esta noite. Muito leve. Muito saborosa. Combinei com uma garrafa de *Tarapaca Gran* Reserva 2009 *Cabernet Sauvignon*. Gabrielle ama seu tinto. Depois de dois copos, se torna muito carinhosa. Normalmente, só fico abraçado com ela no sofá, tão chato, mas esta noite acho que estamos prontos para o próximo passo. Obviamente superou a morte de David se esteve transando com você.

Ele deu mais dois golpes, cada um mais dolorido do que o outro, mas a dor física empalideceu em comparação com a raiva que sentiu ao pensar naquele bastardo doente em qualquer lugar perto de Gabrielle.

— Apenas pense. — Jeff continuou.

— Você estará aqui, pendurado no teto. E eu estarei lá, fazendo-a minha. — ele se moveu para o lado e deu um soco poderoso no rim de Luca, enviando uma onda de náusea pelo estômago dele. — Na verdade, ela sempre foi minha. Apenas levou um tempo para perceber.

— Foda-se.

— Na verdade, fodo com ela. — Jeff se moveu novamente, socando Luca com abandono.

Luca grunhiu, mas não cedeu à dor. No que diz respeito a espancamentos, e ele passou por alguns, isso não era tão ruim.

— Isso é o que vou fazer. A menos que você me diga que você está na máfia... Então tenho que repensar como isso acaba. Nem eu quero uma vingança da *Cosa Nostra* na minha cabeça. Terei que ter mais cuidado com o descarte. Eu ouvi que o Lago Mead é muito profundo.

— Eu possuo um restaurante. — nada faria ele quebrar a *omertà*. Luca morreria antes de admitir que estava na máfia.

— Agora você possui um restaurante. Mas quando eu terminar com você, tenho a sensação de que você vai me dizer outra coisa. Jeff inclinou o pescoço de um lado para o outro, saltou para cima e para baixo como se estivesse em um ringue de boxe ou brigando no ginásio.

Ele vestiu-se claramente para um treino na sua camiseta do seu LVPD e calça de moletom, dando-lhe liberdade de movimento para o chute circular que fez Luca balançar em suas correntes.

— De qualquer forma, eu ganho. — ele continuou bufando. — Se você admitir que está na máfia, fico com a garota, junto todos os seus amigos e associados em uma prisão que impulsionará a minha carreira, e finalmente vou conseguir a promoção que David roubou de mim.

Luca não se importava com o ciúme de Jeff em relação a David, mas falar sobre isso parecia distraí-lo da surra, então manteve a boca fechada e imaginou todas as diferentes maneiras que Jeff iria sofrer quando saísse daqui. Ele não conseguia descobrir se isso era apenas sobre Gabrielle ou se havia algo mais, mas estava claro que Jeff se descontrolou.

— Ela sempre deveria ser minha. — Jeff trocou de lado, deu um chute brutal no rim que ele acabou de chutar. Luca cerrou os dentes e se concentrou em respirar com a dor.

— Nós dois a ensinamos, demos aulas para ela — disse Jeff.

— Eu a conheci primeiro, mas não pude convidá-la para sair por causa das malditas regras sobre namorar com recrutas. David sabia que a queria. Costumávamos beber juntos no final do dia e ele me ouvia falar sobre ela. — Jeff olhou para Luca como se Luca tivesse roubado sua garota. Mas então, de certa forma, ele tinha.

— No dia em que Gabrielle se formou, fui comprar flores para ela — continuou ele.

— Gabrielle ama flores. Mas a fila era muito longa e, quando cheguei lá, já era tarde demais. David chegou até Gabrielle primeiro. Ele a convidou para sair assim que saiu do palco, e ela disse que sim. — Jeff deu um soco no estômago dele e a visão de Luca ficou embaçada.

— Que tipo de amigo faz isso? — ele gritou. — David sabia que eu estava comprando as flores. Sabia o porquê. Sabia que a queria. David me traiu. Fiz tudo para recuperá-la. Sacrifiquei tudo para poder ter mais dinheiro, uma casa maior, um carro melhor...

Luca já sabia como a história terminava. Gabrielle não era esse tipo de mulher. Ela colocava o coração em tudo o que fazia, e quando dava seu coração, dava tudo. Ele não tinha dúvidas de que ela amava David profundamente, e longe de sentir inveja, isso só o fazia a querer ainda mais. Luca estava grato por cada dia que David passara com Gabrielle. Não só porque significava que realmente fora amada, mas também porque ele a salvara daquele monstro.

— Eu não tive uma chance. — Jeff cuspiu. — Nem mesmo com todo o dinheiro. Ele era perfeito para caralho.

Com um rugido, ele se lançou em Luca, esmurrando-o com punhos e joelhos. O corpo de Luca se curvou sob a força dos golpes, seu cérebro embaralhou com a dor, até que tudo o que podia pensar era agradecer a Deus que David chegou até ela primeiro.

— Gabrielle não se importa com você. — Jeff abaixou o braço e ofegou, sua camiseta escura de suor. — Ela te denunciou. Foi assim que meus oficiais souberam onde você estava na noite passada, como soube sobre os albaneses. Foi tudo montado. Ela me contou tudo sobre você.

Longe de destruí-lo, as palavras de Jeff deram força e esperança a Luca. Gabrielle não contou nada para Jeff. Luca sabia disso em seu coração, sabia que era uma mentira, porque ele nunca contou a Gabrielle sobre os albaneses. Ela nem perguntou. Gina o enganou porque realmente não a conhecia. Mas Gabrielle fazia parte de sua alma.

O estômago de Luca se agitou quando Jeff pegou um chicote de várias caudas de uma coleção de instrumentos de tortura em uma mesa perto da parede e andou atrás de onde Luca não seria capaz de ver para se preparar para os golpes.

Cristo Santo. Se ele conseguisse sair daqui vivo, iria se confessar, não importando quanto tempo demorasse.

A dor cobria suas costas como mil abelhas ardentes. Jesus Cristo. Luca não tinha ideia de onde estava, mas não estava em uma delegacia de polícia, onde poderia ter esperado que alguém interviesse. Ele podia não confiar no sistema legal, mas havia pelo menos limites para o que um policial poderia fazer sob a lei. A menos, claro, se ele não fosse um policial sujo.

— Você realmente pensou que deixaria você tê-la? — Jeff perguntou. — Depois de todo o trabalho que tive e tempo que esperei? Eu desisti de tudo por ela. Fiz coisas que nunca imaginei que faria.

Esperei dois anos para ela superar a morte de David, e então você entra e tenta roubá-la.

Outra batida do chicote. Outra linha de dor angustiante. Apesar de sua determinação, Luca grunhiu com a pura agonia e se aterrou concentrando-se em permanecer vivo para salvar Gabrielle do monstro que espreitava sob a superfície do homem que ela considerava um amigo.

— E então descubro que você está mexendo com a porra do meu negócio também. — os golpes vieram mais rápido, rasgando suas costas, e ficou mais difícil se concentrar nas palavras de Jeff enquanto ele lutava para conter a dor.

— Tudo... Sexo... Flores... Cassino... Ironia... Igreja... Sua mãe... Patético... Filho.

Uma pausa. Sangue bateu em suas orelhas, abafando tudo, exceto o frenético baque de seu coração.

— Você está me ouvindo? — loucura tingia a voz de Jeff e Luca caiu em suas correntes, estremecendo. Ele suportou tortura e espancamentos, balas e ossos quebrados. Mas nunca suportou nada assim.

— Jeff.

Luca levantou a cabeça na direção da voz desconhecida. Eles não estavam sozinhos. Em algum momento durante a surra alguém entrou, e ele nem percebeu. Luca estava perdendo, e precisava se recompor ou Gabrielle nunca estaria segura.

— Pare um pouco. — disse o visitante. — Você vai matá-lo, e se ele está na máfia, você está assinando uma merda de sentença de morte para todos nós.

— Cala a boca. — Jeff rosnou. — Eu não tenho medo da porra da máfia. Nós só temos que ter mais cuidado quando nos livrarmos do corpo dele.

O coração de Luca subiu um pouco. Ele ouviu passos. O clique de uma porta.

Jeff pegou um chicote.

Então ele se ouviu gritar.

— Cristo santo. Olhe para você. Luca vai me encher de chumbo por te deixar conhecer Garcia vestida assim.

Gabrielle puxou seu top sob o olhar de avaliação de Frankie. Posar como a namorada de dezoito anos de Paolo tinha suas desvantagens, ou seja, as roupas ultra apertadas que dificultavam a ocultação de sua arma. Paolo lhe mostrou uma foto da garota com quem estava namorando e Gabrielle fizera o possível para vestir-se da mesma maneira, vestindo um par de jeans super apertados, uma blusa branca decorada com grandes joias cor-de-rosa, botas cor-de-rosa e uma jaqueta preta e uma grande carteira ostentando um G gigante e rosa. Depois de ter acrescentado uma peruca preta, boné cor-de-rosa, óculos de sol cor-de-rosa e joias cor-de-rosa, Paolo declarou que ela era "fofa".

— Apenas diga a ele que não dei a você uma escolha. — ela disse para Frankie.

Frankie riu.

— Se você fosse qualquer outra mulher, escaparia com essa desculpa. Mas você... eu poderia sair com apenas alguns membros quebrados. Se eles o tiverem e ele der uma olhada em você, não teremos que o libertar. Luca vai quebrar a porra das paredes.

— Vou tomar isso como um elogio. — ela se inclinou contra seu Chrysler 300C, enquanto o resto da tripulação estacionava em torno deles no posto de observação turística da cidade.

— Pelo menos você vai manter os caras distraídos. — disse Frankie. — Dirigi algumas vezes por lá depois que o Paolo conseguiu o endereço para o encontro. Não tem muita coisa no lugar. Parece ser uma fazenda de quatro mil metros quadrados com um porão em um bairro suburbano de classe média. Ele tem câmeras em volta do perímetro e um guarda em cada porta. Não devemos ter nenhum problema em entrar para procurar por Luca se você fornecer a distração. É uma configuração estranha. Se eu fosse Garcia, estivesse sendo procurado pela polícia, sequestrasse um cara como Luca, não estaria me escondendo à vista.

— É uma estratégia muito eficaz. — Gabrielle girou uma de suas tranças falsas. — Garcia é muito bom em se misturar, e é por isso que tivemos tanta dificuldade em encontrá-lo. E ninguém nunca viu seu rosto. Mesmo quando pegamos revendedores de alto nível que conseguiram uma audiência pessoal, não puderam nos dar uma descrição. Ele é como um fantasma.

— E sou um caça-fantasmas do caralho. — Frankie deu um sorriso raro.

— O que isso faz de mim?

— Não sei. — Ele pegou um maço de cigarros. — Ainda não entendi você. Não confio em você. Não entendo por que você está arriscando sua carreira fazendo parte disso. Você poderia ter voltado para a delegacia de polícia, reunido seus amigos da polícia e invadido o local uma vez que Paolo lhe deu o endereço. Se algo der errado hoje à noite, você pode acabar morta, ou até mesmo na cadeia, se eles acharem que você está trabalhando para o lado errado.

— Eles me deixariam para trás. — disse ela. — Acham que eu estaria despreparada como antes. Mas não quero mais, me vingar. Depois que conheci Luca, percebi que isso me deixou vazia por dentro. Há mais na vida. Existe o futuro e quero ele nisso. Desta vez, estou aqui por Luca e, se conseguirmos pegar o Garcia enquanto o fizermos, ficarei feliz com qualquer tipo de justiça que você queira distribuir.

— Eu tenho algumas ideias... — ele puxou um cigarro. — Como você vai se proteger enquanto procuramos na casa? Paolo está com o seu ingresso para entrar, mas vai ser quase inútil em uma briga. Você está armada?

— Não foi fácil, mas consegui esconder uma 22 atrás das minhas costas. — ela arrancou o cigarro da mão dele e jogou-o em uma lata de lixo nas proximidades.

O sorriso de Frankie desapareceu.

— Que porra é essa?

— É um vício e vai te matar. Meu tio morreu de câncer de pulmão e meu irmão era viciado em drogas e morreu também. A vida é curta, Frankie. Aprendi isso da pior maneira. Não perca tempo fazendo algo que vai torna-la ainda mais curta.

— Talvez eu queira que seja curta. — ele pegou outro cigarro e acendeu.

— Talvez tenha encontrado a minha razão de viver, e perdido, então não há nada para esperar, exceto o estranho cigarro e a esperança que isso trará o fim muito mais rápido. — Dor cintilou em seu rosto tão rápido, ela se perguntou se realmente viu isso.

— Então, o que você vai fazer com Garcia quando o pegarmos? — ela perguntou, tendo a sugestão de que deveria abandonar o assunto de sua saúde.

— Você não quer saber, mas prometo que você terá a sua justiça.

Gabrielle suspirou.

— Há um certo apelo ao modo como você faz as coisas. Você recebe uma dica onde Garcia pode estar. Don Toscani ordena um ataque. Estrondo. Dez caras aparecem em menos de uma hora, todos prontos para ir e estamos na estrada. Não há semanas de planejamento. Nenhuma reunião e discussões intermináveis. Nenhuma política. Nenhuma papelada. Não há mandados. Nenhum processo devido.

— Sem lei.

— Nenhuma lei. — Gabrielle observou-o soprar seu cigarro, o corpo musculoso e duro à vontade enquanto se apoiava no carro. — E quanto a Luca? O que vai acontecer com ele?

Frankie deu de ombros.

— Essa é a função do Nico, mas você tem que entender que não podem ficar juntos. É uma regra inquebrável.

Gabrielle forçou o cimento com sua bota rosa brilhante.

— Você conhece a amiga da mãe de Luca, Josie?

— Todo mundo conhece Josie.

— Ela costumava ser uma policial.

Frankie levantou uma sobrancelha.

— Costumava ser. Palavras certas. E ela não era uma policial normal. Josie era uma renegada naquela época. — ele gesticulou para Gabrielle entrar no carro com Paolo. — Meio como você.

— Você acha que eu sou uma renegada?

A diversão cintilou em seu rosto e por um momento ela pensou ter visto uma sugestão do homem sob a fera.

— Você está aqui. Quase diz tudo.

Vinte minutos depois, Paolo estacionou o veículo em frente a uma arrumada casa no subúrbio de alta classe média de Henderson. Gabrielle seguiu-o pela calçada, contornando o sprinkler subterrâneo encharcando o gramado verdejante. Gabrielle estava apostando que Garcia não iria reconhecê-la. Pelo que sabia, ele contratava seu trabalho sujo, e a única razão pela qual ela pensou diferente no armazém era porque o informante garantira que Garcia estaria lá.

— Acho que esse é o lugar que Ray me trouxe na primeira vez que nos encontramos. — disse Paolo, apertando a campainha abaixo do painel de segurança. — Eu estava vendado, mas parece o mesmo.

Sem degraus. Cheiro de grama. Quieto. Depois daquele primeiro encontro, peguei minhas coisas no Centro Comercial.

— Foi corajoso da sua parte deixar que todos soubessem sobre sua conexão com o Garcia. — ela apertou a mão dele. — Eu sei o que isso significa para você. Só espero que você possa ficar limpo. Sei como é difícil e se você precisar de alguém para conversar, já passei por tudo isso com meu irmão.

— Eu vou tentar. A verdade nua e crua, na última vez e usei por quase seis meses. Desta vez foram apenas algumas semanas.

— Paolo. — um cara baixo de cabelos escuros vestindo uniformes do exército e uma camiseta verde-exército abriu a porta. Dois caras altos com peitos largos e pescoços grossos estavam atrás dele.

— Esta é a namorada sobre quem você me contou?

— Sim. Esta é Michele. — Paolo passou o braço pelos ombros de Gabrielle. Ele era alguns centímetros mais alto que ela, o que ajudou na encenação. — Este é o Ray e seus amigos.

— Ray. — Gabrielle assentiu, usando uma vibração jovem e moderna. Parecia que o Ray teve algumas rodadas no ringue de boxe e quebrou o seu nariz o tempo todo. Ele tinha um peito largo e um enorme bíceps que Gabrielle achava que não vinham de esteroides. Ray era um homem de grande porte, se ela tivesse que adivinhar, o que significava que era hora de ficar séria.

— Michele ganhou o dinheiro no cassino, então ela insistiu em vir junto. — Paolo mudou seu peso, e Gabrielle gemeu internamente. Ele estava tão nervoso que poderia entregá-los.

Ray franziu a testa.

— Quantos anos você tem, querida? Você nem parece ter idade para estar em um cassino.

— Meu pai é dono do Cassino Itália. — ela disse, pensando rápido. — Ele me ensinou a jogar e finge que não vê quando quero

jogar. Papai me deixou entrar no quarto de limite superior no meu aniversário na semana passada, me deu um monte de fichas e me disse para ir à loucura. Eu acho que ele pode ter tido algo a ver com a minha grande vitória, mas não estou reclamando, e assim como os amigos que estão empolgados, porque o Paolo vai nos manter bem supridos com as coisas boas.

— O patrão vai te chutar. — Ray verificou a rua mais uma vez e mandou os dois guardas para vigiar enquanto Gabrielle e Paolo estavam na casa.

— Tenho que revistar. — Ray disse depois que ele fechou a porta. Seu olhar viajou para cima e para baixo do corpo de Gabrielle, fazendo-a se encolher. — Você primeiro.

Ela levantou os braços e girou ao redor com uma risadinha, rezando para que ele não a tocasse, porque ele encontraria facilmente o 22 e não havia como ela encontrar Garcia desarmada.

— Você acha que eu poderia esconder qualquer coisa nessa roupa. Mal consegui entrar nela. E Paolo fica louco de ciúmes quando outros caras me tocam. Não é, baby?

Os olhos de Paolo se arregalaram e ele respirou fundo.

— Sim. Não toque nela. Ela é minha namorada.

Os lábios de Ray se inclinaram nos cantos e ele piscou para Gabrielle.

— Ok, querida. Você entra e vou checar o Paolo.

Depois que Ray revistou Paolo, ele os levou para um sofá de couro, posicionado em frente a uma TV na parede. Gabrielle não ficou surpresa que Garcia estivesse distribuindo drogas em uma casa residencial. O departamento de Narcóticos identificou dezenas de traficantes operando da mesma maneira. Alguns deles viviam vidas normais de classe média, vendendo seus produtos enquanto os filhos estavam na escola.

Gabrielle largou o saco de dinheiro na mesa de café e perambulou pela sala enquanto Ray contava as pilhas de notas sob o olhar atento de Paolo. Ela não podia ver muito além da sala de estar, embora pudesse sentir o cheiro de algo delicioso vindo da cozinha.

— Garcia virá aqui para nos encontrar? — ela verificou as fotos da família na lareira, um casal e seu filho. Será que o Garcia era tão descarado? Com base nas roupas que o casal usava e no penteado da mulher, imaginou que as fotos foram tiradas há cerca de vinte e cinco anos, e embora a Narcóticos tivesse pouca informação sobre Garcia, eles tinham certeza de que ele tinha menos de quarenta.

— Ele encontra as pessoas em uma sala especial que montamos para clientes preferenciais como vocês. Ninguém vê o rosto dele.

— Por quê? — Paolo deixou escapar.

— Garcia foi marcado em uma explosão em um laboratório de metanfetamina. — Ray disse casualmente. — Ele teve queimaduras de terceiro grau. Seu rosto quase se derreteu. Agora, não deixa ninguém o ver.

O rosto de Paolo se torceu em horror.

— Eu não achava que os rostos pudessem derreter.

— Sim, eles podem, e se você o visse, você pensaria duas vezes antes de fazer sua própria metanfetamina.

— É por isso que viemos até você. — disse Gabrielle. — Estamos felizes em pagar um pouco mais para que não tenhamos que nos envolver com esse lado do negócio.

— Você quer algo para comer ou beber enquanto espera? — Ray fez uma pausa na contagem. — Garcia gosta que eu trate bem nossos clientes especiais. Temos todos os tipos de bebida, batatas fritas...

— O que cheira tão bem? — Gabrielle perguntou. — Eu não me importo de ter um pouco disso.

— É *cochinita pibil*. Mas o chefe fez isso para um jantar privado.

Cochinita pibil? Não era o prato que Jeff estava fazendo para ela hoje à noite? Que coincidência. Ou talvez não. Jeff poderia estar trabalhando para o Garcia? Não. Isso seria loucura. Gabrielle o conhecia desde que conhecera David. Ele era um bom sujeito, um bom detetive, um bom amigo, embora estivesse meio desanimado nas últimas semanas.

Paolo limpou a garganta e olhou para Gabrielle, depois para longe.

— Eu vou querer... Uh... uma cerveja.

— Claro. — Ray escreveu sua contagem em um pedaço de papel. — E você, Michele?

— Apenas água, obrigado.

Assim que Ray desapareceu no corredor, Gabrielle atravessou a sala para olhar pelo corredor em frente ao que Ray foi. Se Luca estivesse preso aqui, ele provavelmente estaria no porão. Ela só tinha que encontrar as escadas.

— Gabrielle! — Paolo chamou por ela em um sussurro horrorizado. — Nós devemos ficar aqui enquanto Frankie e os outros verificam a casa.

— Tenho certeza que você pode lidar com a distração por conta própria. — Ela girou a maçaneta na porta mais próxima, mas estava trancada.

— Eu posso abri-la. — disse Paolo. — Fechaduras são a minha coisa. — Ele puxou o que parecia ser um fio de metal do bolso, e em poucos segundos a tranca abriu.

— Habilidade muito útil para se ter. — disse Gabrielle, verificando o armário de roupa muito comum. — Vou procurar no resto da casa. Você fica aqui e diz para o Ray que fui ao banheiro. Se eles me encontrarem em algum lugar que não deveria estar, vou fingir que me perdi.

Os olhos de Paolo se arregalaram em alarme.

— Não me deixe.

— Não vou ficar sentada brincando de namorada risonha enquanto Luca está em perigo. Se ele está aqui, eu vou encontrá-lo. Nós estamos dependendo de você, Paolo. Hora de nos mostrar do que você é feito. Ela respirou fundo, inalando o cheiro delicioso da cozinha novamente. Ray dissera que Garcia preparou o prato para um jantar privado. Jeff estava trazendo sua refeição para a casa dela hoje à noite...

Não. Gabrielle estava tirando conclusões precipitadas. Esteve na casa do Jeff e não era essa. Ele morava em um condomínio de dois quartos a apenas alguns quarteirões da estação, e ela e David o visitavam muitas vezes. Por que iria cozinhar uma refeição aqui em vez de em casa, onde tinha todas as suas panelas extravagantes e ingredientes especiais? Jeff era um excelente cozinheiro e fazia-lhes muitas refeições deliciosas. E Ray revelou que Garcia escondeu seu rosto porque foi desfigurado em uma explosão. Jeff era um cara de boa aparência, sem uma cicatriz no rosto.

Ainda assim, não podia ignorar o aviso em sua mente. Na chance de que sua intuição percebesse algo que sua mente não podia aceitar, ela pegou o telefone e enviou a Jeff uma mensagem rápida para dizer que estava ansiosa pelo jantar. Mas antes que pudesse até mesmo guardar o telefone, ouviu o som inconfundível de um mecanismo da Harley-Davidson... o toque de Jeff.

Seu coração bateu com tanta força que pensou que poderia quebrar uma costela. Ela enviou um segundo texto e um terceiro, gesticulando para que Paolo viesse enquanto seguia o som até uma porta trancada no final do corredor.

— Abra.

Paolo rapidamente pegou a fechadura e abriu a porta. Puxando a 22 dela, ela se aproximou. O telefone de Jeff estava na penteadeira, ainda iluminado pelas mensagens dela. O terno dele estava deitado na cama, junto com o coldre da LVPD e a sacola de ginástica vazia.

— Jeff está aqui — ela sussurrou.

— Ei! O que você está fazendo aqui? Este quarto está fora dos limites.

Gabrielle se assustou com o grito de Ray. Respirando fundo, ela se virou e soou tão inocente quanto ousou.

— Eu estava procurando o banheiro.

— Juntos? — Ele olhou para Paolo que se tornou branco.

— Ele veio me dizer que eu estava indo na direção errada quando ouvi o som de uma motocicleta e abri a porta. Amo motocicletas. Pensei que talvez fosse a porta da garagem e queria dar uma espiada. — ela atravessou o quarto até o Ray e colocou a mão gentilmente em seu braço. — Desculpa. Não deveria ter sido tão intrometida, mas a porta estava destrancada.

Ele grunhiu, mas não se afastou.

— Não há motocicletas aqui. É um toque.

— É o tom de toque mais legal de todos os tempos. — continuou e continuou. Ela apertou o braço dele, adivinhando que ele tinha uma queda por garotas de dezoito anos em roupas rosa apertadas. — É seu?

— Não. — ele pegou o telefone da cômoda e fechou a porta atrás deles na saída, levando-os de volta para a sala de estar.

— Fique aí. — Ele apontou para os sofás de couro marrom. — Eu só vou levar isso para baixo, e já volto.

— No chão. — Gabrielle gesticulou para Paolo depois que Ray saiu. — Ouça onde ele vai. Vou escrever novamente. Me diga quando ouvir um rugido de motor.

Vinte e Sete

Thump. Thump. Thump.

Luca mal registrou o som de um punho batendo na porta. Ele não sabia quanto tempo ficou pendurado, mas o tempo parou desde que Jeff agarrou o chicote de couro cru e Luca ficou absorto em uma eternidade de dor.

— [20]*Qué chingados!* Eles sabem que não devo ser perturbado durante o meu treino. — Jeff atravessou o quarto e abriu a porta.

— Ray. Que porra você quer?

Luca ouviu um pedido de desculpas sussurrado e algo sobre uma mensagem de telefone. Ele tentou levantar a cabeça para ver quem era Ray, mas o seu pescoço não obedecia.

— Nossos convidados especiais chegaram. — disse Ray. — Eles têm o dinheiro. A namorada é danada de bonita. Não pode ter mais que dezoito ou dezenove anos, seu pai é dono de um dos cassinos no centro da cidade, portanto tem que estar carregada. Ela quer o nosso novo cara para fornecer todos os seus amigos.

Jeff deixou escapar um longo suspiro.

— Bom trabalho por configurar isso. Eu queria terminar aqui, mas é melhor ir conhecê-los. A filha de um dono de cassino pode nos dar um caminho em direção a um novo nível na cidade. Tenha o quarto pronto. Vejo você lá em cima.

Luca afundou nas correntes, agradecendo ao anjo da guarda que acabou de lhe poupar a agonia de ser novamente atingido por um chicote de couro grosso trançado de três metros.

---

20 **Que porra**! em espanhol

Jeff recolheu os seus instrumentos e colocou-os cuidadosamente sobre a mesa, antes de pegar uma toalha do saco de ginásio para se limpar.

— Eu não vou voltar esta noite. — disse ele. — Pretendo foder Gaby até o sol raiar. Mas vou deixar instruções para os meus homens descerem e fazerem companhia a você.

Luca ouviu o barulho inconfundível de um motor Harley-Davidson. Por um momento, ele pensou que atravessou o ponto de não retorno, mas quando forçou sua cabeça para cima, viu Jeff sorrindo para o seu telefone pela porta aberta.

— É Gaby. — afirmou em deleite.

— Ela mandou quatro mensagens na última hora sobre nosso jantar hoje à noite. Está realmente ansiosa por isso. — ele passou o polegar sobre seu telefone. — Você percebe o quão rápido ela veio até mim quando desapareceu? Você não é importante para Gabrielle. Uma aventura. E uma vez que você se foi, Gaby voltou para mim.

Seu telefone tocou em sua mão, o som inconfundível de “This Life”, de Curtis Stigers & The Forest Rangers.

— Gaby! — ele olhou por cima do ombro com um sorriso satisfeito quando respondeu a chamada. — Acabei de receber suas mensagens.

Cristo. Gabrielle iria passar a noite com esse monstro? Luca puxou as correntes, mas as grossas algemas de metal estavam apertadas em torno de seus pulsos. Talvez depois de recuperar algumas horas, ele pode ser capaz de balançar o corpo na direção da mesa...

— Essas são ótimas notícias! Estou indo. — Jeff terminou sua chamada e se virou para Luca, um brilho quase fanático em seu rosto.

— Eu o tenho! Gaby encontrou o filho da puta que vandalizou o meu carro. Pensei que era você, mas ela o localizou através do número de série do seu telefone, e ela está olhando para ele agora em

um restaurante mexicano em Harlingen. Este dia está ficando melhor e melhor. — ele pegou sua bolsa de ginástica e toalha. — Poderia estar em muito bom humor quando voltar. Vingança e foder em uma noite. Você pode ter que morrer facilmente.

Luca agitou-se nas correntes.

— Você a toca e as coisas que você viu a máfia fazer com as pessoas que lhes irritam serão nada comparadas com o que farei para você.

Jeff riu.

— Você dificilmente está em posição de fazer ameaças, e se você pensa que irá ser resgatado, pense novamente. Ninguém sabe onde você está. Tanto quanto qualquer um está em causa, você foi levado para a cadeia por um casal de policiais de LVPD. Exceto que não há registro de sua prisão, e não há maneira de rastrear você aqui. Você desapareceu, e nunca mais será visto.

— Foda-se.

— Foda-se ela. E eu vou. Novamente e novamente e novamente até que nem sequer se lembre do seu nome. — ele se virou, mas antes de fechar a porta terminou de falar. — Agora, se você me der licença, tenho uma reunião de negócios para atender, um vândalo para prender, um jantar com uma pequena policial quente, e, em seguida, uma pequena boceta para sobremesa.

— Ele está vindo. — Paolo ergueu-se do chão da sala. — Eu ouvi uma porta se fechar, e agora posso ouvir seus passos. Acho que as escadas do porão levam para a cozinha.

— Droga. Ele não pode me ver. — Gabrielle olhou ao redor freneticamente, assim que Ray veio pelo corredor.

— Algo errado?

— Banheiro. — ela pulou como se estivesse desesperada. — Eu realmente preciso ir.

— No final do corredor. — Ray disse apontando na direção oposta à porta onde eles encontraram as roupas de Jeff. — E Garcia estará pronto para a reunião em cerca de cinco minutos.

— Obrigada. — ela soprou-lhe um beijo e correu pelo corredor, notando a cozinha à sua esquerda. Manter Ray amável era uma apólice de seguro que não podia dar ao luxo de deixar passar.

Uma vez no banheiro, ela mandou uma mensagem a Frankie com uma atualização, alertando-o para o fato de que acabou de descobrir que um de seus colegas, Jeff, era um policial corrupto trabalhando para Garcia, mas que estaria saindo em pouco tempo para caçar um imaginário vândalo de carro.

Frankie: *Saia. Cerca elétrica Hi-Tech em torno do perímetro, não posso dar-lhe apoio.*

Gabrielle: *Texto para mim quando Jeff sair. Vamos encontrar Luca.*

Frankie: *Dois novos guardas no local. Total de quatro fora. Se retire.*

Gabrielle: *Homem acima. Vou entrar.*

Frankie: *Mas que porra? Eu digo sair. Você sai.*

Gabrielle: *Desculpa. Péssima conexão "referente à rede". Nenhuma mensagem entrando. Vou encontrar Luca.*

Frankie: *Puta!*

Gabrielle: *Péssima conexão novamente. Mensagem ilegível. Era um THX ? Seja bem-vindo.*

Frankie: *Alguém acabou de sair. Alto. Entroncado. Cabelo escuro. Jeff?*

Gabrielle: *Espero que sim.*

Quando ela saiu do banheiro, Paolo e Ray estavam conversando com um dos guardas na sala de estar. Com o coração batendo forte, Gabrielle entrou na cozinha, acolhida pelas cálidas telhas de terracota, toalhas coloridas de mão, cortinas com babados, e o que ela assumiu ser um *cochinita pibil*[21] a esfriar sobre o fogão. A incongruência da cena doméstica com o que estava acontecendo na casa era inquietante, mas não tanto quanto o sangue seco no chão fora da porta do porão.

Cautelosamente, ela desceu a escada *alcatifada*[22] até um vasto porão com paredes brancas, tapete branco macio e mobiliário de couro cinza. Verificou as portas ao longo das paredes, parando em uma que tinha um molho de chaves penduradas em um gancho perto das dobradiças. Gabrielle pegou as chaves e abriu a porta. Então orou.

Ranger. Abanar.

A cabeça de Luca se ergueu quando uma lufada de ar fresco roçou sobre seu corpo. Jeff saiu há apenas cinco minutos e ele já estava desvanecendo.

A porta se abriu apenas uma fresta e, em seguida, mais ampla. Luca ficou tenso. Tinha Jeff decidido voltar para uma segunda rodada?

— Luca!

Luca olhou. Talvez ele estivesse alucinando. Não havia anjos para onde estava indo quando morresse. Então, por que um anjo

---

21 ***Cochinita pibil*** - Prato típico da culinária de Yucatán (México)

22 **Alcatifada** - Forrada com tapete

veio? Um anjo sexy. Vestido de rosa. Com longos cabelos escuros. Ela o lembrou de Gabrielle. Talvez se alucinasse com Gabrielle, a dor fosse embora.

— Oh meus Deus bebê. O que eles fizeram com você?

Hummm. Ela soou como Gabrielle. E ela o chamou de bebê. Gostava do termo carinhoso, embora não queria ouvir isso de ninguém, exceto da mulher que amava.

— Calma. Calma. Ele está bem. Respira. — Murmurando para si mesma, pegou o telefone e manuseou as chaves. Ela estava enviando uma mensagem? Anjos mandavam mensagens? Era esta a versão moderna do Dia do Julgamento? Será que Deus responde de volta com "Céu" ou "Inferno"?

— Ok. Vou te tirar daqui. — disse ela, colocando seu telefone em sua extravagante bolsa rosa. — Frankie vai providenciar uma distração e Paolo vai descer e abrir as fechaduras dessas algemas. Eu não vi quaisquer outras chaves do lado de fora.

Frankie. Paolo. Ele conhecia esses nomes. Sua mente clareou, mas não o suficiente para entender por que este anjo parecia e soava como Gabrielle.

— Você vai ser capaz de caminhar quando eu o descer? — ela tocou seu rosto, acariciou um dedo muito gentilmente sobre sua bochecha. — Se não, vou levar você para fora. Você não vai ficar mais um minuto aqui.

Dio mio. Não era uma alucinação, porque no momento em que o tocou, ele podia senti-la em sua alma.

— Gabrielle?

— Sim, sou eu. Nós viemos para salvá-lo. Eu e Paolo.

E isso o acordou direto do inferno.

— Paolo? Você trouxe Paolo? O que você está...?

Um estrondo fora o cortou. Momentos depois Paolo correu para o quarto.

— Frankie tem um cara para jogar o seu caminhão em um dos carros estacionados lá fora. Ele não vai mantê-los ocupados por muito tempo. — Paolo estendeu a mão e usou um estiloso fio pequeno para abrir as algemas de Luca.

— Você devia dar a Paolo um aumento. — disse Gabrielle, se encaixando por baixo do ombro de Luca para segurar o seu peso. — Nunca vi alguém que pode abrir um bloqueio como ele.

Paolo apoiou por baixo do outro ombro de Luca, e embora Luca recusou-se a ter que contar com a sua ajuda, sabia que levaria pelo menos alguns minutos para que ele pudesse caminhar por conta própria. Suas costas pareciam que estavam em chamas, cada respiração doía a partir do que ele suspeitava eram costelas quebradas, seus braços estavam quase inúteis pela falta de circulação, e suas pernas balançavam a cada passo.

Gabrielle olhou para suas costas e sua respiração prendeu.

— Quem fez isto com você? Foi Garcia? — ela puxou uma .22 debaixo de sua jaqueta, segurando-a na frente deles com a mão livre.

— Jeff.

— Jeff? — ela congelou, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta, passos soavam por todo o andar de cima.

— Jesus Cristo! — a voz de Jeff ecoou pela escada. — A porra do meu carro. Eles destruíram a porra do meu carro. Como diabos poderei atravessar a cidade agora? Não fique aí parado olhando para mim. Alguém me dê outro veículo. E descubra quem possuí aquele pedaço de merda de caminhão. Onde estão o garoto e a maldita menina que você queria que eu conhecesse?

Luca rangeu os dentes e forçou as pernas trêmulas para tomar o seu peso.

— Dê-me a porra da arma.

Era isso? Uma distração de cinco minutos?

Gabrielle reprimiu um grito de frustração. Como diabos Frankie acha que eles vão resgatar Luca, sair da casa, limpar o quintal e passar a cerca elétrica tudo em cinco minutos? Luca mal conseguia andar, e se fossem vistos saindo da casa, ele não seria capaz de correr.

Emoção brotou em seu peito enquanto ela verificava a extensão dos ferimentos de Luca. Suas costas estava uma confusão de listras vermelhas inflamadas, sangue e hematomas, o corpo estava escorregadio com o suor, e a forma como ele se segurava, Gabrielle tinha certeza que ele possuía alguns ossos quebrados. Ela sempre considerou Jeff um amigo, mas agora se perguntou se realmente o conhecia.

Eles esperaram por passos, mas quando as vozes desapareceram, Gabrielle puxou Luca para as escadas.

— Ele deve ter mudado de ideia. Vamos.

— Dê-me a arma — Luca disse novamente.

Ela deu um suspiro exasperado.

— Você poderá ter a arma se você puder andar.

Ele deu um passo, inclinou-se tão fortemente que ela cambaleou para o lado. Não havia nenhuma maneira deles tirá-lo assim.

— Eu criarei uma distração. — ela apoiou Luca contra a parede e saiu de seu braço. — Esperançosamente dará a Frankie tempo suficiente para derrubar os quatro guardas do lado de fora e penetrar através da cerca elétrica para que ele possa dar-nos uma ajuda. Paolo, você fica com Luca. Você tem uma arma?

— Frankie me deu uma. — Paolo tirou uma Sig Sauer P320[23]. — Só estive uma vez no campo de tiro, mas fui muito bem.

— Cuide bem de Luca. Cuidado com o gatilho. — Ela não podia acreditar que estava confiando a segurança de Luca a um menino que só disparou uma arma em um alvo de papel, mas não tinha escolha.

— Foda-se. — Luca rangeu os dentes. — Eu não vou deixar você ir lá em cima sozinha. Jeff está fora de controle.

— Eu posso lidar com Jeff. — Gabrielle sentiu uma onda de confiança que nunca teria imaginado sentir dois meses atrás, quando foi baleada e iniciou seu caso, sua busca por vingança em um aparente final. Mas então conheceu Luca e descobriu um núcleo de força que nunca soube que tinha, e um lado de si mesma que estava disposta a quebrar as regras. Sua busca para ver a justiça ser feita, da maneira legal, lhe deu uma razão para viver, mas também a frustrou. Luca lhe mostrou uma outra forma, um caminho a seguir. Ele abriu seu coração e libertou-a do passado. Jeff pagaria pelo que fez. E se a lei não o punisse, então ela o faria.

Ela ouviu o barulho de passos, o ranger de uma porta.

— Encontre-os. — Jeff gritou. — Eles têm que estar perto. Quem deixa meio milhão de dólares para trás?

Com o coração batendo, ela subiu as escadas escutando enquanto Jeff gritava ordens. Há quanto tempo Jeff trabalha para Garcia? David ficaria devastado se soubesse. Gabrielle estava quase feliz que não estava vivo para descobrir que o homem que ele considerou como um irmão traiu tudo o que acreditava.

Ela abriu a porta e caminhou corajosamente para a cozinha como se tivesse todo o direito de estar lá, assim que Jeff virou a esquina.

— Gabrielle? — se a situação não fosse tão terrível, teria rido do total e absoluto choque no rosto de Jeff. Mas deu a ela alguns momentos preciosos que poderia virar em sua vantagem.

23

— Jeff. — ela soltou seu nome, segurando sua arma no chão ao lado e escondida.

— Que diabos está acontecendo aqui? Precisamos conversar. — antes que Jeff pudesse falar, ou mesmo reagir, ela passou por ele e marchou pelo corredor em direção ao quarto onde encontrou suas roupas, e tão longe de Luca e das escadas do porão quanto possível.

— Gabrielle.

Ela entrou no quarto assim que a pesada palma da mão de Jeff pousou em seu ombro, e ela virou-se para enfrentar o homem que foi o melhor amigo de David.

— O que você está fazendo aqui? — seus olhos se estreitaram, e ela apertou os dentes contra a onda de medo explodindo através do corpo.

— Eu tenho uma informação de que Garcia estava aqui. Você me conhece. Não pude resistir. Você gosta do meu disfarce? — Gabrielle levantou uma das tranças pretas conforme verificou o quarto, mobiliado apenas com uma cama king-size em madeira escura e cômoda combinando. Se as coisas ficassem difíceis ela podia trancar-se no banheiro privativo, ou talvez escapar pela janela escondida atrás das pesadas cortinas azul marinho.

— Como é que você entrou?

— Ray.

Seu rosto escureceu e ele fechou a porta atrás dele, acelerando seu pulso.

— Que diabos está acontecendo?

— Por que você não me contou? — ela estava jogando o seu cartão “ataque é a melhor defesa”, mas ele estava começando a se desgastar. — Você está trabalhando para Garcia?

— Não. Eu não estou trabalhando para Garcia. — Ele deu um passo em direção a ela, e algo perigoso brilhou em seus olhos. — Garcia está morto.

Esperança brilhou em seu coração.

— Você o matou?

— Sim. — sua voz suavizou.

— Fiz isso por você. — Jeff puxou sua camiseta molhada sobre sua cabeça, jogou-a no chão, como se fossem dois amigos que têm uma conversa casual e ele não tivesse acabado de espancar Luca quase até a morte no andar de baixo da casa do barão da droga que perseguiu durante os últimos dois anos.

Atordoada, ela só olhou.

— Onde ele está? Porque você não ligou para alguém?

— Largue a arma, Gaby. — disse ele em voz baixa, estendendo os braços. — Venha me dar um abraço de agradecimento. Você sabe que nunca iria machucá-la.

Gabrielle olhou para seus braços abertos enquanto ela tentava fazer sentido da situação surreal, do que sabia e que viu, dos fatos que ainda não foram somados.

— Se ele está morto, por que Ray vai me levar para vê-lo?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você era o novo cliente?

— Eu precisava de um caminho.

— O agente Palmer não lhe daria meio milhão de dólares para marcar um encontro. — ele mordia seu lábio conforme olhava para ela, considerando. — Onde você conseguiu o dinheiro?

Ela encolheu os ombros.

— Cassino.

Ele riu.

— E não é uma garota de sorte!

Gabrielle não estava se sentindo particularmente sortuda neste momento, presa em um quarto com um amigo que se tornou um estranho, e que tinha um lado negro que ela não podia sequer começar a compreender.

— Eu não entendo o que está acontecendo.

Ele foi até sua cômoda, abriu uma gaveta.

— Eu acho que é melhor assim. Não quero que nada se interponha entre nós, e Garcia vai.

— O que você está fazendo aqui, Jeff? — ele puxou uma camiseta preta limpa sobre a cabeça e suspirou.

— Largue a arma, Gaby. Temos uma noite agradável planejada, e passei a maior parte da tarde preparando o jantar. Vou embalá-lo, e nós vamos para a sua casa comer, ter um pouco de vinho, então podemos nos abraçar e conversar no sofá um pouco antes de ir para a cama. A menos que você estivesse realmente sendo honesta sobre encontrar o cara que atirou a pedra no meu carro, e então poderíamos fazer um desvio primeiro.

Ela ouviu a pequena hesitação em sua voz, percebendo que ele não estava tão calmo e controlado como aparentava na superfície, e se ela não jogasse isso direito, ele poderia simplesmente explodir.

— Não estava mentindo. Sei que é importante para você. Eu estava olhando diretamente para ele quando liguei.

— Caralho. — Jeff bateu com o punho na cômoda. — Eu quero muito esse cara. Foi muito rude. Isso é o que realmente me pegou. Não havia nenhuma razão para quebrar meu para-brisa. Não era como se ele estivesse atrás do meu câmbio de reserva.

— Ele pensou que estava me ameaçando quando você quebrou minha porta. — ela falou com Paolo brevemente no carro sobre a noite em que Paolo perdeu seu telefone e explicou que estava tentando protegê-la.

— Você falou com ele?

— Sim. — Gabrielle estremeceu, imaginando o que ia fazer quando Jeff perguntasse como ela falou com ele ao telefone enquanto olhava para o vândalo do carro quando estava aqui e não do outro lado da cidade.

Inumeráveis emoções atravessaram seu rosto, e os olhos se suavizaram. Se Jeff tivesse juntado suas mentiras, ele escondeu bem.

— Eu nunca a machucaria, Gaby. Você sabe disso. Estava apenas frustrado naquela noite. Te esperei por tanto tempo. — com dois passos, ele fechou a distância entre eles e se inclinou para beijar sua bochecha. — Vamos ter a agradável noite que nós planejamos juntos.

Ele era louco? Jeff acabou de torturar um homem em seu porão, e matou Garcia. Estava claramente aqui sem autorização do agente Palmer, e a casa estava um caos. Jeff sabia que ela não viria sozinha, e em vez de sugerir que fossem até o backup dela ou chamar a polícia, queria ir jantar?

— Jeff...

Ele pegou a mão dela.

— Eu disse: “Vamos lá”.

Mas ela não podia se mover. Cada instinto gritava perigo, e sua mente estava desesperadamente tentando juntar todas as peças para chegar a uma imagem que fazia sentido. Este foi o quarto. Suas roupas estavam na cama e nas gavetas. Jeff preparou uma refeição na cozinha. Ele torturou pessoas lá embaixo

Mas este também foi o lugar onde Paolo conheceria Garcia. Ray parecia pensar que Garcia estava vivo e falou com ele depois que ela e Paolo chegaram. E apenas quatro dias atrás, um Garcia não morto matou Little Ricky e deixou-o pendurado no congelador de carne como um aviso.

— Quando você matou Garcia?

Jeff suspirou e voltou para o armário.

— Você vai arruinar a nossa noite com todas essas perguntas. Às vezes Gaby, é melhor não saber.

— Eu quero saber. — ela exigiu.

— Que tal falarmos depois do jantar? Podemos ligar aqueles jogos terríveis que você gosta de assistir e se enroscar no sofá... — ele parou quando ela balançou a cabeça.

— Você é maluco? Nós não jantaremos. Nós não vamos assistir TV. Você está trabalhando com Garcia, Jeff. Você tem que saber que termina aqui.

Ele encostou um descontraído braço sobre a parte superior da gaveta aberta e riu.

— O que você está dizendo? Você vai chamar o agente Palmer? Vou dizer a ele que vim aqui à procura de respostas, o mesmo que você. Que provas você tem que me liga a Garcia? Nenhuma. Encontrei as drogas sobre a mesa quando cheguei aqui. Os homens que tenho comigo são todos oficiais LVPD e me apoiarão. Você está tão desesperada para encontrar Garcia que está se segurando em palhas.

Talvez algumas semanas atrás ela teria se perguntado, mas não mais. Raiva acendeu uma chama dentro dela, dando-lhe a força para desafiá-lo.

— Então você veio aqui procurando Garcia, matou-o, colocou suas roupas nas gavetas, preparou o jantar, e depois colocou suas roupas de ginástica para que você pudesse bater no homem que sequestrou lá embaixo?

Quando falou, até mesmo o tom de sua voz era severo.

— Você o viu.

— Sim, o vi. E vi o que você fez para Luca. — sua mão tremia quando ela levantou a arma. — Quero entender, Jeff. Posso não ter os mesmos sentimentos que tem por mim, mas você sempre foi um bom amigo. Eu nunca imaginei que poderia fazer, o que você fez com ele. Quase não acreditei quando Luca me disse que foi você. Nós

compartilhamos tanto, não apenas juntos, mas com David, e agora sinto como se não te conhecesse.

— David. — seu rosto gelou conforme jeff cuspiu o nome. — Sempre o fodido David. Você acha que você não me conhece? Você não sabia nada sobre ele.

— Ele era meu marido. — disse ela, indignada. — Eu o conhecia muito bem.

— Você sabia que ele roubou você de mim? David roubou tudo. Estou aqui agora por causa dele. — ele apertou a mão na beirada da cômoda.

— Diga-me. — ela disse em voz baixa, vendo uma abertura para fazê-lo falar. — Diga-me o que ele fez para você, e depois vamos jantar e conversar.

— Nós dois entramos para os Narcóticos juntos. — Jeff balançou a mão. — Foi quando conheci Garcia. Puxei-o por uma infração de trânsito e encontrei drogas em seu carro. Ele era pequeno até então. Garcia me deu uma coisinha para ficar quieto e nos tornamos amigos. Me disse que eu poderia fazer mais em uma semana com ele do que em um ano com a polícia.

Gabrielle sentia-se doente por dentro. Era uma história familiar. Bons policiais, lutando para fazer face às despesas com baixos salários, foram seduzidos pelo estilo de vida luxuoso dos criminosos que deveriam prender.

— Eu disse que não. — Jeff deixou cair a mão sobre a gaveta novamente, um gesto aparentemente casual que não era casual em tudo. Ela olhou para a gaveta, perguntando se ele tinha uma arma escondida dentro.

— Você pode acreditar nisso? — Jeff continuou. — Minha amizade com David era mais importante e eu sabia que nunca me perdoaria. Nós tínhamos planejado subir na corporação juntos. Sargentos, em seguida, tenentes, capitães e comandantes. Nós mudaríamos as coisas para melhor. David sempre teve altos ideais. Era tão perfeito. O policial perfeito. O amigo perfeito... pelo menos até

ele te roubar de mim. David sabia que eu queria você, e no dia em que se formou ia te convidar para sair. Disse a ele o que faria. Confiava nele. Fui comprar-lhe flores e quando voltei já era tarde demais.

Lembrou-se desse dia. A emoção de ter cumprido o sonho de Patrick. A decepção de seu pai não ter vindo. David pedindo-lhe para sair. Jeff estranhamente quieto...

— Não me lembro de você me dando flores.

— Eu não fiz. David me disse que já tinha te convidado para sair quando voltei, então joguei fora. Nunca arriscaria a nossa amizade, indo atrás de você depois disso. — o pulso latejava em seu pescoço, e ela abaixou a cabeça, fazendo outra pesquisa rápida no quarto, planejando sua rota de fuga. Jeff não era o homem que achava que era, e não sabia quem estava por trás da máscara.

— Você foi um bom amigo para David. — ela tentou acalmá-lo com uma voz serena, tranquila, embora o coração estivesse batendo rápido em seu peito. — Mesmo que ele tenha errado.

— Disse a mim mesmo que era para o melhor. — disse ele.

— Você nunca olhou para mim do jeito que olhou para ele, e percebi que provavelmente nunca sequer tive uma chance, porque não vim de uma família rica como David. Decidi que nunca mais perderia por causa de dinheiro novamente. Tive o suficiente por crescer em uma família adotiva na assistência social. Então chamei Garcia. Disse-lhe que me envolveria. Ele expandiu sua operação, e precisava de proteção quando seus embarques chegassem. Eu tinha alguns caras com a mesma opinião do departamento e percebemos que o farol brilhante em cima do carro-patrulha era o caminho para o dinheiro fácil. Tínhamos como alvo os rivais de Garcia, colocando o que pegamos de volta na rua e ficando com o dinheiro. Nós estávamos rolando nele, e Garcia decidiu que queria um pedaço da nossa ação.

Um arrepio percorreu seu corpo.

— O que você fez?

— O tirei de cena. — disse ele categoricamente.

— Garcia tornou-se o elo mais fraco, e nós não precisávamos mais dele. Mas ele tinha uma ótima reputação. Poderia fazer ofertas com base apenas em seu nome. Garcia foi desfigurado em uma explosão em um laboratório de metanfetamina e nunca mostrou o rosto, então pensei, por que não manter seu nome vivo? Me livrei de todos os caras que trabalhavam para ele e tenho meus próprios meninos dentro. Todos policiais. Todos os desiludidos com um sistema onde os criminosos estão andando por aí em carros de luxo e os bons estão apenas economizando.

Ela congelou em choque absoluto, a boca aberta enquanto olhava para ele horrorizada.

— Você é Garcia? — todos esses anos perseguindo o assassino de David e ele estava bem debaixo do seu nariz, sentado em sua sala assistindo TV, andando com ela no parque, e abraçando-a durante os dias mais sombrios.

— Eu não poderia ter feito isso se não tivéssemos a mesma herança. — ele disse com orgulho. — Todos os nossos produtos vêm do México, e tenho que fazer um monte de negócios por telefone com os chefes do cartel, nenhum dos quais falam Inglês. Eles não sabem que Garcia está morto há anos ou que têm lidado comigo. Fizemos uma grande coisa. Nós mostrámos a cereja, confiscamos as drogas, e as vendemos com o nome de Garcia. Foi perfeito.

Algo incomodou em seu cérebro. Um insuportável, impossível, pensamento doentio.

— Há quanto tempo Garcia foi morto?

— Três anos.

— Você está mentindo. — disse ela, fazendo um cálculo mental rápido. — Ele esteve ativo nos últimos dois anos. Tenho relatórios, declarações de testemunhas. E tenho certeza que foi Garcia que atirou em mim no armazém.

A menor cintilação de remorso cruzou seu rosto.

— Eu atirei em você.

Seu coração desacelerou até quase parar.

— Você?

— Você colocou em perigo a si mesma, Gaby. — ele suspirou e passou a mão pelo cabelo espesso e escuro. — Você estava obcecada e se perdeu. Tudo o que você falava era em Garcia e se vingar. Precisava tirar você do *bureau*[24] para que você pudesse seguir em frente com sua vida. Uma vida comigo nela.

— Não. Jeff. Por favor, me diga que você não o fez.

— Eu fiz. — disse ele com firmeza.

— Defini a coisa toda. Liguei com a informação, empurrei você apenas o suficiente expressando repetidamente a minha preocupação de que Garcia poderia fugir. Sabia que você ia pular na caça. Eu apenas sabia disso. Você queria tanto Garcia que não conseguia pensar direito. Mas fui muito cuidadoso onde atirei. Não queria acertar em nenhum órgão interno e queria que você se recuperasse rapidamente. Sabia que eles tirariam você do caso por isso. Pensei que seria o suficiente para te espantar de Garcia para seu próprio bem. Até organizei sua transferência para roubos, para que pudéssemos estar no mesmo andar.

Sua mão veio à boca.

— Jeff. Como você pode?

— Para salvá-la de si mesma. Para nos salvar. Nós nascemos para ficarmos juntos. Eu vi você primeiro, Gaby. Você nunca nos deu uma chance.

— Eu amava David.

Ele bufou.

---

[24] **Bureau** lugar onde se realiza um trabalho intelectual; escritório; gabinete

— David não te amou. Se o fizesse, não teria me ameaçado quando descobriu o que estava acontecendo. Ele sabia o que precisava fazer. David optou por deixá-la sozinha, Gaby. Mas eu não fiz. Poderia ter me entregado e ido para a cadeia quando David me confrontou. Mas escolhi você.

Vinte e Oito

— Me dê a arma. — Luca estendeu a mão para a arma solta no aperto de Paolo.

Paolo sacudiu a cabeça.

— Com todo o respeito, Sr. Rizzoli, você mal consegue ficar de pé, e você não pode sequer mexer os dedos. Como você vai puxar o gatilho?

Luca balançou os braços, tentando restaurar a sua circulação. Ele podia ouvir os passos acima deles, gritos de fora. Luca tinha que sair desse porão maldito. Se ao menos conseguisse mover seus pés.

— Eu vou segurá-la em meus malditos dentes se for necessário. Aquele desgraçado está lá em cima com Gabrielle e ele é obcecado por ela. Não posso imaginar, o que ele vai fazer agora, que ela sabe que está conectado a Garcia.

Ele parou quando ouviu tiros. Um brado. Um grito.

— Porra. Isso vai trazer a polícia. Temos que tirar Gabrielle daqui. Vamos. — Luca rangeu os dentes e cambaleou pelo tapete até a escada. Forçando os dedos a se curvarem ao redor do corrimão, levantou o corpo no primeiro degrau. Fogo gritou através de suas costelas e suor escorria em suas feridas abertas, a picada tão feroz que mal podia respirar. Cristo. Como diabos ele chegaria ao topo?

Ele sentiu o ombro de Paolo sob o seu próprio. Sem falar, Paolo meio arrastando, meio carregando Luca subiu as escadas, o corpo magro dobrado sob o peso de Luca.

Bom homem. Paolo realmente provou isso hoje. Se Luca saísse desta vivo, faria de Paolo um associado. O colocaria no comando dos bloqueios. O garoto também era forte. Ele poderia até ser um guarda-costas de Gabrielle.

Como se isso fosse acontecer.

Com a ajuda de Paolo, Luca subiu os últimos degraus da escada, lutando contra uma onda de tontura quando chegaram ao topo. Traficantes malditos, destruindo sua vida maldita, tudo de novo. Quando saísse daqui, entraria em uma missão para limpar a maldita cidade.

Paolo abriu a porta para a cozinha e uma bala passou zunindo sobre seu ombro batendo na parede da escada.

— Volte, Sr. Rizzoli!

Bloqueando o corpo de Luca com o seu próprio, Paolo ergueu a arma e atirou aleatoriamente através da porta.

Silêncio.

Luca abriu uma fresta da porta e viu um policial uniformizado deitado de bruços no chão.

— Bom tiro, garoto.

Paolo olhou para o homem com horror.

— Eu atirei num policial. — então, seu rosto enrugou em uma carranca. — Como atirei na parte de trás da cabeça dele?

— Você não. — disse Frankie da porta da cozinha. — Mas você acertou em quase tudo na cozinha.

— Onde está Gabrielle? — Luca não teve tempo para uma conversa. Ele precisava encontrar Gabrielle como precisava respirar.

— Eu não a vi. — disse Frankie. — Nós temos que sair daqui. Sally G relatou policiais há apenas alguns minutos de distância.

Luca sacudiu a cabeça.

— Eu não vou embora sem ela.

— Você matou David. — Gabrielle olhou para Jeff com horror, a imagem nauseante de David pendurado a partir da varanda enviou uma onda de náusea através da sua barriga.

— Ele já tinha conseguido você. — disse Jeff. — Não podia deixar também acabar com meu negócio.

Como se uma represa tivesse aberto, raiva derramou dela em ondas violentas que a sacudiu até o núcleo. Ele assassinou David, traiu os dois. E então ousou confortá-la quando foi a razão para a sua dor. Ele tocou nela com as mãos para sempre manchadas com o sangue de David e o sangue de seu filho por nascer.

— Seu doente, torcido, bastardo. — ela gritou enquanto sua visão ficou vermelha de raiva. — Graças a Deus David me convidou para sair naquele dia. Ele o amava como um irmão, confiei em você. E você roubou sua vida.

— Um irmão não rouba a mulher de seu amigo. — Jeff rosnou. — Ele não o escuta falar sobre uma mulher durante meses e depois a convida para sair no mesmo dia em que sabe que seu irmão pretende fazê-lo. Ele não tenta prender o irmão por fazer um pouco mais da sua vida. Isso não é irmandade ou amizade, em qualquer sentido da palavra. E pagou o preço.

— O preço? — Gabrielle deu um pequeno passo em direção à porta, com medo do homem que era tão arrogante sobre o assassinato do melhor amigo. Como ela nunca viu o monstro escondido sob seu encanto suave? — Ir para a cadeia é um preço. Algumas contusões após uma briga é um preço. Você simplesmente não o matou, você massacrou ele na casa que compramos juntos, uma casa onde foi sempre bem-vindo como um amigo.

Ela deu outro passo, seu olhar se deslocou para a mão dele balançando casualmente sobre a cômoda. Os dedos caíram um pouco longe demais. Nenhuma dúvida sobre isso, ele tinha uma arma no armário, e se ela não adquirisse as emoções dela sob controle e mordesse a língua dela, ele a mataria tão facilmente como matou David.

— Sempre a porra do amigo. — ele murmurou.

— Pensei que quando David fosse embora, poderíamos finalmente ficar juntos. Mas não. Você tinha que abrir as pernas para a porra de um mafioso. — seu rosto ficou feio, as belas feições ondularam em uma carranca. — Sempre interferindo no meu negócio. Sempre no lugar errado na hora errada. Eu contratei os albaneses para dar-lhe um susto, e quando vim para cuidar de você lá estava o mafioso, porra. Mas ele conseguiu o retorno dele. Matei o seu amigo como um aviso, e hoje à noite vou acabar com Luca Rizzoli.

O coração de Gabrielle apertou no peito. Ela imaginou este momento várias vezes depois que David morreu. A satisfação de finalmente ter respostas. A liberdade que teria por descarregar sua raiva e dor. O alívio que sentiria quando puxasse o gatilho. Mas não sentiu nenhuma dessas coisas, e não sentiu nenhum desejo de se tornar o monstro que ele era, e passar a vida que apenas começou novamente a viver, na cadeia. Em vez disso, a tristeza a agarrou pela garganta. Ela sentiu-se deprimida que David morreu sabendo que seu amigo mais próximo o traiu, e que Jeff deixou o ciúme, a ganância, e a raiva destruí-lo dessa maneira terrível e distorcida.

— Eu só queria estar com você. — Jeff disse amargamente.

As mãos dela fecharam em punhos e ela forçou as palavras a saírem, mesmo com o nó que tinha na garganta.

— Eu estava grávida. Três meses. Nós planejamos lhe dizer naquele fim de semana. Estávamos tão animados. David comprou o seu champanhe favorito. Eu ia fazer um bolo e escrever tio Jeff nele. Em seguida ele estava morto, e o trauma era demais. Tive um aborto espontâneo. Você tomou os dois de mim. Você me levou tudo.

Seu rosto suavizou em uma máscara inexpressiva.

— Sinto muito. — disse ele, sua voz tão suave quanto o seu rosto. — Realmente sinto. Mas é isso que acontece quando você faz a escolha errada. E você fez outra escolha errada quando escolheu esse mafioso ao invés de mim.

— Não. Eu é que sinto muito. — ela estava a poucos passos da porta agora, mas cruzar o limiar poderia colocá-la diretamente em sua linha de fogo. — Mesmo depois que você tomou tudo, encontrei algo que você nunca vai ter. Amor.

— Amor? — ele deu um riso amargo. — Olha o que o amor me deu. Um amigo que me traiu. Uma mulher que me rejeitou. Tudo que tenho agora é esta vida que criei a partir das cinzas. Não posso deixar você tirar isso de mim, Gaby. É tudo o que tenho.

Ele puxou uma arma do armário e o mundo parou.

— Agora. — Frankie gritou, chutando a porta.

Com a última de sua força, Luca correu para dentro. Ele viu a cena numa batida de coração.

Jeff. Arma. Gabrielle.

Luca atirou-se entre eles, assim que o tiro quebrou o ar.

Dor queimava através de seu peito e ele caiu no chão.

Porra.

De novo não.

Vinte e Nove

Céu...

Ele tinha que estar no céu.

Havia anjos no céu. Anjos com belos sorrisos.

Luca não conseguia se lembrar da última vez que uma mulher sorriu para ele da forma que o anjo na cama ao lado estava sorrindo agora.

Bem, exceto por Gabrielle. Mas ela estava infeliz na ambulância a caminho do hospital, e mais infeliz ainda quando o pessoal da sala de emergência o levou à sala de cirurgia.

Será que ela sorria agora que ele estava no céu?

Sua mão chegou até o peito, onde os médicos e enfermeiros anexaram vários tubos e fios debaixo do vestido horrorosa, na tentativa de salvá-lo. Luca tentou explicar que não podia manter *la Bella figura* quando seus boxers estavam em exposição, e ele precisava de algo mais apropriado à sua dignidade do que um vestido de hospital. Mesmo Gabrielle concordou. Seu rosto estava molhado de lágrimas, quando suas calças foram cortadas e o vestido dobrado em torno dele. Luca desejou que pudesse ver seu sorriso uma última vez. Ele também desejou que pudesse morrer vestindo suas roupas.

Saudades.

Ele piscou para clarear a visão, e concentrou seu olhar sobre o anjo que estava sentado em uma cama de hospital do outro lado da sala. Seus olhos eram o azul do céu infinito, e o cabelo, o ouro da luz do sol que fluía pelas janelas de vitral da igreja de sua mãe.

Alguém deve ter dado uma boa palavra nos Portões Perolados, porque ele definitivamente se lembraria se tivesse passado um ano em confissão.

— *Devo essere morto ed ora mi trovo in paradiso perchè è proprio un angelo quello che vedo di fronte a me*[25].

Ele ouviu o murmúrio de vozes, e então o sorriso do anjo se alargou.

— Sua mãe está no telefone. Ela me disse que eu tinha que ligar no minuto que você acordasse. Ela ouviu você e diz que se traduz aproximadamente como: "Morri e fui para o céu. Eu vejo um anjo". Sua mãe está a caminho agora com um pouco de algo para você comer. Acho que também está com raiva que você levou um tiro de novo, mas como não aprendi muitos palavrões italianos, então talvez esteja gritando de alegria.

E não é que isso o acordou. Quando sua mãe estava com raiva suficiente para amaldiçoar, as pessoas sofriam.

Mas ele ainda via um anjo.

Em uma cama de hospital.

— Gabrielle? Você está ferida? — Luca tentou se levantar, mas a dor atravessou seu peito e ele afundou de volta no travesseiro.

— Estou bem. Só queria ficar aqui para você não acordar sozinho. — ela saiu da cama e caminhou até ele, em seguida, acariciou um dedo suavemente ao longo de seu maxilar.

— Você ficou em cirurgia por horas e, em seguida, dormiu por um dia inteiro. Fiquei muito irritada que você se jogou na direção da bala de Jeff, mas Don Toscani veio e me disse que é um hábito seu.

— Don Toscani me viu no vestido do hospital?

---

[25] **Tradução -** Devo estar morto e agora me encontro no céu porque é apenas um anjo o que vejo na minha frente.

— Todo mundo viu. Sua mãe, Ângela, Alex, Matteo, sua equipe, e Frankie, Mike, Paolo, Sally G...

— Chega. — ele ergueu a mão. — Onde estão minhas roupas? Devo me vestir.

— Você não tinha uma camisa quando decidiu tentar parar uma bala com seu peito, e os médicos cortaram suas calças porque eles estavam preocupados que você tivesse danos nos rins por causa do espancamento. Assim, o vestido é tudo que você tem. Engole isso.

Ele levantou uma sobrancelha em resposta ao seu desrespeito, mas ela apenas riu. E foi um belo som.

— Você não estava ferida? — ele cobriu a mão dela, pressionando-a contra seu rosto.

— Não, graças a você. Mas Jeff está morto. Frankie atirou nele depois que ele atirou em você. Estou bem com isso. Não precisava de vingança para me preencher mais. E não acho que eu poderia ter lidado por tirar uma vida, especialmente sua vida. Acho que a justiça foi feita, e David está em paz.

— Pobre *Bella*. — ele apertou a mão dela. — Tanta perda.

— Coisas boas vieram delas. — disse ela. — O FBI reuniu todos os membros de sua operação, e nós cortamos um importante fornecimento de drogas na cidade.

— O departamento deve estar orgulhoso de você.

Ela inclinou os lábios para o lado.

— Bem... Eu realmente fui suspensa por agir de forma desonesta. Quebrei um monte de regras fazendo o que fiz. Aparentemente, utilizando informações que foram acessadas sem autorização do banco de dados da polícia para caçar um traficante e entrar em sua casa para salvar seu namorado de ser torturado é desaprovado, mesmo que o traficante seja um policial corrupto. Ainda bem que não mencionei as conexões do meu namorado com o crime

ou o meio milhão de dólares de dinheiro sujo que Paolo pensou em pegar antes que a polícia chegasse.

— O namorado está satisfeito que você foi desonesta para salvá-lo. — disse ele. — Não tão contente em você colocar a si mesma e seu trabalho em risco.

— Acho que sempre tive um pouco de rebeldia em mim. Você só me ajudou a ver. Também posso ter me revelado quando encontrei Clint batendo em Nicole em nossa casa. Não que ele jamais vá denunciar o meu uso de força excessiva. Clint afastou-se depois da nossa briga. Não acho que ele vai incomodar Nicole novamente.

Luca não poderia deixar de sorrir.

— Gostaria de ter visto isso.

— Você provavelmente teria me dito que era perigoso e tentaria me parar.

Ele virou a cabeça para beijar a palma da mão.

— Eu te amo, Gabrielle. Vou sempre querer protegê-la, seja por estar nas suas costas ou ao seu lado.

Mas o que ele vai fazer agora que Garcia está fora de cogitação? Deixá-la como Nico ordenou não era uma opção, mas a *Cosa Nostra* nunca o deixaria sair, e a penalidade por quebrar a regra contra a associação com policiais...

Ele ousa acreditar em milagres?

— O que vai acontecer com o seu trabalho? — perguntou.

Seus olhos brilharam, e ele sentiu um tremor de excitação em sua mão.

— Só falei sobre isso com meu comandante no telefone, mas porque tudo acabou bem, parece que vai ser dada a opção de sair em boas condições ou ficar para enfrentar acusações disciplinares.

Luca endureceu o rosto em uma expressão neutra. Ele não queria pressioná-la de uma maneira ou de outra. Independentemente

de sua decisão, encontraria uma maneira para ficarem juntos. Mas se ela saísse...

Os lábios de Gabrielle tremiam com um sorriso.

— Pare de me olhar assim.

— Como o quê?

— Como se não soubesse o que eu escolheria.

A esperança brilhou em seu peito.

— O que você vai escolher, *mio angelo*?

Ela se inclinou e deu um beijo suave em seus lábios.

— Eu escolho você.

Trinta

Seis meses depois...

— Papà! — Matteo invadiu a casa e correu a plena velocidade de encontro a Luca com Max no seu encalço.

— Devagar, *cucciolo.* O que está acontecendo?

— É uma festa! Na casa de *nonna*. Ela diz que todo mundo estará lá. Don Toscani está chegando, sua esposa Mia está chegando, primo Frankie está chegando, primo Louis está chegando, primo Sal está chegando, amigos de Gabrielle estão chegando...

— Eu entendo — disse Luca. — Você está soando mais como sua *nonna* todos os dias.

— Isso é ruim?

— Não, claro que não. Mas o que é ruim é meninos indo para a casa de sua *nonna* sem um adulto.

— Mas ela vive do outro lado da rua. — Matteo lamentou. — Posso ver a casa dela da janela do meu quarto. Não é longe, *Papà*. E sempre olho para os dois lados. Gabrielle disse que estava tudo bem.

Luca olhou para Gabrielle, que estava fingindo não ouvir a conversa enquanto organizava seus papéis na mesa da sala de jantar de sua nova casa, comprados em parte com os ganhos do cassino. Nico generosamente permitiu que Luca mantivesse algum do dinheiro se ele prometesse nunca mais jogar de escudo humano.

Gabrielle acabou de obter sua licença de investigadora particular e se juntou a um escritório de PI em parceria com outros dois ex-policiais. Luca estava feliz de vê-la animada com a nova carreira. Não

tão feliz sobre ela trabalhar com dois homens, e ainda menos feliz sobre sua entrada em situações potencialmente perigosas sozinha. Não que Luca ousasse levantar a questão da sua segurança. Mas ele fez um plano para ter uma discussão discreta com seus parceiros sobre o que poderia acontecer a eles se Gabrielle fosse ferida no trabalho, talvez mencionar que Luca sabia que ambos usavam sapatos tamanho 43.

— Pensei que combinamos que decisões importantes sobre Matteo devem ser feitas em conjunto. — disse ele. Luca queria que Gabrielle fosse uma parte da vida de Matteo, mesmo que ainda não tivessem formalizado seu compromisso um com o outro. Luca entendeu a hesitação dela para se casar. Droga, também passou por uma experiência ruim. Mas o casamento significava algo para ele. Não apenas como uma declaração ao mundo que pertenciam um ao outro, mas como uma garantia para Gabrielle que Luca estaria sempre lá, para amá-la e protegê-la, que ela pertencia a ele de corpo e alma.

Luca olhou para o papel em sua mão. Sim. Essas foram as palavras que escreveu. Luca só esperava que ele se lembrasse delas quando ele caisse de joelhos nesta tarde.

— Atravessar a rua para a casa de sua *nonna* não é uma decisão importante, especialmente se ela está de pé do outro lado da rua gritando com todo mundo para sair do caminho. — Gabrielle olhou por cima de seus papéis. — Para quem é esta festa?

A festa era para o noivado, mas ele queria que fosse uma surpresa.

— Minha mãe adora festas — disse ele, disfarçando.

— Ela as faz na menor das ocasiões. Talvez esteja comemorando a abertura da minha nova casa noturna, ou o seu novo trabalho, ou talvez que Alex esteja limpo há seis meses, ou que Paolo é agora um associado em minha equipe, ou que sua amiga Nicole está namorando um dos meus soldados, ou talvez seja só porque Ângela finalmente encontrou uma cor de cabelo que parece real. Quem sabe?

— Hummm. — ela olhou para ele como se pudesse ver através de suas mentiras para sua alma.

— O que esse “hummm” significa?

Ela levantou uma sobrancelha sugestiva.

— Significa que você pode enviar Matteo de volta para a casa da sua mãe para que eu possa te mostrar uma coisa lá em cima?

Mostrar-lhe algo lá em cima? Oh sim. Ele estava de acordo. Não que sua atividade “no andar de cima” estivesse faltando de qualquer maneira, mas quando sua mulher queria ir lá para cima no meio do dia, quem era ele para recusar?

— Matteo! Leve Max para a casa de sua *nonna.* — gritou, enviando uma mensagem rápida para sua mãe, para que ela estivesse lá quando ele atravessasse a rua. — Olhe para os dois lados e não corra.

— Vamos, *Bella.* — Ele estendeu a mão. — Mostre-me uma coisa... lá em cima.

Ela bufou uma risada.

— Por que você sempre acha que é tudo sobre sexo?

— Porque é você.

Luca a seguiu até seu quarto e fechou a porta. Mas quando ele se moveu para retirar sua camisa, ela estendeu a mão em aviso.

— Com roupas. Sente-se na cama.

Ele não gostava da ideia de “com roupas”, mas talvez Gabrielle queria provocar. Luca se sentou na beirada da cama, intrigado quando ela se sentou ao lado dele com um envelope na mão.

— Eu fiz algo ruim. — disse ela.

Considerando como ele viveu sua vida, “ruim” era um termo relativo.

— O que você fez, *Bella*?

— Pelo que você disse, e a maneira como você reagiu quando mencionei alguma semelhança entre você e Matteo, descobri que Gina lhe disse que Matteo não era seu. Por isso, enviei amostras de DNA de você e Matteo a um amigo em um laboratório pericial. Vocês são muito parecidos para que seja uma coincidência, até o sinal que ambos têm atrás da orelha. Ele até caminha como você.

Luca olhou para o envelope na mão.

— Eu lhe disse que não importa. Ele é meu filho, se tem o meu sangue ou não.

Ela abriu o envelope e colocou a carta no colo.

— Sim, ele é seu filho. O DNA corresponde. Ela mentiu para você.

Luca olhou para a carta. Seus olhos borrados, e não conseguia distinguir os padrões na página. Tudo o que podia ver era a palavra "compatível".

— Meu sangue.

— Seu sangue, Luca. Seu filho.

Sua garganta engrossou, e ele não tinha palavras. Ela deu a ele de volta seu filho, violou as paredes em torno de seu coração, e mostrou-lhe como viver novamente.

— Eu tenho outra coisa para você. — Ela colocou outro envelope em seu colo.

Luca olhou para ele com cautela.

— Algo ruim?

— Algo bom.

Ele rasgou o envelope, olhou para o pau branco dentro.

— Estou grávida. — sua mão tremia quando ela o virou para mostrar-lhe a cruz cor-de-rosa. — Não pensei que poderia engravidar depois do que aconteceu, mas acho que se você gastar todo momento quando não está no trabalho ou com a família tendo sexo sem proteção, as chances são muito boas.

— Nosso sangue. — ele murmurou.

— Imagino que isso vai levar a sua proteção a um nível totalmente novo. — disse ela, sorrindo.

Luca segurou seu belo rosto entre as mãos.

— *Mio angelo*. Você não tem ideia.

Fim